

HISTÓRIAS DO MUNDO

Adriana Maciel
Livia Reis (orgs.)



Universidade Federal Fluminense

REITOR

Antonio Claudio Lucas da Nóbrega

VICE-REITOR

Fabio Barboza Passos

Eduff - Editora da Universidade Federal Fluminense

CONSELHO EDITORIAL

Renato Franco [Diretor]

Ana Paula Mendes de Miranda

Celso José da Costa

Gladys Viviana Gelado

Johannes Kretschmer

Leonardo Marques

Luciano Dias Losekann

Luiz Mors Cabral

Marco Antônio Roxo da Silva

Marco Moriconi

Marco Otávio Bezerra

Ronaldo Gismondi

Silvia Patuzzi

Vágner Camilo Alves

Superintendência de Relações Internacionais

Livia Reis

Superintendente de Relações Internacionais

Adriana Maciel

Coordenadora de Mobilidade

Gabriela Brandão

Coordenadora de Cooperação e
Relações Internacionais

DIVISÃO DE MOBILIDADE

Eduardo Mariano de Oliveira

Erika Nunes Dias

Geraldo de Oliveira Nunes

João Gabriel Pelliccione Girota de Souza

Neuziane de Araújo Cardoso Ribeiro

Priscilla Hoelz Pacheco

Vitor Ierusalimschy

DIVISÃO DE PROJETOS

Caio Vinicius de Macedo Goes

Priscilla Hoelz Pacheco

Vitor Ierusalimschy

COMISSÃO EDITORIAL

Adriana Maciel (SRI)

Livia Reis (SRI/Instituto de Letras)

Priscilla Hoelz Pacheco (SRI)

Silvia Lorenzo Castro (Middlebury College)

Tâmis Peixoto Parron (Instituto de História)

Telma Cristina de Almeida Silva Pereira

(Instituto de Letras)

Vitor Alevato do Amaral (Instituto de Letras)

© 2022 Adriana Maciel e Livia Reis (orgs.)

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização expressa da editora.

Equipe de realização

Editor responsável: Renato Franco

Coordenador de produção: Ricardo Borges

Supervisão Gráfica: Marcio André Baptista de Oliveira

Normalização: Camilla Almeida

Revisão: Beatriz Ribeiro Ferreira Maia

Edição de imagens e capa: Superintendência de Relações Internacionais

Projeto gráfico e diagramação: Thomás Cavalcanti

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - CIP

H673 Histórias do mundo [recurso eletrônico] / Adriana Maciel e Livia Reis (organizadoras). – Niterói : Eduff, 2022. – 15,5 Mb. : il. ; PDF. – (Série Memória UFF, v. 2)

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-89673-03-3

BISAC EDU038000 EDUCATION / Student Life & Student Affairs

1. Relações internacionais. 2. Intercâmbio cultural. 3. Intercâmbio universitário. I. Universidade Federal Fluminense. Superintendência de Relações Internacionais. II. Maciel, Adriana. III. Reis, Livia. IV. Título. V. Série.

CDD 370.1962

Ficha catalográfica elaborada por Márcia Cristina dos Santos (CRB7-4700)

Direitos desta edição cedidos à

Eduff - Editora da Universidade Federal Fluminense

Rua Miguel de Frias, 9, anexo/sobreloja - Icaraí - Niterói - RJ

CEP 24220-008 - Brasil

Tel.: +55 21 2629-5287

www.eduff.uff.br - faleconosco.eduff@id.uff.br

Publicado no Brasil, 2022.

Foi feito o depósito legal.

SUMÁRIO

- 8 **Prefácio**
- 10 **Apresentação**
- 13 **Nākamā pietura: Reznas iela**
ALICE GROBBERIO MOREIRA
- 21 **Uma bagagem invisível**
ANA CAROLINA FREITAS DA SILVA
- 30 **A vida acadêmica de um estudante estrangeiro no Brasil: relatos de experiência profissional e pessoal num contexto sociocultural de constantes adaptações**
ANTÔNIO MIGUEL PAULO
- 41 **Caminhos sem mapas, trajetos incertos: experiências de uma mobilidade internacional**
ARILDO DOS SANTOS AMARAL
- 49 **Um lar entre as muralhas**
ARTHUR LUIZ DE OLIVEIRA AMORIM
- 59 **Viver para (se) transformar**
BÁRBARA MOREIRA DRUMMOND DE ALMEIDA
- 67 **Como enriqueci a minha biografia**
BEATRIZ VILHENA ALVARENGA
- 76 **Minha experiência na UFF: lembranças de um mexicano perdido no Brasil**
BRUNO MICHEL WILLIAM LEMONNIER LAVIN
- 82 **Sanduíche italiano: saborosa mistura de experiências pessoais, investigações acadêmicas e novas perspectivas sobre o patrimônio urbano**
CARINA MENDES DOS SANTOS MELO
- 92 **A importância da mobilidade internacional na formação cultural e intelectual do aluno**
CHARLES ELEOTÉRIO GAMA

- 104** **Pela metade**
DIANA MARGARITA TORRES JIMÉNEZ
- 112** **A life-changing experience**
EKATERINA SERIKOVA
- 120** **UFF inolvidable: uruguayo perdido en Río.
Experiencia de intercambio universitario**
EMILIANO PABLO OLIVERAS MOLINA
- 128** **Como acabei me apaixonando pelo Brasil**
ESTER MONSONÍS FERRER
- 135** **Da UFF para a Europa: relato do meu intercâmbio em Portugal**
FERNANDA ANGELO PEREIRA
- 147** **Epifanias de uma mobilidade em meio à pandemia**
GIULIA LAURA FELIX PAZ
- 154** **Ser um aluno estrangeiro na UFF: uma
ponte, não uma barreira**
HANS MUSODI MBADU
- 164** **Bota a cara no sol, mona**
HELENA ANDRADE TEIXEIRA AZEVEDO
- 171** **De um oceano a outro: uma brasileira em terras canadenses**
JENNIFER DE ARAÚJO ROSA
- 180** **Minha história com a UFF**
JINYU XIE
- 187** **Entre cores e capulanas: relato de intercâmbio
acadêmico e cultural entre Brasil e Moçambique**
JOANA PENÊDO DA CONCEIÇÃO
- 201** **Atravessando o Oceano Atlântico: experiências na
mobilidade acadêmica internacional em terras lusitanas**
JOICE DE CARVALHO SILVA
- 208** **Memórias do velho continente: relato de
uma intercambista em Portugal**
JULIANA DE MESQUITA PAZOS
- 220** **Um relato de experiência na Espanha**
LAFÂNIA DA SILVA MENDES
- 233** **Como sou porque fui**
LARISSA DE OLIVEIRA RIOS PEREIRA SANTOS

- 247** **Minha vivência em Moçambique: atravessei o oceano e fui atravessada por ele**
LOURHANSE LEHDERMANN
- 259** **Gélida e calorosa: Montreal, a melhor cidade para estudar, pesquisar e curtir**
LUCAS PEIXOTO PINHEIRO DA SILVA
- 272** **Intercâmbio no Rio de Janeiro, Brasil: uma experiência de crescimento pessoal e científico**
MAMADOU GNING
- 280** **Intercâmbio no Chile: experiências, desafios e recordações de mobilidade internacional para um país latino-americano**
MARCELE GUALBERTO GOMES
- 290** **Escalas de vivências: do local ao global**
MARCELO COSTA
- 298** **Embarque a céu aberto**
MARIAH DA SILVEIRA VALLADÃO PASTANA
- 309** **Uma experiência além das expectativas**
MARIANA CROSSETTI DA HORA
- 322** **Paris: entre segurança e liberdade da ação civil**
MARIANA DA GAMA JANOT
- 332** **Relato de um intercâmbio atravessado pela pandemia da COVID-19**
MARIANA PACHECO DE ARAUJO
- 343** **Do princípio de um sonho ao começo de uma nova realidade**
MICHELLE AMAIRANI JARILLO FUENTES
- 354** **Meus aprendizados em Portugal**
MILLA WAN-MEYL QUINTIERE ERTHAL
- 362** **A mobilidade internacional mudou minha vida**
MOISÉS DE JESUS FERREIRA SILVA
- 370** **A minha experiência na UFF**
NATÁLIA KOVÁČOVÁ
- 378** **Meus dois intercâmbios no Velho Mundo**
NATHALIA PEREZ DE LIMA COSTA
- 389** **Estudar em Tübingen: um relato de intercâmbio na Alemanha**
RAFAEL DE AZEVEDO BIANCO
- 399** **Na terra dos lusitanos**
REINALDO MATOS DA ANUNCIAÇÃO JUNIOR

- 408** **Mobilidade acadêmica internacional: relato de um aspirante a turismólogo em viagem de intercâmbio na Universidade de Aveiro, Portugal (2010-2011)**
RICARDO LUIS DA SILVA
- 420** **Entre a chegada e a saída: um encontro com Moçambique**
RODRIGO FRALETTI NATAL
- 430** **Adaptar e readaptar: a experiência da mobilidade internacional na Coreia do Sul durante a pandemia da COVID-19**
THAISA DA SILVA VIANA
- 439** **Futuro: abraçe-o, mesmo que com receios, bons momentos estão no trajeto**
THATYANA DE SÁ CAVALCANTI
- 450** **Beyond the Atlantic**
TREVOR ABRAHAM GEORGES NIMOH MENSAH
- 458** **Cursos internacionais de verão da Universidade de Salamanca**
ULLY HASHIMOTO MAYERHOFER
- 469** **Minha Rota da Seda: uma jornada de descoberta de novas familiaridades culturais**
VITOR IERUSALIMSKY
- 476** **O caminho se faz viajando**
VITÓRIA MARINHO WERMELINGER
- 484** **Caminhos**
YARA MORAES LOPES AGUIAR LEITÃO
- 492** **Relações interculturais e a construção da identidade social e profissional**
YASMIN SABA DE ALMEIDA

PREFÁCIO

Entendemos a internacionalização como um posicionamento da nossa universidade diante do mundo. Isso significa dizer que ela compreende não somente seu papel enquanto uma organização que colabora para uma transformação local, com a sua própria transformação, mas também atua para mudar o país e o mundo, construindo soluções próprias para os problemas globais.

O nosso papel como Universidade Federal está definido colocado na constituição brasileira, qual seja, temos a missão de colaborar com o desenvolvimento social, econômico e tecnológico do país sem qualquer tipo de preconceito. E a UFF tem realizado sua missão, colaborando para que a sociedade se desenvolva a partir da educação, da ciência e da tecnologia e da inovação. Com este olhar para o mundo e para nossa própria realidade, nós também temos uma visão global. O próprio processo de internacionalização compreende a celebração da identidade da universidade, inserida no mundo, levando, trazendo e articulando conhecimento. Esse processo inclui naturalmente, mobilidade, fluxo de pessoas, visita e recepção de pessoas de todos os rincões do mundo. Para além da mobilidade, a internacionalização inclui também produção de conhecimento transnacional, construção de soluções de interesse mundial e fortalecimento dos laços entre povos.

O momento de pandemia está nos exigindo reconfiguração, muitos eventos *on-line*, *lives*, congressos remotos, mas de qualquer forma a mobilidade agora reinventada, remota, continua acontecendo. Nossa universidade, como uma das grandes lideranças em programas e atividade de internacionalização, também tem se reinventado. Nesse contexto, as ações da Superintendência de Relações Internacionais (SRI) ganharam muita força nos últimos anos, elevando nossa atuação no mundo do ponto de vista institucional. Esta evolução é resultado da competência intrínseca do grupo somada ao amadurecimento da própria universidade e impulsionadas pela definição estratégica de que nosso lugar no mundo deve compor nossa identidade como universidade.

São muitos programas, que ao mesmo tempo fortalecem a nossa identidade brasileira e fortalecem a identidade global. Ao contrário do que se pode imaginar, a internacionalização não significa apenas um olhar para fora do país, pelo contrário, ela complementa a identidade da nossa própria universidade ao incorporar a sua compreensão do seu lugar no mundo. Isso fortalece nossa brasilidade, e nos coloca como um ator, para colaborar para o desenvolvimento da sociedade, da humanidade, na direção de um mundo mais solidário, mais cooperativo, menos competitivo e menos devastador dos recursos naturais e dos direitos coletivos e individuais.

Portanto, nós da UFF, temos muita satisfação de contarmos com um processo de internacionalização que fortalece a nossa identidade como Universidade Federal brasileira, fortalecendo o nosso compromisso com a ação da sociedade brasileira olhando para o mundo de forma que o nosso exemplo, nossa ação de transformação local, e nacional, colabore para o processo de transformação mundial.

Antonio Claudio Lucas da Nóbrega

Reitor

APRESENTAÇÃO

Em dezembro de 2020, ano tão marcado por tristezas e más notícias, tivemos um motivo de alegria: as celebrações dos 60 anos da nossa UFF. Colaborando com as festividades que ocorreram em todos os setores da universidade, a Superintendência de Relações Internacionais (SRI) decidiu editar um *e-book* com histórias de nossos alunos que viajam para fora do Brasil, em mobilidade internacional, e também com histórias de alunos estrangeiros, que passaram um período entre nós.

A mobilidade de alunos de graduação é um dos movimentos mais importantes realizados em nosso escritório. Além de trabalhar com os convênios internacionais, cotutelas, duplo diplomas, programas de línguas estrangeiras, apoio à internacionalização da pós-graduação e projetos especiais, a mobilidade é, possivelmente, o carro-chefe e de maior sucesso da SRI. Em tempos normais – não pandêmicos – a UFF envia, anualmente, cerca de 200 alunos por um semestre nas universidades parceiras, em todos os continentes. Também recebemos estudantes de todo o mundo.

Os editais de mobilidade UFF são muito concorridos, e chegam a receber cerca de 900 inscrições. As diferentes etapas do trabalho da equipe vão do primeiro contato à nomeação dos estudantes nas vagas disponíveis nas universidades parceiras. É um trabalho

pessoal, feito para cada aluno, individualmente, e que exige paciência e diplomacia.

Em meio a tudo isso, o que mais nos motiva e dá sentido ao trabalho que fazemos é ver a mobilidade internacional como um agente transformador da vida dos jovens. Para muitos deles a viagem ao exterior é a primeira experiência fora da casa dos pais, fora do círculo casa–universidade–amigos–família, é um jogar-se no mundo que exige muita sabedoria e cujos frutos e amadurecimento serão colhidos ao longo da vida inteira.

Ao estar em contato próximo com outros hábitos culturais, diferentes línguas (mesmo que seja o português), cenários diversos, outras geografias, paisagens e imaginários, o jovem quando está longe e sozinho, adquire um manancial de vida e de cultura imensurável.

Como falamos em nossas reuniões de despedidas, ninguém volta para casa como saiu. A mudança é sensível e visível. Na mesma proporção que ocorrem as mudanças pessoais, os jovens, quando retornam, têm a possibilidade de transformar o seu entorno, sobretudo na universidade. As influências das diferentes culturas assimiladas fazem com que o mundo se abra e se torne grande, enorme, e os horizontes se perdem de vista.

Com a certeza da importância dessas histórias particulares dos estudantes de mobilidade, decidimos apurar a nossa escuta e ouvir um pouco do muito que escutamos em nosso dia a dia. Decidimos fazer um edital chamando os estudantes para contar suas histórias, em um *e-book*, para marcar esse momento especial da vida e dos 60 anos da UFF.

Não foi surpresa a quantidade de textos que recebemos, nem a beleza e originalidade das histórias contadas.

Junto com uma comissão de colegas professores e representantes da SRI, formamos uma comissão editorial que leu e selecionou os textos reunidos neste volume.

A leitura dos textos, além de emocionante, trouxe à tona vários sentimentos que temos no cotidiano do trabalho. Eles falam de vida, de solidão, de alegria, de solidariedade, de choque cultural, de medo, de entusiasmo de amadurecimento pessoal e de saudade! Ler as histórias que eles contam é comovedor.

O volume que o leitor tem diante de si traz abordagens extremamente pessoais, estilos bem distintos e desiguais, realidades vividas e absorvidas de maneira diferente, no entanto, todas as histórias falam de transformação, crescimento pessoal, mudanças emocionais e perspectivas profissionais.

Participar e assistir a tudo isso nos emociona e transforma também as nossas vidas, emprestando novos sentidos ao nosso trabalho.

Niterói, abril de 2021

Livia Reis e Adriana Maciel

Superintendente de Relações Internacionais e
Coordenadora de Mobilidade e Projetos.

Organizadoras

NĀKAMĀ PIETURA: REZNAS IELA^[1]

ALICE GROBBERIO MOREIRA^[2]

Falar sobre os seis meses que passei na Letônia toca em um lugar muito tranquilo e doce na minha trajetória acadêmica e de vida. No mês de janeiro de 2021, quando estou escrevendo esse relato, comemoro os dois anos de chegada naquele país que me acolheu tão bem. Pensar no que dizer sobre essa experiência não foi muito difícil — na realidade, por estar confinada pela maior parte desses dois anos, minha mente sempre viaja para as memórias desse período como forma de conforto e felicidade.

Recentemente descobri que, quando associadas a determinadas emoções, algumas de nossas memórias são extremamente detalhadas e meu intercâmbio é a prova definitiva disso. Lembro com precisão do momento em que recebi a notícia de que havia sido aprovada no programa REARI-Utrecht, em meados de 2018, e cercada por amigas queridas, êxtase total! Lembro na pele a sensação de -10°C quando as portas do aeroporto de Riga se abriram e me permitiram viver naquela cidade. No mesmo dia, me lembro de subir as escadas do dormitório *Reznas* que viria a ser o meu lar nos meses seguintes; lembro de cada detalhe da recepção, de meu quarto e lembro da sen-

^[1] “Próxima parada: rua Reznas” (tradução nossa).

^[2] Graduanda em Relações Internacionais na UFF. Foi intercambista na Latvijas Universitāte (Letônia) em 2019.

sação de vivenciar isso pela primeira vez. Lembro-me da emoção da neve caindo, de conhecer pessoas que, hoje, são amigas próximas, das ruas estreitas e calmas da cidade e de me apaixonar por um lugar, tão, tão tenro. E, como se fosse ontem, lembro da despedida, dos meus últimos minutos naquele aconchego e de ver irem tantas pessoas especiais, dessa vez com lágrimas de saudades nos olhos.

Com a esperança de atenuar um pouco dessa saudade, escrevo este relato. Vamos começar por ela, a protagonista dessa história, minha casa: *Rīga*. Tenho que ser honesta com o leitor, as primeiras impressões que tive da cidade não foram as melhores; em 2015, quando tive a oportunidade de visitá-la pela primeira vez, o que eu vi foi uma população aparentemente revoltada com o aumento de imigrantes em seu país protestando, ironicamente, na alameda chamada Liberdade (*Brīvības bulvāris*). Apesar disso, vi também, em pleno outono letão, uma cidade espetacular com ruas calmas, uma história muitíssimo interessante e que, sim, poderia ser amável. Alguns anos depois eu pude, com felicidade, confirmar que existe amor, acolhimento e simpatia naquele país pequeno, mas de enorme importância para mim.

As primeiras semanas na minha estadia prolongada foram, pode-se dizer, interessantes. Com a ajuda de meus colegas — todos igualmente estrangeiros ali — fomos descobrindo os caminhos para chegarmos à faculdade, aos dormitórios, ao centro da cidade e aos bares. Aqueles caminhos, linhas de ônibus e de *trolleys*, seriam meus companheiros diários tanto para conseguir efetivamente me locomover na cidade quanto para conhecê-la mais de perto por ruelas que eu jamais conheceria de outras formas. Para fins práticos, devo admitir que o sistema de transporte de Riga, apesar de não ser perfeito, é extremamente eficiente e acessível e até mesmo a linha 15 lotada de manhã é motivo de nostalgia. Com o tempo, apesar de ainda não entender uma única palavra do que era dito nos alto-falantes (exceto “*uzmanību!*”, cuidado), me acostumei com os trajetos que me levavam

à universidade, passando pela magnífica Ópera Nacional e chegando até o prédio que fica na entrada da *Vecrīga*, o centro histórico da cidade, por si só, magnífico.

A estrutura da universidade foi motivo de surpresa para mim. Acostumada com os amáveis prédios do Gragoatá, com a natureza do *campus* e com a vista mais linda do mundo, a da orla para a Baía de Guanabara (saudades!), qual não foi a minha surpresa ao encontrar o monumento que é a *Latvijas Universitāte*. Sua sede é um prédio magnânimo no centro da cidade, cercado por um belo parque florido (que eu só fui descobrir que era tão bonito quando a neve desapareceu, no início de março) e foi lá onde tive meu primeiro contato com a ESN (*Erasmus Student Network*), responsável por acolher os estudantes estrangeiros, por meio da qual conheci muitos companheiros de intercâmbio. Uma coisa bastante curiosa sobre a LU é que, assim como a UFF de Niterói, cada *campus* está localizado em uma parte diferente da cidade — essa coincidência talvez tenha sido um dos motivos de me sentir tão familiarizada ali.

Aliás, falando em familiarização, um ponto central da minha experiência na Letônia foi justamente a língua. Isso pode surpreender você, leitor, mas sua narradora não é, nem de longe, conhecedora da língua Letã — obviamente a mais falada naquele país. Igualmente, também não me é familiar de maneira alguma a língua Russa, herança da incorporação daquele país da antiga URSS e, portanto, a segunda mais falada na Letônia, por 30% de sua população. Por sorte, o inglês também é amplamente falado no país, principalmente na capital e, afinal, a escolha das minhas matérias do intercâmbio se deu justamente em cursos que as possuíam em inglês. Por algum motivo que nunca compreendi bem, escolhi também o curso de Letão básico na base curricular, grande erro; da mesma maneira que a língua é belíssima ela também é muitíssimo complicada.

Esses fatores foram, no geral, positivos nessa experiência; apesar de sentir falta de tais conhecimentos no supermercado, por

exemplo, ou quando precisava de uma informação no dormitório, estar constantemente alheia ao que era dito à minha volta por seis meses foi fonte de uma paz indescritível, paz essa que eu nem sabia que era possível existir. Essa posição me colocava, também, em uma outra situação absolutamente interessante — da mesma forma que eu não entendia outrem, muito dificilmente havia quem falasse português ao meu redor. Inclusive, eu demorei cerca de um mês para encontrar (queridos) brasileiros naquela cidade, mas até o momento eu mal tinha falado minha língua-mãe pessoalmente com alguém. Essa sensação de paz e, de certa forma, de privacidade onde quer que eu estivesse era igualmente inédita e maravilhosa.

Antes de me mudar para a Letônia, eu havia lido uma matéria da BBC alegando que aquele era “o país dos introvertidos”, mas que, apesar disso, as pessoas eram muito amigáveis e criativas. Sendo completamente honesta, essa matéria não me tocou tão profundamente, afinal, eu nasci no Brasil onde todos somos, supostamente, festivos, acolhedores e extrovertidos, pelo menos aos olhos dos estrangeiros desavisados. Não que não haja brasileiros que são dessa forma, mas é no mínimo ousado assumir que certos comportamentos são universais em qualquer sociedade. Cito essa matéria porque hoje penso que tenho a possibilidade de tecer alguns comentários sobre aquela sociedade, sem esquecer que a minha visão será sempre superficial e enviesada — como, honestamente, todo tipo de análise deste tipo o é.

Fugindo do binômio introversão/extroversão, o que eu observei nos seis meses que tive o prazer de viver naquele país foi que as pessoas que conheci, letãs ou não, sempre me acolheram de braços abertos. Nas ruas, sempre foram solícitas e muito reservadas, calmas e, mesmo que não falassem inglês, tentavam me auxiliar da maneira que conseguiam. Dizer que nunca houve incidentes desagradáveis, entretanto, seria mentir. Por vezes olhares estranhos eram designados a mim, ou algum atendente era desnecessariamente rude, ou al-

gum homem possivelmente bêbado ou senhora de idade me dirigia palavras incompreensíveis — nada que eu já não tivesse vivido no Brasil. Acredito que ambos os tratamentos, que na maioria absoluta dos casos foram agradáveis, se deram pelo fato de eu tão obviamente não ser letã. Na maior parte do tempo, ser estrangeira naquele país foi extremamente agradável.

Há quem diga que nada melhor do que ser estrangeira em um país para perceber o quanto o lugar onde crescemos influencia no que somos enquanto indivíduos. Bom, de acordo com a minha experiência, essa é uma verdade absoluta. Desde o primeiro momento em que pisei os dois pés naquele país tudo, naturalmente, era motivo de comparação com nosso amado Brasil, o que perdura ainda hoje, dois anos depois. Nos ônibus, não havia cobrador, os motoristas eram geralmente mulheres e as pessoas preferiam ficar em pé a pedir licença àqueles que estavam sentados no corredor. Para sair de casa eram necessárias, pelo menos nos primeiros meses, várias camadas de roupa até para mesmo ir à padaria, sem contar os acessórios obrigatórios: touca, cachecol e luvas. Também era necessária uma bota própria para neve, o que eu só descobri quando, na primeira semana, minha bota de couro rachou no meio por causa do frio. E mesmo que o dia estivesse ensolarado, acredite, o casaco era um item indispensável.

Não havia elevadores nos *campi* e não havia restaurante universitário, apenas uma cantina com capacidade máxima de 100 pessoas. As salas de aula não eram como aqueles auditórios de filmes estadunidenses, tampouco eram grandes, pelo menos não as que eu conheci. No geral, os assentos dos alunos eram em mesas compartilhadas organizadas por fileiras. Algo que eu sempre digo sobre os letões é que há duas coisas que apenas quem é nascido no país é capaz de fazer: a primeira é falar letão e a segunda é ter um relógio biológico capaz de acompanhar as mudanças nos horários de luz solar durante o ano. Em janeiro, havia apenas seis horas claras durante o dia, das 11 às 17 horas, e em junho, no festival *Jāņi* (a festa junina deles), o sol

nasceu às 4 da manhã e se pôs às 10 da noite. Meu corpo, acostumado com os horários tropicais, teve muita dificuldade em se adaptar a essa variação espantosa das altas latitudes.

Acredito que a maior diferença e, definitivamente, a mais difícil de superar é relacionada à alimentação. Eu sempre ouvi de brasileiros que vivem no exterior como faz falta a nossa diversidade de frutas e legumes no dia a dia em outros países e, de fato, é muito triste ter apenas uma opção de banana, de manga e não poder encontrar feijão *in natura*. Com o perdão do exagero, apesar de ter aproveitado a criatividade da culinária local, tanto a pouca variedade de comidas (que eu conheço) quanto a minha ignorância no tocante ao que eram certos alimentos (devido à questão da língua) acabaram sendo obstáculos na minha estadia. Eu diria que essa é a principal reclamação de todo esse período.

Para além da bagagem intercultural e social que trouxe de volta comigo quando retornei ao Brasil e dos vínculos emocionais que mantive com a cidade, o intercâmbio também possibilitou minha primeira experiência profissional. Em 2020, recebi uma mensagem de um colega que conheci em Riga, perguntando se eu não estaria interessada em participar de um projeto na empresa letã onde ele trabalha, no qual seria necessária uma pessoa que falasse inglês e português. Sem hesitar, aceitei a proposta e pude realizar esse projeto nos meses seguintes, o que me foi de grande valia e aprendizado e possibilitou que, mesmo de tão longe, eu me sentisse mais próxima daquele país.

Além disso, os aprendizados nos cursos que optei por estudar durante aquele semestre me são de grande valia. É muito interessante poder enxergar o mundo através dos olhos de uma outra cultura, e foi isso que as aulas naquele país me proporcionaram. Os encontros sobre história econômica me permitiram aprender, por meio de um senhor que apesar de ser letão, havia saído do país muito novo como refugiado, os grandes acontecimentos e dinâmicas históricas.

Ter acesso a esse ponto de vista me fez ver a história desse país com muito mais atenção e interesse. Além disso, o curso de comunicação em um contexto global me ajuda de diversas formas e em diversos momentos. Por ter me equipado com o conhecimento acerca do ambiente empresarial nas mais variadas culturas, acredito que ele seja de extrema valia, principalmente levando em consideração que ter uma visão global sobre o mundo é uma ferramenta cada vez mais requisitada no mercado de trabalho. No mais, posso dizer que observei que os colegas de classe, apesar de serem dos mais variados locais do mundo, não eram tão diferentes de mim quanto eu pensei. É muito interessante ver que, embora os seres humanos encontrem sempre diferenças que os segregam, no final das contas eles têm mais coisas em comum do que jamais imaginariam, mesmo com pessoas que nasceram a mais de dez mil quilômetros de distância.

Por fim, é impossível enumerar o quanto essa experiência mudou a minha existência (desculpe, leitor, por estar sendo tão repetitiva, mas é a mais pura verdade!). Digo isso porque ter o contato direto com tantas pessoas de lugares e histórias tão distintas em um espaço de tempo relativamente curto causou um impacto imenso na maneira como eu me expresso. Não apenas no melhoramento do inglês, que havia sido um dos motivos de eu escolher fazer um intercâmbio, mas na própria maneira de me mostrar para o mundo. Acredito muito que o começo da vida adulta tenha essas coisas — repensar a maneira como nos comunicamos com os outros e como os entendemos. Posso afirmar que o meu primeiro aprendizado foi parar e ouvir. Ouvir os diferentes sotaques e línguas, as histórias e aspectos culturais de dezenas de países, ouvir sobre o que as pessoas pensavam sobre o meu país e respeitar as diferenças em suas diversas formas. O oposto também é verdade. Aprender a expressar o que eu pensava de maneira compreensível para aqueles com experiências completamente diferentes das que eu tinha foi um desafio. Com o passar das semanas, eu me familiarizava cada vez mais com aquela nova realidade —

saber falar nos momentos certos e assertivamente foi essencial para a minha vivência naquele lugar. Além disso, minha estadia também me permitiu quebrar a barreira da timidez que, hoje eu percebo, me privou de tantas coisas por tantos anos. Nada como estar sozinha do outro lado do mundo para desenvolver certas habilidades essenciais para qualquer ser humano!

Parece-me adequado terminar, aqui, minha exposição. Longe de ter esgotado meus relatos sobre essa experiência, esse texto é, acima de tudo, um manifesto saudoso daqueles que foram meses excepcionais na minha vida. Tudo isso foi possível, evidentemente, não só graças a mim, mas principalmente graças à UFF, que por meio da parceria REARI-Utrecht tornou isso tudo realizável, e também graças a meus pais, que me deram suporte de todas as maneiras para a realização deste que era um sonho de longa data.

Tudo que vivi naquele período me marcou profundamente de diversas maneiras e, como disse no início do texto, lembrar deles sempre me leva a um lugar muito feliz, afinal, lá pude conhecer pessoas que são parte essencial de quem eu sou. A Letônia e a UFF, igualmente, foram e ainda são responsáveis por vários momentos e pessoas inesquecíveis e insubstituíveis no meu caminho e eu não poderia ser mais grata por todas as oportunidades que tive. Por fim, Riga, você sempre será especial para mim e estará presente em meus pensamentos mais afetuosos.

UMA BAGAGEM INVISÍVEL

ANA CAROLINA FREITAS DA SILVA^[1]

Com quantas experiências se faz uma boa história? Apesar de não ter uma resposta certa para essa indagação, me arrisco a dizer que as experiências vivenciadas durante um intercâmbio acadêmico internacional, em todas as suas facetas, renderiam um bom livro de histórias. Acertos, erros, felicidades, risos, choro, saudade, mais choro, um pôr-do-sol sublime que te faz pensar que tudo vale a pena. Sentimentos opostos e mesmo assim simultâneos na vida daqueles que se arriscam a cruzar fronteiras e a encarar o novo sozinhos. Descoberta. Encanto. Mistério.

Quando me inscrevi para o programa de Mobilidade Acadêmica Internacional da UFF em 2018 tinha altas expectativas. Apliquei para a Universidade de Coimbra, em Portugal, uma das mais antigas universidades da Europa. Estudar por um semestre em uma das universidades mais renomadas do mundo era um sonho não mais tão distante, graças à oportunidade ofertada pela UFF. Corri para me inscrever muito em cima da hora e deu tudo errado. Isso mesmo. Na hora da inscrição faltou luz e internet e o desespero só aumentava. Corri para tentar escrever minha carta de motivação nas notas do celular, já chorando pelo medo da oportunidade perdida. Ah, a

^[1] Graduanda em Relações Internacionais pela UFF. Foi intercambista na Universidade de Coimbra (Portugal) em 2019.

oportunidade perdida. Eu nem sabia o que me esperava mas já entendia que se perdesse, me arrependeria amargamente. Liguei para todo mundo, tentando achar alguém que pudesse formatar minha candidatura e enviá-la, várias tentativas e nada dava certo. Por fim consegui, mas faltava a assinatura do meu coordenador de curso. Fui dormir já perdendo as esperanças, porque no dia seguinte, último dia para inscrição, haveria jogo do Brasil na Copa do Mundo e não haveria aula. Eu estava em outra cidade e sabia que a única chance de conseguir finalizar minha inscrição seria conseguir a assinatura via e-mail do meu coordenador de curso NO DIA DO JOGO DO BRASIL. O não eu já tinha, por que não correr atrás do sim? Graças ao incentivo de uma amiga maravilhosa da graduação, Isabela Gonçalves, eu enviei o e-mail pedindo a assinatura do coordenador, já sabendo que as chances de consegui-la seriam muito pequenas, quase que nulas. O que me chateava ainda mais era o fato de que eu já havia me inscrito no Edital anterior e não tinha passado. Me doía ver uma oportunidade escorrer pelas minhas mãos e não poder fazer nada. Qual não foi a minha surpresa ao abrir meu e-mail no meio do dia e ver o e-mail de resposta do coordenador da graduação em Relações Internacionais, com o arquivo assinado pronto para ser enviado! Quando meses depois, peguei a lista de aprovados e vi meu nome nela, foi indescritível. Tanto esforço e dedicação sendo coroados com uma oportunidade única. O início de um sonho, nem parecia real.

O grande dia do meu embarque chegou e por maior que seja o planejamento, nada te prepara plenamente para o que está por vir. Só a chegada em Coimbra me valeu por um intercâmbio inteiro, de tanto desafio. Perda de conexão, perda de bagagem, trajeto aeroporto – metrô – trem – carro carregando toda a sua vida na bagagem. Pesado. Difícil. Mas em tudo aprendizado.

A vivência internacional te transforma em vários aspectos. Estar em um ambiente cultural novo, com pessoas novas, em uma nova dinâmica e com outras oportunidades te faz sair completamente de

sua zona de conforto. Não sabemos nem por onde começar. Mesmo estando em um país com fortes laços culturais com o Brasil, como é o caso de Portugal, o desafio foi enorme. A adaptação não foi fácil. Lembro-me até hoje que costumava andar com a mochila virada para frente, como eu tinha costume de fazer no Rio de Janeiro, e todos ficavam olhando, ninguém entendia nada.

Entretanto, o desenvolvimento é enorme. É estar diante de algo que você nem sabia que admirava e, de repente, isso se torna a sua coisa favorita no mundo. A simplicidade de cada momento vale mais do que qualquer ponto turístico. Sabe aquela hora que você respira e o tempo parece que congela só para você poder apreciá-lo com mais delicadeza? É isso. Naquele momento tudo faz sentido. Tudo parece novo de novo. Você pensa: tudo valeu a pena.

A Universidade de Coimbra é uma das mais antigas universidades ainda em operação no mundo, a mais antiga de Portugal e a terceira mais antiga da Europa. Fundada em 1290 por D. Dinis, sua história confunde-se com a história portuguesa. Reconhecida como Patrimônio Mundial da UNESCO desde 2013, sua importância, história e beleza na construção de uma herança material e imaterial são mundialmente conhecidas. Atualmente, localiza-se no que foi o Primeiro Palácio dos reis portugueses. Sua característica torre é sua marca registrada. De longe é possível avistar o belo complexo que a abriga, no alto da colina. Por todo lado, vê-se estudantes vestidos com uniformes tradicionais, cobertos pela famosa capa preta – que inspirou os escritos de J.K. Rowling em Harry Potter. A Biblioteca Joanina, a joia da universidade, é um deslumbre à parte. Com milhares de exemplares conservados há séculos, sua beleza e imponência são um patrimônio rico e sem igual. Tive a oportunidade de visitá-la várias vezes, uma vez que a entrada era gratuita para os estudantes da universidade.

A cidade de Coimbra é vibrante, cheia de estudantes e vida. Há sempre um recanto para explorar, um museu para conhecer, uma

história a se descobrir. Localizada no centro de Portugal, essa cidade remonta aos tempos pré-romanos. Sem uma data precisa de criação, era conhecida como *Aeminium* pelos povos pré-romanos que a habitavam. Posteriormente foi ocupada pelo Império Romano, povos germânicos, bem como também pelos mouros. Até hoje, preserva muito de sua história antiga.

Fosse caminhando à beira do Mondego, explorando as vielas da cidade velha, subindo e descendo as intermináveis ladeiras, tudo em Coimbra era especial e tinha uma pitada de mágica e encanto, poesia e história. Ouvir o fado coimbreense aos pés da Catedral da Sé Velha, visitar as ruínas romanas subterrâneas do Museu Nacional Machado de Castro, subir as Escadas Monumentais, passar por debaixo do Aqueduto de São Sebastião, os passeios e caminhadas ao longo do Jardim Botânico da universidade, a monumental Queima das Fitas... memórias que estarão para sempre guardadas em meu coração.

Escolher a Universidade de Coimbra como destino do intercâmbio não foi uma tarefa difícil. Por ser uma universidade de excelência acadêmica reconhecida mundialmente, sua fama a precede. Ao saber que através do convênio da UFF, teria a oportunidade de estudar gratuitamente em uma das instituições mais renomadas do mundo, não tive dúvidas: a Universidade de Coimbra seria a escolhida.

Fui como aluna intercambista da UFF para estudar Relações Internacionais na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (FEUC), para o primeiro semestre de 2019 (em contagem acadêmica, o segundo semestre do ano curricular de 2018-2019, uma vez que na Europa os cursos se iniciam em setembro e não em janeiro como no Brasil). Novas possibilidades, novos colegas de turma, novos desafios... tudo era novo, porém extremamente instigante.

Morar em um país diferente do seu já implica em uma grande transformação e evolução como pessoa. Entretanto, para além de meu desenvolvimento pessoal, estar em um ambiente de tamanho renome acadêmico me rendeu grandes oportunidades de crescimen-

to em conhecimento e pesquisa. Por isso mesmo, em meu período como estudante estrangeira optei por me matricular em disciplinas que não teria a oportunidade de estudar no Brasil. Pude entender em primeira mão o estudo das Organizações Europeias pela perspectiva dos próprios europeus, estudar as diversas vertentes da Diplomacia através da troca com diplomatas portugueses de carreira, debater sobre Direitos Humanos com uma das mais renomadas professoras do ramo, conhecer um ângulo diferente de análise sobre o Plano Real e seus impactos no Brasil em uma aula de Economia Política... Em suma, foi uma oportunidade ímpar de crescimento e troca acadêmica que acrescentaram e muito à minha perspectiva de mundo.

Para além do desenvolvimento acadêmico, ter passado pela UC como estudante me possibilitou a entrada na rede Alumni da universidade, expandindo meus contatos e permitindo-me trocar experiências com outros inúmeros ex-alunos e profissionais que passaram pela mesma Instituição.

Ter tido esta oportunidade mudou minha vida e me fez crescer em tantos sentidos, que seria loucura conseguir expressar em palavras tudo que senti quando tive que voltar. Dizem que “uma vez Coimbra, pra sempre saudade” e não existe melhor definição para expressar o que significa para mim ter passado por esse lugar. Serei eternamente grata pela UFF por ter me dado essa chance, sem a qual provavelmente não teria conseguido realizar esse sonho.

Nas palavras do famoso compositor português Fernando Machado Soares:

Coimbra tem mais encanto
Na hora da despedida.
Coimbra tem mais encanto
Na hora da despedida.
Quem me dera estar contente
Enganar minha dor
Mas a saudade não mente
Se é verdadeiro o amor.

Se tem algo que aprendi com esta maravilhosa experiência foi que a gente tem que ir. Ir com medo mesmo. Só ir. Isso é coragem. Fora da zona de conforto a vida acontece. Esse foi meu maior aprendizado, a lição mais preciosa que eu aprendi. E eu não trocaria essa experiência por nada.

Os seres humanos são seres de movimento. Fomos feitos para a troca, para admirar o diferente. É um impulso natural. Trazemos dentro de nós o anseio de buscar nosso lugar no mundo e conhecer o lugar de outras pessoas também. Isso não é tarefa fácil, mas é tão humana. Não temos como escapar. Estar diante de histórias – e histórias – diferentes da minha, e pensar: quantas pessoas já passaram por aqui, quantas coisas essas paredes já viram, e eu com minha passagem estou também construindo um pouco da história desse lugar.

Somos o mundo todo. Não há limites. Reconhecemo-nos e nos entendemos com a troca com o Outro. Ah esse tal de Outro! Quem são esses cujas histórias e culturas nos encantam e nós encantamos a eles. Eu acho mágico. Essa aprendizagem é única.

Dizem que você nunca volta o mesmo. E é verdade. Só quem vive sabe. Por isso eu te aconselho, vá e descubra por si mesmo essa bagagem invisível que só aqueles que de fato a carregam pela experiência são capazes de entender!

Galeria de fotos

Imagem 1. A imponente entrada da Biblioteca Joanina (Coimbra, 2019)



Fonte: Acervo pessoal

Imagem 2. Fado às portas da Catedral da Sé Velha (Coimbra, 2019)



Fonte: Acervo pessoal

Imagem 3. Eu, super feliz de estar na Universidade de Coimbra (2019)



Fonte: Acervo pessoal

A VIDA ACADÊMICA DE UM ESTUDANTE ESTRANGEIRO NO BRASIL

RELATOS DE EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL E
PESSOAL NUM CONTEXTO SOCIOCULTURAL
DE CONSTANTES ADAPTAÇÕES

ANTÔNIO MIGUEL PAULO^[1]

O presente artigo relata a experiência acadêmica de estudante estrangeiro e como de forma significativa, a academia e a conjuntura sociocultural contribuíram para o desenvolvimento profissional e pessoal. O objetivo deste artigo é transmitir minha experiência do percurso acadêmico numa perspectiva única, enquanto estudante estrangeiro. Está organizado em três partes, na primeira parte será abordada a inserção no tecido social brasileiro pela primeira vez, assim como as adaptações resultantes do mesmo. E a segunda aborda a UEA-UFF, organização da associação de estudantes africanos instituída de forma legal pela primeira vez desde a fundação da universidade. A terceira, aborda sobre o primeiro festival de teor científico e cultural realizado na universidade por estudantes africanos. Sabemos que, normalmente, a emigração incide transformações que advém do alcance da própria transição migratória, que se dá na conjuntura de novas culturas, novos conhecimentos, dentre outros.

^[1] Graduando em Ciência Ambiental na UFF, através do Programa de Estudantes - Convênio de Graduação (PEC-G), originário da Angola.

E, essas transformações alcançadas, dão-nos uma visão holística, nos permitindo discutir aspectos socioculturais sob vários enfoques. Logo, o nosso cotidiano nos remete a um aprendizado diverso. Sendo assim, procurei conhecer vários lugares com intuito de conhecer e viver a cultura da cidade aproveitando a estadia prolongada. Para compreensão e embasamento histórico do relato da experiência pessoal e acadêmica como estudante estrangeiro no Brasil, utilizei a literatura estrangeira acerca da mobilidade estudantil, tendo como referência o Programa de Estudantes - Convênio de Graduação (PEC-G), o vínculo deste deslocamento em busca de formação superior. Também, fiz alguns levantamentos em artigos, relatórios do Instituto de Ensino Superior brasileiros (IES), Divisão de Temas Educacionais e Língua Portuguesa (DELP), e no Ministério das Relações Exteriores (MRE).

Contextualização

O programa de Estudantes - Convênio de Graduação (PEC-G), criado em 1964, oferece vagas de graduação em Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras a estudantes de países em desenvolvimento com os quais o Brasil mantém acordo de cooperação educacional, cultural ou científico-tecnológica.

O Decreto Presidencial n. 7.948, publicado em 2013, atualmente rege o programa, conferindo maior força jurídica ao regulamento do PEC-G. O Ministério das Relações Exteriores administra o programa por meio da Divisão de Temas Educacionais e pelo Ministério da Educação com a parceria das Instituições de Ensino Superior em todo o país.

De acordo com os dados levantados pela Divisão de Temas Educacionais (DCE) e pelo Ministério das Relações Exteriores (MRE), nas últimas décadas houve mais de 9.000 estudantes selecionados, sendo o continente africano com maior número de estudantes, representando 76% dos selecionados. Dentre as nações africanas parti-

cipantes destacam-se: Cabo Verde, com um total de 3.169 estudantes registrados, Guiné-Bissau, 1.416 estudantes e Angola com um total de 753 estudantes.

Existe um processo seletivo que é submetido a todas candidaturas recebidas do exterior por uma comissão de seleção, instituída por Portaria do MEC e composta por professores provenientes de IES de cada uma das regiões da Federação, as distribuições das vagas geralmente são oferecidas pelas Instituições de Ensino Superior entre os candidatos dos países participantes.

É importante ressaltar que o programa para além de cooperar para a formação de profissionais de países em desenvolvimento, também contribui para a internacionalização e diversificação do cenário acadêmico brasileiro, assim como a expansão sociocultural e a inserção de culturas dos países participantes para sociedade brasileira. Angola está entre os países africanos com mais representatividade, em termos de número de estudantes selecionados no programa PEC-G, segundo dados da DCE de 2000 a 2019, o número de estudantes angolanos selecionados foi de 753.

De acordo com Castro e Cabral Neto (2012), dentre as políticas atuais para o ensino superior, a internacionalização desponta como uma estratégia importante para a inserção dos países no mundo globalizado, quer seja pela perspectiva da solidariedade defendida pela UNESCO, quer seja pela prática mercantilista propugnada pela Organização Mundial do Comércio.

Segundo Carvalho Filho *et al.* (2016), nas últimas décadas, a mobilidade de estudantes cresceu com fins de estudos entre países. De acordo com as estatísticas do relatório da UNESCO (2006), em 2004 pelo menos 2,5 milhões de estudantes superiores se encontravam fora de seus países de origem comparando com os percentuais dos cinco anos anteriores, que era de 1,75 milhões apenas, representando um aumento de 41% desde 1999. Essa informação apresenta um registro de que algumas regiões apresentam taxas mais elevadas em relação às demais quando se fala do aumento da mobilidade com fins de estudo.

Inserção no tecido social; meu primeiro contato com o contexto social brasileiro

A cidade do Rio de Janeiro tem uma população estimada em 6.719 milhões e é uma cidade atrativa com diversidade cultural com uma formação étnica vasta e diversa. Os hábitos culturais possuem uma formação indígena, africana, europeia (espanhóis, italianos), portugueses por causa da colonização, e asiática (japoneses).

Por ser uma cidade de conglomerado de cultura, torna-se fácil para alguns estrangeiros se identificarem. É notório, a similaridade cultural entre Brasil e Angola começando pela música, a título de exemplos o samba que deriva do “semba”; a capoeira que até nos seus contos trazem histórias da cidade de Benguela, que é uma das províncias de Angola assim como Luanda um dos movimentos mais praticados da própria arte. E bairros cujos nomes são de origem angolana. Uma forte e presente herança histórica.

No ano de 2015, fui selecionado para o programa de convênio, no curso de Ciência Ambiental pela Universidade Federal Fluminense no estado do Rio de Janeiro.

Neste mesmo período, me encontrava a frequentar a Universidade Independente de Angola, o interesse em buscar novos conhecimentos era maior, encontrei nesta seleção uma forma de adquirir uma nova experiência.

Meu desembarque foi na cidade de Niterói, onde fixei minha residência, numa república que compartilhava com estudantes de outras nações africanas. Antes de conhecer a Universidade, comecei por visitar a cidade para conhecer referências históricas do Rio de Janeiro. Logo, para a minha satisfação conheci o Cristo Redentor, Arco da Lapa, Museu de História Nacional, centros culturais, logradouros e Pedra do Sal, lugar onde se encontra a Comunidade Remanescente Quilombo Pedra do Sal, que foi tombada em 20 de novembro de 1984 pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural. Também conheci outras vias e construções centenárias.

O contato com essas referências históricas foi um fator decisivo para entender a magnitude da importância de conhecer a história do país para melhor se orientar e ter um embasamento cultural.

A experiência com a sociedade, em função de alguns aspectos culturais, me fez sentir identificado e representado. Algumas pautas sociais que são discutidas como questão racial foi focal na visão gerada em mim, sobre as diversas formas como os negros são interpretados. Levou-me a participar da fundação da UEA-UFF (União dos Estudantes Africanos) com intento de trazer narrativa histórica na primeira pessoa sobre o continente africano.

No primeiro dia de aula, fui convidado a falar sobre Angola, e aproveitei para discorrer sobre alguns aspectos pontuais relativamente à cultura, política, economia e, sobretudo à questão educacional. Na questão da educação apontei pontos como a interação dos professores com os alunos e o sistema de aulas que apresenta mais cargas horárias e a grade curricular.

Fundação da UEA-UFF, associação de estudantes africanos: minha experiência como cofundador

A União dos Estudantes Africanos foi criada em 25 de maio de 2019 quando das reflexões no dia da união africana. A sua criação tem por objetivo promover as contribuições especificamente africanas para o avanço do conhecimento sobre povos e culturas de África, com o intuito de contribuir no desenvolvimento e na busca de identidade e cultura africana dos afro-brasileiros e dos africanos. A associação é, atualmente, a única associação na universidade com uma característica multidisciplinar na área de pesquisas africanas na UFF dedicada ao estudo de África a partir de uma perspectiva africana.

Os objetivos da Associação dos Estudantes Africanos são:

- Promover e fomentar a cultura africana na universidade e arredores da cidade de Niterói;

- Apoiar a criação de redes e trocas interdisciplinares entre acadêmicos africanos, afro-brasileiros e outros com interesses semelhantes;
- Criar Centros e Institutos de Estudos Africanos no Continente e no Brasil;
- Promover a pesquisa e o debate sobre assuntos cruciais sobre o estado político, social e econômico do continente africano;
- Promover e encorajar a pesquisa por parte de acadêmicos africanos no Continente;
- Promover e encorajar uma educação centrada em África – uma compreensão informada sobre África via museus, arquivos, escolas, decisores políticos, ONGs, mídia, empresas, associações e outras comunidades de interesse;
- Encorajar parcerias com associações de Estudos Africanos já existentes e outras organizações interessadas em promover questões africanas.

A fim de promover e fomentar a cultura africana na universidade e arredores da cidade de Niterói, numa discussão com colegas, foi se sustentando a ideia de concretizar a associação. Na sequência, surgiram as palestras, a primeira conferência e o Festival “Tarde Africana”, todas realizadas pela UEA-UFF.

A primeira conferência foi realizada na Universidade Federal Fluminense no dia 25 de maio de 2019, com o tema África panorama social, político e cultural: uma retrospectiva até os dias atuais. Tema que gerou proposta para escrever o livro, desafio que até o momento estamos desenvolvendo ideias e buscando possibilidades.

O evento, que teve parceria da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PROAES), objetivava apresentar questões culturais e políticas de África, fazendo uma introspecção até os dias atuais. Teve exposições de danças, músicas e poesias africanas.

Imagem 1. Retrato da primeira conferência da UEA-UFF



Fonte: PROAES

Primeiro festival de teor científico e cultural organizado pela UEA-UFF: Tarde Africana

O Festival Tarde Africana foi uma atividade de diversidade cultural, projetado para ser realizado semestralmente pela UEA-UFF para o fomento da cultura africana nas comunidades e arredores de Niterói, aproveitando a vivência dos afrodescendentes e semelhante, trocando impressões culturais no fomento do reforço e nutrir a necessidade de estabelecer a identidade cultural com estes parceiros. O

evento contou com representantes de países como Angola, Quênia, Nigéria, Gana, Gabão, São Tomé e Príncipe, Senegal, Congo Democrático, Cabo Verde, Costa do Marfim, Togo, Benin, Guiné Bissau, Moçambique e outros. O festival tinha os seguintes objetivos:

- Promover a cultura africana; promover a defesa e conservação do patrimônio histórico e artístico africano e afro-brasileiro; promover e incentivar o intercâmbio cultural;
- Fomentar a economia do empreendedorismo negro;
- Promover os artistas de rua dando visibilidade nos seus trabalhos;
- Promover um festival com uma temática que focasse na transmissão da história africana e a difusão do conhecimento do acervo cultural do município.

No dia 10 de outubro de 2019, foi realizada a primeira edição do Festival Tarde Africana, com diversas atividades e artistas africanos e afro-brasileiros vindos de vários pontos do Brasil. O festival teve como tema “Identidade e Memória”, cada artista apresentou sua obra refletindo a cultura do seu país. Foi realizado no espaço Zumbi dos Palmares da UFF e com parceria das Negras Potentes.

Foi apresentada uma programação que exibia uma variedade de expressões culturais. Retratando a identidade e memória do continente africano e com algum recorte que reflete a vida da diáspora africana. A programação foi apresentada no seguinte viés: Danças, Música ao vivo, Exposição de artes plásticas, Feira de empreendedorismo negro, Oficina de trança, Gastronomia Africana e Afro-brasileira, Percussão.

Objetivos Principais

Conscientização do público sobre a história africana e a luta contra o racismo, discriminação religiosa, de gênero e do preconceito.

Resultados Esperados

Criar, fomentar e conscientizar a comunidade e arredores sobre o continente africano e seu envolvimento no desenvolvimento do mundo e em especial do Brasil; cultivar uma visão comunitária a par da realidade dos povos e cultura africana e fomentar opinião sobre África baseada em pesquisa e convivência.

A pretensão é ser a primeira marca de festival de africanos criada neste formato, que se multiplicará pelo estado do Rio de Janeiro e, posteriormente, no país, tornando-se uma iniciativa histórica.

Por causa da dificuldade de aquisição de livros, foram exibidos trechos de frases e escritos de pensadores africanos relevantes na história de cada país, e que de certa forma mudaram o rumo do continente africano positivamente e negativamente, nos levando a entender onde estamos e para onde iremos dentro das análises desenvolvidas, em cada pensamento, em cada diálogo, sem perder a “Identidade e as Memórias” africanas que nos incentivaram e nos levaram até à diáspora.

O Festival Tarde Africana proporcionou uma integração artística, ao mesmo tempo em que promovia ações em defesa da liberdade religiosa, da tolerância, diversidade e pluralidade cultural, religiosa, política que representava os 54 países africanos na sua ampla diversidade que nos sustenta num todo.

Entendendo a importância da atividade desta natureza e a nossa participação como africano na reconstrução da identidade das diásporas, seguimos continuando com tais atividades em esco-

las estaduais de ensino fundamental e nas comunidades e núcleos de grupos sociais.

Imagem 2. Retrato oficial do Festival Tarde Africana



Fonte: Geremias S. Marins

Considerações finais

Neste artigo, foi apresentado o discurso representativo das experiências como estudante estrangeiro vinculado ao programa PEC-G na Universidade Federal Fluminense. Considero agregar todo o processo no âmbito acadêmico quanto social que vivenciei e que culminou em experiências pessoais e profissionais. Além disso, percebo que a construção da formação enquanto estudante perpassa sobre todos esses aspectos, principalmente quando estamos diante a um contexto sociocultural diferente e o fator de ser migrante. Logo, a necessidade de contribuir significativamente para o meio acadêmico e social nos deu retorno. Muitas adaptações foram feitas para melhor se enquadrar. E com facilidade no meio social, o percurso acadêmico representou, neste cenário de construção de experiências, um

momento único, e despertou a visão holística que foi me permitindo alcançar outras realizações pessoais e profissionais. A fundação da associação UEA-UFF é uma representação que permitiu uma afirmação na universidade como estudante africano, ou seja, foi a primeira atividade realizada com aquela magnitude por estudantes africanos. É importante ressaltar a importância da existência desta associação, não apenas como meu crescimento pessoal e de participação como membro de uma sociedade, tanto social quanto acadêmica, mas como parte integrante de uma universidade que se apresenta integradora.

Referências

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. Divisão de Temas Educacionais. *Programa de estudantes: convênio de graduação PEC-G: manual do estudante-convênio*. Brasília, 2015. Disponível em: https://www.ufmg.br/dri/wp-content/uploads/2012/07/Manual_do_Estudante-Convenio.pdf Acesso em: 02 jan. 2021.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. Divisão de Temas Educacionais. *Programa de estudantes: convênio de graduação PEC-G*. DCE, S.d. Disponível em: <http://www.dce.mre.gov.br/PECG.html>. Acesso em: 02 jan. 2021.

CASTRO, Alda Araújo; CABRAL NETO, Antônio. O ensino superior: a mobilidade estudantil como estratégia de internacionalização na América Latina. *Revista Lusófona de Educação*, n. 21, p. 69-96, 2012. Disponível em http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-72502012000200005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 02 jan. 2021.

CARVALHO FILHO, Valério *et al.* A experiência dos estudantes africanos expatriados no Brasil: uma análise à luz das correntes teóricas da expatriação. *Gestão e Desenvolvimento*, v. 13, n. 1, p. 112-129, 2016. Disponível em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistagestaoedesenvolvimento/article/view/158>. Acesso em: 02 jan. 2021.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA – UNESCO. *Compendio mundial de la educación 2006: comparación de las estadísticas de educación en el mundo*. Montreal: Instituto de Estadística de la UNESCO, 2006. Disponível em: http://www.uis.unesco.org/TEMPLATE/pdf/ged/2006/GED2006_SP.pdf. Acesso em: 02 jan. 2021.

CAMINHOS SEM MAPAS, TRAJETOS INCERTOS

EXPERIÊNCIAS DE UMA MOBILIDADE
INTERNACIONAL

ARILDO DOS SANTOS AMARAL ^[1]

Aconteceu assim, de repente. Aquele jovem que vinha de uma cidadezinha pequena do interior do Estado do Rio de Janeiro havia passado em um edital para a realização de um intercâmbio no exterior. Devo te contar que ele ficou muito feliz com a notícia, porém o medo e a insegurança também o envolveram. O jovem se perguntava como seria viver não agora em outra cidade, mas sim em outro país.

Aquele jovem aceitou o desafio. Quanto ao lugar que escolheu, não poderia ter sido melhor. Villa Maria, uma pequena cidade da Argentina, que de início pode não chamar a atenção daqueles aficionados pela agitação de Buenos Aires, mas que aos poucos vai se revelando um lugar encantador. Lá há espaço para aqueles que preferem desvendar a cidade e sua cultura (como a arte, danças, culinária etc.).

Em seis meses de intercâmbio, o jovem vivenciou muitas coisas: lugares inesquecíveis, pessoas inesquecíveis e situações impossíveis de retratar com fidelidade. Só quem tem a oportunidade de vivenciar a cultura de outro lugar, como se pertencesse a ele, pode entender as “marcas” eternas deixadas por esta experiência.

^[1] Graduado em Pedagogia pela UFF. Foi intercambista na Universidad Nacional de Villa María (Argentina) em 2014.

Foram meses de vivências profundas e intensas, pois se encontrar imerso em outra cultura era viver ao mesmo tempo sob dois planos: o da novidade e do desafio. O jovem estava vivendo em um país completamente diferente do seu de origem, eram comidas, hábitos e costumes distintos. O desvelar das coisas e das pessoas se confluía com o desafio de viver, ou melhor, de sobreviver em um país que não fala seu idioma.

Falar espanhol? Isso mesmo, esse rapaz não falava. Quando chegou a Villa Maria, pensou que ia “enlouquecer”, pois não compreendia o que as pessoas falavam. Mas, os dias foram passando e a necessidade de aprender aumentava ao decorrer dos dias. O idioma foi fluindo e o jovem aprendendo na prática, no cotidiano daquele lugar que o atravessava.

Devo mencionar que o jovem viveu muitas coisas, foram viagens, longas noites de estudos, pesquisas e grandes descobertas. Os benefícios de um intercâmbio vão muito além de um simples aprimoramento de uma língua estrangeira. É o amadurecimento e o aprendizado de uma forma geral que vêm como um bônus, mas que na realidade é o que realmente importa.

Ele conheceu pessoas que o fizeram rever os conceitos de amizades, esteve em lugares que pode chamar de paraíso e tudo isso aconteceu tão rápido. Aquele rapaz tem muito a agradecer a todos que proporcionaram esses momentos. Deixou em Villa Maria os seus melhores meses e os melhores sonhos. Largou amigos e grandes amores também. Ou melhor, trouxe com ele tudo isso e todos esses que hoje reconhece nele.

(Memórias de Arildo Amaral, 2014).

Caminhos sem mapa, trajetos incertos. O jovem da história narrada acima é o autor deste exercício, é quem vos escreve. Inesquecível, esta é a palavra mais óbvia, mas ao mesmo tempo a mais verdadeira que pode ser usada para descrever a experiência do meu intercâmbio no exterior. Não sou mais aquele rapaz vindo de uma cidadezinha pequena, talvez, pois já vivi tantas coisas. Hoje sou narrador da minha própria história, da minha experiência pessoal e, conseqüentemente, profissional.

Lançar-se à experiência, esse é o convite. Experiências entre as artimanhas do cotidiano da graduação atravessada por uma mobilidade internacional. Linhas e rabiscos vários... estilhaços, pensamentos, tropeços do escritor, que, aqui, foi arrumando este tecido.

Escrever sobre as vivências de uma mobilidade internacional será sempre uma aventura existencial e coletiva de intervenção no mundo. São mãos inquietas movendo-se: uma composição que se faz na experiência de mobilidade acadêmica, que por sua vez permite palpar vida nos espaços universitários.

Nesta escrita compartilhada podemos nos tornar outra coisa, ninguém se torna mais o mesmo no plano das exterioridades – outros nos tornamos, somos multiplicados.

Os editais de Mobilidade Acadêmica Internacional América Latina, possibilitam aos estudantes de graduação da UFF que participem de programas de assistência estudantil com mobilidade acadêmica internacional em instituições de ensino superior estrangeiras, na América Latina, com as quais a UFF mantém acordos. Este programa possibilitou experiências únicas em minha formação. Ao longo de seis meses, vivenciei ressignificados profissionais e, sobretudo, de mundo.

Assumir a escrita de uma experiência internacional implica estar em contato com muitas inquietações, o que me faz refletir sobre a hospitalidade; sobre os limites entre o eu e o outro; pensando no que eu sou para o outro e o que o outro é para mim na sua singularidade e corporalidade; nas demandas dirigidas ao estranho que se apresenta em nossa casa, em nossa cultura. Esse é o desafio de pensar como é viver em outro país e viver a cultura dele como se pertencesse a ele. Uma análise que passa pelo paradoxo da diferença entre o estrangeiro e o “natural”.

Com as minhas diferenças, pude estudar em outra universidade, perpassar por outras cidades e países, sendo “engolido” pela hospitalidade daqueles que hoje trago em mim enquanto pessoa pro-

duzida historicamente. Estava estudando educação em outro país, em outra universidade, cursando outras disciplinas.

Quando passei no processo seletivo, no ano de 2013, estava cursando o 7º período de Licenciatura em Pedagogia. Terminei o 8º período em 2014 no primeiro semestre e, no segundo, viajei. Só faltava, para integralizar o meu currículo e receber o grau de Pedagogo, o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que já tinha um tema de interesse: “Pedagogia Hospitalar”.

Ao chegar, em meu destino de estudo, à cidade de Villa Maria, situada em Córdoba – Argentina, o desejo de entender o trabalho pedagógico realizado nas enfermarias hospitalares daquele lugar estava em mim permanentemente. Busquei pessoas e hospitais próximos. Encontrei nas redes sociais um hospital acerca de onde estava residindo. Pesquisando sobre ele, constatei que nele havia classes hospitalares. Fui logo buscando contato com alguém que trabalhava naquela instância. Encontrei um rapaz que era responsável pelo regime de contratação dos servidores daquele hospital, que recebia o nome de Hospital Regional Dr. Louis Pasteur.

Fiz o primeiro contato me apresentando como estudante brasileiro em intercâmbio na Universidad Nacional de Villa Maria, e que trabalhava com educação hospitalar no meu país e, que se possível gostaria muito de conhecer a potencialidade desse trabalho na Argentina, mais especificamente naquela cidade em que me encontrava. Assim, educadamente esse rapaz agendou um dia para minha visita ao hospital.

E o dia da minha visita naquele hospital havia chegado, agora com olhar de pesquisador, levava comigo algumas questões para possíveis respostas, ou não, sobre a estruturação das classes hospitalares que já fazia parte daquela paisagem. Adentro aquele recinto para conhecer aquilo que de fato havia me levado até ali. Busquei pelo rapaz que havia entrado em contato comigo. Ele não estava presente, mas havia deixado agendado com a pediatra do hospital e com a professora da classe

hospitalar uma possível conversa comigo. Então, fui direcionado até o consultório médico daquela pediatra onde em seguida iria conhecer a educadora hospitalar, bem como a classe propriamente dita.

O dia tão esperado acontecia! Foram horas contadas e imaginadas. Estava ali na minha frente uma pediatra que narrava sobre a importância do trabalho pedagógico realizado no hospital, sobre a relevância desse atendimento para o tratamento de saúde do sujeito enfermo. A relação educacional com a saúde é muito importante porque as crianças se afastam da sua vida cotidiana, dos seus jogos, das suas brincadeiras. E o educador, assim como os psicólogos ou assistentes sociais aproximam de alguma forma as crianças com essas questões (Diário de Pesquisa, 29 out. 2014).

Ao terminar minha conversa com a pediatra, fui direcionado à sala de aula onde as docentes realizavam seus trabalhos. Ao chegar à sala, estava à minha espera uma das docentes hospitalares. Abria-se naquele momento um turbilhão de sentimentos e sensações. Estar naquele hospital, agora naquela sala onde se realizava o trabalho educacional com crianças enfermas, foi algo que desejei muito. Para minha conversa com a docente, optei em realizar um questionário com algumas perguntas abertas.

E ali estava eu, em uma enfermaria pediátrica, abstraído do vento lá fora. A ação de estar naquele lugar me conduzia para possibilidades e impossibilidades. Abria-se o conhecimento mais autêntico, o único que de verdade, nem sabe nem pode jamais saber: o de não saber como se continua o presente, pois eu já não era mais o mesmo. A leitura daquele lugar havia me conduzido a infinitudes de sensações do mundo, que se deixou escrever em um gesto indecifrável pela abertura de um saber que não ocupa espaço, mas torna-se o ser de grande vulto (Diário de Pesquisa, 29 out. 2014).

Com efeito, a experiência vivida nessa mobilidade internacional possibilitou a articulação entre a teoria e prática no processo de construção do conhecimento, ou seja, a dimensão da prática – que é

constitutiva da educação – foi fonte e lugar privilegiado da pesquisa de conclusão do curso de Pedagogia. Além disso, a própria investigação se converteria em ação, em intervenção social, possibilitando ao pesquisador uma atuação efetiva sobre a realidade estudada.

Entre dias e noites, um frio intenso, vivi uma experiência incrível conhecendo uma cultura tão distinta... a *cumbia* como ritmo musical e envolvente, o mate como a bebida preferida, extrema pontualidade, pão em todas as refeições, o melhor churrasco, o arroz e o feijão como pratos quase extintos do cardápio argentino.

Na *Universidad Nacional de Villa Maria*, cursei três disciplinas: Psicologia Social, Sociologia do Trabalho e Trabalho e Cultura, disciplinas que me aproximaram de pessoas da universidade. Hoje, percebo que o trabalho acadêmico e o convívio com os amigos da turma eram os principais interesses daqueles que estudavam lá, com reuniões na parte da tarde na *Costaneira* da cidade para tomar mate e/ou *fernet*.

Além da bagagem de aprendizagem acadêmica que o intercâmbio proporcionou em minha vida, existe toda carga de emoções e situações que vivi com o grupo de amigos que criei lá, em especial, outros intercambistas, de outras nacionalidades, tais como: alemães, chilenos, bolivianos, peruanos etc.

No que concerne a esse período de estudos e olhares investigativos em outra universidade sediada em um país irmão, destaco que contribuiu sobremaneira para potencializar minha vida acadêmica, atribuindo novos olhares e maneiras de ler e encarar o mundo, de pensar a pedagogia enquanto ferramenta de reflexão e ação para o desenvolvimento humano.

Fio a fio vão costurando em diferente espaço-tempo as experiências de formação vividas no intercâmbio internacional, que fizeram e fazem parte da minha travessia docente. Essas narrativas configuram-se possibilidades e pistas para o conhecimento de si e do outro. Utilizá-las como prática curricular emancipatória constitui-se como um caminho possível contra os fluxos da hegemonia excludente e dos saberes instituídos.

Durante o período que estive na cidade de Villa Maria, tive a impressão de um povo determinado, pois as pessoas com quem convivi eram disciplinadas em suas atividades e mantinham foco naquilo que produziam.

No convívio social, a impressão que tive sobre a característica do argentino é de um povo muito educado, pronto para ajudar quando for solicitado, mas também muito sério, fechado e reservado em seu dia a dia.

As experiências vividas nesse intercâmbio refletem significados em minha prática profissional, pois viabiliza uma relação outra com os saberes e com os símbolos que atravessam o plano existencial e os campos de força.

A oportunidade de intercâmbio na Argentina me trouxe um ganho de conhecimento muito além das minhas expectativas e objeto da viagem, pois além da aprendizagem da língua espanhola, me permitiu também a experiência de conhecer como o país administra seus problemas e trata suas questões sociais, promovendo igualdade, respeito e oportunidades de trabalho aos seus cidadãos.

O desenrolar das tramas que aqui foram mencionadas, são tramas da vida, que anunciam a existência de singularidade e protagonismo frente a um intercâmbio internacional. A escritura daquilo que já está em mim me permitiu viver a experiência da escrita pessoal e de formação. Experiências narradas sem linearidade, um devir (des) formação, um modo de produzir as mais belas cenas do “saber viver”.

Cada lembrança, cada narrativa, cada experiência, cada “fio”, vão tricotando a teia da vida e arrumando o nosso modo de viver e ser no mundo, como uma espécie de tear de vários fios que harmonizam entre si. A cada movimento das mãos, no ato de se construir e (re)construir, minhas memórias se deslocam para as ações vividas no passado de uma mobilidade acadêmica no exterior, refletindo hoje em meu ofício docente.

Nesse sentido, a experiência vivida ainda em 2014, coloca-se como possibilidade de formação pessoal e profissional. As transfor-

mações vão acontecendo em todas as dimensões e a escrita de nossas vivências vai acontecendo de forma emancipatória, ética, estética e política, delineando os caminhos de nossas aprendizagens e os compartilhamentos necessários e possíveis.

A narrativa experienciada, na mobilidade acadêmica em questão, advém da multiplicidade cultural, não pela via da produção dual, pelo binarismo, pelas simetrias e dicotomias. Pensar essa multiplicidade revela rachar esses princípios totalizantes. Essa experiência de mobilidade internacional plural deve desprivatizar as práticas culturais homogêneas, ou seja, deslocando todos os sujeitos que gravitam nesse processo, apurando nossas escutas, relativizando nossas certezas epistemológicas e políticas, nos reconhecendo nas diferenças. Um espaço delineado dentro do qual os autores assumem modos de dizer, de se (re)afirmar. Uma abertura às possibilidades de vida, uma variação para o devir-universidade, devir-intercâmbio, devir-mobilidade, devir-outro.

Assim como um passageiro de um trem, viver uma mobilidade acadêmica foi como lançar-se às estações para o fazer e o deixar fazer. E, como um passageiro de um trem que deixa sua cidade em busca de outros voos, carrego comigo tudo aquilo que aprendi na certeza que ainda aprenderei muito.

Ocupei-me em afirmar, aqui, uma escrita experiência vivida no percurso da graduação, que pelas ações micropolíticas do cotidiano da Universidade Pública, gratuita e socialmente referenciada me possibilitaram conhecer “outros mundos”. Um espaço de vivências que se ancora nas potências singulares dos estudantes, trazendo à tona arranjos de afeto, alegria, amizade e esperança, valores que perpassam toda ação de ensino, pesquisa e extensão universitária.

Para que essas experiências continuem ecoando no mundo, friccionando e interrompendo a cada leitura e (re)leitura. Que continuem produzindo outras boas mobilidades acadêmicas... Potentes... Significativas... Únicas...

UM LAR ENTRE AS MURALHAS

ARTHUR LUIZ DE OLIVEIRA AMORIM^[1]

O ano era 2018. O mês, fevereiro. Estávamos no auge de um típico verão carioca, daqueles com muito sol, água, areia, sal e carnaval, e a ideia de deixar esse cenário para, depois de um longo voo de onze horas, encarar um frio inverno europeu não parecia muito apetitosa. Felizmente, a euforia de conhecer o Velho Continente ecoava dentro de mim há meses, o que fez ser fácil embarcar no avião, mesmo com as lágrimas das despedidas. Seria minha primeira viagem para além de terras tupiniquins e, ainda que muito bem nutrido com histórias, filmes e fotografias, eu não fazia a menor ideia do que encontraria ao chegar. Mas é assim que as grandes aventuras começam, não?

Desembarcar foi um alívio. Após vistos atrasados, cartas com demora no aceite e passagens trocadas, pisar em solo português me fez sentir como Odisseu em seu retorno. Para a minha sorte, ao contrário do rei de Ítaca, a minha jornada estava apenas dando o primeiro passo. Então, segui. Depois de poucos minutos em Lisboa, tomei o ônibus com o destino para Évora, cidade que eu chamaria de lar pelos próximos meses.

Chegando, fui recepcionado pela representante dos intercambistas da universidade, que me ajudou com as malas e me deu uma

^[1] Graduado em Engenharia de Recursos Hídricos e do Meio Ambiente pela UFF. Foi intercambista na Universidade de Évora (Portugal) em 2018.

carona até o apartamento que eu tinha escolhido para morar. Como a viagem foi rápida, meu primeiro vislumbre de Évora, ao sair do carro, foi aquela fachada branca e caramelo na Rua dos Freguises, número 2, com alguns detalhes geométricos e um magnífico mármore cinza, que enfeitava uma lustrosa porta em alumínio de coloração verde musgo. Mas Évora ia muito além daquele singelo prédio de três andares.

As primeiras semanas foram de pura descoberta. Era como se eu fosse uma criança em sua primeira visita a um parque de diversões, onde tudo me causava uma excitação descomunal, um desejo de experimentação, mas sempre acompanhados de um certo frio na barriga, e eu ficava intimidado para dar qualquer passo. Ainda que completamente fora da minha zona de conforto, não tive muitas dificuldades nos afazeres cotidianos. Mercados, restaurantes, bares, bancos e papeladas administrativas foram questões simples de resolver, mesmo com algumas desavenças na língua. Mas existia um incômodo diário com o qual até hoje não consegui me acostumar. O frio.

Não é como se houvesse nevascas, congelamento da água encaçada ou qualquer outro cenário apocalíptico. Na verdade, a maioria teria achado um inverno gentil. Talvez tenha sido a diferença brusca e repentina. Não sei explicar o porquê. Mas foi cruel. Em Évora, a maioria das casas não possuía aquecedor na sua instalação, e um portátil não entrava no orçamento, além de ser pouco eficiente para um apartamento de três quartos. Também não sei se isso resolveria de fato o problema. A temperatura mais baixa que enfrentei foi zero graus. Negativa, só a sensação térmica. Estava bem equipado, com roupas adequadas, não passei dificuldades por isso. Mas não importa quão bem agasalhado se esteja, o inverno mexe com a gente por dentro. A dinâmica era diferente. As pessoas, mais frias, enquanto a cidade parecia que tinha alguma coisa morta em sua essência. Até as árvores tinham um aspecto fúnebre, sem folhas, flores ou cores. E parecia que todos sentiam isso de certa forma, porque muitos falavam que, no desabrochar da primavera, as coisas seriam diferentes.

É claro que eu não ficaria esperando a mudança de estação, então fui explorar Évora mesmo com aquele cenário que me amedrontava um pouco. A cidade era linda. Uma beleza muito distante dos paraísos tropicais por onde eu já tinha passado, uma beleza mais sentida do que vista. Caminhar pelas suas ruas era como mergulhar em um livro de história medieval. O chão era todo em paralelepípedo, as casas bem próximas, todas com fachadas em amarelo e branco, havia uma praça principal onde todos os eventos ocorriam e, para coroar, no ponto mais alto, estavam a catedral e o palácio, que observavam e tomam conta de tudo que pudesse acontecer. Entretanto, o que mais me chamou atenção foram as muralhas que cercavam a cidade. Diferente de grades de condomínios, onde muitas vezes elas existem apenas para excluir, as muralhas de Évora traziam uma sensação de segurança e conforto ímpar ao adentrarmos a fortaleza. Era como se todo o incômodo e medo, que aquele frio me trazia, simplesmente desaparecessem quando eu recebia o abraço daqueles muros de pedra.

Apesar da paisagem medieval conservada, o grande ponto turístico de Évora era um templo de origem romana, que surgiu muito antes de reis portugueses governarem por aquelas terras. Há lendas que dizem que era dedicado à Diana, deusa da caça, mas ninguém nunca confirmou essa história. Hoje, o único culto que ali acontece é o de universitários que se reúnem ao seu redor para beber vinhos e cervejas, brindar à vida e aproveitar a juventude.

Entre suas ruas e estruturas medievais, no antigo quartel general da cidade, ficava o Colégio Luís António Verney, lar da Escola de Ciências e Tecnologia da Universidade de Évora. Lá foi onde tive todas as minhas aulas enquanto aluno do curso de Ecologia e Ambiente. Minha relação com o curso foi um pouco diferente do que eu já havia experienciado no Brasil. Era um curso bastante novo, com apenas duas turmas, nenhuma ainda formada, e com pouquíssimos alunos. O resultado disso foi uma organização que trouxe conforto e me fez sentir em família. Da coordenação às alunas, fui carinho-

samente acolhido e possuo grandes amizades até hoje. Por ser um curso pequeno, o sentimento de comunidade era constante, então era comum que estivéssemos todos juntos ao fim de tarde, fosse para um lanche após as aulas ou para organizarmos festivais de música e sustentabilidade.

No quesito acadêmico, também pude notar algumas diferenças. As salas de aulas eram bem pequenas e as turmas tinham em torno de seis alunos cada. Por um lado, era ótimo, pois tornava o professor mais acessível, bem como os alunos tinham mais força ao definir o ritmo das aulas, o que facilitava o aprendizado, mas também colocava um pouco de responsabilidade nos alunos na condução da aula, o que podia causar alguma lentidão algumas vezes. Das cinco cadeiras que lá cursei, muitos foram os aprendizados acadêmicos e pessoais que adquiri. É claro que eu já esperava coisas novas, como aprenderia em qualquer curso universitário, mas estudar em Évora me fez mudar minha ótica sobre o mundo. Diferente do que ocorre na Engenharia, pude ter contato com uma visão mais comutativa do homem com o ambiente, não havendo separação entre os meios, e isso foi o que mais me acrescentou na formação como engenheiro ambiental. Além disso, como as disciplinas eram focadas no território português, foi interessante perceber como as dinâmicas mudam conforme o ambiente e as culturas mudam. Eu já tinha uma ideia de que isso ocorria, mas ver na prática me fez entender quais os mecanismos afetados.

À medida que a primavera chegava, a dinâmica das aulas mudava. Começaram a ser possíveis as visitas técnicas, o *campus* mais bonito e com pavões a circular nos fazia passar mais tempo na universidade e as integrações entre os alunos pareciam mais frequentes. Além disso, todos pareciam mais animados, com mais vontade de aprender e ensinar, o que fortaleceu bastante o aprendizado. Também foi com a mudança de estação que tive a oportunidade de me envolver em atividades extracurriculares, que foram: o EcoVerney e o 2º Congresso Internacional de Redes Sociais (CIREs).

O primeiro foi um projeto de extensão ligado ao meu curso, onde os alunos, juntamente com os professores, difundiam saberes ambientais através da arte pela Escola de Ciências e Tecnologia. Rcheado de música, intervenções artísticas, união e harmonia, o Eco-Verney também era uma espécie de celebração da primavera e um momento de descontração da vida acadêmica. Foi um evento mágico, que me fez sair da bolha do curso de Ecologia e Ambiente e aprender melhor sobre os alunos da Universidade de Évora. Além disso, o contato constante com as artes causou uma profunda transformação em mim e, se hoje eu dedico muito do meu tempo ao assunto, seja aprendendo fotografia ou estudando arte como hobbies, eu certamente o faço por conta do período que vivi em Évora.

Já o CIReS foi um congresso onde fui voluntário na parte de organização e logística. Aprendi muito, em um universo completamente distante da minha formação, mas o mais marcante foi o tradicional jantar português que nos foi oferecido. Aconteceu em um enorme salão, com as luzes baixas e de cor quente, e velas às mesas. No cardápio, alguns dos pratos portugueses de maior prestígio, acompanhados de vinho que harmonizava e de qualidade impecável. Para completar o espetáculo, apresentação de músicas tradicionais portuguesas, por uma cantora de fado e depois, uma violinista. Uma noite memorável que me fez perceber a verdadeira hospitalidade dos portugueses.

Um pouco distante do academicismo, mas ainda ligada à Universidade de Évora, existia a comunidade de estudantes intercambistas, a ERASMUS. A ERASMUS tinha a responsabilidade de nos acolher e acompanhar durante o período de intercâmbio, promovendo ações de integração, troca cultural e descoberta da cultura portuguesa. Foram incontáveis os eventos criados por eles, desde viagens, festas até jantares e pequenas reuniões. Em cada ocasião, os laços e amizades se fortaleciam e viver em Évora se tornava cada vez mais agradável. O mais incrível de participar deste ciclo foi a descoberta

das mais variadas culturas europeias existentes. Franceses, bielorrussas, espanhóis, búlgaros, romenos... Todos tinham histórias diferentes para contar, cada um com sua própria perspectiva de mundo, e navegar por essas histórias de óticas tão distintas e distantes me fez querer conhecer mais do mundo e experimentar as mais variadas culturas.

Dos diversos encontros que ocorreram, devo destacar o primeiro dia da semana de acolhimento. O evento começou com uma espetacular visita à sede da vinícola principal da cidade. Lá, tivemos a oportunidade de degustar diversos vinhos locais, entender a quais ocasiões cada um deles se adequava e tivemos também a chance de conhecer um pouco sobre o processo de produção da região. Após uma fartura dos mais variados vinhos e alguns lanches, fomos nos juntar aos alunos portugueses para uma apresentação das Tunas. As Tunas são grupos de alunos, uma espécie de coral das universidades portuguesas. Os grupos podem ser masculinos, femininos ou mistos e o espetáculo sempre nos conecta com o passado e o presente da organização. São músicas tradicionais portuguesas, odes a Évora, canções mais novas que retratam o cotidiano universitário e até um pouco de samba e bossa nova, ritmos admirados no país. As melodias são acompanhadas de danças energéticas, coordenadas e com uma coreografia impossível de se encontrar em outro lugar. As Tunas se apresentaram diversas vezes durante minha estada em Évora, mas a primeira delas foi emocionante e inesquecível.

A ERASMUS também nos proporcionou diversas viagens às mais variadas cidades no país, grandes ou pequenas, em visitas guiadas para que embarcássemos na rica história de Portugal, ao longo do semestre. Através destes passeios, pude perceber que a pluralidade de Portugal é tamanha, que fica difícil de acreditar que tal dimensão cultural possa caber em um pequeno território. Subimos ao gelo da Serra da Estrela, bebemos vinho no Porto, andamos de bonde em Lisboa, velejamos pelos canais de Aveiro, rezamos em Fátima, to-

mamos sol nas belas praias do Algarve, ouvimos bravuras sobre Batalha e Tomar e apreciamos a majestosa Universidade de Coimbra. Em cada um dos cantos, um novo Portugal se apresentava, e cada vez mais eu me encantava com aquele país.

Fazer parte da comunidade ERASMUS não se resumia a festas, viagens e jantares. Éramos integrantes da agremiação estudantil e desempenhávamos um importante papel na política da universidade. Em especial, houve uma situação em que nossa participação foi crucial para a tomada de decisão no *campus*. Estávamos chegando ao fim do semestre, época em que aconteciam as garraíadas em algumas universidades, e na Universidade de Évora estava em pauta se a atividade aconteceria ou não naquele ano. A garraíada é um evento que se assemelha à tradicional tourada espanhola, mas de maneira menos cruel. Na modalidade portuguesa, os touros ainda não são adultos, e não há o abate no final do espetáculo. Entretanto, o animal é atizado, de modo que deve combater homens na arena, que o machucam, quebram seu rabo, enquanto pessoas na plateia atiram objetos no pobre bezerro. Devido à tamanha barbaridade, a cerimônia tem sido combatida em Portugal, e Évora estava dizendo não à prática, por meio de plebiscito. Para a votação, a comunidade ERASMUS se organizou para que fôssemos em peso votar contra a continuação das garraíadas, o que causou desconforto nos alunos portugueses mais conservadores. Ao fim da votação, com a vitória pelo término destes eventos, alguns destes alunos subiram ao palco do auditório para proferir discursos inflamados, de cunho xenofóbico, alegando que os alunos internacionais estavam interferindo diretamente em suas manifestações culturais. Apesar de ter sido uma cena triste de se presenciar, eu tenho orgulho de ter feito parte deste momento histórico na cidade de Évora.

Por mais que eu tenha passado a maior parte do meu tempo na vida acadêmica ou intercambista, viver fora do meu país não se resumiu a isso. O cotidiano também era cheio de novidades. A cada ida ao

mercado, uma nova iguaria portuguesa era garantida para aventuras na cozinha, e em todo lugar que eu ia, aprendia palavras novas do português europeu. Também criamos um hábito no nosso apartamento, algo que eu nunca havia imaginado viver. Decidimos nos inscrever em um aplicativo chamado *couchsurfing*, que consiste em deixar um lugar vago na sua casa – no nosso caso, o sofá – para receber estranhos que estivessem de passagem em sua cidade. Foram muitas as visitas que recebemos, com as mais variadas pessoas, vindas dos mais variados lugares. Algumas permaneciam por uma ou duas noites, outras passavam semanas, mas todas conferiam à casa uma energia única, tornando o momento sempre especial. Portugueses, vietnamitas, turcos, austríacos. Todos chegavam com muita alegria, histórias, ensinamentos e, é claro, um prato típico de sua região. Em troca, entregávamos conforto, companhia e servíamos de guias em Évora, e acabava que sempre chegávamos em um lugar desconhecido por nós mesmos!

Chegando ao fim do semestre, os exames estavam cada vez mais próximos e seria uma nova experiência acadêmica pra mim. A grande diferença entre os exames no sistema português e as provas à moda brasileira é que, no sistema português, elas ocorrem todas aglutinadas em um curto pequeno de tempo, geralmente com toda a matéria acumulada do semestre inteiro. Bem, se, durante o período letivo, não me foi exigido muito esforço, a última caminhada causou um alvoroço total, um caos. Confesso que foi um pouco confuso, ainda mais que, além dos exames finais, muitos relatórios também tinham seus prazos para a mesma época, e pode ser fácil esquecer um prazo ou outro. No fim, mesmo com o choque que levei, consegui ir bem e triunfar nas cadeiras cursadas.

Junto ao término das aulas, a cidade entra em euforia com os preparativos para a Queima das Fitas. A Queima é a tradicional cerimônia portuguesa de encerramento do ano letivo, que ocorre apenas em julho, e serve como um ritual de formatura para os veteranos. A

comemoração consiste na queima de pequenas fitas pelos concluintes, em suas requintadas túnicas universitárias, seguido por um mergulho na fonte da universidade. É uma cerimônia emocionante, com muitos abraços, amor e carinho, e foi lindo ter participado disso. Além disso, a Queima também possui um lado mais informal. Antes da cerimônia principal, que ocorre à noite, o dia que se passa é uma grande festa. Desde a manhã, a rua principal da cidade dá lugar a um enorme desfile de carrinhas, que são carros decorados, um para cada curso da Universidade de Évora. Os carros são munidos de muita bebida alcoólica e universitários de todos os períodos, se divertindo em um verdadeiro carnaval fora de época. Inclusive, na cidade de Évora, existe um bloco de carnaval composto pelos alunos brasileiros – o qual eu participei dos ensaios – para fazer parte desta grande festa. Depois do fim da cerimônia principal, temos os dias seguintes onde a cidade vira palco de um grande festival de música, com muitos *DJs*, artistas e alegorias, e por uma semana os estudantes se divertem para esquecer as dores dos exames finais.

Em alguns meses morando em Évora, descobri que a cidade é viva e mutável. No início, quando o frio estava no seu ápice, a cidade pareceu dura, ríspida, mas conforme os meses foram passando, assim como haviam me alertado, tudo mudou. O cinza das árvores se transformou em um show de cores e aromas, as ruas vazias se tornaram movimentadas e os jardins floresceram, com seus pavões a andar no gramado e patos a nadar no lago. O que antes parecia uma cidade quieta e tímida deu lugar a um lugar que exalava alegria e festividade. Feiras medievais, festivais de cinema, feiras gastronômicas e eventos de música foram algumas das muitas atrações que ocorriam constantemente na cidade, então todo fim de semana eu vivi um cenário diferente.

Estar em um lugar regido por mudanças me fez refletir sobre os mais diversos aspectos da minha vida, ao mesmo tempo em que eu crescia com as experiências. No âmbito acadêmico, uma forma

de educação diferente daquilo que eu estou acostumado me abriu os olhos para novas possibilidades dentro da minha própria área de atuação e me fez tornar um profissional mais completo. Apesar de um semestre não ter sido o suficiente para absorver todo o conhecimento que eu gostaria, a minha forma de pensar e encarar a realidade mudou de tal maneira que até conhecimentos antigos ganharam um novo significado. Do ponto de vista pessoal, incorporei novas culturas, e me sinto uma pessoa mais rica por isso. O crescimento que eu tive durante minha estada em Évora foi sem precedentes e, até hoje, parte dessa cidade vive em mim e molda o indivíduo que eu sou. No mais, me restam memórias de um tempo em que, mesmo longe da minha terra natal, fui capaz de encontrar um lar dentro dos abraços apertados daquelas muralhas.

VIVER PARA (SE) TRANSFORMAR

BÁRBARA MOREIRA DRUMMOND DE ALMEIDA^[1]

A vivência internacional existe como um anseio de poder conhecer e experienciar culturas, lugares, pessoas e sabores distintos de tudo o que nos é conhecido. Ao mesmo tempo em que, entre estas diferenças, busca-se encontrar uma sensação de familiaridade, pertencimento e acolhimento. É por isto que, quando muitos alunos universitários embarcam em aventuras mundo afora, tendo já tido tal experiência anteriormente ou não, hão de sempre retornar com o sentimento de que, uma nova peça de um grande quebra-cabeça, o do conhecimento e descoberta do mundo, foi encontrada.

Minha experiência no exterior começou muito antes de que, efetivamente, eu pisasse em terras estrangeiras. Começou inicialmente por um sonho e um desejo de criança; desejo este de conhecer as terras de minha avó (terras europeias, de onde veio tão nova, fugindo das consequências terríveis da Segunda Guerra e buscando uma vida mais próspera, e lugar do qual me relatava tão vividamente sobre suas histórias de menina). Tendo ouvido tanto e pouco tendo visto, desejava poder testemunhar e pisar em solos os quais meus antepassados haviam pisado anteriormente.

^[1] Graduada em Sistemas de Informação pela UFF. Foi intercambista na Hochschule Karlsruhe - Technik und Wirtschaft (Alemanha) em 2019.

Conforme a responsabilidade e o dever de crescer me aco-teram, considerando o fim de uma fase educacional e início de outra, embarquei-me nos estudos na universidade pública, com a clara noção da notável qualidade de ensino, mas ainda com ingenuidade em relação ao amplo espaço de infinitas possibilidades de aprendizagem que me seria apresentado posteriormente.

Tendo vindo de uma família humilde, não possuía grande convicção de que seria capaz de um dia conhecer outras terras. Entretanto, apesar de certas limitações, não me acovardei e mergulhei de cabeça nos estudos, ainda que intercalando com empregos de meio período para me sustentar fora de meu estado natal (São Paulo). Com isso, os frutos do meu empenho nos estudos, somados a uma gota de esperança que me motivou a me inscrever no edital de intercâmbio da UFF, me proporcionaram o que viria a ser uma das experiências mais transformadoras da minha vida.

Aproximadamente em junho de 2018, realizei a minha inscrição no edital de mobilidade internacional da UFF e, após realizar diversos trâmites e concorrer com milhares de outros alunos, fui aprovada *com bolsa* para realizar um semestre de intercâmbio acadêmico na Alemanha! Certamente, a alegria que se seguiu contemplou não apenas o meu entusiasmo, mas de toda uma família que, mesmo de longe, vibrava pela oportunidade conquistada que representava os sonhos não apenas de um, mas de todos.

Os meses que se seguiram foram de preparação, tanto burocrática como mental, para o período internacional que estava por vir. Meu intercâmbio na Alemanha iniciou-se, então, em fevereiro de 2019, momento o qual, o primeiro frio na barriga surgiu, quando me encontrava no aeroporto, já tendo me despedido de toda a família, apenas aguardando um voo de quase 12h para um lugar completamente novo e desconhecido.

A primeira sensação ao pisar em terras germânicas foi, honestamente, apavorante. Sim, eu estava super contente e, ao mesmo

tempo, com medo. Nada conhecia e nem ninguém. Porém, o medo logo se dissipou, pois eu sabia que as partes burocráticas já estavam previamente resolvidas e planejadas para que, agora, bastasse apenas que eu aproveitasse a experiência.

Minhas primeiras impressões culturais da Alemanha foram, no geral, extremamente positivas. Começando pelo metrô, que foi o primeiro lugar no qual pisei, após minha saída do aeroporto de Frankfurt. Apesar do famoso estereótipo de alemães frios, assim que eu comecei a descer as escadas do metrô, para ir em direção a Karlsruhe, carregando uma mala enorme, um moço muito gentil me abordou e, prontamente, ofereceu-me ajuda e carregou minha mala escada abaixo. Além disso, o metrô em si, bem como os trens, o *tram* e quaisquer outros transportes públicos, que precisei utilizar durante minha permanência na Alemanha, sempre foram surpreendentemente pontuais, limpos e organizados. Era impressionante, para mim, que não houvesse as famosas “catracas” nos diversos transportes públicos, pois contava-se sempre com a boa fé e confiança de que os passageiros comprariam um ticket antes de embarcar.

Ao chegar em Karlsruhe, também fui recebida de maneira agradável e até mesmo peculiar, de forma que não estava habituada em terras brasileiras, onde somos um pouco mais “soltos”. Explicando: na Alemanha, quando você chega em alguma cidade, é necessário (mandatório) se registrar no cartório da cidade como morador. Pois bem, fui ao cartório, levei meus documentos de estudante e me registrei. Não foi que, para minha surpresa, ao final do cadastro, recebi um *voucher* de 50 euros para gastar em diversas lojas da cidade, além de um caderninho com diversos cupons de desconto válidos para vários outros estabelecimentos. O agrado foi muito bem recebido e, com certeza, saí de lá muito contente de ter me registrado na cidade, pensando: ah, se todos os locais para os quais nos mudamos nos recebessem assim, né?!

Outro ponto interessante e facilmente notável para quem veio de cidades caóticas como São Paulo e Rio de Janeiro, era que, ao atra-

vessar as ruas, os alemães sempre, indiscutivelmente, respeitavam as sinalizações de trânsito. Ou seja, ainda que não houvesse carros na via, se o semáforo de trânsito encontrava-se fechado para os pedestres, todos aguardavam até que ficasse verde. O mesmo valia para os carros. Ou bicicletas. Sim, até mesmo as bicicletas respeitavam os sinais de trânsito!

Bem, já que falamos das bicicletas, é cativante o fato de que, aparentemente, as *bikes* devem ser o transporte mais utilizado por lá. Isso, é claro, junto com o *tram*. O *tram* é como se fosse o nosso VLT aqui no Rio de Janeiro, exceto pelo fato de que tem dezenas de linhas, alcança a praticamente todos os bairros da cidade e, como sempre, é muito pontual. Mas, voltando às bicicletas, tenho que assumir que os alemães a utilizam tanto que, às vezes, chegava a ser presunçoso a maneira como eles pedalavam sem as duas mãos no pedal, como quem já fez isso a vida inteira. Felizmente, graças a esse costume amplamente difundido, podíamos ver ruas extremamente tranquilas, sem trânsito, sem buzinas estridentes, pois não havia quase carros nas ruas (claro que isso também se devia um pouco ao fato de que eu estava em uma cidade mais afastada).

Agora, se tem algo que eu sinto falta até hoje, era a facilidade ao se fazer compras no supermercado. De alguma maneira, os caixas eram excepcionalmente rápidos e você nunca passaria mais do que cinco minutos na fila. Além do famoso “Pfand”, que é um sistema de retorno de recipientes recicláveis muito conhecido na Alemanha. Neste sistema, todos os supermercados contêm uma ou mais máquinas que recolhem recipientes utilizados de vidro, plástico e metal e devolvem um valor monetário para cada recipiente depositado. O valor pode ser coletado em dinheiro ou na forma de um cupom para ser utilizado em compras no mercado. Sendo assim, é bem comum observar não apenas os cidadãos retornando os recipientes utilizados por eles mesmos, como também pessoas coletando recipientes abandonados na rua, em festas, ou em qualquer lugar, para trocar

por *vouchers* no mercado. Isso faz com que a reciclagem seja recorrente e fácil no país, além das ruas serem mais limpas, já que latinhas e garrafas não passam muito tempo na rua sem serem pegadas por alguém. Neste ponto, confesso que, eu e mesmo meus amigos adorávamos coletar latinhas nos finais de festas para, no dia seguinte, trocar por chocolates e biscoitos no mercado.

Já em relação ao clima, é muito intrigante notar como as estações podem influenciar no próprio comportamento e relações sociais das pessoas. Quando cheguei à Alemanha, estava quase no fim do inverno, mas a temperatura ainda era constantemente negativa e tive a sorte de ver neve apenas uma ou duas vezes. Porém, o clima geral era quase asfixiante, para quem havia saído do Rio de Janeiro em pleno verão. Notava-se que as pessoas na rua buscavam logo poder entrar em um estabelecimento no qual pudessem se aquecer e, sair de casa, só se fosse para uma “social” na casa de alguém ou para locais fechados, isso quando houvesse coragem de encarar aquele frio. Nesta época, cheguei a pensar que os alemães fossem realmente “frios”, pois não havia tanta interação e era possível observar que os mais afoitos para o convívio social eram os próprios estudantes estrangeiros, vindos de diversos países que aspiravam às novas vivências.

Porém, com a chegada do verão, as pessoas estavam em toda a parte, tomando sol para se aquecer em parques ou se refrescando nos lagos (devido à falta de praias), organizando festas na natureza, piqueniques, grupos de dança em frente ao castelo, festivais de cervejas (que os alemães tanto gostam), entre vários outros tipos de encontros sociais. E, então, com o verão, foi possível vislumbrar, mais claramente, uma nova cultura e costumes sociais que, ainda que distintos, partilhavam da mesma similaridade de buscar contato humano, mostrando que, talvez, os alemães não fossem assim tão frios.

Com isso, pude constatar que um elemento marcante e imprescindível na vida social, na Alemanha, são os castelos. Apesar de serem meio sombrios no inverno, quando não há uma única flor ou folha nas árvores, no verão estes são normalmente envolvidos por um

vasto parque com árvores e uma paisagem harmoniosa, compondo um local no qual não apenas os alemães, mas também estrangeiros gostam muito de se reunir.

Creio que, dos aspectos culturais, estes foram certamente os que mais me marcaram. Especialmente, pelos contrastes observados em relação ao nosso país devido à maneira mais consciente que os alemães agem em aspectos sociais e ambientais (como a reciclagem e uso de transportes menos poluentes à natureza). E, falo isso, mas não com pesar, e sim com a esperança de que nós brasileiros também possamos nos desenvolver em sociedade para, futuramente, alcançar um maior nível de consciência em relação ao mundo à nossa volta. O legal de tudo isso é poder conhecer outras formas de viver e saber que nem todas as dificuldades que passamos no dia a dia são insolúveis, às vezes, nós apenas não conhecemos outras perspectivas, ainda.

Em relação aos aspectos acadêmicos, eu estudei na Hochschule Karlsruhe - Technik und Wirtschaft, que é conhecida como a Universidade de Ciências Aplicadas de Karlsruhe e, à primeira vista, não posso dizer que seria a universidade arquiteturalmente mais bonita ou esteticamente a mais charmosa. Neste quesito, tenho que admitir que a UFF nos proporciona uma das vistas mais belas que se possa imaginar. Considero imbatível... Opinião pessoal, é claro. Entretanto, foi deveras agradável poder conhecer e participar de um ambiente de ensino um pouco diferente do que estava habituada na maior parte de minha trajetória acadêmica até então.

Muito além da simples exposição de conteúdos, onde não há muito espaço para interação dos alunos, na Universidade de Karlsruhe tive o prazer de frequentar classes nas quais a participação não era apenas incentivada, mas essencial. Durante as aulas, tínhamos diversas atividades que estimulavam o constante engajamento dos alunos, de maneira que pudéssemos praticar, ao vivo, os novos conhecimentos concebidos. Isso fazia com que, não apenas a motivação em classe fosse muito maior, mas a absorção do conteúdo fundamental também. Além disso, para mim, o mais divertido foi que escolhi pro-

positalmente cursar disciplinas que pudessem me oferecer um conhecimento mais tácito, subjetivo, interpessoal, mais diverso do que o conhecimento técnico já obtido na UFF, no meu curso (Sistemas de Informação). Por isso, optei por cursar matérias que tratassem sobre liderança, melhor gerenciamento de tempo, desenvolvimento pessoal e de carreira. Todas estas disciplinas me proporcionaram um ambiente de, não apenas exercitar o saber, mas também a reflexão e autoconhecimento, o que acabou me agregando conhecimentos de supra importância que, com certeza, carregarei comigo por toda a vida.

Além dos saberes subjetivos, também tive a oportunidade de desenvolver um projeto muito interessante, no qual construí um *ChatBot* para auxiliar tirando dúvidas dos estudantes internacionais. Cabe notar que, a construção deste *ChatBot* só foi possível graças às noções técnicas prévias, adquiridas em minha universidade de origem, somadas aos conhecimentos obtidos na universidade estrangeira, bem como observações de uma necessidade ainda não atendida dos estudantes. E, faço questão de citar este projeto, pois foi o mesmo que me serviu de inspiração para o desenvolvimento do meu projeto de conclusão de curso na própria UFF, onde resolvi replicar a ideia no Instituto de Computação, considerando as necessidades e particularidades dos estudantes do instituto.

Um outro ponto, quase ia me esquecendo, é que a questão da língua em outro país é muito curiosa. Quando cheguei à Alemanha, a universidade oferecia aos estudantes ingressantes um curso intensivo de alemão, o qual obviamente fiz questão de cursar. Foram duas semanas de intenso contato com a língua e, além disso, contato com diversos outros estudantes estrangeiros que também queriam aprendê-la. Nessa época, não foi apenas a língua alemã o que eu aprendi de mais valioso, mas também os costumes e culturas de pessoas de diversas nacionalidades, muitas das quais mantive contato e amizade mesmo depois de ter finalizado o curso.

E esse contato com estudantes estrangeiros (não apenas alemães) aconteceu durante muitas outras vezes, em encontros organizados pela própria Universidade de Karlsruhe, onde tínhamos a oportunidade de expor sobre nossos países e culturas, bem como jantares internacionais (também organizados pela universidade), onde os estudantes levavam pratos típicos de seus países.

Então, a oportunidade de poder estudar num local que propicia não apenas um ambiente para aprendizado técnico e teórico, mas também a chance de conhecer diversas pessoas e culturas, foi extremamente agregador não apenas na perspectiva acadêmica, mas também numa perspectiva pessoal.

O mais legal é que, toda essa bagagem, recém adquirida, também me foi benéfica na vida profissional, pois logo que voltei para o Brasil, me chamaram para realizar estágio em uma empresa australiana de desenvolvimento de *software*, em que o inglês fluente era requisito mínimo e o meu estava fresquinho devido às recentes interações estrangeiras.

Hoje, já me formei e resolvi embarcar no mestrado na UFF (o qual estou já no segundo ano) para, quem sabe, seguir na carreira acadêmica e ter a chance de, futuramente, poder instruir na UFF, universidade a qual me proporcionou tantas oportunidades e para a qual eu gostaria de poder trazer ao menos um pouquinho do que vivi lá fora. Um pouco do conhecimento e da motivação para incentivar novos alunos a também conhecerem e transformarem o mundo à sua volta.

Toda essa experiência me transformou de uma maneira que, se antes eu tinha vontade apenas de conhecer novos ares, hoje, com o que eu pude vivenciar, eu anseio mais que isso. Anseio poder ajudar na transformação do nosso país, que ainda é subdesenvolvido, para que cada vez mais pessoas possam ter mais acesso a uma qualidade de vida que ainda é privilégio de poucos.

COMO ENRIQUECI A MINHA BIOGRAFIA

BEATRIZ VILHENA ALVARENGA^[1]

Fazer mobilidade acadêmica no exterior é para poucos. O Brasil ainda não dispõe de uma distribuição de renda e acesso democrático à educação que permita essa experiência para a maior parte da população. Mas, eu tenho um orgulho enorme em saber que fiz parte de um processo de abertura das fronteiras da Universidade Federal Fluminense (UFF) para o exterior, de democratização da internacionalização em seus diversos aspectos. Foi um processo intenso, duro e bonito, muito beneficiado pelo momento político e econômico do Brasil e de sua política externa. Sigo na esperança de dias melhores.

Fiz o meu ensino médio no Colégio Pedro II, Unidade Centro. E isso mudou a minha vida. Quando entrei na UFF e, finalmente, fiz a minha mobilidade internacional, eu já entendia, na teoria, a imensidão do mundo e o quão pertencente a ele eu era. O Pedro II tem essa tradição de tornar seus alunos cidadãos conscientes da sociedade e da diversidade que a compõe. Foi nos meus anos de ensino médio que entendi, de forma muito ingênua, mas ainda assim genuína, que queria trabalhar na Organização das Nações Unidas (ONU) (clichê. Eles existem por um motivo). Fiz diversas simulações da ONU para estudantes do ensino médio, em que tomamos o lugar de um dele-

^[1] Graduada em Relações Internacionais pela UFF. Foi intercambista na Concordia University (Canadá) em 2012.

gado representante de algum país em um órgão da instituição, estudamos e entendemos o posicionamento daquele país e pronto. Daí para a frente é tomar aquele ponto de vista para si e negociar. Ali eu aprendi muito sobre empatia, sobre olhar com os olhos do outro e lutar lutas que não eram minhas. Já representei a República Tcheca ao Chile, já participei de simulações do grande Conselho de Segurança, até momentos históricos como o Tribunal de Nuremberg. Durante essas experiências, eu vi que as fronteiras impostas no mundo são cruéis e não se limitam à divisão entre os países.

Quando fui para o Canadá, no segundo semestre do ano acadêmico brasileiro (mas primeiro do ano acadêmico de lá), eu já estava no mercado de trabalho há seis anos. Trabalhei em diversos cargos que não guardavam qualquer relação com “o que eu queria para minha vida”, mas que me ajudavam a viver a vida e contribuir para a circulação do dinheiro. Entrei para o curso de Relações Internacionais (RI) em uma Universidade particular, porque não havia nenhum, nas públicas do Rio, mas terminei pedindo transferência para a UFF na primeira chamada quando foi aberta a transferência externa. Apesar de já ter três anos e meio de faculdade cursada antes da transferência, preferi seguir em uma instituição que estava muito mais próxima do que eu acreditava para o mundo e para minha carreira.

Foi em novembro de 2011 que eu, terminando o 4º semestre de RI na UFF, soube de uma vaga de estágio na Diretoria de Relações Internacionais (DRI) da universidade. E ali comecei o meu entendimento prático da imensidão do mundo e do quanto eu jamais poderia imaginar como pertencço a ele. Eu nunca tinha saído do país, apesar de a minha cabeça já ter visitado muitos deles. O sonho de trabalhar na ONU foi substituído pelo encantamento de contribuir para as vidas que por ali passavam, viabilizando uma experiência que ia mudar a vida deles e a minha. É claro que falo de uma perspectiva muito particular, de quem trabalhou e se beneficiou dos serviços prestados pela DRI (que hoje é a SRI) e não consigo imaginar falar

dos benefícios da minha mobilidade sem fazer todas essa introdução que fiz, porque só fui estudar no Canadá porque, ao conseguir esse estágio, fui capaz de desconstruir a sensação de que fazer a mobilidade estava muito fora do meu alcance. E esta se tornou uma das minhas lutas diárias desde então. Mostrar a cada estudante que era possível e, quando voltei do Canadá, o fiz com ainda mais paixão, porque sabia que não só era possível, como era incrível. Um divisor de águas na vida de qualquer pessoa prestando a mínima atenção no que se passa em sua vida.

Como eu disse, nunca tinha viajado para o exterior quando consegui a vaga para estudar na Concordia University e tudo foi novidade. Nunca tinha tirado passaporte, nunca tinha feito um teste de proficiência internacional e nem juntado todos os documentos que a embaixada canadense pedia para o visto. Mas desde a decisão de me candidatar, eu já ganhava outra postura com a vida. Já sabia do investimento financeiro necessário, de tanto ver isso no dia a dia do estágio, e sabia mais do trabalho e da relação quase diplomática envolvida no processo de candidatar um estudante da sua instituição para representá-la em outra, no exterior. Esse peso nem todo mundo carrega, claro. Acredito que esteja diretamente relacionado ao fato de que eu estava ali dentro e via como era suado conseguir cada vaga para cada estudante e como as histórias dos estudantes eram diversas e envolviam esforço e renúncias muito particulares.

Talvez o que tenha sido mais impactante, ainda nesse início, foi perceber que apesar de nunca ter saído do país até ali, eu finalmente sairia. Dos mais de 30 mil estudantes da UFF, menos de 300 fizeram mobilidade naquele ano, se não me falha a memória. Todos os outros seguiram sua rotina sem, muitas vezes, saber que existiam bolsas que poderiam amenizar a dificuldade financeira para viver essa experiência. Isso mudou um pouco com o Ciência sem Fronteiras, mas essa é outra história.

O processo de aplicação para a Concordia University foi cheio de altos e baixos e um jovem estudante médio talvez sinta a pressão. Eu senti. Fiz o teste de proficiência do inglês e tirei 90. Concordia exigia 90. Uma etapa tinha sido vencida. Mas ainda tinha a espera interminável pelo aceite, que chegou, mas não veio acompanhado da bolsa para a qual havia me candidatado em paralelo. Esse foi um golpe doído. Estava indo com cada centavo contado para dar certo. Eu disse que trabalhei durante muitos anos antes disso, não disse? Mas vivia com meus pais esse tempo todo, então sempre tinha onde me abrigar. Se decidisse ir para o Canadá sem a bolsa, não ia ter o teto e a comida dos meus pais garantidos todos os dias. Valia a pena correr esse risco? Fiz muitas contas, sofri um bocado por antecipação, consegui alguma ajuda e decidi me jogar. Ainda bem. Cada desafio desse processo inicial, e isso era algo que eu falava para os alunos, quando voltei da mobilidade e segui trabalhando na DRI, é um preparo para tudo que você vai viver quando estiver no exterior.

Tudo pronto. Muita pesquisa na internet, muita dúvida na hora de escolher uma acomodação, inseguranças mil, mas nenhuma dúvida de que era o grande momento da minha vida, então embarquei. Fui no mesmo voo que uma amiga, que ia para uma cidade a uma hora e meia de Montreal. Nenhuma de nós duas havia saído do Brasil, servimos de apoio uma para a outra antes, durante e depois, quando batia a saudade daquele mundo paralelo que vivemos.

Se alguém perguntar à minha família, vão dizer que eu “fui abduzida” no Canadá e voltei outra. É o jeito deles verbalizarem as mudanças que essa mobilidade me provocou. Foram cinco meses fora, voltei no dia em que ia acabar o mundo, 21/12/2012. Talvez aquele mundo que eu conhecia e que deixei aqui tenha mesmo acabado pra mim. Os perrengues que passei, as pessoas que conheci, os lugares que visitei, as aventuras que escolhi viver, as possibilidades que se apresentaram. Tudo isso me transformou e é o que vou contar agora.

Eu, primeiro, aprendi que precisaria ter fé nas pessoas. Cética como sou, mas radical como era, tive dificuldade em entender que havia pessoas em quem efetivamente poderia confiar sem que isso se transformasse em uma relação monetária. Reservei um quarto em um apartamento cheio de estudantes, ainda do Brasil e o dono do apartamento se ofereceu para buscar minha amiga e eu no aeroporto. Hoje, lendo isso, percebo o potencial risco, mas naquele momento eu só confiei. E ter dado tão certo me ajudou a entender que existe esse outro tipo de relação humana, que não me era tão familiar. Minhas bagagens foram extraviadas e, além de ficar horas no telefone, em inglês, com a companhia, tive que comprar algumas roupas. Esse senhor, gentil que era, nos levou a uma loja de roupas de segunda mão para que eu comprasse algumas peças temporárias. Outro aprendizado. Lojas enormes de roupas de segunda mão? Os brechós aqui no Brasil eram pouquíssimos na época e não estavam tão “na moda”. Perceber como as pessoas vendiam suas roupas e eram disponibilizadas em ótimo estado e preços baixinhos para que outras pessoas tivessem acesso foi bonito demais de ver e uma das primeiras coisas que o Canadá me mostrou. Não acumular e fazer circular na sociedade. É como eu disse no início do texto, eu tinha uma ideia disso na teoria, mas na prática não tinha visto. Se já não era uma acumuladora profissional, de lá pra cá perdi as contas de quantas vezes vendi e doei tudo o que tinha e comecei do zero de novo. Não é para todo mundo, mas me dá uma sensação muito boa.

Passada a turbulência das malas, minhas aulas iam começar e eu, tímida que sou, entendi que se não me jogasse, o inglês não ia destravar nunca. O Ciência sem Fronteiras estava recém-implementado naquela época, mas a colônia de estudantes brasileiros já era suficiente para nós conseguirmos ficar confortáveis naquela bolha e não a extrapolar.

A colônia de estudantes brasileiros merece, também, destaque. Porque ali se fortaleceu muito de um orgulho que eu sempre tive,

mas não sabia bem como era. Eram outros tempos e nós andávamos com nossas bandeiras do Brasil por todos os cantos em que íamos. Uma alegria sem fim de representar esse país que possibilitou nossa estadia no Canadá, orgulhosos de sermos bem recebidos e reconhecidos como um povo gentil (*sin piernas, pero que camina*) de um país que todos sonhavam conhecer. Fizemos, deste grupo de 10 a 15 estudantes, lar. Nos encontrávamos uma ou duas vezes no mês para fazer feijoada (que eu não gostava quando estava em casa, mas que tinha o melhor sabor de casa quando estava viajando) com farofa, brigadeiro, beber guaraná Antártica e cachaça (outra que eu também nunca fui muito chegada). Pode parecer bobo, mas recarregava as energias para apreciarmos as diferenças.

O Canadá é um país que recebe muitos imigrantes, estudantes ou não. Montreal é, então, uma das maiores cidades do país, geograficamente distribuída em bairros ingleses e franceses e extremamente cosmopolita. Eu fui sem falar uma palavra de francês, mas era recebida em cada loja que entrava com um simpático “Bonjour, hi!”, de onde se espera que a pessoa responda no idioma de sua preferência e daí segue-se a conversa. Eu não conseguia imaginar um atendimento mais simpático e eu não sei se acontece com as outras pessoas, mas eu fui me desmontando inteira dos muros que tinha na minha cabeça com tanta gentileza, boa vontade, senso de comunidade e cuidado com o outro. Isso se expressava desde o atendimento no escritório internacional da faculdade, até o vendedor da pizzaria baratinha que tinha na estação do metrô. Que delícia foi não me sentir uma estranha e não receber olhares tortos por conta do meu sotaque.

Tem uma coisa boba que eu tenho na memória, logo que cheguei e comecei a passear pela cidade. Notei o quanto eles tinham charizes, riachos e espaços aquáticos para crianças brincarem, tudo isso no centro da cidade. Eu olhava e ficava impressionada com a forma da utilização da água para o entretenimento e embelezamento urbano. Eram espaços de concreto, que soltavam esguichos de água

de tempos em tempos e as crianças, em pleno verão canadense, brincavam até cansar. Até hoje me pego pensando por que o Brasil, tão bem servido de água, não usa mais disso, mas é claro que são cenários sociais completamente diferentes. Ter a possibilidade de observar o diferente, reconhecer que não é a mesma coisa e pensar formas de adaptar isso para a minha realidade também foi algo que trouxe comigo dessa experiência. E isso não foi só com o aproveitamento da água nos espaços urbanos.

Dividi o apartamento com uma canadense de Ontário e uma italiana, que vivia mais em Nova Iorque do que em Montreal. Entender os costumes de cada uma de nós, as diferenças e como faríamos isso funcionar para manter a casa limpa e organizada foi um desafio, mas que só me trouxe benefícios. A canadense, que eu poderia imaginar que tinha uma vida mais tranquila ali, já que não tinha vindo de outro país, era a que tinha a vida mais corrida, porque ela estava vivendo o dia a dia dela e não em um intercâmbio, então não existia, na rotina dela, uma licença pelo “estado de exceção”. O meu dia a dia era muito mais flexível e eu me permiti ser menos chata e regrada com questões de organização e distribuição de tarefas. Não sei nem dimensionar como isso me fez uma pessoa mais leve dali para frente.

Outubro foi chegando com uma leve nevasca seguida de um veranico, que é uma semana de outubro em que o clima nos dá a oportunidade de nos despedirmos do calor e embarcarmos, de vez, no frio. Foi no inverno canadense, com direito a metro de neve na calçada, que eu entendi que o extremo inverno não é só a neve linda e branquinha e um belo casaco. O frio não é só sobre ter uma cidade extremamente preparada, uma universidade que se conecta pelo subterrâneo, para não precisarmos nos expor aos -20° C e pontos de ônibus aquecidos. Aquele frio é sobre uma cultura completamente diferente da nossa, é sobre ficar em casa mais do que tudo, tomar chá, socializar muito menos do que estava acostumada, sobre abrir estações de metrô e abrigos para receber quem não tivesse onde se aquecer e

sobre suicídio. Porque um frio extremo como aquele, que exige uma reclusão cansativa e solitária por tantos meses, não é para todos.

Uma escolha que fiz antes de viajar e que talvez não tenha sido das melhores foram as disciplinas que iria cursar em Concordia. Eu sabia que faria francês, porque achava um desrespeito voltar do Canadá só com o meu “bonjour”, mas e o resto? Embarquei de vez no meu estado de exceção e fiz disciplinas que me interessavam e não teria a oportunidade de fazer na UFF. E esse é um conselho que dei para cada um dos alunos que aconselhei depois disso. Fui para o intercâmbio sem contar os meses que isso adiaria a minha formatura e é o que recomendo para todos, porque a menos que da sua formatura dependa o sustento da sua vida, o intercâmbio vale cada segundo adiado da colação de grau. Aprendi não só sobre Direito Internacional sob a perspectiva canadense (e com professor americano), ou sobre os conflitos recentes do Oriente Médio, que me permitem, hoje, fechar os olhos e ver o mapa inteiro da região na cabeça. Aprendi todas as coisas que já disse aqui neste artigo e mais, coisas que eu talvez nem tenha me dado conta. A única coisa que não aprendi, mesmo, foi francês, mas até nisso eu entendi que era preciso respeitar os meus limites e isso não representava qualquer desrespeito com os moradores de lá.

Durante a mobilidade, consegui fazer, ainda, algumas viagens curtas para cidades próximas e isso, tanto quanto as viagens dentro do Brasil, me deram a dimensão da diversidade que compõe o Canadá e o mundo. Enquanto Montreal era uma cidade enorme para os padrões canadenses e com influências inglesas e francesas, Ville du Québec é francesa até o último tijolinho e só fala francês, enquanto Ottawa tem um aspecto muito mais inglês e segue este mesmo idioma. Eu não sei se escrevendo consigo passar isso, mas é belíssimo entender que eu nunca tinha saído do país e consegui ver, viver e trocar com pessoas de todos os continentes e conhecer lugares tão diversos e lindos em uma única viagem.

Voltei para o Brasil outra. Mudei o corte do cabelo antes mesmo de voltar, inconsciente de que era um movimento tão significativo da nova vida que eu estava abraçando. Com a certeza de que o Brasil era o meu ninho, mas que não deixaria de voar pelo mundo afora nunca mais. A partir dali fiz muitas viagens e um mestrado fora do país, mas das coisas que guardo com mais carinho: eu trabalhei com muito mais amor, com muito mais vontade de que cada estudante pudesse ter acesso àquela experiência e que fossem conscientes de que não era “apenas” uma experiência acadêmica.

Sim, meu inglês ficou incrível. Sim, eu aproveitei as disciplinas como atividade complementar. Sim, isso pesou no meu currículo quando mudei de emprego. Mas, eu entendi, no auge da minha presunção dos vinte e poucos anos e de forma inexorável, que a vida é muito mais do que eu imaginava, que há muito mais para se viver. E me permiti. Obrigada, UFF, por me permitir também.

MINHA EXPERIÊNCIA NA UFF

LEMBRANÇAS DE UM MEXICANO PERDIDO NO BRASIL

BRUNO MICHEL WILLIAM LEMONNIER LAVIN ^[1]

Como começar a falar sobre tudo o que eu experimentei como estudante na UFF?

Minha experiência na UFF começou em agosto de 2016, depois de ter ganhado uma bolsa do governo mexicano para fazer estudos no estrangeiro. Eu tinha 21 anos quando eu cheguei na cidade maravilhosa, Rio de Janeiro, na última semana dos Jogos Olímpicos. Foi a primeira vez da minha vida que eu morava num outro país sozinho. Nos primeiros dias, eu fiquei na casa da família da Marina, uma amiga que eu tinha conhecido um ano atrás, na minha universidade (UAM). Ela estudava História na UFF e foi fazer intercâmbio aqui, na Cidade do México. Um ano depois, eu estava fazendo a minha mobilidade para o Brasil.

Quando eu viajei para o Rio, esperava conhecer sobre outra cultura, outra maneira de perceber a realidade, aprender uma outra disciplina, outra língua, mas não esperava encontrar tudo o que eu encontrei. No México eu sou estudante de Comunicação, na UFF, eu fui estudante de Psicologia. Quando eu cheguei neste país, estavam

^[1] Graduado em Ciências da Comunicação na Universidad Autónoma Metropolitana (México). Foi intercambista na UFF em 2016.

acontecendo muitas coisas: Jogos Olímpicos, escândalos da corrupção, o *impeachment* de Dilma, o inconformismo com o governo de Temer, a crise política e econômica, as eleições pela prefeitura do Rio e Niterói. Eu vivi a experiência completa!

Desde a primeira noite no Rio de Janeiro, tudo foi muito impressionante para mim. Nesses dias, eu tinha começado minha aventura duas semanas antes de começar as aulas, então eu queria conhecer tudo: a cultura, a dança, a comida e o povo. Era a última semana dos Jogos Olímpicos. Lembro muito bem dessa noite, na praça perto do Museu do Amanhã. O Brasil estava na final do futebol dos Jogos Olímpicos. Antes da partida teve uma música incrível da Dona Onette, fazendo um dos espetáculos mais memoráveis que vi na minha vida. Era uma música diferente, com o som dos instrumentos invadindo todos os sentidos, a gente dançando e bebendo cachaça na rua. Mais tarde, o Brasil ganhou a medalha de ouro no futebol e essa noite foi uma loucura: todos dançavam felizes. E assim, foi a primeira noite no Brasil.

Nesses dias eu fui mais um turista. A primeira coisa que eu conheci foi o Jardim Botânico, um dos lugares mais lindos que eu vi no RJ, além de Ipanema e o centro do Rio. A Marina trabalhava nesses dias no Museu do Amanhã e, entretanto, ela fazia “os recorridos” (os passeios), eu só caminhava pelo centro, olhava para todos lados, perdido nas ruas encantadoras dessa cidade. Depois de uma semana de ficar na casa da minha amiga, eu comecei minha aventura em Niterói. Aluguei um quarto perto de Icaraí para começar os cursos de “indução” (introdução) para estudar na UFF. Foi lá que eu conheci muitos dos meus amigos atuais. Eu acho que nesse momento, só na UFF, tinha 70 estudantes internacionais. Cada um de nós tinha um “padrinho”, um brasileiro estudante da UFF que ia nos ajudar com qualquer trâmite ou dúvida. A Carol, minha madrinha, foi muito boa comigo, pois eu tive muitos problemas para fazer o trâmite na polícia para o “visado” (visto). Até eu perdi meu passaporte um dia! Mas, felizmente, alguém o encontrou e levou para a UFF.

As aulas também foram muito legais. Eu escolhi cinco disciplinas: Psicometria, com a Michelle, teorias da Gestalt, com o Valmir, Psicologia Social, com a Silvana, aulas para aprender Português, com a Adriana e práticas transdisciplinares, mas não lembro com quem. Nesse tempo, eu tinha muito interesse pela Psicologia, e sendo estudante da Comunicação, foi muito gratificante complementar meus estudos com uma outra perspectiva. Eu acho que as aulas que mais gostei foram Psicologia Social e a aula do Português para estrangeiros. Na primeira, estudamos os movimentos sociais desde a perspectiva da macro e micropolítica, que é sobre a construção das micropolíticas (ou seja, a produção das forças que criam uma dinâmica dentro duma sociedade, nosso dia a dia) e de os jeitos de como os povos mantêm uma integridade a todos os níveis: educação, política, cultura, religião, identidade, tradições, etc.; para assim criar forças de produção de sentido. Estas formas constituem o que chamamos de macro política, ou seja, a maneira de criar estruturas que mantêm uma certa ordem.

Sobre as aulas de Português, foi lá onde aprendi sobre a história, as expressões e os jeitos próprios dos brasileiros. A Adriana, além de nos ensinar gramática portuguesa, ela nos falava sobre outros aspectos do país, por exemplo, quem era Getúlio Vargas, a sua perspectiva sobre a ditadura, o que era o frescobol, a origem do carnaval, a diferença entre o sotaque carioca e o paulista, sabem? Era uma aula para nós como estrangeiros perguntar sobre o que percebíamos nas ruas, tipo a gíria de Niterói, fazer a pronúncia correta, pedir um suco em Copacabana etc.; esses pequenos detalhes que uma pessoa deve saber para conhecer o Brasil. Também nos ensinava expressões com a música do rock brasileiro e nos relatava a história dos músicos. Fazer esse descobrimento foi como nascer de novo. Até agora, eu não paro de ouvir a música da Legião Urbana, Os Paralamas do Sucesso, Raul Seixas, Caetano Veloso etc.

Na minha vivência mais pessoal, eu conheci muita gente que agora é importante na minha vida. Ainda tenho amigos que eu fiz no Brasil, nacionais e estrangeiros. Eu lembro o maravilhoso que

era morar perto da praia, lá em Icaraí, o sol de Ipanema, o futebol nas ruas, os salgados (especialmente a coxinha do frango), o funk e a Cantareira cada quinta-feira. Eu aprendi a falar um português quase perfeito. Uma curiosidade na minha vida, é que quando eu acabei meus estudos, meu primeiro trabalho foi como tradutor de português. E até hoje em dia, eu trabalho como tradutor dessa língua maravilhosa.

Mas, como estudante de Ciências Sociais, gosto de olhar para as outras culturas, especificamente sobre a sua situação política. Eu comecei a estudar e percebi que muita gente estava infeliz com o que estava acontecendo com a política brasileira. Eu só tinha dois meses estudando e as aulas foram canceladas pela ocupação, em protesto contra a PEC 55. Acho que aprendi muito mais nessa ocupação que nas aulas. Perceber um protesto social no Brasil foi interessante, mas ao mesmo tempo muito triste, pelas diversas situações injustas. Acho que esse movimento foi o resultado de muitos fatores que empurraram os estudantes, os professores e cidadãos conscientes a protestar contra um sistema corrupto e que a PEC 55, sem dúvida, era uma proposta que prejudicava diretamente o povo brasileiro e chamava a um retrocesso social.

Parece-me emocionante a resistência que alunos e professores fizeram para impedir que a PEC 55 fosse aprovada no congresso. No dia que começou a ocupação eu estava na UFF, nas aulas de Psicologia Social com a professora Silvana Mendes e gostei muito como todos (ou quase todos), estavam a favor de ocupar os prédios do Gragoatá para fazer essa resistência e lutar contra tudo que achavam injusto. Eu tentei observar, participar; entretanto é difícil quando você se encontra fora do contexto, mas eu fui para a ocupação, participei de umas discussões e até fui a Brasília para um protesto que aconteceu lá (eu fui para documentar o processo, não para protestar, pois como estrangeiro eu não podia), com uma amiga francesa, Charlotte, que morava comigo numa república de estudantes, na praia de Icaraí.

Não sei quem ganhou ou quem perdeu, mas para mim, só resistir já é ganhar. A ocupação, na minha opinião, criou um novo sentido, uma maneira diferente de falar, de atuar e de pensar a situação atual, para mim e para os demais.

Pessoalmente, eu me senti muito identificado porque nessa época a situação política no meu país também era injusta, mas honestamente, no México não fazemos protestos tão poderosos como aqueles que eu experimentei, e também acho que o brasileiro tem uma identidade política mais íntegra do que os meus paisanos. Essa foi uma das melhores experiências que eu poderia ter tido, pois aprendi novas maneiras de experimentar a política.

E depois desses anos, eu acho: ocupar um espaço público como é a universidade é uma maneira de resistir, de lutar contra tudo o que não é justo. Se falasse de minha experiência pessoal, poderia dizer que a situação no meu país é a mesma (falo da injustiça social, a ineficiência do sistema, o pouco interesse do governo para melhorar a educação, etc.), e também um problema que tem em toda América Latina: a corrupção, a impunidade, a passividade do povo, a violência cultural, o machismo etc.... Mas também aprendi que tem gente que faz a resistência, que luta para manter os direitos, que tenta criar espaços de discussão e que tenta ter uma educação de qualidade.

Voltando para a minha experiência mais pessoal, eu também conheci algumas cidades importantes no Brasil. A primeira viagem que eu fiz foi para Ilha Grande, com um grupo extenso de estudantes de outras universidades que estavam fazendo sua “estância” (estadia) no Rio de Janeiro. Foi lá onde eu conheci a palavra “trilha”, eu percorri caminhos muito bonitos nessa ilha, conheci gente muito especial e foi para umas das praias mais bonitas que eu tinha visitado.

Mais tarde, em outubro, aproveitei a ocupação para fazer uma pequena viagem para o estado de Minas Gerais. O primeiro destino foi Belo Horizonte. Viajei com duas amigas da Alemanha. BH foi muito melhor do que eu esperava, mas eu fiquei apaixonado por

Ouro Preto, aquela cidade colonial de pequenas ruas com muita vida. Depois visitamos São João del Rei e Tiradentes. Foi uma das melhores excursões no Brasil.

Mesmo com a greve no Brasil, chegaram as feiras de Natal. Como eu estava longe da minha família, fui convidado pela família da Marina para passar o Natal na sua casa de campo em Tiradentes. Era a primeira vez que eu não celebrava o Natal no México com a minha família, mas eu me senti muito bem de ter experimentado esse dia com uma família brasileira. Até os pais dela fizeram um pequeno presente para mim, e eu que gosto de cozinhar muito, eu fiz um bolo de maçã para a família. Depois, voltei para o Rio e passei o Ano Novo em Copacabana com a galera estrangeira.

Para princípios de janeiro, voltamos às aulas. Eu acho que aquela ocupação se estendeu por quase três meses, desde finais de outubro até janeiro. Então, para mim, a experiência acadêmica foi um pouco deficiente, mas a aprendizagem política foi mais gratificante que ter estudado movimentos sociais nas aulas. Nós voltamos para as aulas em janeiro, no meio do verão quente e com o carnaval perto, infelizmente, eu não pude experimentar o carnaval carioca. Mas sobre os últimos dias nas aulas, fizemos reflexões sobre a ocupação, eu escrevi um pequeno texto sobre a minha opinião do que eu experimentei e depois eu apresentei o meu trabalho numa roda de reflexões no *campus* do Gragoatá. Os professores foram muito flexíveis comigo, eu fiz provas para voltar ao México com as minhas notas. Acho que a média foi muito boa, tipo 9.5.

Meu último dia no Brasil foi 28 de janeiro de 2017. Eu acordei, me despedi dos meus amigos, alguns iam ficar mais tempo, outros também estavam se despedindo da cidade, e da vista do Cristo Redentor que guardava toda a Baía de Guanabara. Peguei o ônibus para o aeroporto. Fiquei triste pensando que aquela aventura tinha chegado ao seu fim, mas muito feliz de tudo o que eu tinha aprendido. Espero algum dia voltar para o Rio, para Niterói e visitar a UFF.

SANDUÍCHE ITALIANO

SABOROSA MISTURA DE EXPERIÊNCIAS PESSOAIS,
INVESTIGAÇÕES ACADÊMICAS E NOVAS
PERSPECTIVAS SOBRE O PATRIMÔNIO URBANO

CARINA MENDES DOS SANTOS MELO^[1]

Podemos dizer, em linhas gerais, que cultura é o conjunto de aspectos do comportamento humano que nos caracteriza e nos afilia a um determinado grupo. Ao mesmo tempo que nos distingue, nos une. Ao mesmo tempo que nos afasta, nos aproxima. Entender outra cultura por meio de livros, relatos, fotos e vídeos não nos dá a dimensão deste conjunto de características que dizem respeito ao outro. Em geral, para sair do olhar idealizado ou caricaturado de outra cultura é preciso conhecê-la mais a fundo, submergir, vivenciar, experienciar. Hoje, a disponibilidade de acervos digitais, a facilidade de reuniões *on-line*, a possibilidade de fazer percursos virtuais por cidades em toda parte do mundo pode criar uma visão distorcida de que os intercâmbios estão perdendo espaço, mas acredito que não seja verdade.

Eu estudo e trabalho com o patrimônio cultural. Meu tema, mais especificamente, é o patrimônio urbano, as cidades, seus tempos e espaços. Seus grandes monumentos e suas casinhas, suas amplas avenidas e suas estreitas ruas e vielas, e também suas gentes — moradores, usuários, visitantes — e os valores que se tecem nessa

^[1] Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela UFF. Realizou doutorado-sanduíche na Università degli Studi di Napoli - Federico II (Itália) em 2018.

rede de relações. A Itália é mundialmente conhecida pela riqueza de seu acervo patrimonial, pela quantidade e qualidade, pelas suas belas cidades, paisagens, comidas, músicas, e mesmo pelo modo de ser do italiano, expansivo, exagerado e gesticulador. As camadas de história que se sobrepõem e se justapõem em seus tecidos urbanos são um orgulho nacional e um atrativo para turistas de toda parte do mundo. Para aqueles que lidam com o patrimônio cultural, como eu, é comum admirar esta presença e capilaridade do tema no território italiano e querer estudar, compreender melhor as práticas de proteção e conservação naquele país. Afinal, como fazem para preservar tamanho acervo?

Eu trabalho no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), desde 2006, órgão do governo federal responsável pela implementação de políticas públicas voltadas à proteção do patrimônio cultural nacional. Foram as dificuldades e mesmo alguns entraves com os quais me deparei durante meu percurso no IPHAN, que me levaram a fazer o doutorado no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense, UFF, em 2016. Já no início dos meus estudos, ao perscrutar as vulnerabilidades da gestão do patrimônio urbano aqui no Brasil, alimentei a ideia de investigar como eram as práticas de proteção de outros países, e, nesta esteira, especialmente a Itália pareceu-me uma fonte preciosa.

Em minhas primeiras incursões na pesquisa, algumas questões se mostraram primordiais e evidenciaram-se como guias para o estudo do caso italiano. Qual era o histórico da ação de proteção? Que leis serviam de base à atuação? Como era a rotina de funcionamento do órgão de preservação? Quais os impasses que os atores envolvidos na proteção enfrentavam no dia a dia?

A oportunidade de estudar um período no exterior se consolidou em 2018 com uma bolsa do PDSE, Programa de Doutorado-sanduíche no Exterior, da CAPES. Minha primeira proposta era fazer um

estudo comparado – Brasil e Itália – talvez investida de um olhar um tanto idealizado, e europeizado, de buscar uma fórmula, encontrar um caminho para nossos problemas espelhado no outro. Essa ideia, contudo, se dissolveria de forma gradativa ao conhecer mais profundamente a realidade italiana, suas instituições, cidades e pessoas.

Meu porto seguro foi a Universidade de Nápoles Federico II (*Università degli Studi di Napoli - Federico II*), onde fui muito bem acolhida pelo meu supervisor, Prof. Dr. Andrea Pane, que me deu todo o suporte necessário e indicou alguns profícuos caminhos para desenvolver minha pesquisa. Já no primeiro momento, presenteou-me com a participação em um *workshop* na Ilha de Capri, junto com os alunos do Master em Patrimônio. Foram cinco dias de atividades, em que me integrei aos grupos de desenvolvimento de projetos de restauração para a Certosa de Capri, um monumento bellissimo encravado na paisagem verde e azul da ilha (Imagens 1 e 2). Desafio pessoal e profissional, fruto da necessidade de elevar um italiano ainda desajeitado e inseguro ao nível de debates acadêmicos e assim contribuir com os trabalhos do grupo.

Imagem 1. Ilha de Capri



Fonte: Acervo pessoal

Imagem 2. Atividades do *Workshop* na Certosa de Capri



Fonte: Acervo pessoal

Aliás, os desafios pessoais e acadêmicos permearam a experiência do começo ao fim. A ida a um arquivo, por exemplo, era sempre uma aventura, desde descobrir como chegar ao prédio até encontrar os documentos desejados. Do deslocar-me na cidade ao localizar-me entre caixas. O mesmo ocorria nas bibliotecas, até que a rotina e a confiança gradualmente conquistadas permitiam sentir-me em casa, por entre as estantes e os livros, os funcionários e os alunos. Nas aulas, uma rede de relações mais pessoais ia se formando pela afinidade e, por vezes, extrapolavam a rotina acadêmica.

As aulas alimentaram tantas outras reflexões. Teve uma em particular que me marcou especialmente, já que tratou de um teórico de restauração que ainda hoje utilizamos como constante referência aqui no Brasil para analisar intervenções em edifícios e mesmo em conjuntos urbanos. Trata-se de Cesare Brandi, teórico que, juntamente com outras figuras expoentes do cenário italiano, ajudou a consolidar a corrente do “restauro científico”. Aqui no Brasil eu tinha acesso ao seu livro fundamental, *Teoria da Restauração*, traduzido e publicado em 2004, mas com as aulas descobri a existência de outros. Por entre os sebos das vielas de Nápoles pude adquirir alguns deles, o que me forneceu um universo amplo de possibilidades e leituras.

Pelas aulas e bibliotecas, a universidade se tornou meu ponto focal na cidade. A partir dela pude descobrir e vivenciar o tecido urbano que a contornava. Descobrir os cafés, restaurantes e bares que cabiam no meu bolso de estudante, os museus e livrarias que serviam à pausa do almoço, as ruas de comércio e o calçadão à beira-mar que permitiam o passeio noturno para arejar a mente. Estas percepções da cidade e da apropriação dos espaços foram fundamentais para alimentar minhas reflexões da pesquisa, pois era especialmente esse o meu tema de estudo.

Selecionei algumas áreas de Nápoles para me servirem de estudos de caso. Minha análise sobre o patrimônio urbano tinha o propósito de entender as relações que se estabeleciam entre a arquitetura e o tecido urbano em que estava inserida esta arquitetura, para assim refletir sobre os valores patrimoniais que seriam necessários preservar. Transitar por estes espaços, observar os sutis componentes culturais ali presentes, conduziram-me à noção de ambiência. Trata-se de uma forma de abordagem que:

ênfata a atividade de percepção dos sujeitos e o papel das práticas sociais na concepção sensível do ambiente construído permitindo, dessa forma, que se preste maior atenção às tonalidades afetivas da vida urbana (THIBAUD, 2012, grifos nossos).

Sendo assim, pensava, para além de seu patrimônio construído, o que seria Nápoles sem suas pessoas, cores, sons, cheiros e sabores?^[2]

Como acabei morando em uma região mais periférica, uma pupila do meu supervisor acolheu-me diversas vezes em sua casa, o que foi uma experiência fantástica. Ela morava no centro histórico de Nápoles, isto é, na parte mais antiga da cidade, próximo também à universidade (Imagem 3). Nesta área localizam-se inúmeros equipamentos culturais e artísticos: igrejas, mosteiros, obeliscos, museus etc. E foi transitando por estas ruas que pude melhor compreender

^[2] Sobre esta experiência, publiquei o artigo “Percepções de ambiências”, cf. Melo (2020).

o sentido de *estratificação histórica* a que tantos autores se referiam sobre a conformação das cidades italianas. Entre escavações arqueológicas subterrâneas e ao ar livre, catacumbas e fragmentos de construções medievais, as camadas históricas estão à mostra e dão uma dimensão visível e palpável dos diversos tempos do tecido urbano (Imagem 4).

Imagem 3. Viela do Centro Histórico de Nápoles



Fonte: Acervo pessoal

Imagem 4. Resquício da muralha medieval de Nápoles



Fonte: Acervo pessoal

A conformação das principais ruas do centro histórico de Nápoles remonta ainda ao período de dominação grega, muito antes de Cristo. No trecho mais antigo, as construções hoje existentes são o resultado de um acúmulo de séculos e foram erguidas até por volta do século XVI. Muitas eram, originalmente, grandes palacetes da aristocracia napolitana que com o passar dos séculos foram sendo subdivididas, abrigando diversas famílias.

Daria morava em um destes apartamentos de divisão incomum, inserido em um destes antigos palacetes. Entrávamos por uma pequena cozinha/copa; na sequência havia um banheiro confortável com banheira e bidê e depois dois quartos imensos, ligados por um corredor. Mas não só a distribuição dos cômodos chamara minha atenção, também o aspecto de antigo, ou de velho, do apartamento, do prédio, e mesmo de todo o centro histórico, que possui ainda hoje muitos trechos residenciais. Ainda que haja um debate no contexto italiano sobre a falta de conservação do centro histórico de Nápoles, impressionou-me a forma com que os habitantes e os usuários vivem e utilizam estas áreas mais antigas da cidade.

Havia uma diferença de postura em relação ao patrimônio. Para nós, brasileiros, a admiração pelo novo é mais presente. Mesmo nos casos de obras de restauração, o processo é considerado bem-sucedido quando a edificação parece renovada, os materiais lisos, tintas brilhantes, sem manchas, marcas, texturas. No caso italiano, a conformação mais antiga das cidades, a capilaridade do tema do patrimônio, presente em toda parte, e uma cultura da preservação já mais internalizada, sedimentaram para mim um entendimento de profunda diferença entre os dois países. Esta percepção afastou-me definitivamente da escolha por um estudo comparativo. O caminho era outro.

De fato, os encaminhamentos da pesquisa seriam totalmente diversos e talvez mais inconsistentes sem a experiência local. Nesse sentido, também as entrevistas que tive a oportunidade de realizar deram outra dimensão às minhas questões e permitiram compreender com profundidade a prática italiana de preservação, o que não seria possível somente pelo estudo das leis e leitura da bibliografia. Lembro-me de uma em especial, na Superintendência do Ministério de Bens e Atividades Culturais e Turismo (MiBACT), em Roma, em que fui recebida pelo arquiteto Rocco Tramutola, que trabalhava na Direção de Arte, Arqueologia e Paisagismo. Gentilíssimo, concedeu-me a tarde toda de conversa.

Cabe situar o leitor de que a legislação italiana divide a proteção em *patrimônio cultural* e *paisagem*, o que não ocorre no caso brasileiro. Tramutola explicou-me em detalhes as atividades do órgão pelo viés da paisagem, que é a grande aposta italiana para planejar ações voltadas ao território como um todo. Nesse sentido, instrumentos de planejamento, gestão e monitoramento vinham sendo desenvolvidos para este propósito. Aquela tarde foi fundamental para compreender todo este outro caminho da proteção do território italiano, que vem reforçando cada vez mais o caráter central e difuso que os temas do patrimônio e da paisagem vêm alcançando.

Refleti, assim, como a ideia fragmentada de patrimônios limita um maior alcance das ações do IPHAN e dos órgãos de patrimônio estaduais e municipais no Brasil. Percebi como a falta de compreensão mais ampla da importância do tema é sem dúvida um entrave. Fato é que o patrimônio cultural acaba sendo tema apreciado por poucos, por um grupo social (intelectuais, técnicos, burocratas etc.) que carrega o capital cultural (BOURDIEU, 2017) para compreendê-los e apreciá-los. Parte significativa da população brasileira não detém esse capital cultural e tampouco se identifica com o patrimônio formalmente reconhecido pelos órgãos oficiais. Isto porque há uma desigualdade nos processos de reconhecimento e proteção que acabam valorizando determinados temas, recortes e memórias em detrimento de tantos outros; em outras palavras, muitos grupos sociais não se veem representados no patrimônio tombado³¹ (SCIFONI, 2016).

Considerarei esse um ponto fundamental nas conclusões da tese, a representatividade social e a presença territorial do patrimônio. Nada me pareceu mais evidente do que tornar a prática relativa ao patrimônio urbano extensiva e capilar também no Brasil. Não por meio do modelo italiano certamente, mas investigando em nossa própria história e percorrendo os meios de promover semelhante difusão e compreensão do tema. Os italianos estão acostumados a viver em cidades antigas; faz parte de suas rotinas. É claro que o processo histórico e o aprendizado coletivo ocorreram de formas diferentes nos dois países. Assim, considerando a formação mais recente de nossas cidades e nosso olhar ainda um tanto colonizado e eurocêntrico, tendemos a valorizar a historicidade e o aprendizado dos outros países. Ou seja, findamos por não valorizar nossas próprias histórias, processos e patrimônios. É preciso mudar esse olhar.

³¹ O tombamento é o ato jurídico-administrativo de reconhecimento do patrimônio. Pode pautar-se em diversos valores como histórico, artístico, cultural, paisagístico etc. No IPHAN, a base legal para o tombamento é o Decreto-Lei n. 25, de 30 de novembro de 1937 que organizou a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional.

Essa experiência do período *sanduíche*, além de abrir portas para repensar tantas outras respostas às minhas questões, foi fundamental para enxergar a mim mesma, individual e coletivamente, enquanto brasileira. Ao redigir este relato, lembrei-me da conversa ficcional entre Marco Polo e Kublai Kan no livro *Cidades Invisíveis* de Italo Calvino. Em certo momento, Marco Polo responde que já havia descrito todas as cidades que conhecera. O Kan retruca que faltara falar de Veneza, sua cidade natal, no que Marco Polo responde: “— E de que outra cidade imagina que eu estava falando?”, e completa, “— Todas as vezes que descrevo uma cidade digo algo a respeito de Veneza”. Em outras palavras, tudo que vivenciamos em outros lugares, cidades, países, dizem muito a respeito de nós mesmos, pois são nossas bagagens e filtros pessoais que fazem nossas experiências serem únicas.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. Trad. Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira. 2. ed. rev. Porto Alegre: Zouk, 2017.
- BRANDI, Cesare (1963). *Teoria da restauração*. Trad. Beatriz Mugayar Kühl. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004. (Artes & Ofícios, 5).
- CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. 2. ed. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- SCIFONI, Simone. Práticas da preservação na França, México e Brasil: convergências de um debate. *Revista CPC*, v. 21, n. esp., p. 49-66, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/111910>. Acesso em: 02 out. 2021.
- MELO, Carina Mendes dos Santos. Nápoles: percepções de ambiências. *Arquiteturismo*, v. 14, n. 160.04, jul. 2020. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquiteturismo/14.160/7820>. Acesso em: 02 out. 2021.
- THIBAUD, Jean-Paul. A cidade através dos sentidos. *Cadernos PROARQ*, v. 18, n. 1, 2012. Disponível em: https://cadernos.proarq.fau.ufrj.br/public/docs/Proarq18_Acidade_JeanThibaud.pdf. Acesso em: 02 out. 2021.

A IMPORTÂNCIA DA MOBILIDADE INTERNACIONAL NA FORMAÇÃO CULTURAL E INTELECTUAL DO ALUNO

CHARLES ELEOTÉRIO GAMA^[1]

A Universidade Federal Fluminense e suas oportunidades

Ingressei na Universidade Federal Fluminense no segundo semestre de 2012. Antes, cursava Licenciatura em Matemática a distância também pela UFF. Mudar para a graduação em Políticas Públicas foi preciso, pois sonhava viver aquilo que a universidade pública pode proporcionar ao estudante.

Abracei as oportunidades que a universidade me ofereceu. Participei de eventos nacionais e internacionais, publiquei artigos em congressos, escrevi capítulos de livros e tive trabalhos acadêmicos aceitos para apresentar em outras universidades públicas brasi-

^[1] Graduado em Políticas Públicas pela UFF. Foi intercambista na Universidade da Beira Interior (Portugal) em 2014.

leiras e estrangeiras. Participei de programas de iniciação científica e fui voluntário em projetos acadêmicos dentro e fora da UFF.

Em 2013, comecei a trabalhar para ajudar minha família como ajudante industrial. No final do mesmo ano, precisei decidir entre o emprego e a universidade, já que a jornada laboral estava interferindo na minha formação. Conversei com meus pais e resolvi me dedicar somente à graduação. A partir dessa decisão minha vida mudou surpreendentemente.

Ainda em dezembro de 2013, me inscrevi para o processo seletivo de mobilidade acadêmica internacional da UFF. Logo no início de 2014, recebi a notícia de que tinha sido aprovado na primeira etapa do processo. No mesmo período, ganhei uma bolsa de desenvolvimento acadêmico que me ajudou financeiramente e contribuiu para o desenvolvimento dos meus estudos.

Ao ter sido classificado na fase final da mobilidade acadêmica, não pude conter as lágrimas. Afinal, essa era a oportunidade de um aluno do interior, pobre, que nunca tinha saído de sua cidade (Angra dos Reis), poder desfrutar de uma oportunidade tão grandiosa. Nesse sentido, Périco e Gonçalves (2018, p. 4) afirmam que:

a universidade desempenha papel fundamental de preparar os cidadãos para um mundo interligado e interdependente, com uma experiência educacional internacionalizada que permita o conhecimento e respeito pela diversidade cultural.

Meus familiares se alvorçaram com o resultado pois fui o primeiro membro na história da minha família a completar um curso de nível superior.

Foram várias reuniões em Niterói para ajustar todo o processo e tirar as dúvidas dos estudantes em relação à viagem. Tive, nessas reuniões da Diretoria de Relações Internacionais (DRI), a oportunidade de conhecer colegas que também tinham sido selecionados no

processo e iriam para o mesmo país de destino: Portugal. Com o passar do tempo, os laços de amizade se estreitaram.

Neste relato, destaco a importância do auxílio da minha orientadora de monografia, Prof^ª Dr^ª Priscila Erminia Riscado. Priscila sabia da minha inexperiência com viagens. Que seria difícil chegar a um país desconhecido, quando nunca se tinha deixado a própria cidade. Em um de nossos encontros antes da viagem, ela me deu muitas orientações para conseguir aterrissar em Portugal. Como meu voo tinha uma escala em Paris, tudo que poderia acontecer foi detalhado, até mesmo como eu deveria agir para realizar a troca dos portões de embarque no aeroporto Charles de Gaulle.

Embarquei no aeroporto internacional do Rio de Janeiro no dia 27 de agosto de 2014 e desembarquei em Lisboa no dia seguinte.

A chegada em Portugal...

Portugal me recebeu de braços abertos. Durante a primeira semana, me hospedei em Lisboa para conhecer a cidade. Em um primeiro momento, fui acolhido por amigos que fiz durante as reuniões da UFF, em Niterói: Ahmad El Gazzai e Carolina Miranda de Oliveira. Foi uma semana inesquecível. Por causa dessas reuniões, já compartilhávamos os medos, os anseios, e toda a emoção de um dos momentos mais importantes de nossas vidas.

Após essa semana, tomei um trem na estação Oriente, em Lisboa, em direção à cidade que eu moraria pelos próximos meses. Covilhã, Serra da Estrela, esse seria o destino das minhas aventuras futuras. Nesse ínterim, tive uns dias de solidão, pois nenhum amigo da UFF estava alojado nesta cidade. Precisei me reinventar, fazer novas amizades. Os novos colegas estudantes (brasileiros e estrangeiros) me acolheram como se fossem minha família. Nesse sentido, Mijares Núñez y Peña Deulofeo (2020) nos mostram que a comunicação in-

tercultural como forma de socialização cultural configura o comportamento e ajuda a construir suas atitudes.

Minha habitação ficava no prédio da residência universitária Pedro Álvares Cabral, conhecida como PAC. Ali, tive contato com estudantes de diferentes partes do mundo, pratiquei novos idiomas e aprendi muito sobre a cultura de outros países. Depois de uma semana, visitei a universidade e me matriculei nas disciplinas que tinha escolhido para o curso de Ciência Política e Relações Internacionais.

A Universidade da Beira Interior e a experiência acadêmica

Périco e Gonçalves (2018) são claros quando declaram que a internacionalização do ensino por meio da mobilidade internacional é uma oportunidade significativa para que os estudantes brasileiros ampliem seus conhecimentos e experiências. Tive a oportunidade de ser um desses estudantes e de fazer parte dessa universidade tão querida e acolhedora. A Universidade da Beira do Interior (UBI) também me instigou a seguir a carreira acadêmica e continuar na luta por um mundo de diversidade. Foi nela que tive a oportunidade de estar ao lado de alunos de todas as partes do mundo e ter meu esforço reconhecido pelos professores.

A fotografia a seguir mostra meu primeiro dia na UBI. Lembro que minhas primeiras palavras foram: “Por muito tempo eu sonhei em pisar aqui. Todos os dias eu fazia esse percurso pelo *Google Maps*, e hoje estou realizando meu sonho e completando mais uma parte da história da minha jornada”.

Imagem 1. Primeiro dia na Universidade da Beira Interior



Fonte: Acervo pessoal

Os professores da Universidade da Beira Interior foram fundamentais no processo de adaptação e aprendizado acadêmico. Além da estrutura incrível, as disciplinas são planejadas e pensadas para que o aluno desenvolva suas habilidades dentro e fora da universidade. Em busca de conhecimento, tive a oportunidade de participar de alguns eventos acadêmicos na UBI, entre eles cito um sobre comunicação política e outro sobre o estudo da língua portuguesa no mundo.

A experiência universitária, como já imaginava, foi uma mudança de hábitos e da rotina de estudos. Essa mudança me custou bastante esforço e organização para conseguir alcançar meus objetivos. Meus colegas de turma fizeram a diferença nessa busca. Fui muito bem acolhido e integrado na formação dos grupos dentro e fora das aulas. A nova rotina de estudos, acompanhamento das aulas e participação em grupos de estudos, aos poucos foram tomando forma.

Sobre os grupos de estudos, junto com amigos de diferentes cursos debatemos bastante sobre a união europeia: suas instituições e políticas. Essa visão de mundo me fez enxergar minha investigação (TCC) com outros olhos. Esse foi um dos momentos mais importantes dentro do meu processo acadêmico. Voltar para o Brasil com uma visão mais ampla sobre comunicação política refletiu positivamente no desenvolvimento do meu trabalho final de curso. Dentro do processo de recepção dos novos alunos, tivemos a oportunidade de conhecer todos os espaços da universidade. Abaixo, temos uma imagem que ilustra a recepção dos estudantes internacionais na UBI e esse trajeto pela universidade. O crescimento acadêmico adquirido dentro da UBI ultrapassou minhas expectativas.

Imagem 2. Evento de recepção dos alunos estrangeiros



Fonte: Acervo pessoal

Escutar vários estudiosos internacionais sobre diversos assuntos também foi parte do meu processo de formação. Em um desses momentos, tivemos a oportunidade de estudar e aprender sobre as políticas debatidas no parlamento europeu. Uma aula expositiva que exigia atenção e interação dos alunos. No meu caso, uma atenção dobrada pois os professores utilizavam muitos termos que eu não estava acostumado a ouvir no meu dia a dia.

Minha experiência em Portugal, na Universidade da Beira Interior pode ser observada em duas categorias: acadêmica e cultural. Dentro dos diversos eventos culturais que pude participar como aluno intercambista, o “Eurodinner” foi um dos mais divertidos. O evento fazia parte de um cronograma de atividades para reunir os estudantes internacionais em uma competição culinária. Por voto popular, todos os alunos provavam os distintos pratos e votavam no seu melhor. O grupo de brasileiros, do qual eu fazia parte, ganhou a competição com a sobremesa: brigadeiro. Abaixo podemos ver a foto que representou esse momento.

Imagem 3. Participação no evento “Eurodinner”



Fonte: Acervo pessoal

Quando encontrei meus novos amigos, expandi minha mente e vi que aquele menino do interior tinha muito o que aprender. Em Portugal, tive a oportunidade de refletir sobre minha vida pessoal. Venci o medo. Percebi que eu poderia ser genuíno. Com os novos amigos que fiz na UBI eu pude me libertar de preconceitos enraizados em nossa sociedade e me aceitar como eu sou. Eu pude declarar abertamente que sou homossexual. Lembro do abraço apertado que recebi de cada um e das muitas palavras de apoio e motivação.

Essa experiência me fez ser grande e forte. Me fez refletir sobre os desafios da vida. Me fez querer ser uma pessoa melhor. Me mostrou que era preciso lutar pelos meus direitos e aceitar que vivemos em um mundo de diversidade. Estar na UBI me trouxe a sensação de que meu lugar é onde meus sonhos me levam.

Durante o recesso das festas de Natal e Ano Novo, eu e mais sete amigos da UFF que vivíamos em diferentes cidades de Portugal, decidimos nos reunir e fazer uma viagem “mochilão” por quatro países da Europa. Nossa intenção era estar juntos nas festas de final de ano para que ninguém se sentisse só, conhecendo outros países etc. Essa experiência eu conto no próximo tópico.

Cultura e Saberes: uma viagem pela Europa

Costa, Silveira e Sommer (2003) nos mostram que as contribuições mais importantes dos ensinamentos culturais no Brasil são aquelas que ultrapassam os muros da escola. Essa experiência nos fez ultrapassar os muros da universidade e ir ao encontro de uma nova realidade.

Os nomes citados a seguir são de estudantes egressos da UFF que participaram do intercâmbio no mesmo período. Ahmad, Carolina, Edson, Greiciene, Lucas, Mariana e Priscila. No centro da foto abaixo, podemos perceber o estudante Misael, aluno da Universidade Federal do Rio de Janeiro que também estava como aluno de mobilidade internacional na Universidade de Coimbra.

Nos juntamos em uma reunião por *Skype* e depois de muitas opiniões resolvemos quais seriam nossos destinos: Alemanha, Holanda, Bélgica e França. Felizmente, compúnhamos um grupo respeitoso e intenso. A viagem durou 18 dias e foi cheia de emoções, surpresas e aprendizagem.

Nosso Natal foi celebrado em um hostel em Amsterdam, onde conhecemos outro grupo de brasileiros e celebramos juntos. Nos emocionamos por estar fora do nosso país e longe dos nossos entes queridos em uma data tão especial como o Natal. Em seguida, podemos conferir um pedacinho dessa aventura.

Imagem 4. Nossa passagem por Amsterdam



Fonte: Acervo pessoal

Já o nosso Réveillon aconteceu em Paris, cidade escolhida para finalizar nossa aventura. Infelizmente, nesse mesmo período, ocorreu o massacre do jornal satírico francês Charlie Hebdo.

Essa viagem nos fez refletir sobre o processo de imersão cultural em nossas vidas e nos ajudou a compreender novos contextos. A vivência em terras lusitanas nos permitiu desenvolver habilidades e conhecimentos que só acrescentaram na geração de empatia. Essa experiência vai além de uma simples viagem com fins turísticos.

O intercâmbio contribuiu significativamente com a prática investigativa. Essa prática envolve todos os âmbitos de aprendizagem. Essa oportunidade nos apresentou um conjunto de culturas e formas de viver a vida em suas particularidades. O processo de formação nessa viagem foi tão importante quanto os dias que passamos em sala de aula durante nossa estadia nas universidades portuguesas.

Considerações Finais

Faço essas considerações do final para o início. Atualmente, sou estudante do curso de Doutorado em Estudos Interdisciplinares de Gênero e Políticas de Igualdade da Universidade de Salamanca. Em setembro de 2020 me formei no programa de mestrado em Comunicação com Fins Sociais, pela Universidade de Valladolid. A oportunidade de cursar o mestrado na Espanha ocorreu por meio de um programa de bolsas de estudos da Universidade de Valladolid e do Banco Santander. Mas, o interesse em cursar um mestrado no exterior e o conhecimento sobre o funcionamento de programas de bolsas de estudos vieram através da experiência como bolsista de intercâmbio da UFF.

Fazer parte do grupo de bolsistas da UFF em 2014 foi o início para alcançar essas conquistas. Desde que me despedi de Portugal, sabia que voltaria para novas experiências. O intercâmbio me fez sentir que meu lugar é onde o conhecimento está. Me fez querer alcançar outras experiências. Hoje posso dizer que o estudante egresso do curso de Políticas Públicas da UFF é uma pessoa que continua sonhando e conquistando seu espaço no mundo.

Compreender as particularidades que cada país está inserido é um desafio. O intercâmbio cultural deve ser incentivado, levando em consideração que milhares de jovens sonham trilhar novos percursos. Além da formação acadêmica, esse processo pode ser fundamental para que o estudante compreenda sua própria realidade e se descubra enquanto ser humano. Stallivieri (2009) afirma que além do domínio específico de diferentes áreas do conhecimento, as habilidades desenvolvidas pelo estudante pressupõem a facilidade com a proficiência na comunicação e a capacidade de interagir naturalmente com indivíduos de outras culturas. Se lançar no mundo do intercâmbio significa construir pontes de conhecimento para um mundo melhor.

Referências

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. *Revista Brasileira de Educação*, v. 23, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/FPTpjZfwdKbY-7qWXgBpLNCN/?lang=pt>. Acesso em: 05 fev. 2021.

MIJARES NÚÑEZ, Luis; PEÑA DEULOFEIO, René. Comunicação intercultural entre estudantes universitários: influência na formação de atitudes e valores. *Mendive - Revista de Educación*, v. 18, n. 1, p. 34-47, 2020. Disponível em: http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1815-76962020000100034&lng=es&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 05 fev. 2021.

PÉRICO, Franco Gatelli; GONÇALVES, Roberto Birch. Intercâmbio acadêmico: as dificuldades de adaptação e de readaptação. *Revista Educação e Pesquisa*, v. 44, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/ncP7zLgb-PM48QqtbjLcYBpD/?lang=pt>. Acesso em: 05 fev. 2021.

STALLIVIERI, Luciane. *As dinâmicas de uma nova linguagem intercultural na mobilidade acadêmica internacional*. 2009. Tese (Doutorado em Línguas Modernas) – Universidad del Salvador, Buenos Aires, 2009. Disponível em: <https://racimo.usal.edu.ar/52/>. Acesso em: 05 fev. 2021.

PELA METADE

DIANA MARGARITA TORRES JIMÉNEZ ^[1]

O ato da comunicação é que nem uma dança, nela se entrelaçam as palavras, os afetos, as culturas e os movimentos. Não há exatidão. É um tecido que cresce conforme as experiências, vidas e passos que damos. Sempre mutável. Convida o outro, quem quer que seja: pássaro, flor, leitor abraçar por um instante a realidade alheia e senti-la sua.

Hoje me sensibilizo diante das diversas formas de comunicação que exerço e percebo o quanto ela diz da minha história, quanto ela revela os muitos mundos que me compõem. São diversos os territórios que me atravessam. Hoje escrevo, falo, penso e me cativo com os traços firmes e pulsantes da nossa América Latina. A carta se esboça diante a magia que é carregar como tatuagem línguas que se conectam e confundem. Diferentes, porém irmãs. Las letras que recogen mis sentires se expresan en la lengua que nos quitó la frontera. Escrevo em *portuñol*, uma língua encantada que *existe* porque *resiste*. Uma dança livre e desordenada do português e do espanhol. É com oportunhol que comecei a caminhar e a dizer nestas terras.

Hoy te escribo desde un lugar muy especial y el cual no frecuentaba hace días de la manera que lo hago hoy, en calma, con tiempo y sin preocupaciones: la playa.

^[1] Graduada em Cinema e Audiovisual na UFF, através do Programa de Estudantes - Convênio de Graduação (PEC-G), originária da Colômbia.

Me detengo en el tiempo, y pienso lo que han sido mis días para contarlos. Estoy aquí, lejos del país que me sintió nacer y el cual constituye gran parte de lo que soy como persona. A corrente intempéstiva do Oceano Atlântico me puxou para o sul, soltei montanhas e amores para viver a aventura carioca. Chegando ao Brasil descobri o verdadeiro nome dessa força. Iemanjá. Mainha das águas salgadas. Rainha do mar. É ela que tudo leva e tudo traz de volta. É ela que me trouxe até aqui e diante ela te esboço estas linhas.

A mi lado me acompaña una dulce mandarina que me dieron al almuerzo en el Restaurante Universitario (más conocido como “bandejão”). Hoy oficialmente terminé el 100% de las disciplinas que estaba cursando este semestre. Este semestre fue inusitado, pensando bien, muchas cosas sucedieron y sí que pasó rápido!!!

Pienso en eso constantemente... en lo rápido que pasa el tiempo. Y así como siento el paso del tiempo que todo parece curar y llevar, hoy mis días aquí no se sienten más como recorriendo un espacio desconocido, no soy más “extranjera” — quiero decir, no me siento una, vivo aquí, estoy aquí y cómo residente, siento los eventos diarios, la distancia, los desencuentros, las cosas buenas y las no tanto de forma mucho más intensa. Los sucesos diarios tanto míos como del mundo me tocan de una manera profunda y personal.

Quienes me rodean no son más desconocidos. Claro que aún recuerdo la sensación de serlo ante los ojos y corazones de quienes cruzaba en la calle, en la panadería, en el ônibus. Sensación que no tardó mucho en desaparecer pues entablar vínculos aquí no es una tarea difícil, y no lo digo por mi capacidad de socialización, lo digo más bien por la capacidad e incluso talento, don, especialidad que tienen los brasileños para abrazar al otre, sin importar de donde es o porquê está aquí. Um exercício de olho no olho. *Alteridade*. Aliás, esa es una de las palabras que aprendí. Y que hace parte de un extenso vocabulario que ha ido creciendo conforme pasan los días. *Alteridade*: diz da capacidade de se colocar no lugar do outro. De perceber o

outra como uma pessoa singular e subjetiva. É o reconhecimento e o respeito das diferenças entre as pessoas.

E por alteridade lembro da palavra *sinergia*, uma palavra que me fez sentir na pele o poder vital do trabalho coletivo. Aqui tenho aprendido o valor da criação conjunta, da soma de forças, do poder criador quando reconhecemos quem cria junto conosco. Outra palavra que se suma al vocabulario. Sinergia: el encuentro de energías. Esfuerzo colectivo e solidário que busca um melhor resultado do que aqueles obtidos individualmente. O valor do coletivo é infundável. Às vezes as palavras cansam, mas quando elas são traduzidas e materializadas na ação comunicam sozinhas. Recuerdo con cariño una larga jornada bajo el sol carioca de 40 grados cortando y recogiendo pasto de la Orla do Gragoatá junto a tantas — las suficientes — energías. Habíamos logrado en colectivo liberar y revitalizar un espacio que estaba perdido y olvidado en la Universidad, muchas fueron las causas de su abandono, llámese falta de recursos, burocracia, desinterés... sei lá. ¡Lo logramos! Hoy, meses después de la acción, el pasto creció de nuevo y me he cuestionado qué sentido tuvo nuestra hazaña. La naturaleza no da tregua y como siempre nos enseña crece y permanece poderosa frente a las voluntades humanas, sin embargo, las personas, pocas o muchas, pudieron apropiarse de nuevo de un espacio que nunca dejó de ser de ellas, de nosotres.

Es así como recuerdo tantos ejercicios y prácticas en torno a lo que creía mi objetivo principal al llegar a Brasil: estudiar cine. El cine se vive y gesta en comunidad. Solo así tiene sentido. Trabajar en equipo no es una opción, es un principio, porque hacer cine sólo hasta que es posible, pero no es tan divertido. Se hace cine para disfrutar del proceso, del aprender con otros tantos que están ahí contigo haciendo realidad una idea. Aquí trabajamos con personas, y eso me lleva a recordar algo que escribí al inicio de esta carta, y es que las personas son mundos, cada uno diferente del otro y con una complejidad extraordinaria. Así que es nuestro deber tener cuidado

y cariño por quienes nos rodean. Entendí la importancia del minuto antes de comenzar cualquier tipo de proyecto que involucre una o varias voluntades, de proyectos impulsados por la sinergia. El minuto donde todos nos miramos a los ojos, nos reconocemos en el otro, nos agradecemos por estar ahí, presentes y dispuestos y nos deseamos una buena jornada de creación. Basta tener los ojos y el corazón atento para percibir la diferencia de cuando existe y cuando no ese primer minuto.

Estudiar cine indudablemente es uno de los principales motivos por los cuáles decidí venir, sin embargo vivir en otro país acarrea con sin fin de efectos y aprendizajes colaterales que solo viviendo la experiencia los percibo. No Brasil, tenho aprendido a poetizar meus dias, dancei uma ciranda e aprendi fazer da ciranda um estilo de vida, onde todes são bem-vindes, onde estreitamos laços, apertamos mãos e dançamos conectados, formando um círculo que rodopia, enquanto olhos e pés se esbarram cúmplices da alegria partilhada. “Minha ciranda não é minha só, ela é de todos nós, ela é de todos nós” cantava Lia de Itamaracá como quem prediz a magia inevitável que é ser parte de uma.

E a festa que é uma ciranda se vive até nas mesas de jantar, onde se dança em torno das delícias que as panelas abrigam. Antes de continuar me permito uma aclaração, panela em espanhol significa rapadura mas quando se fala de panela aqui é olla. Continuando... As panelas são dispostas no meio dos comensais numa sincronicidade de sabores, cheiros e texturas. O feijão sempre presente: carioca, preto, de corda ou fradinho. As panelas na mesa contam da generosidade, variedade e criatividade dos jantares brasileiros. Eis que me encantei e nunca mais — se for eu que cozinho, — deixo as panelas no fogão. Ninguém conhece o tamanho da fome do outro.

Nuestros cuerpos y energías ocupan y cambian de espacio y forma constantemente. Hoy, reflexionado, estuve en el salón de clase, me fui a almorzar al restaurante, regresé a la U, anduve por la Orla,

fui al Centro de Artes, llegué a casa. Transitamos tantos lugares en tan corto tiempo, atravesamos tantos mundos. Lo sentí fuerte este semestre: los afanes diarios y los espacios transitados. Estuve agotada, porque los espacios habitados o inhabitados consumen nuestra energía, de varias formas, depende quienes lo compongan, depende como estemos y cuan sensible seamos a ellos. La energía — porque todo es energía según estudios de física, aseguró mi profesora — de lo humano o inanimado me afecta, me atraviesa. Aprendí, y una amiga me lo reiteró sin saber siquiera que era justo lo que necesitaba escuchar ese día, que a veces necesitamos recogerlos “como un casulo”. Bonita esa palabra, ¿no? Casulo significa capullo, *recogerlos como un capullo*.

Capullo: cubierta protectora, generalmente ovalada, que fabrican las larvas de ciertos insectos, especialmente el gusano de seda, con el hilo que segregan, y dentro de la cual se encierran antes de pasar al estado de ninfa.

...Que sería otro estado evolutivo del insecto. Necesitamos recogerlos como un capullo, dice Giulia. Para evolucionar, transformar, “pasar al estado de ninfa” necesitamos parar un poco y mirar para dentro, para nosotres mismas. Pienso que todo en la vida parte de un equilibrio, la vida y sus malabarismos. Habitar el casulo de por vida tampoco es una opción. Me alimenta la sonrisa desconocida, las charlas incalculadas, las cenas improvisadas, el deseo del extraño en ayudar al extraño, me alimentan los colores de las flores, los tonos del cielo desde el jardín, los atardeceres en la Praia de Boa Viagem, las andanzas de bicicleta.

La lucha, la tuya, la nuestra.

Sobre meus percalços idiomáticos: continuo sem compreender a diferença de avó e avô, quando ouço parece a mesma coisa, sempre... Ainda esqueço o “u” depois da “o” quando falo de várias possibilidades, o mas é pero, o mais suma, maiz é milho, milho é ancestral, o cantante é cantor e canção se faz música. Luto é verbo. A palavra nos

de nós é diferenciada por um acento, mas o nós é um entrelaçamento de forças. Forças que se sujeitam e seguram.

E se falamos de desconstrução idiomática porque não desconstruir a gastronomia?

Morando no Brasil bati de frente com possibilidades antes impensáveis. Você imagina pipoca com leite moça? ou talvez cachorro quente e purê de batata? Um pastel que mede mais de quarenta cm, litros de cerveja e pão de sal que é pesado. Que aliás me recomendaram comprar quando estiver frio, porque quente é mais caro e mais gostoso também...

A decir verdad, todos los lugares tienen sus particularidades, recuerdo cuando hicimos una *changua*, receta tradicional de Colombia y no hubo quien no hiciera un comentario sorprendido al ver cebolla y pan sumergido en leche y cilantro... Es una delicia y la especialidad de mi madre... Con el frío de Bogotá no se niega una sopita caliente. Pero aquí, bajo 40 °C pensar una sopa es una verdadera infamia.

O coração não tem contorno. Ele se expande segundo os amores que transpassa. Famílias, criei laços de irmandade, me adornam carinhos que sinto maternos. Desta família a genuinidade do amor sincero, do amor incondicional, de quem te aceita como humana: errante e crescente. A possibilidade de afetos. Desta família meu amor sincero e grato, sempre.

Descobri que a saudade é uma palavra que dói, que se chora, se ri, vira até um estilo de vida se permitir. O hoje que não é mais aquele que te escrevia no começo da carta é um hoje bogotano, frio e montanhoso e hoje senti saudade do tempo abafado, da cerveja na praça, dos encontros que se fazem serendipias, da música que todo brasileiro carrega nas veias, das melancias saborosas do atacadão do centro, dos rolês sem destino na Aurora, da praia, da areia nos chinêlos, do suor, suor quente, do cabelo endurecido depois de um banho de mar, dos caixotes, da água de coco, nossa!, a água de coco me faz muita falta nessa terra assolada pelo frio e a altitude. Saudade das

Casas Pedro e a cara da moça impaciente diante minha indecisão, sinto saudade da paçoca depois do almoço, do picolé da Cantareira, do açaí da barraquinha da Mira com granola e leite em pó, sinto saudade da barca e da possibilidade de sentar na janela e contemplar as ondas do mar, me faz falta a Praça XV e seu sem fim de artefatos e personagens, do bandeirão no dia da guarnição francesa, da Orla depois da aula, do IACS, da prainha, dos corredores, da mesa de doces e o bolo de banana e canela que nunca esquecerei; saudades do Cine Artes em estreia, de Itacoatiara de bike, da Praia do Sossego, dos amigos, do samba e o funk convivendo em harmonia em um mesmo local, das buganvílias e a Pitanga anunciando a chegada da primavera, saudade das ruas e os tapetes amarelos de flores recém deitadas, sinto saudade das minhas asas, das fogueiras, das filas no terminal, dos almoços de domingo, ou de terça ou de quinta, do cheiro do café, das novidades, saudade da novidade! Cabem tantas saudades num corpo só? Sinto saudade de você!

As palavras que seguem foram expelidas num desses tantos trânsitos. Hoje, lembro-me delas, porque saudade é o exercício da lembrança e lembrar é passar pelo coração. Hoje sinto as palavras como sentires presentes e vibrantes. Porque Brasil: vou e já já volto.

Semear, colher, amar, andar — andando — vouuu e já já volto, ficarei com saudade, não tem como não, né? É que o Brasil sempre me deixou sem palavras, tanto amor envolvido, abraçado, entregue, tanto por vir ainda. Infinitudes!

Somos polvo de estrela, e como pó de estrela vou visitar outras terras, outros céus. Logo menos estarei de volta. E no meio dessas cores, cores das flores, do céu, da lua de solstício anunciando o primeiro dia de verão, estou indo. Só sentimentos de gratidão. Gracias, gracias a la vida que me há dado tanto, me trouxe até aquí e me presenteou com o tesouro da vida, do amor, da família, as amizades, os abraços irmãos: irmandade não precisa de protocolo, somos todes, todes somos e sendo sou, voo.

Gracias por esse tempo encantado.

*Em memória de uma amada
amiga, Monica Robb.*

*Sus preguntas y curiosidades por mis pasos
en Brasil tuvieron respuesta en estas letras.
Minhas palavras e carinho todo para ela.*

A LIFE-CHANGING EXPERIENCE

EKATERINA SERIKOVA ^[1]

One day I decided to do something that I thought was completely crazy. It happened in my third year of University, when I learned about the existence of an academic mobility program. I was never confident in my abilities; however, I decided to try my luck and get into this program. After a couple of months of passing various tests, I received a cherished e-mail that I was now part of the program. And now I had to choose where I wanted to go. It is important to note that sometimes I make crazy decisions. I had never traveled outside my country before, and I decided that if I did, it would be across half the world to a country whose language I do not speak. That is how I got to Brazil. The courses for international students offered by the UFF corresponded to my scientific interest in the field of Biotechnology. Without thinking twice, I decided to go there.

Before arriving in Brazil, I learned that every foreign student is provided with a buddy. My buddy helped me a lot. Thanks to him, I had less stress in the first few days. He met me at the airport and always helped with all the documents or any other questions. (I would like to take this opportunity to say Hello to Lucas... Lucas, hi!)

^[1] Mestre em Ciências Aplicadas para Produtos da Saúde na ITMO University (Rússia). Foi intercambista na UFF em 2019.

All the disciplines that I decided to study at UFF were taught in English. There was also a Portuguese course for foreigners. On the first day of classes, I realized how important conversational practice is in the knowledge of any foreign language. In addition to being a shy person by nature, I faced the problem of any foreigner who had to speak a non-native language. At the first lesson, I could not understand anything and even cried when I got home. That day, it seemed like I would not be able to live here for a whole semester, because I simply would not be able to talk to anyone. However, on the same day that the picnic was held with all the foreign students, I persuaded myself to go and it was the right decision. Everyone was incredibly friendly and with each new person who came to meet me I felt better and at the end of the evening I was able to talk calmly with everyone. From that day on, I realized that no one would judge me for speaking according to all the grammatical rules. After all, the main thing was that I understood! Therefore, if someone is afraid that they will not cope, you do not need to worry. The people around you are as scared as you are.

Brazil is changing people. This trip has changed me. I became bolder and more open. I met a lot of amazing people. And if I had the ability to travel through time, I would live this short period of time repeatedly. I am happy that I decided to go to the UFF. I can say with confidence that it was the best time in my life. I fell completely in love with everything around there. And I did not want to leave so much that I decided to participate in the academic mobility program again to go back, but now for a year. I do not regret anything. It was the most important and best decision I have ever made in my life.

A big place in my heart was occupied by UFF professors. I was surprised that the classes can be not only stress-free, but also very exciting. Each of the teachers was very kind and helpful. I was sure that, having addressed the problem, they would not show indifference to me. And in one of the disciplines, we were even treated to

pies. Such love is not to be forgotten. Professors from UFF were always approved if you wanted to carry out any scientific project there. They were ready not only to help, but also to provide everything necessary for its implementation. And always in addition to the teacher, there was a student appointed by the teacher who helped. Studying at UFF was very exciting. I was happy to go to every class.

During studies students often made presentations. This helped me improve my public speaking skills a lot. The students were mostly Brazilians. There were no problems with communication at all, because all the students knew English at a good level. In addition, the UFF had a Portuguese course for foreigners, which was mandatory for all international students. Therefore, if you want you could practice your basic communication skills in Portuguese.

The first time I came with two other girls from Russia. Since Russian does not belong to the Romance group of languages, unlike Italian, Spanish, and French, we had difficulties in learning Portuguese when we got to classes. But the UFF took care of us and found another English-speaking teacher for us, who taught us the very base that students from Italy, Spain, France, and Portugal did not need. These classes really helped to cross the barrier from complete ignorance to understanding the basics. When I returned to Brazil six months later, I was able to study in a more advanced group. Classes were always different, as was homework. For example, every week we had to write a text about something that we encountered in Brazil and that seemed unusual to us. To some extent, it even helped to notice the details.

When I returned to Brazil again, I was very happy to see how much the number of disciplines for foreigners became available. Classes in laboratories have become available. Practice is very important for any student, so I chose several laboratories in which I wanted to study. Other students were always ready to help me and there was a cozy atmosphere with them. I could not only do my own

project, but also work with other guys' projects, which allowed me to gain even more scientific experience. During the whole time of my studies in each laboratory, I managed to study several different areas. And at this point, I can say that it has affected my path today. After all, I can better understand how I want to move forward in the scientific field.

I especially remember working in the laboratory of antibiotics, biochemistry, training, and molecular modeling. I enjoyed working with Professor Helena Castro so much that when I returned to Brazil the following year, I went back to her laboratory. I was able to do a lot of things in this laboratory. In the first semester, I did microbiological research. We conducted research on antibiotic resistance and studied the microflora of a local treat pastel. In the second semester, I was able to learn what machine learning is and how it is used in biology. And in the third semester, I studied molecular modeling techniques and how they can be used to create drugs. To this day, we keep in touch with the professor of this laboratory and even plan to publish a scientific article together.

In addition to this laboratory, I also worked in the Nutrition and Nephrology group. Professor Denise Mafra seemed to me the most cheerful person I have ever met. All classes were held at the hospital, not at the university. I was very surprised that the hospital was able to allocate an entire laboratory for students. Each of the students worked on their own project, and I even managed to help some of them. Thus, for the first time in my life, I was able to conduct laboratory tests with blood. All the students were very kind to me and were always ready to explain to me what I did not understand. I also planned to implement my project together with the guys there, but, unfortunately, at this time, the quarantine began due to the coronavirus. However, even then we continued our classes, but now only on-line.

I also studied at the SupraSelen Chemical Laboratory. It would be a repetition if I said that the students were very friendly to me, but it is true. Every student I met at UFF was very kind and friendly to me. All the guys literally spent whole days in the laboratory. It was possible to envy their hard work. The atmosphere was family-like. No one argued with anyone, everyone helped each other.

I would also like to tell you about the nature that surrounded me during my stay in Brazil. Every trip to the university was an opportunity for me to see something completely new, whether it was a plant or a giant bug. On the way home, you could even hand-feed the little monkeys, which you can often see. Be prepared for the fact that the birds may fly to your home, which is exactly what happened on the first day of my stay in Brazil. Lizards are also frequent room-mates, and huge-sized turtles can be found on the coasts.

When I arrived in Brazil, I immediately felt the cultural difference. Everything seemed completely different. People around were much friendlier and more responsive. Finding friends on the first day of your stay was not a problem at all. In addition, the UFF organized events for all international students, such as a picnic to which everyone could bring a dish of their own nationality.

The concept of punctuality in this country is very specific. If you are suddenly late for a class, you do not need to worry much. For Brazilians, it is considered normal to arrive 20, and sometimes even 40 minutes later.

Brazil is a musical country. When you arrive, you will get acquainted with new musical genres. The locals love music, it is played everywhere here. On theme nights, you can even see people gather in the squares to dance folk dances.

Also, Brazilians take great care of their body. Every day you can meet a lot of running people, those who play sports on the beach or on the exercise machines, which are located throughout the city of Niteroi.

Do not forget that Brazil is quite a dangerous country. You should always keep an eye on your personal belongings and, if possible, do not go out with valuables and a large amount of cash. If you happen to be returning home late, it is better to call a taxi. I advise you to attach a bank card, because some drivers may be unscrupulous and demand more money. Automatic payment with a card will eliminate this possibility. Using a taxi is not only safer, but also cheaper if you are not traveling alone. Simple souvenir sellers can also cash in on you. Realizing that you are a gringo, she will increase the price of the product several times. Therefore, it is better to buy souvenirs with local ones.

This also applies to the place of residence. Each street has its own degree of danger. Therefore, when choosing a place to live, you should also specify how safe this area is considered. (P/S I have never been robbed) I would call Niteroi a college town. There are many places where you could settle near the university. I, for example, spent no more than a minute walking on the road.

As well as me you will fall in love with the local cuisine. Brazilians have a lot of standard recipes, that is, the food in one family will not differ much from another. However, no matter what the Brazilians are going to cook, there will always be beans and rice on the table. And this is something that, fortunately, I will never forget. And depending on the city, Brazilians eat different types of beans, in Rio for example – brown, and in Sao Paulo white. You should try acai and italiano. Having tried it once, it is impossible to forget.

By the way, UFF has a student canteen. It is open almost all day, so if you are not too lazy to stand in line for a while, you can not only have lunch there, but also dinner. And it is very cheap! The best part is that you can eat as much as you can put on your plate, and the plates are big. However, if you do not like the food from the canteen, you can find many places to taste near the university. Many places function as bars in the evening, and during the day you can even have a delicious lunch there.

It is worth mentioning a little more about the Brazilians. Brazilians are not only late, but also very fond of standing in queues. I still find it hard to understand why. Be prepared to spend more time going to the store. I tried to buy for the future, so as not to waste a lot of time.

It is hot in Brazil, so it is important to adhere to standard safety measures, namely, do not forget to drink plenty of water and try not to spend a lot of time in the sun. Locals, of course, this does not stop, they can spend days sunbathing on the beach, and there are plenty of them for every taste: away, closer, with big waves, with small waves. It was only in Brazil that I was able to learn to swim.

On the coast, you can always see coconut sellers. You can buy a coconut quite inexpensively, drink coconut milk, and even take it back to the seller, who will kindly cut it up so that you can eat the pulp.

Do not assume that the beaches are the only place where you can go in your free time. I would advise you to study Niterói first, and then go to Rio de Janeiro. By the way, Rio de Janeiro can be reached by boat in just 20 minutes or by bus. I just fell in love with the local architecture. Naturally, I decided to look at the museums. Once I hit one, it was hard to stop me. By the way, in any museum in Rio de Janeiro, you could buy a museum passport, which is stamped when you visit the next museum. Quite an interesting way to attract visitors. Now I keep this passport as a reminder of the wonderful days I spent in Brazil.

Of course, you should visit the local attractions, in particular the statue of Christ, if only to feel incredibly small compared to such a huge statue. By the way, the statue is almost always visible, both in Rio de Janeiro and in Niterói. It can be seen even at night because it is illuminated by lanterns. I advise you to choose a colder day to visit. There are two ways to get to the statue: on foot (free, hard and a little dangerous) and by transport. For the visit itself, you also need to pay, besides, quite a lot. It is also better to choose a weekday to visit, so as

not to be simultaneously with many visitors. For me, this was a visit for a tick, as not doing it would be wrong to visit Rio de Janeiro.

One of the reasons to go to Brazil is the carnival. I would call the carnival a holiday extravaganza. Literally everyone participates in the carnival: from children to adults. This is the perfect time for a game of imagination because you need to come up with a costume, and most often not one, but for every day of the carnival. Sometimes you could meet completely crazy outfits. I remember seeing a guy in a shower suit, he literally put a bath on himself. By carnival, we mean different “blocos” in different places of the city. You should check with the locals, which is better to go. There is even a Beatles “bloco” where only their music is played.

To be honest, it was difficult to write this text, because I was starting to miss Brazil more and more. Going back to the past, I remember that there I felt like the main character of the series. Sometimes I think that everything that I lived during that period I dreamed and only the things that I brought back from Brazil remind me that it really happened in my life. The UFF was a place I did not want to leave. Be sure that if you decide to come here, you will not be the same again. Thank you UFF for everything!

UFF INOLVIDABLE: URUGUAYO PERDIDO EN RÍO

EXPERIENCIA DE INTERCAMBIO UNIVERSITARIO

EMILIANO PABLO OLIVERAS MOLINA^[1]

Cuando me enteré de la posibilidad de poder relatar una de las experiencias más importantes que tuve en mi vida, y que inclusive tuviera chances de quedar plasmado en un libro de esta hermosa Universidad, ¡no lo dudé ni un minuto! — pero como todo uruguayo aquí estoy escribiendo este texto para entregar en el último día al límite de lo reglamentado, en la hora y en el último minuto, como nos caracterizamos nosotros je.

¿Cómo puedo empezar resumidamente sin irme por las ramas personales de esta maravillosa experiencia? Fue un Diciembre del 2016 en el cual recibí la maravillosa noticia de ser aceptado como Free Mover en el marco de los convenios académicos vigentes entre nuestros países hermanos, luego de haber conocido por primera vez -por los Juegos Olímpicos celebrados ese mismo año - Río de Janeiro, habiéndome enamorado de sus tierras y habiendo conocido personas que ante mis constantes preguntas de cómo eran las Universidades

^[1] Graduado em Segurança Pública na Universidad de la República (Uruguai). Foi intercambista na UFF em 2017.

en Rio, todos repetían que sin lugar a dudas tenía que intentar aplicar la solicitud de intercambio en nuestra bella UFF.

Ya con la aceptación oficial, llegaron las decenas preguntas que uno se hace ante tal evento de irse de su país, solo, y a vivir una experiencia tan única por primera vez; ¿dónde voy a vivir?, ¿será seguro? ¿Buscaré trabajo? ¿Me quedaré más tiempo de lo aplicado inicialmente? ¿Valdrá la pena el esfuerzo? Todo por suerte salió mejor de lo que alguna vez imagine, logré cumplir mis objetivos previos a tal viaje, y llegado el momento de embarcarme estaba totalmente convencido y feliz de tomar esa decisión que fue un punto de quiebre en mi vida personal y también porque no, académica.

Imagem 1. Primer día de clase



Fonte: Acervo pessoal

La primera imagen que se me viene al recuerdo es de estar asombrado por lo grande y linda que era la UFF, llegué un domingo de Febrero, y recuerdo al mismo día de llegado que me junte con mi amigo y en su momento mi Tutor particular seleccionado por ser estudiante de intercambio, Daniel Porcel Bastos (Brasil), en su casa me recibió con una disposición y alegría fantástica, haciéndome preguntas de mi viaje, de cómo me sentía ante este nuevo desafío y la tan anhelada hora de conocernos ya que hacía meses que intercambiábamos correos, mensajes, de todo tipo para conseguir alojamiento, pasajes con mejores precios, informaciones de algunas de las materias a cursar, etc.

Estuve una semana ansioso para poder visitar las instalaciones correspondientes de la UFF en el *campus* de Gragoatá, y ¡vaya si valió la pena la espera! Grande, a orillas de la bahía, barcos por toda la bahía, muchos alumnos, música, deportes, se veía realmente diferente a todo lo que había conocido anteriormente, ya que en Uruguay no contamos con este tipo de *campus*, donde todas las facultades se encuentran dentro de un mismo predio (o casi todas) y se genera un ambiente multidisciplinario tan único que realmente solo quienes no lo tienen pueden valorarlo de tal forma.

Recuerdo la primera reunión hecha para recibir a todos los estudiantes extranjeros que me dejó perplejo de la cantidad de diferentes nacionalidades presentes, Japón, Argentina, Alemania, Colombia, de todas partes del mundo reuniéndose en una sola habitación en una universidad, ¡fantástico!.

En esa charla introductoria, a pesar de informarnos cosas de la región de Niterói, de la historia de la Universidad, de eventos a desarrollarse en el *campus*, y las propias introducciones de cada uno de los estudiantes presentes, lo que no puedo olvidar y más me sorprendió (es un poco gracioso pero podemos notar cómo algo tan simple para un estudiante local puede que sea sorprendente para alguien que viene de otra realidad) fue la hora de nombrarnos las instalaciones del

campus, y mencionar “o bandejão”, ¡simplemente no lo podía creer!, era algo que veía en películas estadounidenses que un *campus* tuviera su lugar de comidas para que todos almorzaron juntos en horario universitario, entre compañeros, funcionarios docentes, era fantástico y siendo muy sincero me da un poco de hambre recordar el excelente “feijão preto” que hacían los cocineros con su amabilidad y predisposición de siempre.

Tuve la suerte de haber trabajado en el pasado con empresas brasileñas y también haber estudiado el idioma en mi país, por ende, contaba ya con un nivel de portugués muy avanzado que me permitió tener una mayor libertad para desenvolverme con mayor facilidad y fue una de las razones por la cual opté por elegir 5 materias diferentes que abarcasen un amplio abanico de información que considere importante para mí desarrollo académico/profesional en ese entonces, destacando por encima de las otras (simplemente por la conexión humana que tuve con el docente del curso) al profesor adjunto de la materia “Estudios estratégicos II”, coordinador del INEST, Dr. Eduardo Heleno (Brasil), un gran docente con una sensibilidad sobre los asuntos regionales magnífica, con un conocimiento y cariño para con mi país que también me dejó sorprendido y generó un vínculo que mantengo hasta el día de hoy.

Yo era un poco mayor a mis compañeros de clase (en ese entonces tenía 27 años) ya que soy ex-estudiante de 4to año de la Facultad de Medicina en Uruguay y había comenzado a cursar la carrera de relaciones internacionales hacia 1 año, y aun estaba con algunas pequeñas dudas sobre mi futuro académico y puedo decir que gracias a esta experiencia en la UFF pude consolidar realmente lo que quería para mi desarrollo como profesional en las relaciones internacionales, ya que la calidad brindada en las materias seleccionadas, el enfoque que le dan a la carrera desde Brasil en general (siendo Itamaraty un lugar tan importante para la historia de las relaciones internacionales en nuestro continente), el intercambio de experiencias, conocimientos, las relaciones interculturales que me brindó la Universidad

como nunca antes había experimentado llevaron a que al regreso a mi país tuviera otra energía y seguridad para llevar adelante la carrera, despejando cualquier pequeña duda restante que aún tuviera.

Sin lugar a dudas todas las materias cursadas me dejaron un aprendizaje no solo dentro del ámbito académico, sino como mencioné anteriormente, me ayudaron a desarrollarme personalmente, y por esta razón estaré agradecido eternamente.

Imagem 2. Resumen histórico académico 2017.1

UFF		UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE		 MEC PROGRAD DAE/DRAD	
PRO-REITORIA DE GRADUAÇÃO DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR RUA MIGUEL DE FRAS Nº 9 - IGARAI - NITERÓI		HISTÓRICO ESCOLAR		910	
NOME DO ALUNO: EMILIANO PABLO OLIVERAS MOLINA CPF:		NATURALIDADE: Uruguai ORGÃO EXPEDIDOR: R. Uruguai		MATRÍCULA: 517.097.036 DATA DE NASCIMENTO: 23/11/1988 ESTADO EXPEDIDOR:	
IDENTIDADE: C916969					
CURSO: DISCIPLINA ISOLADA TOTAL GERAL DE PONTOS: FORMA DE INGRESSO: INGRESSO PARA INTERCAMBIO CULTURAL		LOCALIDADE: NITERÓI PERÍODO DE INGRESSO: PRIMEIRO / 2017			
CÓDIGO	NOME DA DISCIPLINA	NOTA	VS	HORAS (T - P - E)	PERÍODO
DEI00002	ESTUDOS ESTRATEGICOS II	7,0		60 0 0	1º2017
DEI00017	ORGANIZACOES INTERNACIONAIS	6,4		60 0 0	
DEI00039	RELAÇÕES INTERNACIONAIS E GEOPOLÍTICA	7,4		60 0 0	
DEI00009	TEORIA DAS RELACOES INTERNACIONAIS I	6,7		60 0 0	
DEI00018	PROC. DE INTEGRACAO NA AMERICA DO SUL	10,0		60 0 0	

Fonte: Acervo pessoal

Pasando a un plano más personal, este tipo de experiencias te llegan a las fibras más profundas del ser humano, porque uno está compartiendo constantemente su experiencia de vida con otras personas que vienen de lugares tan remotos y tan distintos que es un constante aprendizaje desde todo punto de vista. Pude conocer gente de lugares que nunca antes había siquiera escuchado o imaginado que podría llegar a interactuar, pude desarrollar vínculos con gente que al día de hoy son amigos míos, me involucré sentimentalmente con una persona que me dejó recuerdos inolvidables y que nos hemos vuelto a encontrar y ver en Uruguay y Brasil en años posteriores a esta experiencia desarrollada, pude conocer lugares de Río de Janeiro que son increíbles y fantásticos, pero sobre todas las cosas, uno ma-

dura desde todo punto de vista de una forma tal, que con el paso de los años considera esta experiencia como un momento de los llamados “claves” en la vida de uno, al afrontarse a situaciones de manera cotidiana que elevan en todo sentido la experiencia que uno piensa que va a tener inicialmente.

Soy de las personas que constantemente cuando tengo gente cercana que me plantea a modo de pregunta, sobre si realizar una experiencia de esta índole, siempre digo con total seguridad que sí, es algo que creo que todos deberíamos hacer una vez en nuestras vidas. No hay que olvidar que al realizar algo como esto, uno tiene que plantearse cómo manejarse desde todo punto de vista completamente solo, su propia economía diaria, como cuidarse, saber cuándo hay que divertirse y cuando no, saber que uno está representando a su propia Universidad y porque no a nuestro país y por defecto ser consciente de las diferencias sociales, culturales y tantas más que nos vamos a enfrentar a diario, pero que al mismo tiempo con el paso de los años vamos a tomarlo como un aprendizaje único en nuestras vidas, un momento clave de nuestro desarrollo humano pero al mismo tiempo la responsabilidad de transmitir las experiencias con un punto de vista crítico a la hora de responder cualquier tipo de interrogante.

Un momento que recuerdo inolvidable (que por suerte pude retratar en una foto) fue el de haber participado — y ganado cof,-cof — de un campeonato de Futsal en la UFF con la particularidad que fue organizado totalmente e informalmente, ¡por todos los participantes del mismo!; eran brasileros, japoneses, colombianos, hondureños, de Timor, angoleños ¡era una cosa increíble! ¡hasta copa y medallas habíamos comprado!, nos pasamos un día entero de un fin de semana jugando futbol, conociéndonos, riéndonos, siendo rivales, generando las rispideces que genera el fútbol en nuestra tierra y posteriormente disfrutado un delicioso churrasco con música de una forma increíble, fue una jornada inolvidable de esas irrepetibles con la particularidad de que nada de esto hubiera existido si no hubiéramos decidido embarcarnos en esta experiencia de intercambio única.

Imagem 3. Campeonato de futsal internacional



Fonte: Acervo pessoal

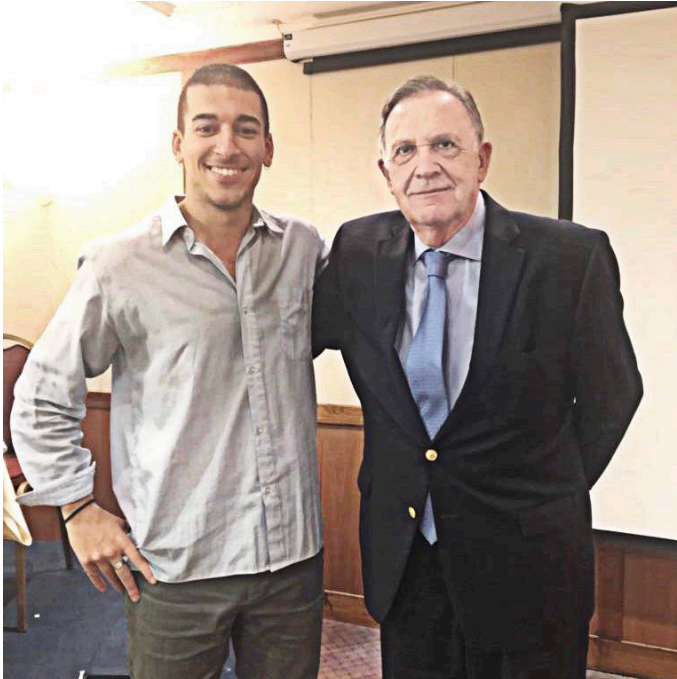
¿Momentos a resaltar? Muchísimos, demasiados para nombrarlos en estas pocas páginas, pero sin lugar a dudas lo que los lectores tienen que entender que un viaje de intercambio involucra muchas cosas que uno inicialmente no imagina, que nos forman como personas, que nos da herramientas para usar a lo largo de nuestras vidas, que generan vínculos que nos mantienen ligados a esa comunidad, a esa Universidad, a esa ciudad, a personas, y uno tiene que estar orgulloso y ser consciente de lo privilegiado de haber vivido una experiencia de ese estilo.

Post UFF

Luego de haber finalizado el intercambio del primer semestre universitario, elegí quedarme 3 meses más ya que gracias a el consejo de uno de mis docentes -Danillo Braganca, gran educador — que me informo sobre un curso prestigioso que se dicta exclusivamente anualmente en Río de Janeiro brindado por la OEA, supe que puertas tocar para poder llegar a una posible inscripción “tardía” a esta actividad.

Gracias a esto, tuve vínculo con el cónsul uruguayo en Río de Janeiro y pude obtener no solo un curso prestigioso para mi CV, sino además contactos y experiencias profesionales — humanas invaluableles.

Imagem 4. Junto al ex-presidente de la Asamblea General de las Naciones Unidas, Dr. Didier Operti



Fonte: Acervo pessoal

Presete

Actualmente soy Analista de compras y Comercio Exterior en una empresa multinacional localizada en Uruguay, estoy haciendo mi tesis de grado de la Universidad de la República y pienso muy seriamente en hacer un posgrado nuevamente en la queridísima UFF.

COMO ACABEI ME APAIXONANDO PELO BRASIL

ESTER MONSONÍS FERRER ^[1]

Oiiii!! O meu nome é Ester, tenho 26 anos, sou de Barcelona e atualmente (2021), por causa da UFF, moro em Niterói. Porém, essa história começa em 2016: nesse ano eu estava no sexto período da minha graduação, a dois períodos de me formar, tendo que escolher o que queria fazer com a minha vida, pensando já no que queria fazer ao terminar a faculdade. Não há nada que gere mais medo em mim do que a incerteza: essa sensação de não saber o que fazer, de ter que escolher uma opção de vida. Ou seja, nesse momento eu estava decidindo o meu “futuro”.

Uma das opções era fazer um intercâmbio, mas ter mais de cento e cinquenta universidades para escolher só dificultava a minha missão. Eu só tinha duas certezas: não queria ficar na Europa, nem queria ficar menos de um ano. Foi aí que decidi reavivar um desejo antigo, estudar Biologia Marinha. Eu já tinha esse desejo quando prestei vestibular na Catalunha, a ponto de quase deixar a minha terra natal para estudar essa disciplina no Reino Unido. Então aí estava eu, em pleno período de provas, pesquisando dentre todas as univer-

^[1] Graduada em Ciências Ambientais na Universitat Autònoma de Barcelona (Espanha). Foi intercambista na UFF em 2016.

sidades conveniadas, aquelas que contavam com um programa em Biologia Marinha. Até esse momento, não havia encontrado a UFF. Escolhi a primeira universidade que encontrei com programa em Biologia Marinha, era na Argentina e, para falar a verdade, nem lembro direito como eu escolhi as outras preferências, eram opções bem diversas e sem relação nenhuma entre elas: 1. Universidad de Buenos Aires 2. Universidade de Passo Fundo 3. University of Technology 4. Høgskolen i stavanger 5. Universidad autónoma de Zacatecas 6. Universidad Michoacana San Nicolas de Hidalgo 7. Universität Bayreuth 8. Technische Universität Hamburg-Hamburg.

Quando acabaram as provas, saíram os resultados e soube que fui selecionada para Universidade de Passo Fundo (minha segunda opção). Mas nesse ponto eu só queria ir para Argentina! Porém a pessoa escolhida além de uma média melhor que a minha, tinha inclusive namorado argentino... Eu não tinha o que fazer! Sendo assim, rejeitei a vaga na Universidade de Passo Fundo porque mal sabia o que tinha escolhido, e “deixei a vida me levar” afinal, haveria uma nova rodada de chamadas para intercâmbio. Nessa rodada os alunos poderiam escolher entre as vagas que “sobraram”. Agora sim, com calma, fui pesquisando programa por programa e vendo já as disciplinas que eu puxaria em cada universidade. Aí foi que eu descobri a UFF e decidi que eu queria ir ao Brasil. Afinal, por quê ir para a Argentina se no Brasil eu poderia aprender um novo idioma?

E foi assim que o “perrengue” começou: eu sem falar uma palavra de português arrumando os papéis para poder passar pelo processo de seleção. Cabe destacar que ninguém da minha universidade tinha ido para UFF até o momento, era o primeiro ano de parceria entre as universidades, o que dificultava ainda mais os trâmites, já que eu não sabia quais eram os requisitos que eu precisaria cumprir exatamente até o período de seleção abrir. Eu estava no mês de fevereiro, a seleção começava em junho e, no caso de tudo dar certo, em agosto eu já teria que estar no Brasil. E foi apenas no período de seleção que

recebi a notícia de que precisaria fazer um curso de Português, informação essa que não constava nos requisitos da minha universidade. Obviamente, fiquei desesperada procurando um curso de Português. Me inscrevi em quatro e todos foram cancelados por não chegar ao mínimo de alunos requeridos. Finalmente encontrei um curso *on-line* que abriram só para mim. Ufa!

Só soube que fui aceita para o intercâmbio um mês antes de viajar. Era o momento de correr para resolver todas as questões do visto de estudante, e ainda assim chegar a tempo de assistir ao curso intensivo de Português para estrangeiros que a UFF oferecia. Mesmo após muita correria, fui a última ou uma das últimas a chegar. Mesmo com as dificuldades consegui chegar! E ao ver o Rio de Janeiro desde o avião, me apaixonei.

Até agora nem falei o que eu estava estudando, eu fazia Ciências Ambientais na Universitat Autònoma de Barcelona. Também existe um curso de Ciências Ambientais na UFF, porém a grade curricular da minha universidade é bem diferente, e eu acabei puxando disciplinas de três *campi* (Praia vermelha, Valonguinho e Gragoatá) e sete faculdades diferentes. Abaixo as faculdades nas quais estudei e as disciplinas que cursei em cada uma:

- 1. Engenharia - Engenharia e meio ambiente / Introdução à meteorologia e climatologia.
- 2. Química - Introdução à química ambiental.
- 3. Biologia - Instrumentação em educação ambiental / Ecossistemas marinhos / Produtos naturais marinhos / Oceanografia geral / Introdução à biologia marinha.
- 4. Geografia - Estudos de impacto ambientais I.
- 5. Letras - Língua portuguesa para estrangeiros
- 6. Física - Física das radiações.
- 7. Turismo - Esportes de aventura e turismo.

E ainda ia ao IACS para almoçar na barraquinha de fora. Adorei ter a possibilidade de poder estudar em tantas faculdades e além de tudo era muito agradável poder passear pelos três *campi*.

Os primeiros dias foram difíceis, eu tentava me fazer entender com o meu *portunhol*, mas graças ao programa de acolhimento da UFF, consegui conhecer os outros intercambistas que viraram, em um instante, os meus amigos e confidentes (não sei quem teve a ideia de criar o programa de acolhimento, mas realmente faz toda a diferença!!). Essa “rede” fazia possível que todos se ajudassem e foi essencial no início quando o intercambista deve realizar todos os trâmites burocráticos: tirar o CPF, conseguir um chip de celular, se registrar na Polícia Federal... Se não fosse pela rede que criamos, como alguém ia descobrir o que é o CPF??

Além de conhecer os outros estrangeiros, também ganhamos um padrinho, no meu caso a Meyre. Sempre atenta ao que eu precisava, me mostrou onde ficava o bandejão, onde ficava cada faculdade... (Se você está lendo esta história, convido você a se tornar padrinho de algum intercambista, fazendo bem pouco vai ajudar demais a uma pessoa perdida que acaba de chegar).

Enquanto as semanas passavam, mais eu me apaixonava pelo Brasil. Tudo me impressionava, TUDO aqui é gigante, prédios residenciais de mais de 30 andares (na minha terra um prédio de 8 andares já é um prédio alto), natureza exuberante, as árvores eram maiores que os prédios, micos na rua, eu não podia acreditar!! E foram as amizades que fiz nos primeiros dias que me levaram a acordar um dia no meio do mato em Maricá no VI Encontro de Meio Ambiente da América Latina. Violeta, italiana mestranda intercambista da UFF, me chamou para pegar uma carona com um estudante de Geografia da UFF que iria para o encontro. Lá encontrei pessoas de toda América Latina. Conheci o Jorge, de Valladolid (Espanha), que realizou intercâmbio durante a graduação no Brasil e se apaixonou ao ponto de ser hoje professor de Geografia na Universidade de Curitiba. E foi

nesse ambiente de conhecimento e de descobertas que eu acabei me apaixonando perdidamente pelo Brasil e decidi que queria ficar.

Durante os primeiros meses, morando junto com duas espanholas também intercambistas (Patri e Cris) e fascinada por tudo que ia descobrindo, fui vendo também as pequenas (e não tão pequenas) diferenças entre o Brasil e a minha terra. A importância que tinha de aprender a pronunciar corretamente *pão*, que *propina* não tem o mesmo significado aqui e lá (na Espanha propina é gorjeta). E não ia só aprendendo outro idioma como também ia me adentrando em uma nova cultura, criando pequenos hábitos. Um exemplo: para agradecer ao motorista que parou o carro, na Catalunha, levanta-se a mão espalmada, quando no Brasil levanta-se o polegar, fazendo o sinal de “joinha”.

Outras coisas que me fascinaram foram as disciplinas, pois com elas conheci a diversidade marinha de Niterói (e do Brasil é claro) que era o meu desejo inicial. Realizei uma aula no costão rochoso de Itaipu e inclusive vi pela primeira vez tartarugas marinhas!!! Outras descobertas foram as aulas de esportes de aventura e turismo onde fiz pela primeira vez rapel e até acabei subindo o Pão de Açúcar. E também foi na UFF, no prédio de Geografia, onde conheci o Lucas, amor da minha vida. A gente se conheceu casualmente no corredor quando eu perguntei onde ficava uma das salas e acabamos conversando por horas.

Apreendi o que é a saudade, sentindo-a na pele ao ficar longe da minha família por um ano. E no final de agosto de 2017, com o coração apertado, quis voltar para a Catalunha, queria e precisava voltar inclusive. Cheguei à minha terra ainda nas férias de verão, aproveitando os últimos dias para matar a saudade dos meus amigos e da família, para em setembro começar o meu Trabalho de Conclusão de Curso, última disciplina para me graduar. Para “aproveitar” o tempo, acabei puxando práticas empresariais em uma consultoria química. Durante esse período, também quis tirar o Celpebras, exame oficial

do Governo Federal Brasileiro para certificar proficiência em português como língua estrangeira. Na prova oral, após dizer que achava o Brasil muito conscientizado em nível ambiental, já que não é um hábito jogar o papel higiênico no vaso sanitário, a avaliadora caiu na gargalhada. Isso foi uma das coisas que no início demorei mais para pegar como um hábito, toda a vida jogando o papel no vaso é um hábito difícil de tirar.

Foi na volta a Barcelona, quando realmente comecei a perceber todas as coisas que tinha aprendido, morando por um ano no Brasil, um ano morando sozinha, longe de todos, em um país que não conhecia a língua nem a cultura, e logo o Brasil um país com uma mistura tão incrível.

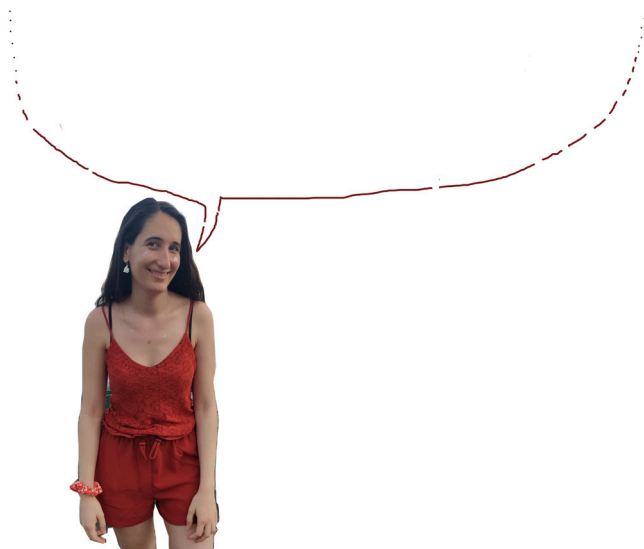
Mas por que voltei? O que estou fazendo aqui?

Depois de quase dois anos, trabalhando na empresa onde comecei as práticas da faculdade, meu coração não aguentou mais (começou a apertar de novo) e decidi voltar ao Brasil. E voltei para um dos primeiros lugares que eu visitei, o Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Na verdade, foi a minha madrinha Meyre quem me levou, na minha primeira semana no Brasil, a conhecer o Jardim Botânico. Se não fosse por ela, sabe-se lá se eu teria conhecido o Jardim Botânico, instituição na qual estou realizando a minha pesquisa de mestrado em Unidades de Conservação. É bem verdade que desviei um pouco do caminho que tanto tinha desejado, o da Biologia Marinha. Porém, durante esta quarentena pude fazer diversos cursos de ilustração científica, e através desta tenho me reencontrado com o ecossistema marinho. E quem sabe, mais na frente, não vou me reencontrar com a UFF? Espero que sim.

OBS: Aaah! quase me esqueço de falar que revalidei o meu diploma na UFF, ou seja, tenho um título de graduação expedido pela UFF, sinto-me formada aqui também.

Até logo,

Ester.



DA UFF PARA A EUROPA

RELATO DO MEU INTERCÂMBIO EM PORTUGAL

FERNANDA ANGELO PEREIRA^[1]

A intercambista

Sempre gostei de Matemática. Desde a escola me destacava por me dar bem com a disciplina e tirar boas notas. Ao mesmo tempo, nunca pensei em me tornar uma professora de Matemática, apesar de sempre gostar de ensinar aos colegas com dificuldades o conteúdo das lições assim que terminava de fazer o que era pedido pelo professor. Ainda no ensino médio, comecei a dar aulas particulares a alunos mais novos e cada vez mais ia gostando de ensinar.

Atualmente, moro no interior do Rio de Janeiro, mais precisamente na cidade de Santo Antônio de Pádua. Aqui há um *campus* da Universidade Federal Fluminense (UFF), o Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior (INFES) que há mais 35 anos oferece um ensino superior de qualidade à população da nossa localidade. Nos primeiros 25 anos, havia somente o curso de licenciatura em Matemática e nos últimos anos o *campus* se tornou referência na

^[1] Graduada em Matemática pela UFF. Foi intercambista na Universidade de Aveiro (Portugal) em 2014.

formação de professores na região incluindo licenciaturas em Física, Pedagogia, Educação no campo, Ciências Naturais e Computação.

Ainda no meu último ano do ensino médio, eu ainda nem sabia o que era uma universidade. No tempo de escola primária, eu estudava na instituição onde a UFF se instalava em Pádua antes de ter seu próprio prédio. Não tinha o conhecimento do que significava ter uma universidade pública gratuita e de qualidade bem na minha frente e até hoje muitos jovens daqui não sabem. Fiquei sabendo o que era a UFF pela minha irmã mais velha, que também começou a estudar na UFF naquela época e me disse que eu poderia estudar lá também. Para nós duas era uma coisa de outro mundo, pois em nossa família, ainda não conhecíamos ninguém que tinha o ensino superior.

Ao me inscrever no vestibular para o ingresso no ano de 2011, só poderia escolher um curso o qual eu mais me identificava. Nem de longe eu poderia esperar o que estaria por vir assim que consegui a vaga para ser uma aluna do curso de Licenciatura em Matemática da UFF.

Ao longo do curso, busquei uma formação que pudesse agregar os conhecimentos específicos e pedagógicos da universidade com os conhecimentos práticos provenientes dos estágios curriculares obrigatórios e pela participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Além disso, me envolvi em diversos projetos oferecidos pelo Instituto, participei de eventos promovidos pela universidade e fora dela.

Vivenciar o cotidiano escolar, agora na visão de um professor, fez com que eu percebesse a importância da educação e como ela vem se conduzindo ao longo do tempo. As dificuldades da escola, dos professores, dos alunos ao lidarem com as situações do processo de ensino - aprendizagem, me permitiram colocar os pés no chão e aproximar-me da realidade educacional do município, o qual se assemelha com as realidades de tantas outras escolas de outras cidades.

Todas essas experiências culminaram na minha vontade de participar de um intercâmbio estudantil assim que eu tivesse a primeira chance. De certa forma, eu queria aproveitar e participar de tudo o que uma universidade poderia me proporcionar de forma a contribuir tanto com a minha formação quanto com a minha vida pessoal. Participar de um intercâmbio em outra realidade diferente da que eu vivia, me possibilitaria enxergar novas perspectivas educacionais, de acordo com a cultura, linguagens e com o modo de viver de outra sociedade.

Assim que eu soube que a UFF promovia a participação de alunos em intercâmbios dos mais diversos tipos em várias opções de lugares, eu senti que uma oportunidade dessas seria minha.

O intercâmbio

No primeiro semestre de 2014, consegui a minha chance. Meu intercâmbio foi o resultado de uma parceria entre a UFF e o banco Santander, onde foram selecionados 10 alunos para cursar um semestre em universidades portuguesas. Eu fui selecionada para estudar na Universidade de Aveiro (UA) em Aveiro, Portugal.

Foi a minha primeira viagem internacional e de avião. Chegando em Portugal, antes de eu ir para Aveiro, fiquei uns dias em Lisboa na casa de uns missionários cristãos, conhecidos do pastor da igreja que congrego na minha cidade. Esses dias em Lisboa foram os meus primeiros contatos com a cultura portuguesa, que de maneira especial me foi apresentada por brasileiros que entendem a visão de um forasteiro.

Lisboa realmente é de tirar o fôlego, minha primeira impressão de Portugal não poderia ser melhor. Apesar do frio intenso do inverno europeu de meados de fevereiro ao qual eu não estava acostu-

mada de jeito algum (temperaturas bem próximas de 0° C), ainda sim a beleza da arquitetura, as paisagens e as pessoas eram fantásticas.

Mesmo me preparando e estudando sobre a cultura portuguesa, nada se compara a prática. Primeiro o idioma, apesar de ser o português, quase não entendia o que os portugueses falavam nos primeiros dias, pois realmente o sotaque é bem diferente, além de haver palavras que eu não conhecia e significados diferentes. Segundo, o dia a dia, lidar com dinheiro, se relacionar com pessoas de universos culturais diferentes, digo isso não só em relação aos portugueses, mas também às outras pessoas de diferentes nacionalidades que era fácil de encontrar pelas ruas, nos centros comerciais etc.

Percebi que diferente de nós, brasileiros que somos bem acalorados, os portugueses são mais “frios” distantes, ficando mais “na deles”, são de pouca conversa para falar a verdade. Notei também que o euro, a moeda local, é bem valorizada, podemos comprar muitas coisas com pouco dinheiro. Assim que comecei a comprar as coisas, ficava sempre convertendo os valores para reais e imaginava o quanto eu estava gastando de dinheiro. Logo me aconselharam a não ficar fazendo essas conversões, senão eu acabaria não comprando nada.

Passeando por poucos lugares em Lisboa, notei o quanto do mundo ainda precisava conhecer, mais pessoas diferentes, mais culturas, mais experiências.

Passados esses dias em Lisboa, peguei um trem rumo a Aveiro. Minha primeira experiência ao andar de trem foi maravilhosa. As paisagens exuberantes, castelos, mar, cidades do interior, tudo era como uma pintura para mim. Além de toda a segurança e conforto que tal transporte pode proporcionar, tinha certeza que faria mais passeios por Portugal aproveitando as maravilhas de andar de trem.

Em Aveiro, aluguei um quarto para eu ficar por meio de um site da internet, num local próximo à Universidade. Mesmo com receio de dar alguma coisa errada, pois havia uma certa probabilidade, assim que eu cheguei na estação de Aveiro consegui me comunicar

com a pessoa responsável por um telefone público, peguei um táxi e cheguei ao local. Era um prédio antigo, numa rua com vários prédios iguais. Estava chovendo bastante e uma das meninas da república veio me receber. Para a minha surpresa era uma brasileira, assim como a sua amiga com quem compartilhava um dos quartos. As duas também estavam dividindo a mesma experiência que eu, só que eram de outra universidade brasileira. Nessa república, havia ainda outras duas mulheres portuguesas (uma delas era aluna da UA) das quais me tornei colega e consegui conhecer mais sobre a cultura portuguesa em muitas conversas que tive oportunidade de ter.

Assim que consegui me estabelecer no apartamento, fui ao mercado a fim de providenciar comida e tudo mais. Notei que a alimentação que eu estava acostumada a ter no Brasil não seria a mesma em Aveiro, pois muitos itens eram bem caros, pois eram importados direto do Brasil e outros nem tinham muito ou eram escassos. Havia itens de marcas que eu já conhecia e outros que eram uma novidade para mim. Aproveitei a oportunidade para me permitir experimentar coisas novas.

Resolvidas essas coisas, foi a vez de conhecer a universidade em que iria estudar pelos próximos seis meses. A Universidade de Aveiro é uma verdadeira obra de arquitetura. Com traços retos e modernos, os espaços amplos, iluminados, com pinturas abstratas nas paredes e um clima de recepção bem amigável, me senti pequena no meio da grandeza de tal instituição. Logo esse sentimento foi substituído por um sentimento de acolhimento, pois além de mim e das minhas colegas de apartamento, havia dezenas de estudantes de outros países que também embarcavam no intercâmbio da UA.

Imagem 1. Universidade de Aveiro



Fonte: Acervo pessoal

Como seria um semestre inteiro, eu deveria cursar disciplinas que fossem do meu interesse profissional e pessoal, além de contribuírem para meu curso em andamento na UFF. Assim, escolhi as seguintes disciplinas: Didática e Tecnologia da Matemática, Matemática Discreta, Conceitos de Matemática II, Sociologia da Educação e da Escola. Somente a disciplina de Matemática Discreta pertence ao curso de Matemática, as outras três pertenciam ao curso de Educação Básica. Na turma de Matemática Discreta, não me senti muito acolhida, não sei se seria uma característica do curso ou dos alunos. Como tive algumas dificuldades com os conteúdos, participava das sessões extras que havia para conseguir aprovação. A professora da disciplina via o meu esforço e sempre procurava me ajudar.

Em relação às disciplinas que cursei com os alunos da Educação Básica, me senti mais “livre”. Além de eu ter uma intimidade maior com o conteúdo tratado nas disciplinas, de certa forma, minha relação com a turma era melhor. Consegui participar de atividades em grupo e me comunicar mais. A disciplina de Didática e Tecnolo-

gia da Matemática foi ministrada no Laboratório de Educação Matemática da Universidade de Aveiro, onde tínhamos acesso a computadores com os programas matemáticos gratuitos mais utilizados, como o GeoGebra e o Régua e Compasso, vários livros de conteúdos específicos, sólidos, planos, jogos, materiais para desenvolver atividades para quase todos os ciclos da Educação Básica. A disciplina de Sociologia trouxe muitas reflexões envolvendo minhas experiências no Brasil, pois os meus colegas de curso tinham curiosidades acerca da educação brasileira e desenvolvi um trabalho a respeito desse assunto para a disciplina.

Nas primeiras aulas que assisti, eu sentia um pouco de dificuldade em compreender o que os professores falavam. Pela diferença de sotaque, palavras e até os diferentes sentidos que certas palavras assumiam, eu demorava para entender as mensagens. Com o tempo, fui acostumando e até passei a falar mais parecido com os portugueses, pois a recíproca era verdadeira. Não percebi muita diferença na relação professor-aluno, mas sim entre os alunos. Talvez por ter sido uma aluna de fora, os alunos não souberam lidar muito comigo. Mas sempre me senti acolhida pelos professores.

Ao final do semestre letivo, obtive um conceito positivo de aproveitamento em todas as disciplinas. Além do conhecimento que consegui agregar, tive acesso a diferentes perspectivas pedagógicas, organização institucional, outro país e cultura, foi muito proveitoso para a minha formação. As metodologias utilizadas quase se assemelham ao que tive na UFF. Foi um período de aprendizagens e importantes vivências, tornando-se um intercâmbio de valor inestimável na minha formação docente.

Durante a minha estada em Aveiro, tentei conhecer o máximo possível da cidade. É uma linda cidade portuguesa. Próxima ao litoral, Aveiro conta com a famosa Ria de Aveiro, que é uma lagoa de água salgada que corta uma boa parte da cidade. Na Ria podemos ver

pequenas embarcações coloridas que fazem passeios pela sua extensão levando turistas curiosos.

Imagem 2. Ria de Aveiro



Fonte: Acervo pessoal

Há igrejas lindas, monumentos, praças, pontes, casas, fábricas, até os centros comerciais são memoráveis. Cada pedacinho dessa linda cidade eu levo comigo. Aos fins de semana, costumava sempre comer as famosas Tripas de Aveiro, que é um doce característico da cidade feito de uma massa que é cozida e recheada numa máquina própria e servida quente. Meu sonho é comer uma tripa quente mais uma vez. Também não se pode esquecer de outra iguaria de Aveiro, os Ovos Moles. São doces feitos a partir de açúcar e gema de ovo, formando uma pasta cremosa. Quem visita Aveiro, não pode deixar de comer esses doces típicos da cidade.

Imagem 3. Tripa de Aveiro



Fonte: Acervo pessoal

Ao longo desses seis meses, consegui me aproximar de grupos cristãos tanto em igrejas que eu visitava quanto na faculdade, e isso me ajudou muito nos meus relacionamentos com as pessoas. Nesses grupos, eu era muito bem acolhida e pude conhecer várias pessoas, me aproximando mais da cultura portuguesa. Claro que em toda parte havia brasileiros. O engraçado era que toda vez que eu conhecia um brasileiro, sentia que tal pessoa já era minha amiga faz tempo. Trocávamos nossas experiências enquanto forasteiros e sempre era muito divertido e enriquecedor.

Sempre que havia a oportunidade, eu saía de Aveiro para conhecer mais lugares em Portugal. Visitei o Porto, Coimbra e Lisboa, em todos os pontos turísticos. Além disso, também pude visitar Madrid na Espanha e Paris na França. São memórias que vão ficar para sempre. Tanto para Madrid como para Paris, fui sozinha, com 21 anos de zero experiência em viagens e inglês no nível mais básico possível. Mas tudo isso foi suficiente para me dar coragem de explorar,

pois seria uma coisa que somente eu poderia fazer por mim mesma naquele momento.

Imagem 4. Eu em Paris (Tour Eiffel) e em Madri (Plaza de Toros)



Fonte: Acervo pessoal

No início do intercâmbio, eu me sentia bem sozinha e com vontade de voltar, saudades da minha família e amigos. Já ao final dos seis meses, percebi o quanto tudo passou rápido demais e o quanto eu ainda queria aproveitar, conhecer, viver naquele lugar. Todas as amizades que fiz, os lugares que conheci, as experiências vividas me marcaram e fazem parte de quem eu sou agora.

O pós-intercâmbio

Assim que voltei do intercâmbio, continuei a cursar as disciplinas do curso de licenciatura em Matemática na UFF. Consegui obter um aproveitamento das disciplinas que cursei na UA substituindo algumas que deveria ainda cursar na minha licenciatura. Toda a minha experiência vivida no intercâmbio influenciou diretamente na minha atuação como estudante da UFF e na minha vida pessoal. Passei a ver as pessoas e o mundo de uma maneira diferente, sempre com tolerância e respeito, me adaptando e sendo sempre flexível. A olhar as pessoas com novos olhos, aceitando suas diferenças e abraçando a diversidade.

Até concluir o curso de licenciatura em Matemática, sempre procurei compartilhar minhas experiências no intercâmbio com outros alunos a fim de incentivar mais pessoas a fazerem uma boa escolha, assim como eu fiz. Passava todas as informações, tudo o que eu havia estudado para o meu intercâmbio, sobre Portugal, sobre minhas viagens, meu dia a dia, meu relacionamento com as pessoas, com o dinheiro, isso de alguma forma ajudou alguns estudantes, pois com a minha chegada, vários outros estudantes do meu *campus* começaram a participar com mais frequência de intercâmbios, dessa forma multiplicando cada vez mais essa comunidade que somos nós, os alunos intercambistas.

Hoje, como professora de Matemática formada e Mestre em Educação Matemática, vejo o impacto de ter participado do intercâmbio na minha didática como professora, na minha relação com os alunos e na minha atuação na escola. Além de toda a influência no meu dia a dia, compartilho sempre com os meus alunos que não há limites para nós. Temos que aproveitar as oportunidades e nos entregar ao máximo quando nos comprometemos.

Para mim, essas chances que a vida nos dá, com a perspectiva de um futuro melhor começa com a Educação, pois foi a partir do

acesso ao ensino superior no *campus* da UFF, na minha cidade, que tive a oportunidade de me descobrir professora, de viver a experiência do intercâmbio e sentir as mudanças que essa formação me proporcionou, influenciando a minha vontade de me tornar uma pesquisadora e dessa forma colaborar na formação de mais jovens para se desenvolverem profissionalmente e pessoalmente.

A experiência que ficou

Viajar e conhecer lugares, pessoas e culturas diferentes é uma experiência que recomendo para qualquer pessoa que tenha essa oportunidade. Tal vivência nos abre a mente para um mundo novo, nos tira da zona de conforto, nos faz conhecer o nosso verdadeiro limite, a ter mais empatia, mais respeito, menos preconceito, a ser mais flexível, a se adaptar, a se abrir emocionalmente, a viver.

Foi uma das experiências mais maravilhosas da minha vida e quero logo poder voltar novamente a Aveiro tanto para trazer à memória os momentos felizes quanto para me proporcionar novos. Sigo sempre incentivando o intercâmbio e compartilhando minha experiência como forma de ajudar a tomada de decisão de quem ainda tem alguma dúvida. Agradeço à UFF e ao Santander por proporcionarem essa oportunidade.

EPIFANIAS DE UMA MOBILIDADE EM MEIO À PANDEMIA

GIULIA LAURA FELIX PAZ^[1]

Desde bem nova tive vontade de estudar fora. Talvez por influência dos meus pais, que sempre me incentivaram a valorizar a pluralidade que existe além das fronteiras, ou talvez pelo privilégio de ter nascido em um mundo globalizado, que dentre todas as suas particularidades, traz consigo a ideia de “cidadão do mundo”. A troca de cultura e a possibilidade de integrar diferentes abordagens de conhecimento sempre foram coisas que me fascinaram. Ao mesmo tempo, sempre soube que queria cursar Medicina Veterinária, e, na época, não conseguia enxergar como esses dois objetivos poderiam convergir. Assim, meu objetivo principal era o de ingressar em uma universidade de prestígio, que me fornecesse uma formação que possibilitasse me tornar uma profissional de excelência na área que escolhi e a Universidade Federal Fluminense veio como a resposta para esse anseio.

Quando ingressei na Faculdade de Veterinária da UFF, encontrei exatamente o que esperava: um ambiente acadêmico que me permitiria ter o desenvolvimento profissional que eu pretendia.

^[1] Graduanda em Medicina Veterinária pela UFF. Foi intercambista na Universidade do Porto (Portugal) em 2020.

Ao ingressar em uma universidade federal, porém, é inevitável que o aluno descubra que sua experiência universitária não se limita às aulas, tarefas e obrigações como discente. Existe toda uma comunidade na qual ele passa a ser inserido e um ambiente acadêmico cujas proporções são mais amplas que os departamentos e sua faculdade. A universidade é, por si só, um mundo de possibilidades, e, na UFF, eu tive a sorte de descobrir uma universidade integrada ao ambiente internacional, que valoriza a internacionalização do currículo das mais diversas áreas e oferece oportunidades que eu antes nem julgava possíveis. Assim, descobri que não necessariamente precisaria escolher um sonho em detrimento de outro, e que seria, de fato, possível enriquecer ainda mais a minha formação profissional com uma experiência de intercâmbio na minha área, ainda na graduação.

Como sempre fui uma pessoa de planejar muito extensivamente todos os meus passos, pesquisei a fundo todas as oportunidades que as parcerias internacionais da UFF poderiam me oferecer e o momento mais propício para realizar a mobilidade. Com pouco mais da metade do meu curso concluída, em um momento em que julgava já ter uma base suficiente para aproveitar melhor as disciplinas no exterior e ser até mesmo capaz de apreciar eventuais diferenças das abordagens adotadas nos dois países, me apliquei para a mobilidade, e após todo o trâmite e a ansiedade que se dá do início do processo até o recebimento da carta de aceite, recebi oficialmente a notícia de que realizaria um período de mobilidade no Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar (ICBAS), na Universidade do Porto.

Por mais preparada que uma pessoa esteja, mesmo munida de pesquisas, dados e fatos obtidos, nesse extenso processo de preparação, a realidade sempre vem como uma certa surpresa. E assim, após toda a cansativa etapa de preparativos que vem após a tão esperada carta de aceite, no início de 2020, desembarquei em Portugal.

Todo o processo de iniciação em uma nova universidade é um tanto intimidador. Afinal, mesmo após alguns tantos semestres já

cursados na universidade de origem, essa nova etapa faz com que sejamos como calouros novamente: aprender as normas, diretrizes e particularidades administrativas da nova universidade, o esquema de aulas e provas, e até mesmo itens inerentes à rotina acadêmica, como aprender um caminho para faculdade, encontrar as salas de aula, bibliotecas, cantinas e os principais pontos onde se pode obter café (algo de crucial importância para a sobrevivência na vida universitária).

Nesse ponto, o programa de cooperação internacional da UFF foi como uma salvação para mim. No semestre anterior à minha viagem, tive a oportunidade de conhecer algumas alunas da Universidade do Porto que estavam realizando um período de mobilidade na Faculdade de Veterinária da UFF (e que nesse tempo de convivência, acabaram se tornando queridas amigas), o que tornou um tanto menos ameaçadora toda a aventura de desbravar pela primeira vez os labirintos que eram os corredores do ICBAS.

A experiência de mobilidade é algo um tanto complicada de descrever, pois envolve uma série de novas situações que a tornam uma etapa muito particular na vida. A descoberta de um novo país, uma nova cidade, a inclusão em um novo meio social, toda a logística do dia a dia --- que deve ser adequada a um período em que se deseja conciliar o melhor da vida acadêmica com a possibilidade de explorar novos lugares -- são todas experiências extremamente únicas. E o mesmo vale para a cultura. O intercâmbio é capaz de colocar a pessoa em uma categoria um tanto peculiar, a tornando ao mesmo tempo turista e cidadã, capaz de experienciar o local em meio a uma rotina, causando uma imersão em uma história e tradições não antes conhecidas.

Toda essa avalanche de experiências resumiu o início da minha mobilidade. As aulas teóricas em grandes auditórios, debates promovidos nas aulas de Saúde Pública, práticas de cirurgia no hospital veterinário da universidade, viagens semanais à fazenda no *Campus*

de Vairão (onde ocorriam as aulas voltadas a espécies pecuárias e equinos), tudo isso intercalado com meus passeios pelas ruas históricas do Porto, condizia bastante com o que eu sempre esperei de um intercâmbio.

Até que, no dia 18 de março de 2020, pouco mais de um mês após o início das aulas, foi decretado estado de emergência em todo território português, em virtude da pandemia de COVID-19. Com esse decreto, a circulação pelas ruas foi limitada, sendo permitida apenas para acesso a serviços essenciais e toda a rotina a que todos estavam acostumados teve sua estrutura alterada. E dessa forma, eu, que antes de sair do Brasil nunca havia nem mesmo morado fora da casa dos meus pais, me vi sozinha, do outro lado do oceano Atlântico, em meio a uma pandemia.

Nossas aulas, uma vez que o semestre já havia sido iniciado, foram rapidamente adaptadas ao meio virtual. Assim, as aulas e debates em auditórios deram espaço às reuniões por videoconferência na plataforma *Zoom*, e os professores tentaram diferentes técnicas para que pudéssemos extrair o máximo da experiência acadêmica mesmo em um molde fora do convencional – como por exemplo um grande investimento na discussão de casos pautados nas experiências profissionais dos docentes (através dos quais eles conseguiram expor diversas intercorrências que possivelmente nos depararíamos no futuro profissional, lançando mão de materiais como vídeos e imagens documentadas de procedimentos).

Durante esse período, uma vez que as idas à rua se limitavam a saídas para o mercado, as atividades pela cidade foram substituídas por novos hobbies desenvolvidos dentro de casa. Cuidar das plantas, encontrar novas formas de se exercitar (muitas até mesmo incentivadas por programas *on-line* da própria Universidade do Porto) e até mesmo a redescoberta da culinária fizeram parte da minha nova rotina durante esse período de mobilidade. Mas, sem sombra de dúvidas, a habilidade (se é que posso chamar assim) mais importante de-

envolvida nesse período foi a de encontrar formas de estar próxima às pessoas mesmo com a distância física.

Graças à tecnologia, mesmo a mais de 7.000 km de distância, pude ter minha família e amigos presentes na minha vida quase que diariamente. Uma coisa que não costumo escutar muito quando se discute sobre intercâmbio, é que toda vez que nos ausentamos de casa por um longo período de tempo (mesmo que seja em situações um pouco mais convencionais, independentemente de uma pandemia) ficamos sujeitos a lidar com situações inesperadas, afinal, a vida continua acontecendo, quer estejamos por perto ou não. No meu caso, a situação inesperada foi lidar com a perda de entes queridos. Durante minha mobilidade, recebi, em momentos diferentes, a notícia do falecimento de minha avó e bisavó, bem como de amigos próximos da família, e lidar com o luto estando tão distante, sem conseguir prestar apoio ao restante da minha família de uma forma que seria possível se estivéssemos juntos foi de fato algo que nunca imaginei que pudesse ocorrer. Todo esse aspecto emocional, tão pouco discutido, faz também parte de uma experiência internacional, e não acontece de forma isolada da vida acadêmica, devendo muitas vezes ser administrado em meio às obrigações desta.

Ainda graças à tecnologia, entretanto, mesmo em um período de isolamento, que traz um grande prejuízo ao aspecto social de uma mobilidade acadêmica internacional, pude ter contato com meus colegas de turma e me sentir parte da comunidade acadêmica. Nesse sentido, fui muito bem acolhida por todos com que tive contato e percebi um grande esforço para que não me sentisse sozinha em meio a todas essas eventualidades. Todos nós estávamos enfrentando juntos uma situação completamente inédita e pude ver muitos dos meus colegas privados de diversas tradições que marcam a vida acadêmica portuguesa.

Todos os anos, em diversas cidades portuguesas com forte presença universitária, como é o caso do Porto, ocorre um evento cha-

mado “Queima das Fitas”, que marca o fim do ano letivo e serve como um rito de passagem aos finalistas, e é uma comemoração de extrema importância cultural não apenas para a comunidade acadêmica, mas para toda a cidade. Por conta da pandemia, todos os eventos ligados à Queima foram ou adiados, ou realizados *on-line*, o que teve um impacto grande nos alunos, que esperam toda sua vida acadêmica por esse momento. O mesmo aconteceu com a festa de São João, uma festa popular que mobiliza toda a cidade, que também foi cancelada em meio à pandemia. Sendo assim, todos os alunos, sejam eles nativos ou intercambistas, foram sujeitos a essas situações inesperadas, e de certa forma sofreram, em conjunto, perdas em suas experiências acadêmicas, tendo que encontrar maneiras de passar por essas situações da melhor maneira possível – o que se traduziu em um senso de solidariedade que provavelmente nenhum de nós poderia ter previsto testemunhar no início deste ano letivo.

Mesmo com o molde de aulas fora do convencional, e estando afastada das instalações da faculdade por um tempo, para mim, o crescimento profissional advindo deste período de mobilidade foi muito expressivo para mim. Muitos não sabem, mas a Medicina Veterinária é extremamente ampla, incluindo além de clínica e cirurgia de grandes e pequenos animais, competências como saúde pública; tecnologia, inspeção e controle de produtos de origem animal; defesa sanitária; economia, administração e extensão rural; zootecnia; entre outras. Essa amplitude da área faz com que eu a considere apaixonante, mas ao mesmo tempo gera uma certa ansiedade no sentido de escolher qual carreira seguir dentro dela e era exatamente neste dilema que eu me encontrava antes de ingressar na mobilidade.

Na Universidade do Porto, porém, ao ter contato com a disciplina de Saúde Pública, ao discutir assuntos voltados para a atuação do médico veterinário na saúde única, bem como ter tido contato com diversos profissionais que lidam com a área em diferentes frentes, acabei por descobrir a carreira que gostaria de seguir. Além

disso, tive a oportunidade de aprender sobre a abordagem da União Europeia em assuntos como segurança alimentar, planos de controle de zoonoses, posse responsável de animais de companhia, controles fronteiriços e legislação de controle à resistência a antimicrobianos, o que certamente contribuiu para enriquecer o debate e o aprendizado que obtive ao retornar ao Brasil e abordar assuntos afins em outras disciplinas na UFF.

Sendo assim, mesmo tendo tido esta experiência em meio a uma situação completamente inesperada e fora do convencional, posso afirmar que a mobilidade acadêmica internacional é uma oportunidade extraordinária, que traz não só um enriquecimento acadêmico e profissional, mas também um crescimento pessoal, emocional e cultural imensurável. Tive a oportunidade de me apaixonar pela cidade do Porto, um lugar que sempre vou me lembrar como o cenário de uma das épocas mais marcantes da minha vida, e tenho certeza que todo o aprendizado que trouxe comigo será integrado não só na minha vida pessoal, mas principalmente no meio acadêmico da Universidade Federal Fluminense e utilizado para futuramente enriquecer a atuação no meio profissional do nosso país.

SER UM ALUNO ESTRANGEIRO NA UFF

UMA PONTE, NÃO UMA BARREIRA

HANS MUSODI MBADU ^[1]

Desde o nascimento, o recém-nascido precisa de cuidados amorosos, o que inclui afagos e o contato pele a pele. Instintivamente, os pais seguram o bebê no colo, abraçam, afagam e acalmam-no. O bebê, por sua vez, sente-se confiante e apegado a seus pais, reagindo à atenção recebida. O poder desse vínculo é tão forte que os pais farão quaisquer sacrifícios para cuidar do bebê ininterruptamente, se for preciso. Será que se eu pudesse escolher ficar um bebê para sempre, eu aceitaria essa condição? Talvez. Hoje, apesar de não ser mais um bebê, ainda preciso dos abraços amorosos dos meus pais. Percebi o grande poder do amor deles, ainda mais quando deixei meu país para vir estudar no Brasil. De repente, me vi cercado por pessoas de roupas, culturas e idiomas diferentes das minhas. Em resultado disso, eu tenho me destacado na multidão.

Alguns anos depois que virei maior de idade, eu queria muito estudar fora do meu país: A República Democrática do Congo. Nasci e cresci lá desde sempre, amo muito meu país e tenho um carinho especial pelo meu continente: África. Porém, em busca da maior oportunidade na vida a respeito dos estudos, decidi estudar Arquite-

^[1] Graduando em Arquitetura e Urbanismo na UFF, através do Programa de Estudantes - Convênio de Graduação (PEC-G), originário da República Democrática do Congo.

tura e Urbanismo no Brasil e a universidade que me acolheu é a UFF (Universidade Federal Fluminense) que fica na cidade de Niterói no Estado do Rio de Janeiro. Cheguei ao Brasil no mês de janeiro de 2019 e ainda estou cursando a faculdade. Essa mobilidade internacional é incrível e me ajudou de forma significativa para o meu crescimento pessoal. Primeiro, vim de um país cuja língua oficial não é portuguesa mas é o francês. Era minha maior dificuldade pois cheguei aqui sem saber nenhuma palavra em português. Por ser um aluno de um convênio, recebi aulas de Português durante seis meses na UFF a fim de conseguir o certificado de proficiência em língua portuguesa para estrangeiros e assim poder iniciar a faculdade com menos dificuldades linguísticas. Durante o ano da aprendizagem da língua, concordei bastante com o famoso ditado “É errando que se aprende”. Uma experiência minha vivida no Brasil me fez chegar à conclusão que falhar realmente é preciso, faz parte da vida. Uma vez em casa, eu queria grelhar as batatas fritas e percebi que faltava óleo, assim resolvi ir ao supermercado comprá-lo. Mas que pena quando descobri que saí sem internet e não fiz antes a tradução da palavra « huile », óleo em português. E por tão incrível que pareça, eu não estava conseguindo achar as garrafas de óleo nas prateleiras do supermercado. Assim a única solução era perguntar para os empregadores daquele supermercado, então aqui está a pergunta que eu fiz: “Moça, por favor sabe me dizer onde estão as garrafas de água de batatas fritas?”. Ela deu uma risada, mas depois entendeu que na verdade, eu estava procurando uma garrafa de óleo. Desde aquele dia, não posso mais esquecer o que é “óleo” assim confirmo que errando que se aprende mesmo. Bem, entre o medo de ser zoadado e a forte vontade de aprender o mais rápido possível a língua para interagir com as pessoas, me dei conta que eu precisava engolir o sapo e me dedicar ainda mais nos estudos com minhas falhas e erros sabendo que com o passar do tempo me sairei bem e mais forte do que antes. Hoje apesar de não falar tanto quanto eu gostaria que fosse, consigo me comunicar bem com o povo brasileiro e demais lusófonos no mundo. É um prazer

ter dado, além do francês, mais uma voz aos meus pensamentos: a língua portuguesa.

Além dos desafios linguísticos, tenho enfrentado um impacto na minha vida pessoal por ter vindo morar sozinho no Brasil. Por mais inacreditável que possa parecer, cheguei aqui sem nenhuma habilidade com tarefas de casa. Eu não sabia cozinhar, manter uma boa limpeza regularmente da casa, ou seja, fazer serviço de faxina, ser um dono de casa e lidar com as suas regras, adicionar no meu orçamento as compras de casa e assim por diante. Coisas que nem me importava tanto assim, quando morava com meus pais, começaram a ser o resultado dos esforços e de uma boa organização minha. No entanto, solicitei ajuda da minha mãe no Congo para me dar algumas dicas para conseguir cozinhar. Tinha assistido vídeo na internet, também, pelo canal *YouTube*, onde vi vários cozinheiros explicando o jeito de preparar muitas comidas que gosto. A respeito dos trabalhos domésticos, hoje é quase uma paixão. Amo a beleza e a beleza é muito ligada à pureza, assim eu me sinto bem quando estou em um lugar limpo ainda mais se for na minha casa. Por ser um aluno de um convênio que não me permite trabalhar, tenho recebido a cada mês o dinheiro dos meus pais para o meu sustento. Porém, cresci muito no sentido da responsabilidade pois não gasto meu dinheiro de qualquer jeito. Tenho um aluguel a pagar, despesas de casa, minha alimentação, etc. Então preciso ser bem organizado com o meu orçamento e usar com sabedoria o que recebo. Tendo isso em mente, querendo ou não, estou amadurecendo e posso afirmar que as mudanças na minha vida contribuíram fortemente para o meu crescimento pessoal sem dúvida nenhuma. Hoje encaro minhas circunstâncias como uma vantagem em vez de um obstáculo.

Do ponto de vista cultural, a minha experiência no Brasil é simplesmente magnífica e fora do comum. Se eu devesse dar um nome a um lugar mais representativo do mundo, eu o daria o nome do Brasil. Pois o quinto maior país do mundo é um lugar cheio de

mistura em vários assuntos. No Norte tem um clima mais quente e no Sul é bem frio. Quanto ao povo, há de todas cores de pele e de várias formas de rosto. Assim não tem um padrão de referência para conseguir dizer que um tal não é brasileiro apenas pela aparência. Às vezes, sou confundido aos brasileiros mas isso não demora muito pois quando abro minha boca, todos podem perceber que sou gringo pelo meu sotaque diferente da maioria. O povo brasileiro é geralmente um povo feliz e acolhedor, gosta de futebol, festa e comidas. Porém, como não tem nada de perfeito quando o assunto é sobre os seres humanos, no Brasil tem algumas pessoas menos agradáveis e preconceituosas. Mas sempre me digo que comentários preconceituosos só expõem a ignorância de quem os faz, não as supostas falhas de quem é o alvo da zombaria. Acima de tudo, eu amo muito a cultura brasileira a ponto de ter quase uma crise de identidade. Apesar de ter dois anos no Brasil, quando eu falo com os brasileiros, percebo que meu português tem sotaque francês. Mas, quando falo com meus pais ou amigos no Congo, dizem que meu francês tem sotaque português agora. Não importa com quem eu fale, sou um estrangeiro. Às vezes, eu me sinto dividido entre duas culturas: muito congolês para ser brasileiro e muito brasileiro para ser congolês. Felizmente, encaro minha formação cultural como uma ponte que me liga a outros e não uma barreira. O que eu sei das duas culturas aumenta minha capacidade de entender os sentimentos das pessoas. Hoje, por exemplo, entendo o senso de humor brasileiro. Algo que era difícil no início para mim. Dominar dois idiomas dá mais chances de conseguir um emprego e aumenta minha autoestima. Essa imersão cultural tem sido muito proveitosa.

De acordo com o título deste texto, sou um aluno da UFF e faço o curso de Arquitetura e Urbanismo. Estou no segundo período por enquanto e pretendo me formar o quanto mais cedo possível ou seja em 2025. Mas como um estrangeiro, que eu sou, consegui uma vaga em uma das melhores universidades do Brasil? Qual é o convênio que

me trouxe para cá? É o Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G) que me trouxe para cá. Este programa foi criado oficialmente em 1965 e oferece a estudantes de países em desenvolvimento com os quais o Brasil mantém acordo educacional, cultural ou científico-tecnológico a oportunidade de realizar seus estudos de graduação em Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras. O PEC-G é administrado pelo Ministério das Relações Exteriores, por meio da Divisão de Temas Educacionais, e pelo Ministério da Educação, em parceria com Instituições de Ensino Superior em todo o país. Então os estudantes que cumprem os critérios são selecionados e cada um pode escolher duas cidades ou dois estados onde quer estudar sem saber qual universidade vai o acolher. No meu caso, eu tinha escolhido o estado do Rio de Janeiro e logo depois descobri que fui selecionado para a UFF e que obviamente teria que morar em Niterói, quando eu chegasse ao Brasil pois é a cidade onde fica a minha universidade. Alguns meses depois de tomar conhecimento dessa situação, fiz as regularizações necessárias para viajar até aqui. No dia que cheguei em Niterói, simplesmente adorei a cidade de repente. Uma pequena cidade cercada pelas águas e com uma qualidade de vida melhor até um certo ponto, adorei mesmo. Porém, eu não falava nada em português e antes de começar as aulas de Arquitetura e Urbanismo, precisava aprender a língua primeiro. A UFF me forneceu as aulas de Português e depois entrei na faculdade. Mas por incrível que pareça, comecei a faculdade de forma remota por causa da pandemia devido ao coronavírus. Algo que eu menos esperava mesmo. Essa experiência foi bem desafiadora até inacreditável no início, mas sendo que a UFF sempre sabe dar um jeito em qualquer problema, eu não duvidava que, mesmo no meio da pandemia, ela usaria o seu poder adquirido durante 60 anos até agora para dar uma solução satisfatória para os alunos, professores e demais administradores desta grande instituição. Todavia, antes da UFF achar uma solução para dar início às aulas remotas, fiquei muito tempo sozinho e desesperado. A COVID-19 pegou todo mundo de surpresa e eu não

podia imaginar viver em confinamento longe das pessoas que mais amo no mundo: minha família. Essa situação me enfraqueceu consideravelmente. Não ter contato físico com ninguém, longe da minha terra, sem fazer o que vim fazer aqui: estudar, e nem praticar mais o português apesar de estar em um país cuja língua oficial é o português. Para passar o tempo, eu ficava assistindo filmes no *Netflix*, conversar com meus amigos e pais pelo *WhatsApp* e fazer desenhos, que é uma das minhas paixões. Apaixonado pela arquitetura, eu tinha lido vários livros sobre a história da arquitetura durante o período do isolamento social. Assim aumentei meu amor e conhecimento pela arquitetura. Eu fazia todas essas atividades para não ficar chorando ou muito preocupado com meus problemas e sobretudo não cair na depressão. Eu tinha em mente que a minha família se importava muito comigo e não queria que eu me sentisse mal, assim por eles, fiz muitos esforços para me sair bem e no final foi proveitoso para mim.

Então depois de um longo tempo de espera, no mês de setembro de 2020, as aulas começaram de forma remota. Logo no início, me dei conta que meu nível do português baixou devido à falta de contato com a língua durante o isolamento social, sem estudar de modo virtual pois eu conversava apenas com o pessoal do Congo em francês. Felizmente, tenho uma maneira fácil de me adaptar e readaptar. Não demorou muito para voltar a falar fluidamente e com a ajuda dos professores, monitores e alunos na minha turma me acostumei com um novo modo de estudar e melhorei bastante com o uso da tecnologia. Acima de tudo, é um grande prazer, para mim, estudar em uma das melhores universidades do Brasil, até do mundo. Acredito que as vantagens de se estudar na UFF estejam relacionadas à sua qualidade de ensino reconhecida. Sua avaliação é superior à de universidades privadas. Poder ter o nome da instituição no meu currículo significa algo de peso. Por receber alunos estrangeiros, a UFF me abre ao mundo acadêmica internacional. Tenho muitos amigos de vários países e aprendo diferentes culturas, consigo transmitir

também minha cultura e muito mais... Eis são algumas oportunidades que tenho recebido da UFF. A respeito do meu curso de Arquitetura e Urbanismo, estou cursando no segundo período por enquanto. Desde criança, eu gostava muito de desenhar, expressar minha criatividade e imaginação. Eu tinha também uma grande paixão pelas casas bem construídas, é assim que me dei conta que arquitetura daria muito bem comigo. Sem sombra de dúvida, foi uma das minhas melhores decisões de ter escolhido esse curso. Além de estudar o meu curso de coração, eu estudo dentro de uma faculdade de grande notoriedade e de qualidade superior do ensino. Como a cereja do bolo, o Brasil é um lugar maravilhoso para aprender arquitetura e urbanismo pois é cheio de uma arquitetura moderna mas também das arquiteturas antigas herdadas pelos colonizadores. Na minha cidade Niterói e a cidade vizinha Rio de Janeiro, tive a chance de visitar muitas obras arquitetônicas que me deixaram, por assim dizer, sem palavras. Museu Brasileiro de Cinema, Museu de Arte Contemporânea, Fortaleza de Santa Cruz e Museu do Amanhã são algumas delas. Tive a chance também de visitar outras cidades do Brasil: Itaboraí, São Paulo, Santos, Porto Feliz, Campinas e Brasília. Cada lugar tem a sua particularidade. Então, só pelo fato de morar no Brasil, tenho uma mente mais aberta e uma visão ampliada sobre arquitetura e urbanismo. É algo que com certeza me ajuda na inspiração, planejamento e criatividade de um projeto arquitetônico. Infelizmente, ainda não fiz aulas de forma presencial. Será que estou perdendo muitas coisas? Será que a qualidade de ensino baixou? Não sei responder estas perguntas. Porém, tenho certeza de ter aproveitado de outras coisas que talvez não seria possível de modo presencial. Por exemplo, tenho me sentido muito achegado dos professores e parece que eles estão o tempo todo à disposição para tirar quaisquer dúvidas minhas. Geralmente, como as dúvidas dos alunos são tiradas pela plataforma *google classroom* ou grupo *WhatsApp* da turma, todos alunos têm acesso. Assim, um professor só pelo fato de ajudar um aluno ajuda todo mundo de repente. Quando o assunto são as matérias onde desenhamos

bastante, essa ajuda faz toda diferença ainda. No entanto, espero que essa situação acabe logo pois quero mesmo estudar de modo presencial. Ter contato físico com os professores e alunos, fazer as práticas, ler dentro da biblioteca e tudo que pode ser feito dentro da universidade. Mas enquanto essa situação persistir, a UFF está de parabéns pois demonstrou que seja qual for o problema, sempre levará a sério o fato de poder providenciar o ensino acadêmico para os seus alunos. Tenho muito orgulho de fazer parte desta instituição e farei de tudo para sempre defendê-la. Desde a sua criação até 60 anos agora, a UFF cumpre bem o seu papel. Uma universidade pode ser definida como uma instituição de ensino e pesquisa constituída por um conjunto de faculdades e escolas destinadas a promover a formação profissional e científica de pessoal de nível superior, e a realizar pesquisa teórica e prática nas principais áreas do saber humanístico, tecnológico e artístico e a divulgação de seus resultados à comunidade científica mais ampla. Além de cumprir esta definição, no meu caso a UFF é uma ponte para o mundo. Acredito que muitos alunos estrangeiros vão concordar comigo que ser um aluno estrangeiro na UFF é uma ponte e não uma barreira.

Falando dos alunos estrangeiros, lembrei de um evento o qual eu assisti em 2019 que foi organizado pela UFF: Dia da África. Naquele evento, tive a chance de ter mais conhecimento sobre outros países da África. Embora eu tenha sido um africano, especificamente um congolês, não conhecia muito bem as outras culturas do continente. Notei que temos muitas semelhanças também e me senti achegado ao meu continente como nunca antes. Um número considerável de alunos estrangeiros na UFF fala a língua francesa. Daí, consegui me identificar a eles pois sou de um país francófono também e notei que temos vários sotaques em francês a ponto de poder reconhecer a origem de cada aluno estrangeiro que fala o francês apenas pelo sotaque. Durante esse evento, tinha também alguns brasileiros que gostam da cultura africana e querem aprendê-la um pouco mais. Fiquei

feliz de poder transmitir minha experiência vivida no meu continente a eles. Além de assistir, uma outra coisa que me deixou ainda mais feliz foi ter participado durante aquele evento: eu apresentei um dos meus poemas cujo tema foi “venha comigo na África”. Aquele poema relata um pouco sobre a história, as conquistas e a cultura da África terminando com um convite animador para todos que querem visitar esse belo continente formado por 54 países. No ano seguinte, em 2020, infelizmente não pude assistir aos eventos culturais aqui por um motivo que mudou nossa rotina e modo de viver: a pandemia do coronavírus. Pois é, eu deveria ficar em casa, cumprir o isolamento social e evitar as aglomerações. Como os eventos culturais geralmente reúne muitas pessoas, iam criar aglomerações e não era possível. Ainda hoje, é muito complicado organizar eventos presenciais. Tomara que essa situação acabe logo através da vacina ou de uma outra solução sugerida pelas autoridades governamentais. No entanto, acho que assim que as coisas voltarem ao normal, vou participar de vários eventos culturais e não apenas em eventos com relação à África. Acredito que esses eventos vão ampliar o meu conhecimento do povo e da cultura brasileira e também abrir novas possibilidades e perspectivas acadêmicas para mim.

Em conclusão, quero dizer que me sinto privilegiado de fazer a graduação no Brasil. Descobrir lugares únicos, que apenas os brasileiros têm o privilégio de considerar como o “quintal da casa”. O Brasil é um país que tem mais de 8 milhões de quilômetros quadrados de beleza e diversidade. Nesse cenário de dimensões continentais, posso encontrar ilhas e as mais lindas praias do mundo, cachoeiras e matas fechadas, rica gastronomia, parques, milhares de rios, cidades históricas e muita modernidade. Eu não poderia escolher um lugar tão inspirador quanto o Brasil para estudar arquitetura e urbanismo, ainda em uma das melhores universidades do país. Mesmo durante a pandemia, consigo visitar os lugares de modo virtual e já escolher onde irei visitar de modo físico assim que a situação melhorar.

Embora eu sinta falta dos meus pais, meus amigos e meu país, não me arrependo de estar aqui para fazer uns cinco anos de estudos pois sairei com mais senso de responsabilidade, mais conhecimento das outras culturas, mais uma língua falada de modo fluente, mais maturidade, mais capacidades de aceitar as diferenças dos outros, mais oportunidades profissionais e assim por diante. Às vezes é melhor aceitar estar debaixo das águas; estar debaixo das águas é aprender a nadar. É por todos esses motivos que me convenci que ser um aluno estrangeiro no Brasil me abriu ao mundo. Convenci-me de que ser um aluno estrangeiro na UFF é uma ponte, não uma barreira.

BOTA A CARA NO SOL, MONA

HELENA ANDRADE TEIXEIRA AZEVEDO ^[1]

Sem querer me apropriar do bordão, mas ele foi a frase chave quando paro para contar sobre o intercâmbio no Uruguai, em 2018. Pode parecer contraditório, pois o país não tem um grande índice UV e pode até ter uma paleta de cores um tanto acinzentada. No inverno, principalmente, é quando o sol se esconde e a neblina e a chuva se fazem mais presentes do que o céu azul. Ainda assim, estar em um novo espaço demanda se fazer conhecer para então poder também conhecer. E para isso, pôr a cara no sol é justamente a metáfora sobre se fazer presente com coragem, boas intenções e quando possível, contando com um pouco de sorte.

Assim, para mim, mobilidades e intercâmbios carregam muito de uma possibilidade de mão dupla: Encontrar, conhecer e desbravar o diferente ao mesmo tempo em que nos identificamos cada vez mais com o que nos define. Por essa razão, relato aqui um pouco daquilo com o qual me encontrei na diferença pois, é através de alguns desses relatos que conto um pouco sobre as perspectivas abertas por uma experiência de estudos no exterior. Isso porque, desde o momento da escolha, a opção pela *Universidad de La República*, na capital de um país

^[1] Graduada em Relações Internacionais pela UFF. Foi intercambista na Universidad de la República (Uruguai) em 2018.

cuja população total equivale à população de alguns bairros da cidade do Rio de Janeiro foi motivada por razões políticas.

O Uruguai apesar de pequeno ou, em razão disso, é um país de vanguardas políticas, de gente próxima geográfica e culturalmente ao Brasil, mas com propostas, ideias e contextos bem diferentes. A cidade de Montevidéu, apesar de capital, me pareceu uma cidade pequena, de gente sem pressa e cheia de idosos ocupando as praças e dançando tango sempre que possível. A segurança de um país pequeno, próximo do Brasil e que chama a atenção ao se destoar da realidade de muitos países vizinhos foi o que me motivou na escolha. Além disso, é um país aberto a receber imigrantes e, com facilidade para residência aos cidadãos de países do Mercosul. Por que não?

Através das histórias que vivi, posso me fazer entender sobre a importância das perspectivas de uma mobilidade em vários aspectos. Isso porque não se trata apenas de conhecer outro idioma e se tornar fluente nele, por exemplo. Conhecer outros locais, ainda que próximos, abre horizontes em diferentes nichos. Assim, sobre encontrar, conhecer e desbravar, eu apresento aqui alguns contextos que fizeram da experiência de estudar fora um grande divisor de águas, sejam por razões pessoais, profissionais ou acadêmicas. Assim, três relatos especiais da minha experiência no Uruguai em muito resumem o choque e a riqueza cultural que mesmo um país vizinho é capaz de proporcionar.

Uma das primeiras curiosidades no contato com o país foi tomar conhecimento sobre o lema de uma das bandeiras oficiais: *Libertad o Muerte*. Pois então, meu primeiro grande contraste foi conhecer a história da independência do Uruguai. Como símbolo em paralelo, o Brasil possui a bandeira com a expressão *Libertas quae sera tamen*. Em tradução do latim, o lema marcado na história como símbolo da independência brasileira é “Liberdade ainda que tardia”. Por outro lado, o Uruguai honra os “33 Orientais” responsáveis pela bandeira cujo lema é “Liberdade ou Morte”. Este grupo de homens atravessou

o delta do Rio de Prata desde Buenos Aires para proclamar a independência da então região das Províncias Orientais, que no período estavam sob domínio brasileiro, em 1825. No Brasil, o herói símbolo do movimento nacional, Tiradentes, foi enforcado e não é só aí que a história se difere.

Tendo estes contextos históricos à parte, aprendi muito sobre o peso dos simbolismos, das metáforas e das referências na formação identitária de uma nação. Ora, e haveria diferença maior do que ambas as bandeiras e as histórias por detrás destas? Reconheço aqui uma perspectiva um tanto romantizada e particular, mas enquanto internacionalista, foi o contraste neste aspecto que me fez atentar então sobre as diferentes narrativas de ambos os países. Narrativas que têm histórias, contextos, influências e idiomas diferentes. De repente, a ideia do diferente toma forma, ganha nomes, detalhes, curiosidades para além das exposições de aulas ou páginas de livros.

Assim como Brasil e Uruguai possuem seus contrários nas próprias histórias de independência, ambos também conviveram com períodos de ditadura militar. E é neste segundo paralelo que segui encontrando diferenças na perspectiva dos contrastes cultural, histórico e político. Sobre este segundo relato não foco nem tanto na parte histórica, dos horrores e histórias da ditadura uruguaia contados em parte na literatura de Eduardo Galeano. O que me fez perceber mais um grande contraste foi o desenrolar mais atual dessa parte da história. Assim, se anteriormente estudei em Relações Internacionais sobre as influências, razões e comunicações entre as ditaduras da América Latina, foi no intercâmbio que eu observei os diferentes reflexos dessa história.

Este segundo relato, para mim, segue ainda sob os meus olhos pessoais de observadora de contextos políticos. Assim, se, por um lado, a Argentina tem “Las Madres de Plaza de Mayo”, o Uruguai possui a Marcha do Silêncio. Em homenagem aos desaparecidos durante a ditadura militar, todos os anos, a cada 20 de junho, uma grande

passateira ocupa a principal avenida de Montevideu, completamente em silêncio. Digo isso e compartilho aqui a história pois antes de tudo, resalto que o uruguaio, para mim, não segue um perfil de muitos levantes, passeatas e grandes movimentações.

Em suma, em seis meses no Uruguai, fui realmente pega de surpresa pelo peso que é a Marcha do Silêncio. Não havia visto, antes, tanta gente reunida e de todos os gêneros, idades ou classes. E nunca estive em meio a tão grande número de pessoas envolvidas no mais absoluto silêncio. O silêncio em respeito, em luto e em honra aos desaparecidos. E faz com que as palavras de fato sejam desnecessárias para que uma história jamais seja esquecida ou repetida. E todo o evento com a intenção de não deixar cair no esquecimento as pessoas, a história e a violência do período ditatorial. O uruguaio honra sua própria história, ainda que não deixe de reconhecer também o lado mais sombrio dela.

Da experiência, no geral, sinto que os uruguaios exercem um alto nível de empatia. E isso é ainda mais perceptível, por exemplo, quando se é um tipo de imigrante em outro país. Conto como anedota como toda uma multidão de pessoas reunidas em frente à Prefeitura de Montevideu para assistirem a uma partida do Uruguai pela Copa do Mundo de 2018, projetada em um telão, sentaram após iniciativa de ser a primeira a sentar. É reconhecer no silêncio e no exemplo que, para todos poderem assistir ao jogo, independentemente da posição e da estatura de cada um, basta que estejamos nivelados ou sentados. E foi nesse mesmo telão que fotos e nomes dos desaparecidos políticos foram expostas durante a Marcha do Silêncio. E é com a mesma empatia no ar que experimentei e reconheci como os uruguaios carregam sua própria história. Um grande contraste, não?

Por fim, um terceiro momento marcante na minha curta história de mobilidade acadêmica foi a *Fanfarria Invernal*. Pois bem, comecei o texto mencionando os tons acinzentados que Montevideu carrega, e não foi à toa. De fato, o inverno é um grande evento para

os moradores e eu, como interiorana fluminense e, acostumada ao calor, sequer tinha roupas para esse evento. O inverno uruguaio altera a oferta de frutas e os preços na *Feria de Tristán Narvaja*. E também altera o humor dos uruguaios. Não há índices públicos, mas foi nas ruas e junto a outras pessoas que descobri que o índice de suicídios aumenta no inverno. A falta de sol influencia muito os humores. Imigrantes da Venezuela, Cuba ou outros países mais próximos à Linha do Equador podem certamente confirmar isso. E foi assim que descobri outra interpretação para a necessidade em colocar a cara no sol.

E, ainda no espírito da empatia e com a finalidade de receber o inverno com alegria, ocorre anualmente a *Fanfarria Invernal!* Assim, desmistificando um pouco o peso da estação e colaborando com os humores da cidade. Este evento leva as pessoas às ruas simplesmente para celebrar a chegada do inverno! Ocorrem saraus de poesia, shows, pintura, dança, desfile de palhaços e muita cor. A proposta é acolher principalmente pessoas em situação de rua, pois são as mais castigadas pelo frio, pela umidade e as frequentes chuvas da época. Além disso, nos faz refletir sobre o cotidiano privilegiado de ter um teto, uma cama e uma sopa quente. Com isso, a proposta é compartilhar a alegria e atentar para a empatia necessária para atravessar o período.

Eu poderia seguir aqui contando relatos sobre o carnaval no país, sobre os museus, os memoriais, sobre as artes visuais e outro tanto de referências bem absorvidas na experiência como intercambista. Poderia falar sobre o perfil portuário de Montevideú, sobre as influências orientais na cultura local e, mesmo, sobre a questão econômica e vulnerável do país. Poderia falar sobre a geografia urbana e o planejamento da cidade, o grande número de praças e a real ocupação delas pelos moradores. Mas talvez todos estes fatos sejam mais jornalísticos que relatos pessoais sobre o impacto do intercâmbio no contexto acadêmico de um estudante então, sigo.

Para além dos relatos e contextos, um intercâmbio abre novas perspectivas. É a possibilidade de se estudar em outro país e cultura,

viver como quem busca inspirações direto da fonte. Por essa razão, como um país de vanguarda para assuntos políticos no continente Sul-Americana, foi junto a estudantes uruguaios que encontrei espaço para me aprofundar em assuntos políticos, feministas, de integração regional e de direito e gênero. E foi ao absorver tanto e conhecer tanto que tomei a coragem inédita de participar de um evento, como palestrante, na “V Jornadas de Debate Feminista de Montevideo”.

Assim, conto por fim dessa experiência pois ela foi o auge da cara e da coragem postas ao sol. Participar de um evento internacional e apresentar um texto pessoal e político em outro idioma a tantas outras mulheres interessadas no tema foi certamente o ponto mais alto da experiência. Falar sobre o contexto político ao qual a temática feminista se desenrola foi o que por fim, me permitiu também retornar com um projeto de pesquisa alinhado para a graduação.

Portanto, por moral da história, é preciso conhecer para ser conhecido, ou se expor para se fazer entender. É preciso ter coragem para sair de um intercâmbio e para voltar com a bagagem. Mas viver é justamente sobre seguir mudando perspectivas e para tanto, posso afirmar que não há desenvolvimento e satisfação maior do que colocar a cara no sol e, se possível, no estrangeiro!

Imagem 1. Excursão de estudantes estrangeiros no Uruguai – Parque Nacional de Santa Thereza, abril de 2018



Fonte: Acervo pessoal

Imagem 2. Oficina de imagem – Jornadas de Debate Feminista, Montevidéu, julho de 2018



Fonte: Acervo pessoal

DE UM OCEANO A OUTRO

UMA BRASILEIRA EM TERRAS CANADENSES

JENNIFER DE ARAÚJO ROSA^[1]

Palavras iniciais

Este relato é baseado na minha experiência de mobilidade acadêmica internacional, entre os anos de 2015 e 2016, na universidade canadense *Bishop's University*. Como estudante de Letras, com habilitação em Português e Inglês, sempre soube que um intercâmbio seria extremamente relevante para a minha trajetória profissional. No entanto, o que eu não esperava era que tal experiência me transformaria completamente como pessoa.

Já na minha primeira semana de graduação, em 2013, conheci o programa de Mobilidade Acadêmica organizado pela Superintendência de Relações Internacionais (doravante SRI), durante os eventos de recepção realizados com o objetivo de melhor integrar alunos calouros. Naquela época, eu desejava profundamente realizar o sonho de estudar em uma universidade estrangeira, mas sabia das adversidades. No entanto, ser a primeira pessoa da minha família a ingressar em uma universidade federal me nutria de forças para se-

^[1] Graduada em Letras – Português/Inglês pela UFF. Foi intercambista na *Bishop's University* (Canadá) em 2015.

guir em frente e enfrentar qualquer tempestade, afinal, eu não estava sozinha, mas levava comigo todos os meus familiares que sempre sonharam meus sonhos e se dedicaram para que eu os realizasse.

Assim, o sonho se tornou plano e o plano se tornou projeto. Com muita pesquisa, leitura e contatos, tracei diversas estratégias para que a experiência se tornasse possível. Tomada a decisão, meu foco se dividiu em quatro: planejamento financeiro, estudos, trabalho e preparo psicológico. Cada momento abdicado e cada centavo economizado me aproximavam das terras canadenses. Então, em 2014, fiz a inscrição no programa de mobilidade internacional e, alguns meses mais tarde, surgiu a confirmação: no segundo semestre de 2015, estaria embarcando para Sherbrooke, no Canadá, para estudar no curso de *English and Literature* da *Bishop's University*. Antes de apertarmos os cintos para levantar voo, gostaria de agradecer à SRI pela divulgação do programa de Mobilidade Acadêmica – e de tantos outros! – pela disponibilidade em tirar todas as dúvidas que surgiram no caminho e por transformar a vida de milhares de alunos, como eu.

Primeiras semanas e primeiros desafios

No dia 11 de agosto de 2015, embarcava rumo a Montreal, com conexão em Atlanta, nos Estados Unidos. Ainda na época de pesquisa da passagem mais acessível, percebi que os voos diretos eram até 80% mais caros do que os com uma ou duas escaladas. Assim, como já havia tirado o visto de turismo americano pensando em uma eventual visita ao país vizinho, aproveitei os valores promocionais oferecidos pela companhia aérea *Delta Airlines*.

Algumas horas mais tarde, o avião pousou no aeroporto Pierre Elliott Trudeau, em Montreal, mas a jornada até a minha nova cidade ainda estava longe de acabar. Aguardando no desembarque estavam a Catherine e o Erick, casal canadense que iria me receber nas primeiras semanas, até que encontrasse um apartamento definitivo.

Aqui ressalto que a outra opção de hospedagem inicial seria o *AirBnb*, uma vez que os hotéis da cidade tinham preços bem salgados e a possibilidade de alugar um apartamento ainda do Brasil estava fora de cogitação por diversos motivos, mas acima de tudo, pela minha preferência em formalizar o contrato após visitas e voltas pelos bairros. Também é importante ressaltar que, na época, descobri que muitos estudantes internacionais que vão para Sherbrooke utilizavam a empresa de ônibus *Limocar*, que faz o trajeto direto do aeroporto de Montreal até o centro da cidade de Sherbrooke.

Ao sair do aeroporto, já era noite e pouco vi da cidade. Após uma hora e meia de estrada, chegamos até a casa e dormi por quase 10 horas. Nos dias seguintes, aproveitei para conhecer um pouco do bairro, Mont-Bellevue, repleto de casas espaçosas, parques e muito espaço ao ar livre. Igualmente, visitei os principais mercados da cidade, como o *IGA*, *Maxi* e *Super C* – destaque para os dois últimos, com os melhores preços e descontos para estudantes.

Inevitavelmente, as primeiras semanas foram de estranhamento. A sensação ainda não era de saudades, mas de falta. Falta do barulho das buzinas, das ruas e ônibus lotados, da preocupação cotidiana com a violência e do medo ao voltar da universidade às 22 horas. Logo percebi que estava acostumada ao que sempre havia me incomodado. Afinal, para uma pessoa nascida e criada no Rio de Janeiro, uma cidade com pouco mais de 160 mil habitantes, onde todas as lojas fechavam a partir das 20 horas da noite e as notícias principais falavam dos poucos ônibus que atrasavam 2 minutos do horário agendado, era, no mínimo, pouco usual. Percebi, mesmo em pouco tempo, que o choque inicial certamente mudaria meus parâmetros de cotidiano.

Falando sobre mudanças, a transição do português para o inglês não foi exatamente como eu esperava, já que, na minha nova cidade, apenas aproximadamente 5% da população possuía o inglês como primeira língua. Lembrem das pesquisas iniciais que mencio-

nei anteriormente? Ela foi super importante para lidar com o desafio linguístico. Desde 2013, quando Sherbrooke se tornou a possibilidade principal de destino por, principalmente, ter um custo de vida reduzido em comparação à vizinha Montreal, iniciei os meus estudos de francês na própria UFF e eles se mostraram essenciais para uma melhor adaptação.

Devo ressaltar que, ao longo da Mobilidade Acadêmica, percebi que a grande maioria dos estudantes da *Bishop's University* relatava viver muito bem apenas com o inglês, já que a universidade fica em Lennoxville, região predominantemente anglófona na cidade. Assim, sendo possível, recomendo o estudo, pelo menos, básico da língua francesa. Os primeiros dias na cidade foram assustadores, já que optei por me comunicar em francês, mas não estava habituada ao sotaque canadense. Ainda assim, decidi encarar como mais um momento de superação e, com paciência — principalmente dos interlocutores! — o que era impossível tornou-se possível e, aos poucos, o medo deu lugar à motivação de aprender ainda mais.

Mesmo que praticamente todas as pessoas que conheci dentro e fora da universidade falassem inglês muito bem, o francês foi um grande diferencial para que eu me sentisse mais integrada à comunidade. A cada palavra aprendida, a cada olhar atento de novos conhecidos, fui percebendo que acolhimento é um traço da cultura canadense, e eu mesma notei que mais do que habilidades idiomáticas, estava aprendendo ainda mais sobre generosidade.

Já um pouco mais habituada à rotina da cidade, já era momento de abrir uma conta de banco. Conversando com brasileiros que já haviam morado em Sherbrooke (obrigada, *Facebook!*), descobri que os principais bancos eram o CIBC, Desjardin, RBC e BMO. Após algumas visitas para entender melhor o funcionamento de cada banco, optei pelo que melhor se encaixava no meu perfil, o CIBC, pois era o único que não cobrava taxas de manutenção, e também possuía uma gerente brasileira na agência do shopping *Carrefour de l'Estrie*. Devo

ênfatizar que entender mais sobre transações bancárias na minha língua materna foi ótimo, além de me permitir ter um novo olhar sobre algo tão corriqueiro no Brasil.

Após cerca de um mês morando com o querido casal canadense que me recebeu tão bem, já era hora de finalizar a missão do apartamento. Embora eu tivesse pesquisado possibilidades de moradia dentro do *campus*, os valores de quartos duplos eram mais elevados do que de apartamentos inteiros, além dos alunos não terem a opção de cozinhar a própria comida, sendo obrigados a contratar o plano de refeição da universidade.

Assim, pesquisei em alguns sites famosos de aluguel no Canadá, e, após muita procura e ainda mais visitas, foi através do *Kijiji* que encontrei o apartamento que foi meu lar durante a estadia canadense. Embora os contratos, em geral, durem um ano, expliquei para o proprietário a minha situação e ele fechou o contrato pelo tempo exato dos meus estudos. Já no preço estavam as contas de luz, água e aquecimento, sendo necessário ainda contratar o plano de internet. Igualmente, junto do apartamento, vinham alguns eletrodomésticos e móveis, como fogão, geladeira e mesa com cadeiras. Na ausência de cama ou colchão, um edredom que havia comprado na primeira semana se tornou meu leito por alguns dias, já que não foi tão simples encontrar colchão por um preço acessível.

Nessa época, as temperaturas já eram, em média, 7 °C graus, e como o aquecedor do quarto estava precisando de ajustes, as primeiras noites não foram as mais fáceis, mas eu sabia que tudo valeria a pena e busquei o máximo de aprendizado com cada experiência. Afinal, eu poderia não estar aquecida, poderia não estar em uma cama confortável, mas todas as dificuldades superadas sempre me mostraram que possuímos forças ocultas que nem imaginamos, além de servirem para valorizarmos ainda mais detalhes cotidianos que, muitas vezes, olhamos como garantido. Então, nessa situação, o aprendizado não seria diferente. Já na semana seguinte, com o aque-

cedor consertado e o colchão comprado, o frio do apartamento deu lugar ao calor de um lar e eu já me sentia ainda mais em casa.

Nessa altura, as aulas na universidade haviam começado, assim como a minha jornada de muito aprendizado, noites mal dormidas e superação.

Cotidiano universitário

Logo na primeira semana de aulas, os novos alunos foram convidados para a *Orientation Week*, uma semana inteira de eventos organizados pelo comitê estudantil dos alunos de graduação. Intitulada a melhor semana da graduação, a proposta principal é que os novos alunos se sintam pertencentes à universidade, façam novos amigos, e se familiarizem com o ambiente universitário, preocupações que farão toda a diferença ao longo da sua experiência. Além de dividirem os alunos em equipes, há como proposta uma série de dinâmicas e jogos para uma maior integração entre os grupos. Como já era de se esperar, uma parte importante é dedicada às festas, em especial, ao *The Gait*, um pub dentro da universidade e principal ponto de encontro da vida noturna de Lennoxville, bairro em que a *Bishop's* está localizada.

Com o início das aulas, além da carga horária regular de 3 horas de aula, a existência das *Office hours*, ou seja, horas semanais que os professores dedicam ao atendimento individual dos alunos, fez toda a diferença para o melhor aproveitamento das disciplinas. Além de tirarem dúvidas sobre pontos específicos do conteúdo programático, esses encontros com os professores também podem ser úteis para traçar planejamento de estudos, encaminhamentos em relação aos projetos finais das matérias e uma oportunidade de diálogo mais próximo.

Durante meu período de estudos, pude realizar aulas de francês, na própria universidade, que melhoraram consideravelmente meu nível no idioma. Mas era o inglês, que eu já falava bem quando ainda estava no Brasil, a língua principal de minhas disciplinas. Aqui, preciso fazer uma observação importante. Por mais que tenhamos conhecimentos avançados da língua, estudar conteúdos em um idioma estrangeiro, em nível universitário, não é tarefa fácil. É preciso atenção redobrada e, às vezes, contar com a ajuda de colegas, que, de modo geral, sempre estão dispostos a ajudar. Essa foi a realidade acolhedora que encontrei na *Bishop's University*.

Outra novidade que chamou a minha atenção em vista do novo cotidiano universitário foi a existência da *Reading Week*. No meio dos períodos acadêmicos, as aulas são suspensas durante uma semana para que os alunos possam se dedicar às leituras para as disciplinas cursadas e a outros projetos relacionados aos estudos. Embora tenha sido importante ter esse momento para colocar a carga de leitura em dia, foi uma oportunidade também de aproveitar mais o país em que eu estava. Nesse período, tive a oportunidade de fazer um “bate e volta” até a cidade de Montreal, a cerca de 1 hora de distância de Sherbrooke. Lá, por coincidência, encontrei vários outros alunos da *Bishop's* com o mesmo objetivo: desconectar da pressão dos estudos e explorar novos territórios.

Também é importante falar sobre três pilares que foram fundamentais ao longo dos dias na universidade. No meu ano letivo, descobri que a *Bishop's* oferecia academia gratuita e também uma piscina aquecida aberta aos estudantes. Inicialmente, achei interessante, mas confesso que foi só após o primeiro mês de aulas intensas que redescobri a importância da atividade física para a saúde mental em um contexto de internacionalização. Assim, contando com uma sala de musculação e diversos aparelhos de exercícios cardiorrespiratórios, minha rotina se viu mais leve com a entrada desses novos hábitos. Ainda interessante, mas não tão explorado por mim, são os

esportes oferecidos pela universidade. Hockey e patinação no gelo, basquete e futebol americano são só alguns dos que pude conhecer um pouco mais durante meus estudos, mas que são supervalorizados pelos *Gaiters*, apelido dado aos alunos da *Bishop's University*.

O regresso

Minhas aulas na *Bishop's University* terminaram no fim de abril, mas minha passagem de volta para o Brasil estava marcada para maio. Isso porque eu me planejei para que, ao fim do período de estudos, pudesse conhecer outras cidades (canadenses e americanas). Devo destacar que essas viagens, que também só foram possíveis graças à mobilidade internacional, tiveram grande importância em meu enriquecimento pessoal e cultural.

Jamais poderia imaginar, lá no início, quando comecei a me programar para realização do intercâmbio, que um dia visitaria tantos lugares incríveis; que um dia conheceria tantas pessoas interessantes, cada uma com uma história de vida singular. Portanto, para além de todas as experiências acadêmicas vividas e pelas quais a mobilidade se fez relevante, devo dizer que os benefícios que a experiência de um ano no Canadá trouxe para minha formação como cidadã.

Indubitavelmente, assim como a arte, viver culturas e costumes diferentes é uma experiência de desautomatização. Sendo assim, ao entrar em contato com o não habitual, respeitando as suas diferenças, pude exercitar diariamente a minha percepção do outro, o que trouxe amplas reflexões e questionamentos, bem como um grande conhecimento pessoal e novos olhares sobre o mundo.

Quando ainda estava no Canadá, eu tinha certeza de que a experiência de intercâmbio havia mudado completamente minha maneira de ver o mundo e nele agir, mas somente quando pisei novamente em minha terra natal me dei conta do quanto as coisas po-

deriam ser diferentes daquele momento em diante. Eu havia mudado e conseguia perceber isso, mas o “mundo” aqui, de certa forma, continuava o mesmo. A vida seguia seu curso “normal”. Esse choque de realidade pode gerar uma certa frustração no início, pois sentimos uma grande necessidade de compartilhar o que aprendemos e vimos. Essa frustração, porém, é apenas inicial.

Pouco a pouco, percebi que o que aprendi e vivi jamais se apagaria de mim, e me restava incorporar esse aprendizado em meu cotidiano. Se hoje percebo minha consciência mais aberta em vários sentidos, com segurança posso dizer que devo isso à minha experiência de estudos e de vida naqueles encantadores meses que passei nas terras do Norte.

MINHA HISTÓRIA COM A UFF

JINYU XIE^[1]

Quanto à experiência de mobilidade internacional, sempre tenho muitas histórias a contar. Como uma estudante formada em língua estrangeira e ensino de língua chinesa para estrangeiros, graças ao apoio das instituições chinesas e da minha família, obtive muitas oportunidades de estudar ou trabalhar no exterior. Acordava todos os dias com o sino da Universidade de Coimbra para conhecer a tradição acadêmica portuguesa; dava aula de chinês com imagens e gestos numa escola rural da Tailândia onde ninguém falava a mesma língua que eu; perdia-me nas pequenas ruas do centro de Barcelona, onde no lugar menos notável, surgiam edifícios lindíssimos com muita arte e história. Se nesses lugares ainda permanecia como meio turista meio moradora, é no Brasil e na UFF que me sinto estar em casa. Minha história com a UFF já tem mais de quatro anos, desde uma professora que só frequentava Gragoatá uma vez por semana, até uma estudante matriculada no programa de pós-graduação na Faculdade de Letras. Trabalhar e estudar na UFF não é só mais uma experiência de mobilidade internacional como todas as outras, mas uma vivência mais profunda intelectualmente. Queria compartilhar aqui minha história com a UFF e o desenvolvimento acadêmico que

^[1] Doutoranda em Estudos de Linguagem na UFF e professora de língua chinesa no Confucius Classroom na UFF.

tenho obtido nesses quatro anos e espero que muito mais desafios e progressos estejam por vir durante minha vida acadêmica nessa querida universidade brasileira.

O primeiro contato com a UFF

Meu primeiro contato com a UFF foi a participação do Programa de Universalização em Línguas Estrangeiras (PULE) como professora de chinês no ano letivo de 2017. Naquela época, tinha chegado ao Brasil há pouco tempo e não conhecia nada sobre a universidade. Ainda me lembro de que, no primeiro dia de aula, cheguei cedo na UFF e fiquei passeando no *campus* do Gragoatá. Foi um dia muito lindo. A árvore enorme e antiga em frente à biblioteca me fazia sentir dentro da natureza. Continuei caminhando, até chegar ao mar com uma vista maravilhosa da ponte Rio-Niterói, junto com as flores roxas em frente da parede azul, onde o nome da UFF brilhava no raio de sol. Como era ainda cedo, o *campus* estava vazio e só tinha eu dentro desse cenário de grande beleza, abraçada pela natureza e pelo sol de manhã do país tropical.

Quando entrei no prédio, a professora Telma me deu um sorriso caloroso de boas-vindas, muito educada e carinhosa. Tinha mais de quinze alunos na minha turma, provenientes de cursos muito variados. Era minha primeira vez a dar aula para alunos universitários brasileiros, todos da minha idade ou até mais velhos que eu. Não sabia naquele dia que essa turma era um grande presente que o Brasil me deu, que ia me acompanhar nos próximos quatro anos.

Uma grande impressão que esse grupo de alunos me deixou é que os estudantes universitários brasileiros são muito pensativos e argumentativos. Os conhecimentos deles vão muito além dos livros de sala de aula, chegando na sociedade onde vivemos. Em comparação, eu, uma mestra da universidade chinesa, conhecia tão pouco sobre o mundo fora da minha área e da universidade. Me sentia mais

como aluna do que professora, absorvendo as informações e modo de pensar dos meus alunos enquanto compartilhava meus conhecimentos sobre a China. Essa troca de ideias, às vezes, se prolongava até o final do dia, quando decidimos fazer passeios pelo Rio ou Niterói. Tinha poucos amigos brasileiros naquela época e esses passeios com a turma iluminavam meus dias no Brasil.

Aproximar a UFF

A partir de 2019, ou seja, meu terceiro ano no Brasil, entrei na UFF oficialmente como professora de chinês no *Confucius Classroom* na UFF. Antes passava só sábado de manhã no Gragoatá, agora fico seis dias da semana entre o escritório e as salas do Centro de Línguas. Além de dar aula, também consegui a oportunidade de assistir a algumas disciplinas. Isso me fazia muita falta porque não aguentava uma vida sem conhecer algo novo nem progresso acadêmico. Desde então, ficava trocando de papel de professora e de estudante constantemente. Trabalhar em pé como professora me fez valorizar muito mais a oportunidade de adquirir conhecimentos novos do que sentada como aluna, ao mesmo tempo ser estudante me ajudava entender melhor as expectativas dos alunos em relação a uma boa professora e de que maneira posso melhorar nas minhas próprias aulas.

Cursei duas disciplinas com a professora Cirlene com o tema de Português para estrangeiro, só que uma era destinada aos estudantes estrangeiros e a outra era para os estudantes brasileiros que desejavam ser professores de Português para estrangeiros. Uma grande diferença que percebi entre os cursos de Letras do Brasil e da China é que o do Brasil é mais formativo e o da China instrumentativo. No caso do Brasil, a tradição acadêmica europeia é bastante forte e o objetivo da universidade é incentivar os estudantes a pensar e pesquisar. No caso da China, com o rápido desenvolvimento da economia e sociedade, e a expansão da China no mundo, surgiu uma enorme

demanda de pessoas que falam línguas estrangeiras. Nesse contexto, habilidades como pensar e pesquisar não são muito destacadas no curso de Letras, porque a maioria dos formados em língua estrangeira não trabalha na universidade ou escola, mas em grandes empresas ou bancos. Não quero julgar qual formação é melhor ou pior, porque cada tipo de formação deve adequar-se ao próprio contexto histórico-social e atender as necessidades de cada país. No meu caso, sentia muita dificuldade em ler artigos acadêmicos em grande quantidade e produzir textos acadêmicos seguindo rigorosamente as regras, porque era algo que nunca existia na minha formação na China.

No mesmo período, iniciei a preparação do processo seletivo para doutorado em Estudos de Linguagem da UFF. Como já mencionei, a formação de Letras na China é bem diferente do Brasil, por isso tinha de estudar as teorias de linguagem praticamente desde zero. Muitas teorias só tinham ouvido de nome, porque meu mestrado concentrava-se nas práticas de sala de aula e não nas teorias de base. Nunca tinha escrito um artigo do modo “brasileiro” nem conhecia as normas da ABNT, que pareciam um grande livro que nem sabia de onde começar. Também, só nessa época, ouvi dizer do Currículo Lattes pela primeira vez e não sabia o que era para colocar porque participei de muito poucos eventos acadêmicos na China. Senti que era a iniciação científica que tinha de fazer, não o doutorado.

Se minha formação na China contribuiu para meu ingresso no doutorado, foi a determinação de estudar e a habilidade de memorizar uma grande quantidade de conhecimento em muito pouco tempo. Consegui terminar meu anteprojeto em um mês, seguindo o formato de outros artigos que encontrei com temas parecidos. Acabei com cinco livros fundamentais para as teorias de linguagem no outro mês, preparada para fazer a prova. Sobre o mesmo tema ou fenômeno linguístico, tentei procurar livros escritos pelos autores chineses que oferecem mais exemplos em língua chinesa. A preparação para o doutorado foi uma experiência muito proveitosa e recompensadora,

através do qual comecei a conhecer as pesquisas científicas do Brasil e entender melhor a sociedade brasileira. Consegui passar na prova e tornei-me uma uffiiana de verdade, com os primeiros passos entrando no mundo acadêmico ocidental.

Pesquisar na UFF

Mesmo que já tenha morado no Brasil há três anos, até a hora que entrei no programa de doutorado, vivia dentro de uma bolha ideológica chinesa. A vida no Brasil transformou muitos atos meus do dia a dia, mas enquanto os pensamentos ou crenças mais profundas continuavam sendo inalteráveis. Talvez pelo fato de ser uma professora de chinês do Instituto Confúcio, a “representante” da China no exterior, meu instinto é sempre defender o meu país a qualquer custo. Às vezes ficava com muitas dificuldades em justificar minhas ideias por falta de informação ou conhecimento, então criei o costume de tentar evitar os assuntos políticos nas conversas com os brasileiros.

Quando iniciei as aulas de pós-graduação, encontrei muitos conceitos e ideias que contradizem o que tinha recebido da China. A minha primeira impressão é que o mundo acadêmico ocidental gosta muito de criticar, porque não teve nenhuma aula que os professores ou alunos não estavam criticando política ou sociedade. Isso também foi o primeiro comentário do meu orientador Xoán sobre meu projeto, que estava faltando críticas mas cheio de exaltação. Foi algo que até naquele momento nunca tinha percebido, porque era uma característica típica nos textos acadêmicos chineses que sempre pensei que era normal.

Com a ajuda dos professores e dos grandes pensadores nos livros, muitas ideias “normais” estavam desconstruindo na minha cabeça. Comecei a entender um pouco o sentido de pesquisa científica, que é afastar do senso comum para procurar a verdade. As crí-

ticas não são simplesmente críticas, mas a vontade de pensar independentemente e tentar chegar às verdades apesar das influências ideológicas inevitáveis da sociedade. Minhas ideias eram tão presas nas limitações de senso comum que não sabia que era possível duvidá-las até superá-las. É a maior lição que aprendi no meu primeiro ano de doutorado.

Com esse tipo de pensamento, tentei mudar do meu papel de “representante” da China para a pesquisadora dos assuntos da China. Não fico mais chateada com as críticas de ignorância nos jornais ou preconceitos dos alunos contra a China. Procuo entender porque os brasileiros pensam assim e porque a China funciona do outro jeito e pode (ou não) dar certo. Não evito mais falar dos assuntos sensíveis sobre a política na minha sala de aula, mas início as discussões e ofereço uma perspectiva chinesa. Os assuntos não são mais certos ou errados, porque tudo depende do ponto de vista e da abrangência das informações que conseguimos obter. Para defender incondicionalmente a China, para aceitar todos os tipos de opiniões e pensar ativamente em base neles, estou muito orgulhosa com meu progresso intelectual.

Conhecer os pensamentos ocidentais também não significa derrubar tudo que tinha aprendido na China. A crença chinesa é a raiz cultural que me sustenta no meio de todas as correntes acadêmicas ocidentais. Desde o momento que tentei ingressar no programa de pós-graduação no Brasil, sempre sabia que minha maior vantagem seria minhas vivências na China, que me possibilitam pensar diferente do que todo o mundo e que sempre me oferecem uma outra escolha. Enquanto tento crescer para cima com os novos conhecimentos ocidentais que aprendo no Brasil, também é importante pesquisar e entender melhor a cultura chinesa para que minha raiz possa crescer continuamente para baixo, fortalecendo minha identidade. Acho que essa experiência é algo comum entre todas as pessoas que moram fora do seu próprio país: quanto mais fica numa outra

cultura, mais sente necessidade de conhecer sua origem e afirmar sua identidade. A diferença nunca é o problema, mas o importante é conciliar várias culturas que convivem dentro de uma pessoa e encontrar o equilíbrio entre elas.

Se viver em outro país com língua e cultura diferentes já pode mudar uma pessoa, fazer pesquisa em Ciências Humanas no exterior onde a ideologia é distinta do país de origem desperta uma revolução profunda nas crenças e concepções do mundo. Fico muito feliz por poder experimentar essa transformação que poucas pessoas têm essa oportunidade e estou desfrutando cada confronto de ideia e cada nova possibilidade que pode existir. Acredito que isso é o objetivo final da mobilidade acadêmica internacional: conhecer diferentes visões do mundo e criar uma comunidade de ser humano onde todas as perspectivas são valorizadas e todas as possibilidades são bem-vindas.

ENTRE CORES E CAPULANAS

RELATO DE INTERCÂMBIO ACADÊMICO E
CULTURAL ENTRE BRASIL E MOÇAMBIQUE

JOANA PENÊDO DA CONCEIÇÃO^[1]

Em março de 2019, recebi o resultado do edital de mobilidade acadêmica internacional da Universidade Federal Fluminense com aprovação pelo programa, no módulo bolsista, para estudar durante um semestre na Universidade Eduardo Mondlane (UEM), em Maputo, Moçambique. Até então, era aluna do curso de Biblioteconomia e Documentação da UFF e estava pleiteando uma vaga de aceite nas universidades de Évora, em Portugal, e na UEM, em Maputo. Após o processo de seleção da SRI/UFF (Superintendência de Relações Internacionais), o qual avalia o CR, Currículo Lattes e a carta de intenção do aluno, o aceite foi recebido com muita felicidade por mim. Neste processo inicial, os alunos participam de uma reunião com a SRI, onde todas as diretivas do processo de intercâmbio são apresentadas, bem como temos um mentor à disposição para nos acompanhar e sanar nossas dúvidas até a ida ao país de destino.

Ao tomar conhecimento que estava apta a embarcar nesta nova empreitada para Moçambique, fiquei extremamente feliz, pois escolhi o país em questão não somente por me interessar pela sua cul-

^[1] Graduada em Biblioteconomia e Documentação pela UFF. Foi intercambista na Universidade Eduardo Mondlane (Moçambique) em 2019.

tura, mas também pela motivação de viver em um país que tem sua história bem próxima a do Brasil. Moçambique é um país ex-colônia de Portugal, o qual travou inúmeras batalhas tanto políticas quanto civis, a exemplo da Guerra civil que perdurou entre os anos de 1977 e 1992, seguida do processo de independência do país entre 1964 e 1975.

Durante minha preparação para a viagem, ainda no Brasil, cursando então o sexto período do curso na UFF, em 2019.1, a comissão da superintendência internacional da Universidade Eduardo Mondlane manteve contato comigo e com os outros alunos aprovados da UFF para preparar nossa chegada à cidade de Maputo.

Quanto ao processo, todas as etapas aconteceram rapidamente, considerando que a aprovação aconteceu no fim de março e em julho estava embarcando para o referido país, pois optei em cursar o período de 2019.2, já que a conclusão do curso na UFF estava próxima.

Entre abraços de amigos e amigas, familiares, esperançosos com a minha partida, estava vivendo um misto de sentimentos, ansiedade, felicidade e medo do novo, quando ainda considerava que tudo seria extremamente diferente ao chegar em outro país, mas ora, estou falando de um país no continente Africano, como seria tão diferente, se a terra mãe tem tanta influência na construção da história do Brasil? E é assim que dou início ao relato da melhor experiência acadêmica que a UFF poderia me proporcionar.

Minha jornada se inicia no dia 29 de julho, no ano de 2019. Saio da rodoviária de Niterói, em direção a São Paulo, fico algumas horas na casa do meu amigo Eduardo, até seguir para o Aeroporto Internacional de Guarulhos, onde pegaria o primeiro voo para Johannesburgo, África do Sul, faço um último contato com a minha mãe e meus amigos antes de embarcar. Entre São Paulo e Maputo, com escala em Johannesburgo, a viagem durou em média 18 horas. Mas o acesso à internet em Maputo é um pouco limitado, então já sabia que iria demorar até entrar em contato novamente com alguém. Já no aeroporto de Maputo, um funcionário da UEM estava me esperando para me

levar até a casa que iria residir nos próximos meses no bairro do Alto Maé com outras alunas intercambistas, minha grande amiga Linda, da Itália, e Viviani, da UFPR, que foram minhas companheiras durante todo o intercâmbio.

Nos dois primeiros dias, foi preciso me acostumar com o fuso horário, Maputo está há cinco horas à frente do Rio de Janeiro, depois me acostumar com o idioma, ainda que se fale português, em Moçambique há em média vinte línguas maternas, então o português lindamente se mistura com essas línguas, principalmente com o *changana*, língua predominante em Maputo. Não há como negar a explosão de vida nas ruas da cidade, cores, aromas, sabores... Também há muitas coisas em comum com a cidade do Rio, como o descaso com o transporte público, que são os chapas — os chapas são pequenas kombis, ou minivans, que cabem entre doze e dezesseis passageiros, mas que vão até trinta pessoas juntas ao mesmo tempo em uma mesma corrida — a passagem custa em média dez meticais, na época era algo como vinte centavos em real, metical é a moeda local do país.

Imagem 1. O chapa, Alto Maé, Maputo (2019)



Fonte: Acervo pessoal

Nos primeiros dias, um aluno residente da UEM apadrinha os intercambistas, auxiliando no processo de matrícula das disciplinas, em como se locomover pela cidade, dão dicas do que fazer no tempo livre, inclusive na maioria das vezes, uma relação de amizade é criada, justamente por eles nos acompanharem durante esse primeiro momento de adaptação com o novo local. Foi o meu caso com os colegas Djabo, Wilson e Joyce da UEM.

Já na universidade, pude escolher quais cadeiras (disciplinas) gostaria de cursar, no meu caso eu poderia escolher entre ter aulas no *campus* principal ou na Escola de Comunicação e Artes (ECA), se-

melhante ao IACS/UFF. Optei em escolher duas cadeiras de biblioteconomia (História de África e Bibliotecas Públicas e Escolares) e uma do curso de Antropologia (Cultura e Sexualidade). Antes de embarcar para Moçambique, as disciplinas são escolhidas juntamente com a coordenadora do curso da UFF, porém, por conta da grade de horários ou pré-requisitos, você pode optar por outras disciplinas, e, como eu era aluna quase concluinte, pude escolher uma disciplina de outro curso, fica a critério do combinado com a coordenação do seu curso de origem.

A experiência na universidade em si foi muito diferente do que estava acostumada na UFF, as aulas são bem convencionais e tradicionais, existe um chefe de turma, o qual na maioria das vezes somente este é responsável por levar as dúvidas da turma para o professor, bem como passar avisos dos professores para os alunos. Os acadêmicos, inclusive os alunos e alunas são bem formais, tanto em apresentação de trabalhos, quanto em avaliação das provas, testes e seminários. Se você está acostumado com a Cantareira entre os horários de aula, para conversar com os amigos e descansar entre as aulas, precisará se acostumar com os horários rígidos e ter muita disciplina com os prazos, horários e todas as atividades relacionadas à universidade. É importante frisar que o intercâmbio acadêmico é uma ótima oportunidade para conhecer outro país, viajar, mas também é preciso se dedicar aos estudos, uma vez que estamos representando a UFF em outro país. Nossa participação acadêmica conta muito para o programa de mobilidade internacional continuar, então quando somos os alunos intercambistas os holofotes estão direcionados à nossa produção e desempenho acadêmico.

Dito isto, julgo imprescindível comentar sobre a professora Delfyna Lázaro Mateus, que ministrou a aula de Bibliotecas Públicas e Escolares, além de aprender muito em suas aulas, que são únicas, dinâmicas, com muitos debates, ela participou como membro externo da minha banca de trabalho de conclusão de curso no fim de 2020.

Além disso, tive a honra de palestrar na Feira do Livro de Maputo, que é um evento comparado a Bienal do Livro, no Brasil, que conta com a presença de escritores nacionais e internacionais, inclusive brasileiros. Fui convidada para falar em um painel sobre “O papel da biblioteca escolar no incentivo à leitura”, dividindo a mesa com o diretor da Biblioteca do Centro Cultural Camões e da Secretária de Cultural de Maputo. Este evento contribuiu imensamente para minha jornada acadêmica, adquiri experiência e pude compartilhar em outro país sobre meus aprendizados na UFF, tanto dos aprendizados em sala de aula, quanto de pesquisa, com isso, dando visibilidade e criando redes de contatos que são essenciais para quem tem vontade de seguir na carreira universitária, seja como pesquisadora ou professora.

Imagem 2. Feira do Livro de Maputo (2019)



Fonte: Acervo pessoal

Além desse, houve outros eventos que participei como ouvinte, como o Seminário Internacional de Ciência Aberta, onde estavam presentes pesquisadores brasileiros da área da Ciência da Informação e também pesquisadores da Suécia, Portugal, entre outros. Ia acompanhada dos meus colegas de turma, que sempre foram muito gentis e cordiais me recepcionando e me ensinando os costumes de Moz, carinhosamente como Moçambique é apelidado.

Estou na metade do relato e me vejo sentada no pátio da universidade comendo sopa de feijão, era o meu almoço de todos os dias na UEM com as minhas amigas Linda e Viviani. Isso me faz lembrar de como a comida em Moçambique é rica! A maioria dos pratos são feitos com legumes e suas folhas, por exemplo, a *matapa* que é feita com a folha da mandioca pilada, com leite de coco e amendoim (minha comida favorita), a *nhangana* que é a folha do feijão *nhemba*, *madledlele*, que são as folhas da batata doce, *Mboa*, as folhas da abóbora, são a base da culinária moçambicana, então eu, vegetariana, estava em casa. Para além das verduras também existe a *Xima* que é uma papa feita com farinha de mandioca, sempre vem no prato principal com um molho. Os pratos típicos custavam em média entre 80 e 120 meticais (uma média entre seis e dez reais), principalmente no Mercado do Povo, ou como meus colegas me ensinaram o “Povinho amado”, um mercado no centro de Maputo, com muitas barracas de comida, que são feitas todas à lenha, que se mistura com bar, quermesse, venda de legumes, galinhas... Nas ruas comemos muito o pão com *badjia*, que tem influência indiana, a *badjia* é um bolinho frito feito com feijão *nhemba* pilado, geralmente as *mamas*, como são chamadas as mulheres mais velhas, pilam o feijão com os temperos e fritam na mesma hora.

Ainda sobre o aspecto cultural, a vida noturna em Moçambique começa e termina cedo, os eventos são entre 18h da noite e 01h da manhã, o transporte público para de rodar em média às 23h, então,

depois desse horário, só é possível se locomover com táxi ou o *txopela*, que são os *tuk tuks*, um modelo de triciclo motorizado.

Dois lugares que não se pode deixar de conhecer em Maputo são a Associação dos Músicos e a Associação dos Escritores Moçambicanos. Toda quinta-feira tem apresentação dos músicos e dançarinos locais, é um ambiente ótimo para descontrair, conhecer pessoas, muitos intercambistas de outros países frequentam a associação, bem como brasileiros e moçambicanos.

Também há os centros culturais, Franco-Moçambicano, o Moçambicano-Alemão, a Fundação Fernando Leite Couto, fundada pelo famoso escritor moçambicano Mia Couto e o Brasil-Moçambique, onde ocorrem eventos e festivais, residências artísticas, musicais, cinematográficas, shows, festival de poesia e teatro. Quando as apresentações não são gratuitas o valor das entradas é acessível.

Pessoalmente tive a honra de conhecer duas figuras de quem tenho muito apreço pelo trabalho, o escritor Mia Couto, o qual autografou um livro que trouxe desde o Brasil comigo durante a viagem, “Terra sonâmbula”, com quem pude interagir e conversar em um evento literário na capital. Outra personalidade moçambicana em que já acompanhava o trabalho foi o rapper Mano Azagaia, o qual tive o prazer de ir em um show do cantor em Maputo.

Além desses eventos, não poderia deixar de falar sobre as viagens que fiz durante minha estadia em Moçambique. Como o custo de vida é relativamente baixo, há a possibilidade de conhecer outros lugares para além da capital onde a universidade estava localizada. Então, aproveitei os feriados nacionais e o período de férias para me aventurar junto das minhas amigas e companheiras de residência pelo país, e também fora dele, uma vez que Maputo está localizada no Sul do país e faz fronteira com o Reino de Eswatini, antiga Suazilândia e África do Sul.

Primeiramente, o visto concedido aos estudantes brasileiros pela Embaixada de Moçambique, ainda no Brasil, é o de estudante

e este tipo de visto não permite que em Moçambique você saia do país, uma vez que já esteja residindo no mesmo, então foi preciso solicitar um documento para o SRI da UEM e levar até a Embaixada em Maputo para emitir um novo visto. Com este visto em mãos, é possível viajar para outros lugares, levando em consideração que são países bem próximos de Maputo e é preciso deixar tudo avisado na universidade para que eles mantenham controle. É importante lembrar que quando estamos em outro país devemos respeitar a cultura local, aprender ao máximo e ter a mente aberta para as diferenças e costumes de cada país. Uma das coisas que aprendi morando em Maputo é que estamos constantemente adquirindo conhecimento, este é o propósito também do intercâmbio, o aprendizado e a troca de saberes e culturas entre povos e nações distintas.

A primeira viagem que fizemos foi para Essuatíni, que fica a quatro horas de Maputo. Foi incrível conhecer um país com um modelo político e econômico totalmente diferente do que estava acostumada. O país segue um modelo de monarquia absolutista, onde o rei tem poder absoluto sob o povo e a nação. A língua oficial é o inglês e também segue a mesma linha de Moçambique com outras línguas maternas. Fomos assistir ao Festival *Umhlanga* ou *Reed Dance*, que é um rito anual para a escolha da nova esposa do Rei de *Eswatini*. Somam mais de quarenta mil meninas e mulheres de faixa etária entre oito e vinte e dois anos como candidatas, que durante sete dias participam de atividades que envolvem entreter a rainha, se preparar para apresentação da dança e beneficiar o reino. Esse evento é chamado também de *Reed dance* por acreditarem que a cana-de açúcar representa a pureza (virgindade), e apontam como ideia primária do festival a preservação da virgindade das meninas, uma vez que Essuatíni é o país com maior índice de pessoas com HIV/AIDS no mundo.

Também dizem que a virgindade é preservada até que a menina atinja a maioridade, uma vez que o rei escolhe no sétimo dia,

depois da dança das quarenta mil meninas em uma arena, com quem irá casar.

As candidatas carregavam as folhas de cana que foram cortadas juntas simbolizando o senso de união antes de adentrar a arena com suas roupas coloridas que representam cada província. A dança é feita simultaneamente numa explosão de cores e cantos em uníssono.

No sétimo dia, a nova princesa é escolhida pelo rei. Sim, o rei desce até a arena, agradece as 40 mil meninas e escolhe uma. No oitavo dia, algumas candidatas são escolhidas para recolher pedaços de carne ofertados pelo Rei.

Repensar e abrir meus olhos para novas culturas sendo uma cidadã ocidental, americana do Sul, latina, ainda que mulher preta e racializada, é mais do que mostrar meu ponto de vista e evitar o etnocentrismo e o relativismo cultural, é contar uma história. Compreender as diferenças e conviver com ela todos os dias é uma realidade no Brasil, se eu vivo coisas hoje que de certa forma ferem o que eu entendo como direitos humanos, tenho que me lembrar que são culturas distintas, papéis sociais e hierarquias para além do que conheço. Parece que há limites para o relativismo. E é importante não viver no mundo sob uma perspectiva turista.

Imagem 3. Festival Umhlanga, Kingdom of Eswatini (2019). Antigo Reino da Suazilândia.



Fonte: Acervo pessoal

Outro destino, que conhecemos em Moçambique, foi na Província de Inhambane, a praia de Tofo, que é uma região oceânica com muita vida marítima. A viagem de Maputo dura entre seis e oito horas de chapa, sim aquele chapa que mencionei anteriormente, o custo é menor do que o ônibus, então sempre buscamos fazer essas viagens de maneira mais genuína possível. O local é banhado pelo Oceano Índico, assim como o restante do país, as pessoas são muito receptivas e adoram contar as histórias da região.

Também conhecemos a região de Ponta do Ouro, que fica a duas horas da capital, outra região praiana bem próxima da cidade. E a Praia do Catembe, que fica ao redor da Baía de Maputo, podendo

ir de ônibus ou em um pequeno barco, se tiver espírito aventureiro. O nosso lema diário era: “Todo dia é uma aventura viver em Maputo!”.

Nos arredores da cidade de Maputo, também é possível conhecer alguns lugares quando acompanhada dos amigos moçambicanos que são ótimas companhias para apresentar as melhores *cen*as da cidade (as *cen*as são os eventos). Outra palavra que falamos muito lá é: *maningue*, que significa: muito, então falamos: “esta *cen*a está a bater *maningue nice!*”.

A última viagem feita durante o intercâmbio foi no período de férias escolares. Desta vez o destino foi a África do Sul, com a minha fiel amiga e companheira, Linda. Tínhamos o sonho de conhecer *Cape Town* e *Johannesburg*, então nos programamos durante toda esta-dia em Maputo para poder conhecer o país sul africano nas férias de dezembro, após o término das obrigações acadêmicas.

Joanesburgo fica a oito horas de Maputo, fomos de ônibus, e o que mais me chamou atenção, foi a modernidade da África do Sul. De certa forma, já havia me acostumado com a vida em Maputo, os costumes, com o tempo vagaroso da cidade, que é totalmente diferente do nosso no Brasil, os prazos e tempo de resposta para as coisas demora mais, o acesso à internet não era muito bom, então estava vivendo uma vida mais tranquila. Chegar em Johannesburgo foi como ser criança em cidade grande! O país tem muita estrutura, é moderno, tem shopping, rede de *fast food* em cada esquina, trem, metrô, ônibus, tudo que era normal no meu cotidiano no Rio de Janeiro e já nem me lembrava mais.

Em *Cape Town* conheci paisagens lindas, dessas de cinema, inclusive a cidade é cenário de muitos filmes, tem um ar jovem, muita vida noturna, além de montanhas, praias de um mar azul cristalino, praias onde se pode nadar com os pinguins, lugares para fazer trilhas como a *Lion's Head* e a *Table Mountain*, restaurantes, bares... É perfeito!

Os idiomas oficiais da África do Sul são o inglês, o afrikaans (herança da colonização inglesa e holandesa) e o zulu, além de outras línguas maternas, como em todo o continente Africano.

Na capital, Joanesburgo, há também muita vida e movimentação na cidade, a arquitetura carrega muita influência britânica e holandesa, pois o país foi colônia do Reino Unido e Holanda. O ritmo de vida é mais acelerado e o foco da viagem é mais histórico e cultural nesta cidade. Ao visitar os Museus do *Apartheid* e o *Constitution Hill*, fica evidente os rastros do processo do *Apartheid* no país, as diferenças sociais e raciais e como a figura de Nelson Mandela foi importante neste processo para a nação sul africana. Linda e eu também conhecemos o Parque Natural de *Pilanesberg*, e tive a experiência única de ver de perto os maiores animais, que pensei que só veria no *Animal Planet*, canal de televisão. Diferente de um safári, nos parques naturais os visitantes estão conscientes e assinam um termo de responsabilidade sabendo que ali é o *habitat* dos animais. Foram quinze dias de viagem na África do Sul e nos outros locais que citei geralmente aconteciam aos fins de semana.

De volta a Maputo, mais uma vez me sentia em casa, as cores das capulanas (que são os tecidos de cores vívidas que as mulheres usam amarrados na cintura, na cabeça, ou para segurar os bebês junto ao corpo), o bom dia das pessoas, as idas aos mercados de rua, as compras na Baixa (região central onde se encontram os “camelôs” da cidade), as últimas caminhadas pelas ruas do centro e a última ida à Associação na quinta-feira.

Imagem 4. Jovens moçambicanos, Raphael Webhofer (2019)



Fonte: Acervo pessoal

Moçambique e os moçambicanos me ensinaram tanto, que poderia relatar por horas e muitas páginas mais sobre como foi viver por um semestre da minha vida nesta capital cheia de história para contar. E julgo dizer uma das épocas mais memoráveis, onde conheci pessoas que levarei com muito carinho durante minha trajetória pessoal e profissional, aos amigos e amigas que fiz, aos aprendizados, aos dias difíceis de saudade de casa, são sentimentos indescritíveis, que por vezes me faltam palavras para descrever esta experiência, que ao lembrar só me faz querer voltar, pois só há um pôr do sol mais bonito no mundo e ele brilha muito mais em terras moçambicanas.

ATRAVESSANDO O OCEANO ATLÂNTICO

EXPERIÊNCIAS NA MOBILIDADE ACADÊMICA
INTERNACIONAL EM TERRAS LUSITANAS

JOICE DE CARVALHO SILVA^[1]

Formada em Ciências Sociais no grau de licenciatura e estudante do bacharelado no mesmo curso, no Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional em Campos dos Goytacazes, fui contemplada com uma bolsa no Edital 12/2018 do Programa de Mobilidade Internacional UFF.

A experiência com a mobilidade internacional se inicia antes da viagem a outro país. A cada etapa do processo seletivo que passava sentia-me mais próxima de conquistar um sonho, que talvez, até então, não tinha sentido que era possível: ser a primeira da família a cruzar o Oceano Atlântico para estudar, conhecer outra cultura e crescer não só academicamente e profissionalmente com as experiências vividas mas obter um aprendizado pessoal que ampliaria meus horizontes a outras realidades, questões sociais e perspectivas.

Foi um processo intenso e dinâmico. Por um lado, estávamos vivendo um período de intensos ataques às universidades públicas

^[1] Graduada em Ciências Sociais pela UFF. Foi intercambista na Universidade da Beira Interior (Portugal) em 2019.

com cortes de verbas^[2] que comprometiam muitos setores e que poderiam impactar as bolsas do edital do qual estava participando, isso assombrou o processo seletivo até o final. Por outro, diversas estratégias de resistência institucional fizeram com que o programa se mantivesse, assim como as bolsas. Lembro-me da última reunião que tivemos, reservada aos bolsistas, foi o dia que tivemos a certeza de que haveria recursos para financiamento das bolsas. Acredito que esse dia foi histórico e um alívio, não só para mim. Também foi o dia em que senti a responsabilidade que seria “representar” a universidade em outra instituição e país.

Se posso dizer que esse processo foi difícil, também posso dizer que foi muito coletivo. Tive o apoio de muitas pessoas que acompanham a minha trajetória acadêmica e pessoal e que torceram, sentiram e fizeram parte desse processo comigo.

Foi a minha primeira viagem internacional e tudo foi muito novo, desde a parte burocrática — e haja burocracia — até a necessidade de conhecer um pouco da cultura, teoricamente, para conseguir planejar as vestimentas necessárias, por exemplo. Eu estava a caminho de Portugal no inverno - minha mãe bem me avisou que deveria me preocupar com isso.

No dia da viagem propriamente, precisei me deslocar a uma outra cidade para pegar o avião, lá encontrei duas colegas uffianas, que viriam a ser duas amigas que a mobilidade proporcionou e que teriam o mesmo destino que eu, a cidade de Covilhã em Portugal; compartilhamos as tensões, dúvidas, inquietações e descobertas até o final da mobilidade.

Com uma certa dificuldade de conseguir informações da universidade sobre moradias, e não tendo a certeza do alojamento estudantil, recorri a uma amiga brasileira que já tinha participado do programa de mobilidade e que morava na cidade. Foi ela e seu

[2] Para mais informações acessar: <https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,o-corte-de-verba-praticamente-inviabiliza-a-uff-afirma-reitor,70002812361>. Acesso em: 11 jan. 2021.

companheiro que nos receberam em sua casa e apresentaram pela primeira vez Covilhã, apelidada carinhosamente pelos estudantes de *Covilove*.

Chegamos na cidade com poucos dias para iniciar o período letivo, foi uma corrida contra o tempo para conseguir um local para morar que estivesse dentro do orçamento que tínhamos. Por fim, conseguimos, depois de não poucos esforços, três vagas na moradia universitária. Lugar em que mais houve um intercâmbio cultural durante essa trajetória. Lá estavam outros estudantes de lugares distintos do mundo. Alguns que falavam português e outros que ainda não entendiam uma palavra.

No alojamento, todos os espaços eram compartilhados, mas ainda assim não dava para conhecer todos os moradores e suas nacionalidades. Era sempre uma surpresa ir na cozinha e ver comidas que nunca tinha visto, línguas que eu não entendia uma palavra sequer. Mas foi muito enriquecedor absorver essas experiências e saberes só por compartilhar um mesmo espaço.

Imaginei que estar em Portugal possibilitaria uma integração cultural diversa, e que embora falássemos a língua portuguesa, as simbologias e significados poderiam ser totalmente diferentes e são. Porém, o que não esperava é que além da cultura portuguesa estaria em contato com outras culturas de países como Turquia, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Timor-Leste, Polônia entre outros.

A Universidade da Beira Interior

O primeiro contato que tive com a estrutura da universidade foi através da biblioteca, à qual precisei recorrer assim que cheguei para escrever um relatório final do programa de iniciação científica do qual fazia parte. E me encantou saber que tinha esse espaço e que

parte dela ficava aberta 24 horas — nessa altura, não imaginava que esse seria um dos espaços mais importantes da minha mobilidade e do fim do período, lá encontrei uma imensidão de livros e tranquilidade para estudar.

Embora tivesse me candidatado para fazer o curso de Sociologia, consegui montar um plano de estudos interdisciplinar, passando pela Sociologia, Ciência Política, Relações Internacionais e Estudos Culturais, que foram essenciais tanto no conteúdo das aulas, no conhecimento de novas teorias e metodologias, quanto como na vivência com professores e estudantes, isso possibilitou identificar aspectos culturais diferentes, que por vezes, geravam conflitos.

Em algumas disciplinas estava acompanhada por colegas brasileiras, o que facilitava a interação nas dinâmicas em aula. Mas também tive uma disciplina em que era a única brasileira, e isso fez toda diferença para perceber o que significava ser uma estudante brasileira em Portugal, levando em consideração as experiências positivas e negativas que isso pode carregar.

Nas aulas havia curiosidades e trocas mútuas sobre aspectos culturais, costumes e políticas, tanto de assuntos brasileiros quanto portugueses e entre outros, assim como comparações. Essas aulas foram para além só das temáticas propriamente ditas, mas uma troca de saberes locais, quando não de contradições.

Queria relatar só coisas boas das experiências com a mobilidade em Portugal, mas fato é que seriam meias verdades. Lá também percebi por parte de alguns um forte sentimento colonialista em que ficava evidente a diferença de tratamentos de acordo com a nacionalidade das pessoas, expressados dentro e fora da sala de aula, às vezes manifestados de forma mais sutil e outras mais escancaradas. Lembro-me especificamente de uma aula em que o tema veio à tona, nessa aula em específico, havia muitos estudantes brasileiros. Uma provocação inicial que começou com algo como: *Os portugueses têm que sentir orgulho de ter colonizado o Brasil?* foi a deixa para a pior aula da

minha vida. Nessa aula vi pessoas defendendo a colonização como se tivesse sido muito positiva e uma forma de “ajudar a civilizar o Brasil”, um senhor batia palmas quando se falava que deveria sentir orgulho sim, em contrapartida, e posso dizer, infelizmente que em minoria, houve resistências a esses posicionamentos. Foi nessa mesma turma que no início do período letivo, fui até o professor informar que por questões burocráticas da universidade ainda não tinha acesso liberado à plataforma que reunia os textos e atividades, o professor prontamente entendeu e pediu para que um aluno me ajudasse com essa questão, porém o aluno português se recusou a me repassar o conteúdo ou me ajudar de qualquer outra maneira, ele literalmente “torceu o nariz” na minha frente e não fez questão alguma de parecer solidário, o professor presenciando tal situação se disponibilizou ele mesmo a me enviar o material.

Fora das salas de aula, aconteciam diversos eventos acadêmicos muito agregadores, sobre temáticas variadas. Tive a oportunidade de organizar um debate sobre as “Perspectivas sobre o combate à violência contra as Mulheres” no dia 25 de Novembro — Dia Internacional para a Eliminação da Violência contra as Mulheres - junto com uma professora que foi bem atenciosa do início ao fim do período letivo e com colegas que, ao contrário da experiência anterior, foram muito solícitas.

A própria estrutura física da universidade conserva uma parte importante da história da cidade de Covilhã.^[3] Logo, estar no espaço físico da universidade era também uma forma de aprender sobre a nova cidade em que estava localizada e isso foi muito enriquecedor.

As tradições estudantis como a semana de “recepção aos calouros” — que são uma série de atividades de integração entre veteranos e novos estudantes — me chamou bastante atenção, não só pela semelhança de algumas coisas com as tradicionais recepções aos calouros no Brasil, mas também pela completa diferença em outros aspectos.

^[3] Para saber mais, acessar: <http://www.ubi.pt/Pagina/historia>. Acesso em: 12 jan. 2021.

tos. Não participei diretamente desse evento pois era uma estudante que estava de passagem pela universidade, fiquei como espectadora e pude perceber e refletir sobre o tratamento aos ingressantes, que se por um lado era divertido e criativo, por outro era completamente violento e vexatório, principalmente quando se tratava de imigrantes.

Estar em outro país lusófono, diferente do que nasci e cresci, e o contato com pessoas de outros países lusófonos, me fez perceber o quanto as línguas e símbolos são únicos, embora tenham semelhanças. Escutei de colegas lusófonos que nós, brasileiros, não falamos português, mas sim “brasileiro” e isso fez muito sentido para mim.

“Um brinde a Covilhã que brindou a nós”^[4]

Lembrar da Covilhã, e mais especificamente da mobilidade internacional, é ter saudade das amizades, parcerias e experiências que fiz e tive por lá, das comidas diferentes que provei e dos lugares lindos que visitei. É ter uma sensação de querer voltar no tempo para viver mais um pouquinho e mais intensamente tudo. É sentir as temperaturas negativas do inverno, lembrar da neve — que tive oportunidade de ver pela primeira vez — e conseguir sentir um aconchego.

É lembrar também que nem tudo foram flores, não conseguiria descrever o tanto de saudade que tive do meu país, do clima tropical e principalmente das pessoas que amo e que faziam parte do meu cotidiano, às vezes um medo que nem sei explicar de onde vinha e que se não fossem as estratégias adotadas para diminuir as distâncias, teria sido mais difícil.

Covilhã foi o ponto de partida para conhecer outros lugares, como o país vizinho, Espanha. Em Madri, desfrutei muito do meu cartão de estudante quando descobri que a entrada dos museus não era cobrada para estudantes. Lá conheci o “Museo Nacional de An-

^[4] Frase tradicional utilizada pelos estudantes da Universidade da Beira Interior.

tropología”, que no dia estava com uma exposição sobre os museus comunitários do Rio de Janeiro e o giro decolonial, foi uma exposição que me mostrou que ocupar todos os espaços possíveis é importante e uma forma de dar visibilidade para nosso país e para as pautas presentes nele.

Por fim, posso dizer que voltei ao Brasil diferente do que saí. Seria difícil relatar todas as experiências e aprendizados que tive na mobilidade internacional, mas a certeza que fica é que me possibilitou entender na prática a importância da integração cultural e de como essa relação amplia nossos conhecimentos, campo de visão sobre a sociedade e sobre nós mesmos e isso na profissão que escolhi estudar faz total diferença.

Aproveitei essa oportunidade única e todas as experiências que construí para continuar minha formação e estudar a integração entre os países, assim me inscrevi em um programa de mestrado e fui aprovada. No projeto reuni sentimentos, curiosidades e inquietações que só foram possíveis pelo olhar que a mobilidade proporcionou. É por isso e muito mais que defendo que todos os estudantes deveriam ter a possibilidade de vivenciar essa experiência e falo com muita propriedade que vale muito a pena, que transforma e agrega na formação acadêmica, pessoal e profissional. Tudo isso não seria possível sem uma universidade pública, gratuita e de qualidade! Valeu UFF!

MEMÓRIAS DO VELHO CONTINENTE

RELATO DE UMA INTERCAMBISTA EM PORTUGAL

JULIANA DE MESQUITA PAZOS^[1]

Introdução

O presente artigo apresenta um relato das memórias e experiências acadêmicas e socioculturais vivenciadas durante o período em que a autora esteve como estudante de mobilidade internacional no curso de Licenciatura em Ciência da Informação, vinculado à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, na cidade do Porto, em Portugal, durante o ano de 2015.

Nesse sentido, a exposição das vivências e impressões pessoais é realizada de forma contextualizada, como parte de um processo de reflexão crítica, baseada numa metodologia que se caracteriza pelas abordagens qualitativa, exploratória e descritiva.

A estrutura textual está organizada em seções que descrevem os distintos momentos que fizeram parte do processo de intercâmbio internacional acadêmico-cultural, perpassando os procedimentos para candidatura no programa de concessão de bolsas, o cum-

^[1] Graduado em Arquivologia pela UFF. Foi intercambista na Universidade do Porto (Portugal) em 2015.

primimento dos expedientes burocráticos necessários à realização da viagem, a experiência de residir e estudar no continente europeu e os principais benefícios alcançados em decorrência dos conhecimentos assimilados durante a estadia no exterior.

O Programa de Bolsas Luso-Brasileiras Santander Universidades e o Convênio com a Universidade Federal Fluminense

O programa de mobilidade acadêmica internacional intitulado Bolsas Luso-Brasileiras Santander Universidades, fomentado pelo Banco Santander em parceria com a Universidade Federal Fluminense, tinha por objetivo conceder auxílio financeiro a estudantes de graduação de qualquer área do conhecimento interessados em cursar um período letivo em instituições universitárias portuguesas conveniadas.

A participação no supracitado programa de intercâmbio estudantil ocorreu mediante o Edital nº 02/2014, o qual estabelecia critérios de avaliação baseados na progressão curricular e na trajetória acadêmica dos candidatos. À época, a autora frequentava o sexto período do Curso de Bacharelado em Arquivologia, subordinado ao Departamento de Ciência da Informação do Instituto de Arte e Comunicação Social, e havia desenvolvido atividades extracurriculares de ensino, pesquisa e formação profissional como bolsista do Programa de Iniciação à Docência, do Programa de Iniciação Científica e do Programa de Estágios em instituições públicas e privadas. Também participava de projetos de ensino voltados à aprendizagem das seguintes línguas estrangeiras: inglês, através do Programa Idiomas Sem Fronteiras, oferecido pelo Ministério da Educação do Brasil; espanhol, por meio de bolsa de estudos concedida pelo Programa San-

tander Universidades e francês, através do Programa de Universalização de Línguas Estrangeiras, ministrado pela UFF.

O processo seletivo teve duração de aproximadamente oito meses (entre março e novembro do ano de 2014), culminando no recebimento da Carta de Aceite emitida pela Universidade do Porto, sob o enquadramento do Acordo de Cooperação entre Países Lusófonos e Latino-Americanos.

O Curso de Licenciatura em Ciência da Informação da Universidade do Porto

A Universidade do Porto (U.Porto) foi fundada no ano de 1911, sendo considerada a maior instituição universitária portuguesa dedicada ao ensino e à investigação científica e, também, a mais internacionalizada. Possui uma infraestrutura institucional descentralizada, composta por três polos universitários onde estão distribuídas as faculdades e os espaços administrativos, científicos, culturais, desportivos e de ação social.

O Curso de Licenciatura em Ciência da Informação (LCI), criado no ano de 2001, está vinculado administrativamente à Faculdade de Letras (FLUP), mas resulta de uma iniciativa conjunta com a Faculdade de Engenharia (FEUP).

Cabe aqui explicar que a Ciência da Informação se consolidou como um campo autônomo do conhecimento no decurso da segunda metade do século XX, combinando ciência e tecnologia para investigar a produção, o armazenamento, o processamento, a recuperação e o uso do seu objeto de estudo: a informação. O seu objetivo é apreender as propriedades, o comportamento e os fatores que influem sobre o fluxo e a circulação da informação, bem como as propriedades dos sistemas de comunicação da informação e do conhecimento. Para tanto, emprega teorias, métodos e técnicas de áreas científicas

cas interdisciplinares que abordam a problemática da organização, representação e comunicação do conhecimento registrado (como a Arquivologia, Biblioteconomia, Documentação, dentre outras), a fim de satisfazer às crescentes necessidades informacionais da sociedade de maneira eficiente e eficaz (BORKO, 1968).

No Brasil, até o presente momento, a Ciência da Informação configura unicamente um núcleo de estudos na pós-graduação, à medida que em Portugal passaram a se constituir cursos de graduação na modalidade de licenciatura desde o início dos anos 2000, com a atitude pioneira da U.Porto. Evidencia-se que esse modelo formativo inovador rompeu com as estruturas curriculares tradicionais praticadas na área de Documentação e Informação, oferecendo uma proposta educacional única tanto no cenário português quanto no internacional, baseada numa perspectiva trans e interdisciplinar que integra as ciências da documentação, da informação e da comunicação sob uma abordagem info-comunicacional, norteadas pelo denominado paradigma pós-custodial (SILVA; RIBEIRO, 2002).

Também é notório que a experiência acumulada anteriormente pelo corpo docente tanto da FLUP, com o Curso de Especialização em Ciências Documentais (1985) e o Doutorado em Ciências Documentais (1989), que foi renomeado para Doutorado em Ciência da Informação (2006), quanto da FEUP, com o Mestrado em Gestão da Informação (1997), que viria a se transformar no Mestrado em Ciência da Informação (2008), foi fundamental para que a proposta desse curso de graduação tomasse forma e fosse aprovada pelas instâncias universitárias superiores (CASTRO *et al.*, 2011).

O Intercâmbio Internacional Acadêmico-Cultural: Memórias e Experiências

A cidade do Porto, também chamada de Cidade Invicta, é a segunda maior metrópole de Portugal, sendo lembrada pelas deslumbrantes paisagens e monumentos arquitetônicos do seu Centro Histórico, declarado Patrimônio da Humanidade pela UNESCO, e por oferecer uma vida social e cultural bastante diversificada. Parafraseando a escritora portuguesa Albertina Bessa Luís: “o Porto não é um lugar, é um sentimento”. De fato, essa frase, que se encontra incrustada em típicos azulejos coloniais de uma fachada na icônica Rua de Cedofeita, localizada na Baixa do Porto, reúne toda a infinidade de anseios, memórias e saudades que essa experiência de intercâmbio trouxe consigo.

Em um primeiro momento, o planejamento da viagem exigiu a realização dos seguintes trâmites burocráticos: aquisição do visto Schengen junto ao Consulado Geral de Portugal no Rio de Janeiro, que possuía validade de três meses e demandava sua prorrogação em solo português no Serviço de Estrangeiros e Fronteiras; emissão do Certificado de Direito à Assistência Médica Brasil/Portugal pelo Ministério da Saúde do Brasil, que permitia o registro do cidadão brasileiro nos serviços de saúde portugueses com a atribuição do chamado número de utente; conversão do montante da bolsa de estudos e dos recursos financeiros próprios da moeda Real para Euro; compra das passagens aéreas de ida e volta; programação mensal de despesas pessoais, como os gastos com o alojamento na Residência José Novais Barbosa e com a alimentação nas cantinas universitárias, ambos coordenados pelo Serviço de Ação Social da U.Porto.

O segundo momento se deu a partir da chegada ao distrito do Porto, que ocorreu com algumas semanas de antecedência ao início das aulas, com o objetivo de facilitar a ambientação aos novos elementos que comporiam o cotidiano, como clima, gastronomia,

transporte e locomoção, espaços urbano, residencial e universitário, interação social, dentre outros. Destaca-se que o clima foi o elemento que precisou de maior tempo para adaptação, pois à época do embarque o verão carioca beirava 43 °C e o inverno português 8 °C.

O período de aulas correspondeu ao segundo semestre letivo do ano escolar europeu 2014/2015, transcorrendo entre os meses de fevereiro e julho do ano de 2015. Inicialmente, foi necessário registrar-se no setor de Cooperação Internacional da Reitoria e no Gabinete de Relações Internacionais da FLUP para receber o cartão de acesso aos serviços universitários. Pouco tempo depois, uma recepção de boas-vindas aos estudantes internacionais foi realizada nas instalações da Reitoria, contando com o discurso do reitor e a apresentação de canto e dança da Tuna Acadêmica. Posteriormente, no mês de março, aconteceu o IV Encontro de Estudantes Brasileiros na U.Porto, dedicado exclusivamente aos intercambistas brasileiros, que conformam a maior comunidade de alunos estrangeiros em território português.

É importante ressaltar que a organização de eventos dedicados a promover o convívio social entre os estudantes das mais diversas partes do mundo é uma prática recorrente da instituição através do projeto Descobre o Porto, que coordena passeios e visitas guiadas a locais de interesse turístico, histórico e/ou cultural, tais quais: Biblioteca Almeida Garrett, Biblioteca Pública Municipal do Porto, Casa do Infante, Casa Museu Guerra Junqueiro, Centro Histórico do Porto e Morro da Sé, Museu Românico na Quinta da Macieirinha, Museu do Vinho do Porto, Núcleo Histórico da Foz do Douro, Paços do Concelho, etc. Também costumam ser realizados encontros de dança, canto, atuação e/ou gastronomia, tais como: Comemorações dos 600 Anos das Tripas, Cortejo Acadêmico na Semana da Queima das Fitas, Magusto Internacional, Workshop Danças Tradicionais Portuguesas, Workshop Dieta Mediterrânea, e Workshop Ritmos Latinos, ocorridos no ano de 2015. Além disso, atividades desportivas são estimu-

ladas pelo programa UPFIT – Fitness na U.Porto, que oferece aulas demonstrativas gratuitas e preços módicos para treinamento físico.

Além de participar das atividades acima mencionadas, a acomodação na Residência Universitária José Novais Barbosa, localizada no *campus* da Faculdade de Letras da U.Porto, foi importante para a construção de um círculo social multicultural e multilinguístico composto por alunas portuguesas e estrangeiras, participantes de variados programas de mobilidade internacional subvencionados por países da União Europeia e das Américas. Outro ponto de destaque foi conhecer conterrâneos de todas as macrorregiões do Brasil, de distintas áreas científicas e graus de ensino acadêmico, através de encontros sociais e/ou científicos.

Assim, teve-se a oportunidade de residir e/ou conviver com alunos de diversas nacionalidades, oriundos de: Portugal, Bélgica, Brasil, Canadá, Colômbia, Croácia, Espanha, Estados Unidos, Liechtenstein, Marrocos, México, Moçambique, Polônia e Turquia. Isso possibilitou uma profícua troca de experiências culturais, o aprendizado de palavras em novas línguas e o aperfeiçoamento de idiomas previamente estudados. Definitivamente os laços de amizade criados durante essa convivência social única são gratas conquistas proporcionadas pelo intercâmbio.

Da mesma maneira, as experiências acadêmicas empreendidas no ambiente da FLUP e do curso de LCI foram bastante positivas e fundamentais para sedimentar conhecimentos acerca das distintas correntes teórico-epistemológicas que perpassam o campo da Ciência da Informação em sua interdisciplinaridade com a Arquivologia, a Biblioteconomia, a Comunicação e a Documentação e das práticas pedagógicas que orientam os cursos de graduação e de pós-graduação no eixo Brasil-Portugal.

Na inscrição em disciplinas, privilegiou-se aquelas que abordavam temáticas do núcleo específico do curso, ou seja, aquelas voltadas para a teoria e a metodologia da Ciência da Informação,

os estudos sobre necessidades e comportamento informacional e o aporte teórico-conceitual que orienta os processos de armazenagem, organização, representação e recuperação da informação e do conhecimento. Também foram assistidas disciplinas complementares de história, fotografia e línguas estrangeiras.

Outra fonte de conhecimento relevante foi a participação em eventos científicos (palestras, seminários, etc.) organizados por cursos de diversas áreas do conhecimento. A título de exemplo, tem-se as Jornadas de Ciência da Informação, que acontecem regularmente no âmbito do curso de LCI desde o ano de 2003, reunindo alunos e profissionais de diversas instituições em torno de reflexões sobre temáticas relacionadas a esse domínio científico.

Cabe aqui elucidar que as vivências sociais e acadêmicas acima descritas foram complementadas pelas viagens realizadas a países dos continentes europeu e africano, visto que possibilitaram o alargamento das experiências socioculturais e o amadurecimento de habilidades linguísticas e de competências pessoais, como autonomia, comunicação, controle financeiro, criatividade, gerenciamento do tempo e resiliência.

A proximidade entre as várias nações que fazem parte da União Europeia e a costa mediterrânea da África, bem como a facilidade de traslado através de voos domésticos de baixo custo e sua integração com metrô, ônibus, trem e balsas, favoreceram a visita turística e a concretização de sonhos. Dentre os países que a autora teve a oportunidade de conhecer, estão: Portugal, Bélgica, Espanha, França, Grécia, Holanda, Itália, Marrocos e Montenegro. Cada lugar visitado teve um significado pessoal tão singular quanto transformador. E momentos como fazer a primeira viagem internacional, conhecer um pouco mais sobre as próprias origens através de uma visita à terra natal do falecido pai, assistir à neve cair pela primeira vez, admirar a magnitude do deserto saariano enquanto acampa sob as estrelas, encantar-se com a beleza ímpar dos canais venezianos,

do mar azul cristalino da costa grega e das tulipas primaveris holandesas, percorrer o primeiro arquivo nacional do mundo ocidental que deu origem à sua profissão, e visitar museus icônicos, lugares e monumentos memoriais em que a história toma forma, são experiências únicas que ampliam a percepção de mundo que se tem.

O Regresso à Universidade Federal Fluminense: Análise dos Resultados

Durante a mobilidade estudantil na Universidade do Porto (Portugal), a participação em disciplinas obrigatórias e complementares, a presença em eventos acadêmicos, científicos e/ou culturais e a visita a instituições profissionais viabilizaram a construção de uma sólida bagagem conceitual, teórica, metodológica e técnica sobre a Ciência da Informação e suas áreas científicas correlatas, a qualificação profissionalizante multidisciplinar baseada na inovação, a difusão de conhecimentos entre discentes e docentes de distintos campos do saber, o estabelecimento de redes colaborativas de investigação científica intercontinental e a promoção do processo de internacionalização dos cursos de origem e de destino sob uma perspectiva bilateral, multicultural e multilinguística.

Da mesma maneira, a interação com pessoas de diversas nações, culturas, línguas, espaços de formação profissional e níveis de ensino acadêmico possibilitou vislumbrar novas realidades histórico-sociais, ampliar a habilidade de diálogo como maneira de compreensão das particularidades humanas, expandir a capacidade de comunicação através da prática de idiomas com falantes nativos, e construir laços fraternos, o que proporcionou um maior crescimento pessoal e social da estudante.

No regresso aos estudos na Universidade Federal Fluminense (Brasil), o aprimoramento acadêmico e sociocultural decorrente do

período de intercâmbio contribuiu significativamente para o alcance de objetivos pessoais, acadêmicos e profissionais.

A finalização do curso de graduação em Arquivologia ocorreu no ano de 2016, rendendo à autora o Prêmio Láurea Acadêmica de Honra ao Mérito, concedido aos alunos concluintes em reconhecimento de uma trajetória universitária de excelência. Por sua vez, o trabalho de conclusão de curso foi contemplado com o segundo lugar no Prêmio Nacional de Arquivologia Maria Odila Fonseca, promovido pelo Arquivo Nacional, no ano de 2017.

No mesmo ano, foi aprovada, em primeiro lugar, no processo seletivo de mestrado do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCI/UFF), tornando-se bolsista de pesquisa pela agência governamental Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES/MEC); e, também, para o reingresso no curso de graduação em Biblioteconomia e Documentação, que se encontra atualmente em fase de conclusão.

Interessante destacar que os primeiros artigos científicos publicados internacionalmente pela autora foram em eventos realizados em Portugal, no ano de 2017, a saber: III Congresso ISKO Espanha-Portugal e VIII Encontro Ibérico EDICIC, viabilizados, respectivamente, pela International Society for Knowledge Organization e pela Asociación de Educación e Investigación en Ciencia de la Información de Iberoamérica y el Caribe.

Por fim, após a defesa e encerramento do mestrado junto ao PPGCI/UFF, no ano de 2019, teve sua dissertação indicada para representar o programa no Prêmio ANCIB de Teses e Dissertações, fomentado pela Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação, no ano de 2020.

Diante do exposto, verifica-se que a experiência de mobilidade acadêmica internacional foi determinante para consolidar conhecimentos sobre o campo da Ciência da Informação em sua interrelação com a Arquivologia, a Biblioteconomia e a Documentação, o que

preparou a aluna para ingressar nos cursos de graduação em Biblioteconomia e Documentação e de pós-graduação em Ciência da Informação, assim como ter seus trabalhos monográficos indicados a premiações de ampla concorrência nacional.

Considerações Finais

O objetivo desse artigo foi compartilhar as experiências sociais, culturais e acadêmicas vivenciadas pela autora durante o intercâmbio estudantil internacional realizado no curso de Licenciatura em Ciência da Informação da Universidade do Porto, no ano de 2015, resultante do programa de mobilidade denominado Bolsas Luso-Brasileiras Santander Universidades, oportunizado pelo Banco Santander e pela Universidade Federal Fluminense. Para tanto, foi realizada a descrição sintetizada do processo de candidatura, do planejamento inicial da viagem, das vivências cotidianas no continente europeu e dos principais resultados conquistados durante e após sua realização.

Dessa maneira, demonstrou-se que o intercâmbio internacional proporcionou inúmeros momentos singulares no tocante à interação social, cultural e linguística entre indivíduos de diversas nacionalidades e à apreensão de importantes conhecimentos acadêmicos que viriam a ser fundamentais após o regresso ao Brasil e aos estudos na UFF.

Por fim, espera-se, através desse breve relato, ter contribuído para divulgar a compreensão de que o processo de internacionalização do ensino na educação superior é um valioso instrumento de desenvolvimento pessoal, social, acadêmico e profissional. E, ainda, para despertar o interesse de outros estudantes a participar de um programa de mobilidade internacional e esclarecer potenciais dúvidas.

Referências

BORKO, H. Information science: what is it? *American Documentation*, v. 19, n. 1, p. 3-5, jan. 1968.

CASTRO, A. *et al.* (coord.). *O curso de licenciatura em ciência da informação na U.Porto: dez anos de actividade pedagógica e científica*. Porto: Faculdade de Letras; Faculdade de Engenharia, 2011.

SILVA, A. M. da; RIBEIRO, F. *Das ciências documentais à ciência da informação: ensaio epistemológico para um novo modelo curricular*. Porto: Afrontamento, 2002.

UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA ESPANHA

LAFÂNIA DA SILVA MENDES ^[1]

Entre os anos de 2012 a 2014, me inscrevi em programas de intercâmbio oferecidos pelo Brasil e pela União Europeia, ambos exigem a proficiência em uma língua a não ser que um estudante brasileiro solicite uma bolsa para países lusófonos. O processo seletivo se dá através de inscrições que são realizadas através dos *sites* dos programas, os estudantes podem encontrar anúncios nas redes sociais ou no próprio *site* da universidade do qual estuda. Na busca por um intercâmbio, encontrei no site da Diretoria de Relações Internacionais da UFF (Universidade Federal Fluminense) um EDITAL que oferecia uma oportunidade de estudo na Espanha. No que se refere ao segundo intercâmbio, tive referências de amigos e da própria instituição do qual havia estudado em Cantábria, sobre o programa ERASMUS, o mais conhecido entre eles, também foram realizadas várias buscas pela internet, em busca de uma bolsa de estudos financiadas pela União Europeia, encontrei alguns programas que são oferecidos para os acadêmicos da América do Sul e me inscrevi.

^[1] Graduada em Pedagogia pela UFF. Foi intercambista na Universidad de Cantabria (Espanha) em 2013.

O processo seletivo para estas bolsas se dá *on-line*; o estudante que almeja uma vaga de intercâmbio, realiza sua inscrição pela internet. Para quem quer solicitar uma bolsa financiada por sua própria instituição, deve procurar, pela Diretoria de Relações Internacionais, um setor da universidade que tem o objetivo de orientar e incentivar os alunos que queiram usufruir de uma experiência internacional. Há outras modalidades de bolsa de mobilidade acadêmica, em que são financiadas por órgãos internacionais ou outras instituições, pode-se encontrar as inscrições no próprio site da instituição de fomento, ou se ela tiver convênio com a sua universidade, encontrará informações em sua própria universidade, ou então pode se inscrever na modalidade de alunos de universidade que não possuem convênio.

O segundo procedimento é a realização de um cadastro no próprio site onde se pretende solicitar a bolsa. Os documentos solicitados para todas as modalidades em geral são: duas cartas escritas pelo aluno, uma carta de apresentação e uma de motivação; uma carta de recomendação de um professor da instituição de origem, em que escreva sobre o aluno; documento de identificação do solicitante, passaporte, Currículo Vitae, histórico escolar (em geral solicitam que o histórico seja traduzido no idioma do país anfitrião) e uma declaração de matrícula se for uma bolsa de mobilidade de intercâmbio, em que popularmente chamamos de sanduíche.

Realizei todo os procedimentos necessários em minha postulação e graças ao trabalho que venho realizando desde início de meus estudos, participando de grupo de pesquisa, fui contemplada em dois programas de intercâmbio em anos distintos, o primeiro foi o programa mobilidade acadêmica, programa da Universidade Federal Fluminense e o segundo programa de mobilidade acadêmica *Mundus lindo*, financiado pela União Europeia. Que hoje se estende aos países da América Latina, além dos países que fazem parte da zona do euro.

O primeiro programa pelo qual fui contemplada com uma bolsa de estudos no ano de 2012, foi o “Programa de Mobilidade

Acadêmica da UFF”, para estudar na Universidade de Cantábria, instituição selecionada pelo governo espanhol internacional, como *campus* de excelência internacional.^[2] Uma Universidade Pública, fundada em 1972.

O segundo programa no qual fui contemplada a uma bolsa de estudos em março de 2014, foi o ERASMUS, para estudar na Universidade de Valladolid a segunda Universidade mais antiga da Espanha, depois de Salamanca, a mesma é do século XIII. Possui sete *campi* que estão distribuídos pelo estado de Castilla y León, entre as cidades de Palencia, Segovia, Soria e Valladolid.

Há vários programas de intercâmbio oferecidos e financiados por muitos países. Na União Europeia, o programa mais conhecido é o programa ERASMUS. O mesmo foi criado em 1987 por iniciativa da associação AEGEE Europe. As universidades conveniadas oferecem bolsas desde a modalidade de graduação a bolsas de pós-doutorado. Tem intuito de melhorar a qualidade do ensino superior entre os países e promover o diálogo e a compreensão entre povos e suas culturas e também o aprendizado de outra língua através da experiência.

As pessoas que hoje almejam a uma vaga de intercâmbio em um país estrangeiro, que não possuem como idioma oficial a língua portuguesa assim como: Moçambique, Portugal, Porto Príncipe e Angola, tendem a encontrar uma forte dificuldade para adquirir tal objetivo. Muitos dos cursos ofertados pelos programas de intercâmbio exigem que o discente seja proficiente em uma língua estrangeira. Diante do baixo número de estudantes provenientes de escolas públicas que não possuem uma segunda língua, o governo tem oferecido um curso de idiomas no país de destino dos alunos, antes de iniciarem o período de estudos no curso. Há, porém, outras bolsas que só

^[2] *Campus de excelência internacional* é um programa do governo da Espanha, que visa a modernização e a qualificação do ensino acadêmico, as universidades contempladas ganham um financiamento do governo. Este programa é similar ao nosso ENADE (Exame Nacional de Desempenho de Estudantes).

encaminham estudantes que possuem o certificado ou que tenham realizado um exame de proficiência em uma língua estrangeira.^[3]

A relevância deste texto consiste em apresentar para a comunidade acadêmica a grande influência do intercâmbio na vida de um estudante e principalmente para uma aluna da classe popular, filha de uma lavadeira e de um pipoqueiro, assim como eu, que por questões geográficas, políticas e sociais, a universidade era um sonho inalcançável. Um intercâmbio em uma universidade, no exterior, era algo fora de cogitação! Graças às políticas voltadas para o aperfeiçoamento de estudantes, tanto na área do bacharelado quanto na área de licenciatura, que tem oportunizado a vários estudantes a estudarem por um período, em universidades no exterior, com intuito de ampliar seus conhecimentos e possibilitar o contato com outras culturas.

Na primeira semana fui recebida por uma reunião de boas-vindas. Esta reunião é essencial para orientar os alunos de forma unificada diante das questões burocráticas da primeira semana. Nesta reunião é de praxis que o intercambista ganhe um *mentor*, uma pessoa que geralmente fica responsável por um grupo de no máximo de cinco alunos; seu objetivo é ajudar o aluno com as documentações necessárias para realização da matrícula e de explicar de uma forma mais sutil como será sua vida naquele novo meio. Os mentores são estudantes que já participaram de algum intercâmbio internacional; falam outros idiomas, o que inclusive facilita na comunicação. Além de um mentor que cada grupo de estudantes é designado, também tem a assistência que a coordenação do projeto de intercâmbio do qual o estudante foi contemplado. Na Universidade de Cantábria, o

^[3] Como exemplo destes exames de proficiência apresentam-se: *International English Language Testing System* (IEFL) e *Test of English as a Foreign Language* (TOEFL) ambos são exames de teste de proficiência, que tem o objetivo de avaliar o inglês em nível acadêmico do estudante. É requerido para a maior parte dos futuros intercambistas que almejam uma vaga em universidades de países em que o inglês é a primeira língua. No que se refere à língua espanhola temos: Certificado de *Español de Lengua y Uso* (CELU) e Diploma de Español como *Lengua Extranjera* (DELE).

atendimento realizado para orientar os estudantes por parte da universidade é realizado na *oficina de relaciones internacionales*.

Todos estes procedimentos organizacionais são essenciais para manter os estudantes seguros e bem informados de tudo o que pode acontecer, até se o estudante não cumprir com seus compromissos, a universidade sabe de todo o seu trajeto e sempre busca saber se o estudante está bem.

Na Universidade de Cantábria, cursei três disciplinas “do grado” (graduação) em Magistério na Educação Infantil. As disciplinas cursadas foram: *Expresión Plástica y su didáctica*, *Didáctica del medio Natural* e *Didáctica de la lengua escrita y literatura infantil*. Meu turno era manhã/tarde, ou seja, havia disciplinas que eu cursava à tarde e outras pela manhã, só que não era todos os dias. Meu horário era bem flexível, eu estudava de segunda a quinta-feira, minhas aulas eram das 8h às 12h; na terça-feira e na quarta-feira estudava de manhã e à tarde das 14:30 às 17:30. Fora as atividades extras solicitadas pelos professores, que incluiu visitas em museus, teatros e exposições, uma das coisas que considerei de extrema importância para o ensino e aprendizagem dos futuros docentes.

Na Universidade de Valladolid, cursei três disciplinas do grado em Magistério na Educação Infantil e cursei um curso de espanhol para estrangeiros do qual recebi o diploma de língua estrangeira do Instituto de Cervantes, vinculado à Universidade de Valladolid. As disciplinas cursadas na UVA foram: *Infancia y habitus de vida saludable*, *Fundamentos y propuestas didácticas en la expresión musical* y *Practicum I*. O turno de estudo nesta universidade, nos dois primeiros meses, foi entre o período vespertino e noturno, porém, a partir do terceiro mês, passei a ficar praticamente o dia inteiro em função da universidade, pois desse período em diante iniciei o meu estágio em uma escola pública da cidade de Valladolid chamado: *Colégio público Pablo Picasso*.

Os horários dedicados aos estudos e aos compromissos que tinha entre o curso de espanhol e a Universidade eram apertados. Eu

ficava praticamente o dia todo fora. Eu estudava de segunda a sexta e minha carga horária era das 9h às 20h, segunda-feira e terça-feira com intervalo na terça de 16h às 18h. Na quarta-feira e quinta-feira entre 9h às 20h, com intervalo de 14h às 17h e, na sexta-feira, eu ficava apenas com meu compromisso no estágio que realizava durante a semana inteira, que era das 9h às 14h.

As aulas em ambas universidades eram divididas entre aulas práticas e aulas teóricas, conseqüentemente a semana de estudos era dividida dessa maneira. Primeiro tínhamos aulas teóricas e depois as aulas práticas, com objetivo de aprendermos a aplicar aquilo que havíamos aprendido e também para que pudéssemos visualizar o que estava sendo ensinado. Na disciplina de *Didáctica del medio Natural*, eu tinha aula no laboratório de ciências destinado aos estudantes de licenciatura. Na *Didáctica de la lengua escrita y literatura infantil*, não havia um laboratório em si para as aulas, porém estudávamos para além das paredes da universidade, pois as aulas práticas desta disciplina eram realizadas em bibliotecas, teatros e em exposições de arte, tudo para que nós, como futuros professores, pudéssemos se apropriar dessas práticas e posteriormente introduzir estes itinerários na medida do possível em nosso trabalho cotidiano. Quanto mais se acerca da realidade, mais se vê sentido nas coisas e desta forma a criança aprende.

Não apresentarei em detalhes como foram minhas aulas, pois necessitaria de outro trabalho como este, porém destacarei outras duas disciplinas nas quais as salas eram um laboratório e que ali aprendi a teoria e a prática simultaneamente, as disciplinas foram: *Expresión Plástica y su didáctica* e *Fundamentos y propuestas didácticas en la expresión musical*

Uma viagem, tantas experiências. Experiências formativas, emotivas e íntimas. Experiências que devem ser compartilhadas para que atravessem também a formação do outro. A partir daqui mergulho em minha viagem, destacando alguns pontos que merecem ser

citados e narrados. Conheci, em Santander, o *Centro de Educación Infantil y Primaria Dionísio Garcia Barredo*, *Centro de Enseñanza Dr Fernando Arce*, e *Colegio Público Vital Alsar*. Estas três escolas foram visitadas no meu primeiro intercâmbio. No segundo intercâmbio, na cidade de Valladolid, eu consegui participar de um estágio supervisionado pela universidade, por três meses e meio no *Colegio Público Pablo Picasso*, uma escola bilíngue. Em todas as escolas, buscava a diferença e encontrei tamanha semelhança com as escolas brasileiras, o que vivenciei naqueles espaços de aprendizagem foi muito intenso.

Dentre todas as escolas que visitei, a que mais tenho a falar foi sobre o CEIP Pablo Picasso (Colegio de Educación Infantil Primaria Pablo Picasso), escola escolhida por mim com o auxílio da universidade para a realização do período de estágio e que está localizado em um dos maiores bairros de Valladolid, em Delicias.

As universidades da Espanha tratam o estágio supervisionado como uma etapa importante para a formação do aluno. Por isso os alunos que estão regularmente matriculados, em um curso de licenciatura, e que não necessitem cursar disciplinas isoladas, quando estão no período de estágio, são beneficiados, pois nos meses de estágio não tem aula na universidade. Em razão disso, é exigido que o aluno esteja na escola todos os dias durante os meses de estágio, o qual é participativo.

Durante os meses de estágio, é exigido que os alunos frequentem as tutorias uma vez a cada quinze dias para expor suas dificuldades diante dos problemas enfrentados na escola e para discutirem sobre a escrita do relatório, que é a segunda nota depois da nota da professora onde o aluno estagiou. A professora da escola tem a responsabilidade de passar, para a pessoa responsável da universidade, as presenças do aluno.

Cheguei ao Colegio Pablo Picasso, para o meu primeiro dia de estágio, muito ansiosa, o diretor da escola havia organizado uma espécie de reunião de boas vindas para receber os novos estagiários da

escola. O objetivo do encontro era tratar de assuntos referentes ao funcionamento da escola, sobre a infraestrutura e para designar as turmas que iríamos trabalhar com nossos tutores. Destacou também os distintos laboratórios que existem na escola, onde desenvolvem muitos trabalhos com os alunos.

Após a orientação, realizada na sala de reuniões, o diretor nos convidou para conhecer o colégio. Realizou um *tour* pela escola, em que nos foi apresentando os três edifícios independentes e o ginásio poliesportivo. Os três edifícios se dividem em edifício principal destinado para a educação fundamental e para administração da escola, edifício de educação infantil norte, destinado para as turmas de dois a três anos e o edifício de educação infantil sul, destinado para as crianças de quatro anos. Ao fim de tudo, o diretor me direcionou para o último prédio, o edifício de educação infantil sul, para que eu conhecesse minha tutora e a turma. Abaixo relato o cotidiano dos alunos de quatro anos na escola, observado durante o período previsto de três meses e meio.

Os alunos da turma de quatro anos chegam à escola na companhia de seus pais. O horário da entrada na escola é às 9 horas, quando faltavam uns 15 min, começavam a chegar e lentamente se formava uma fila. As crianças entravam para a fila e seus pais ficavam nas proximidades conversando com outras pessoas.

Ao entrarem no edifício, ainda em fila, as crianças tiram seus casacos e guardam suas mochilas do lado de fora da sala, em uma espécie de cabide e em seguida vão para sala e seguiam uma rotina bem prática, simples que eu nunca tinha visto nada igual.

Nas idas e vindas, nos passeios pela sala para pegar uma única cor, as crianças continuavam aprendendo com o movimento, já que as cores ficavam longe da mesa e tinham que andar sempre. No caminho entre a mesa e o quadro negro, onde a cadeira com as cores estavam, muitas coisas aconteciam: uns paravam perto do quadro e ficavam observando a sala, outros paravam pela sala para conversar com

a criança da outra mesa, já que sentam em grupo. Neste momento, foi possível perceber que as crianças se mostraram muito solidárias. Depois de conversar e compartilhar uns com os outros as cores, elas retornavam aos seus lugares de origem e era este movimento que faziam para pegar cada cor diferente.

A segunda coisa que fazem, quando estão em sala de aula, depois do momento de distração, é o momento da massagem. Ao sinal da professora que diz: “Vamos guardar as coisas!” (e balança o cho-calho), e pede para que as crianças busquem por um amigo com o qual gostariam de estar neste momento. Todos que estavam em seu momento agora paravam para ouvir a professora, guardavam os materiais em seus armários. Alguns falam que não terminaram de desenhar e de ler, então dizíamos aos alunos que não teria problema que no dia seguinte poderiam terminar de fazer com tranquilidade, nada de pressa, que não tinha problema. Com estas palavras, as crianças entendem que quanto mais tempo tiverem para fazer as coisas sem pressa, mais bonitas elas ficam. E a professora afirma que tudo deve ser feito com tranquilidade.

A terceira é a massagem. As crianças escolhem um amigo para compartilharem o momento que é orientado pela professora; sentam-se no chão e colocam a cabeça do amigo sobre o seu colo e começam a massagear com movimentos circulares pelo rosto e no cabelo. Alguns alunos demoravam entrar na dinâmica da rotina da aula, mesmo fazendo essa dinâmica todos os dias, havia aqueles que sempre queriam ficar sozinhos, mas a professora sempre conversava com eles, e no final, tudo se resolvia.

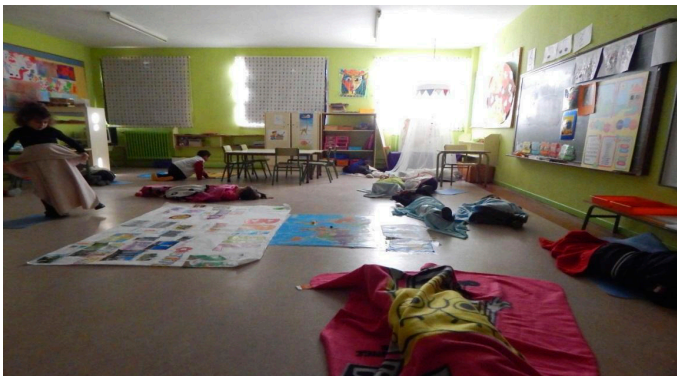
Após a massagem, organizam-se em círculo para cumprimentar uns aos outros, cantando uma música de saudação e cumprimento de “bom dia” em vários idiomas. Depois, costumavam fazer uma roda para cantar uma cantiga, para minha surpresa a brincadeira de roda que eles cantavam era o “Samba lelé”, na versão em espanhol. Sempre era inserida, a cada bimestre, uma cantiga de roda. A quarta

coisa que fazem é a organização da assembleia, os alunos formam um semicírculo de cadeiras na sala. O protagonista do dia recita uma poesia dos dias da semana, escrevia o dia da semana no quadro com a ajuda dos amigos e da professora. Dava bom dia a todos os colegas da turma com um aperto de mão e depois realizava a contagem de quantos alunos tinha na sala novamente com o aperto de mão. Todos ajudavam na contagem falando junto, parecia até um coral. O aluno protagonista registrava todos os dados no quadro com o auxílio da professora que também o orientava a realizar uma pequena operação, por exemplo, se no dia anterior foi 27 o próximo dia seria 28, somava-se mais um.

Havia uma outra atividade em que a professora fazia, posterior à citada acima, em que dedicava a trabalhar com a Matemática. A outra atividade estava direcionada para o ensino da leitura e da escrita. Todos os alunos participavam, a professora distribuía para as crianças uma letra do alfabeto que estava em um cartão, enquanto o protagonista montava o seu nome no chão. Depois de distribuir as letras, a professora perguntava quais palavras poderiam surgir a partir do nome do amigo, as crianças ficavam animadas e começavam a falar todas juntas enquanto o nome estava exposto no chão da sala. Só que tinha uma ordem para falar, então a professora pedia que levantassem as mãos. O nome que estava exposto no chão era Sérgio, sendo assim, uma criança levantou a mão e disse: “eu sei, eu sei!” E disse a palavra “serpente” e assim foi se fazendo a pergunta sucessivamente sobre quais seriam as próximas letras para terminarem de escrever a primeira palavra citada, a criança que teria a próxima letra poderia se levantar para completar o primeiro nome que surgiu através da primeira letra do nome Sérgio. Quando terminava a assembleia que durava mais ou menos uns 20 minutos, as crianças eram autorizadas a pegar os brinquedos, depois deste tempo iam para o recreio. Na volta do recreio, o tempo era destinado para o lanche. Chegando no edifício sul, do lado de fora da sua sala, pegavam as suas mochilas e

o jogo americano e sentavam em seus devidos lugares para comer, depois realizavam o mesmo processo ao terminar. Após o lanche matinal, cada um pegava as pequenas esteiras de *yoga* e as colocavam sobre chão, em seguida iam até o armário que ficava no fundo da sala e pegavam seus cobertores. Cada criança tinha o seu, em seguida deitavam-se para descansar ao som de uma melodia da natureza, alguns pegavam no sono e dormiam, outros apenas permaneciam em silêncio e ficavam com os olhinhos bem abertos; enquanto a professora caminhava entre eles e os cobria e neste deslocamento que realizava ia acariciando o rostinho de um por um e eu fazia a mesma coisa, os cobria lentamente e segurava o rostinho deles tapando suas orelhas.

Imagem 1. Hora do descanso (Valladolid – Espanha)



Fonte: Acervo pessoal

Ao som do chocalho após os 20 minutos de descanso, o instrumento sinaliza que era hora de levantar, porém havia crianças que permaneciam dormindo, era muito raro mas algumas adormeciam, sendo assim não era permitido despertá-las. As crianças que ficavam despertas, que era a grande maioria, levantavam, guardavam as esteiras de *yoga* e dobravam seus cobertores com a ajuda de outra criança, a professora sempre estava por perto os auxiliando, sempre os ensinando a cuidar das suas coisas e a serem organizados na medida do

possível. Eu adorei tudo aquilo que vi, uma prática diferente, porque desde pequenos as crianças são ensinadas a organizar seu espaço.

Ao final da aula, havia um momento em que as crianças faziam *yoga*, realizavam exercícios de respiração e alongamento para o corpo, tudo sobre a orientação da professora, logo em seguida permaneciam em círculo sentados e havia o minuto do amor, instante no qual as crianças escolhiam um amigo para abraçar e dizer uma palavra bonita para o outro.

Realizavam uma atividade da apostila da escola, antes da hora da saída, e às 14h iam para casa. Com relação ao trabalho da professora, foi possível constatar que ela cria projetos para serem desenvolvidos com os alunos, também insiste na criação de bons hábitos, para melhorar a convivência entre os pequenos.

A professora sinalizou em uma de nossas conversas que possuía duas formações que a habilitavam a trabalhar de forma dinâmica e diferenciada. Ela tinha formação em Educação Física e Psicopedagogia, por isso que suas aulas eram centradas no corpo e nas emoções. Também destacou que estar bem emocionalmente é um dos fatores mais importantes para o desenvolvimento da criança; porque se as crianças estiverem cansadas, tristes ou com sono, não vão conseguir concentrar-se e com isso terão dificuldades no aprendizado. Ela é uma pesquisadora da sua prática, também fazia parte de um grupo de estudos sobre educação emocional em Palência, um município de Valladolid; grupo em que partilhava suas experiências realizadas em sala de aula.

Escrevi este texto, que fez parte do meu trabalho de conclusão de curso, com intuito de oferecer para todos aqueles que expressarem o interesse em conhecer sobre o intercâmbio. Pois, o mesmo fato que havia acontecido comigo, quando tive o interesse em saber como todo esse processo funcionava, e que pelo qual, por muitas vezes chorei, por não saber a quem recorrer, por ser a primeira do meu polo (UFF - INFES) a participar desse processo. Como citado neste texto, a

Espanha foi um lugar de aprendizagens e de concretização de sonhos e que, apesar das dificuldades, consegui reverter tudo que me aconteceu para melhor. O primeiro ponto que destaco para quem quer viver uma experiência como esta é: não ter medo de que lhe aconteça algo de mau. O segundo ponto é sempre manter contato com a família, pois é sempre bom conversar com quem nos ama e que acima de tudo acredita em nós. Eu, além do apoio da minha família, tive o apoio da minha orientadora Mitsi Pinheiro que sempre estava *on-line* no momento em que eu mais precisava conversar. Quando completa dois meses em um país estrangeiro, você sente falta de casa, principalmente das pessoas e é neste momento que se dá conta de que está longe de casa e que o período de novidade passou. As amizades constituídas no intercâmbio, seja com pessoas da turma, do mesmo país que o seu ou com pessoas com quem dividia o apartamento, ter alguém para sair e conversar era muito bom, acalmava “o espírito”. Foi assim que sobrevivi buscando sempre estar ao lado de quem pudesse me fazer bem e assim não me sentia sozinha.

As mudanças que ocorreram em mim como pessoa me afetaram quando voltei para o Brasil, pois aquela moça do interior que entrou na universidade a fim de construir uma nova história para ela e sua família, que tanto lutou para que chegasse onde chegou, havia voltado com a certeza de que sua busca pelo conhecimento não havia terminado e que ainda teria muito que aprender. Com relação à cidade e às pessoas, eu as via como se nada tivesse passado na vida delas, visto que o que vivi foi muito intenso, foi uma experiência para quem nunca tinha viajado para tão longe sozinha e que havia crescido em tão pouco tempo devido às circunstâncias. Voltar para casa, para seus amigos, para sua família, enfim, para tudo que é seu, não tem preço, apesar de tudo que aprendi e dos melhores lugares por onde andei, vejo que o sentimento de pertencimento e de fazer do lugar onde vivo em um lugar melhor através de meus ensinamentos e das minhas atitudes.

COMO SOU PORQUE FUI

LARISSA DE OLIVEIRA RIOS PEREIRA SANTOS^[1]

Pretexto

Antes de cursar Letras na UFF, passei pelo curso de Letras – Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Na época, com 18 anos, tinha certeza de que os posicionamentos políticos da universidade e seu histórico condiziam com a minha ânsia de estudar em uma instituição pública e desenvolver minha formação para fomentar uma mudança social. Ancorada nessa verdade, cursei várias matérias, consegui empregos e comecei a trilhar o caminho da defesa da literatura como um direito. Já no segundo semestre, tornei-me bolsista do LER UERJ,^[2] programa de incentivo à leitura da universidade.

Curiosamente, quase dois anos depois, ocorreu um amigo oculto de livros como forma de confraternização de fim de ano do programa. Ganhei de um colega chamado Pércio Faria o livro *Niketche: uma história de poligamia*, de Paulina Chiziane. Na dedicatória, ele se desculpava por não achar nenhuma literatura que falasse sobre

^[1] Graduada em Letras – Português/Literaturas pela UFF. Foi intercambista na Universidade Pedagógica de Maputo (Moçambique) em 2018.

^[2] Para mais informações sobre o programa acessar: www.facebook.com/LerUERJ. Acesso em: 02 set. 2021.

comunicação animal – a minha paixão acadêmica na época – e dizia também: “não tenho o hábito de presentear pessoas com livros que não li, mas o impetuoso mistério do universo está me sugerindo isso sem parar”.

Pércio fez o que, na verdade, muitos amantes de livros fazem quando oferecem esse tipo de presente: entregou-me uma caixa de Pandora, que abri prontamente muito antes de realizar a leitura de fato. Isso porque, mesmo sem ler, uma indignação potente começou a crescer dentro de mim: quais são os motivos de nunca ter ouvido falar nessa autora? Por que parece não existir nenhuma matéria que irá abordar as literaturas africanas de Língua Portuguesa se elas, obviamente, fazem parte das Literaturas de Língua Portuguesa? Será que eu corro o risco de concluir o curso e receber esse título de “graduada no ensino superior” sem nunca me debruçar seriamente nesses temas?

As dúvidas se empilharam, ampliaram e me atormentaram a ponto de decidir passar novamente pelos processos do vestibular e, dessa vez, escolher uma universidade pública cujo fluxograma acalmava os meus terremotos mentais. Assim, ingressei na Universidade Federal Fluminense com 22 anos, apesar de faltarem poucas disciplinas a serem cursadas na UERJ e de saber que precisaria viver, pelo menos, mais dois anos na nova universidade. Já nos primeiros meses, me inscrevi em matérias de Literatura Africana e em pouco tempo descobri a possibilidade de intercâmbio para vários países, dentre eles o Moçambique de Paulina Chiziane.

Travessia e desembarque

Antes de realizar a viagem, a Superintendência de Relações Internacionais realizou duas reuniões com os intercambistas daquele edital. A primeira era geral, em um grande auditório, onde todos os alunos da UFF que iriam para os mais diversos países se encontra-

ram para receber mais informações. Naquele espaço, por causa da ansiedade, sentei na segunda fileira de cadeiras na esperança de garantir que não perderia nada. Em dado momento, os organizadores pediram que as pessoas que iriam para Moçambique levantassem o braço, para minha surpresa, sentada atrás de mim estava Vitória Wermelinger, estudante de Ciências Sociais da UFF de Campos, e nos conectamos instantaneamente. Algum tempo depois, a SRI convocou uma reunião apenas com os alunos que iriam para Maputo, foi ali que conheci Iris Pimentel e Rodrigo Natal, ambos estudantes de Psicologia do *campus* de Rio das Ostras da UFF. Nesse encontro a universidade também chamou Lais Volpe, estudante de Geografia que já tinha participado do intercâmbio em editais anteriores para nos contar sobre a sua experiência e uma professora de nacionalidade sul-africana também para nos apresentar um pouco sobre o que tínhamos contato.

Meses depois o avião saía de Guarulhos para Joanesburgo no dia 23 de julho de 2018. No aeroporto, em Maputo, Djabo Joaquim, um estudante de Meteorologia da Universidade Eduardo Mondlane, nos esperava. Quando o avistamos, corremos e o abraçamos, abraçamos também quem estava com ele – que mais tarde descobrimos ser o motorista do táxi. Sorrimos muito, Djabo também sorriu, mas explicou rapidamente ao amigo “são brasileiras”, fui entendendo aos poucos o que isso poderia significar e, mesmo vivendo mais de 180 dias naquela terra, afirmo com tranquilidade que ainda não compreendo por completo a complexidade desse rótulo.

Acolhimento

Em Maputo, a instituição de ensino superior em que realizaria meus estudos foi a Universidade Pedagógica de Maputo, que carinhosamente chamamos de UP. O curso de Ensino de Português tinha matérias específicas para o primeiro e o segundo períodos, como acontece com diversas instituições também no Brasil. Precisei, con-

tudo, segurar um pouco a tristeza ao notar que todas as opções relacionadas à Literatura Moçambicana estavam alocadas exatamente no semestre anterior ao que iria cursar. Investida da segurança de que literatura está em muitos âmbitos além das matérias que levam seu nome, eu me inscrevi em três disciplinas de cursos distintos: Mundo Lusófono, na Faculdade de Letras e Comunicações, História de Moçambique do século XIX até metade do século XX, da Faculdade de História e Antropologia Cultural de Moçambique, vinculada à Faculdade de Antropologia e Ciências Sociais.

Lembro-me de realizar as inscrições presencialmente e de ter o primeiro contato com o espaço acadêmico de Maputo, de chegar agitada para perguntar sobre o alojamento, sobre as aulas que já tinham começado, falar rapidamente, gesticulando e ouvir uma resposta bastante direta da funcionária da universidade: “pare de falar com a boca e com as mãos ao mesmo tempo, preciso ouvir uma coisa só”. Fiquei espantada, mas também respirei fundo. Expus minhas dúvidas e fui respondida, além disso, fui convidada para conhecer a faculdade, alguns professores e colaboradores. Apertei muitas mãos e todos foram muito cordiais. De algum modo, na época, talvez por estar longe de casa, perguntei-me por que as pessoas não abraçavam. Provavelmente tinha alguma fantasia de que seriam calorosas, acabei por indagar isso a uma professora, que riu e disse algo como “nós somos calorosos, mas ninguém vai vos abraçar sem vos conhecer, não é respeitoso”. Concordei, entendi que fui muito bem recepcionada.

A chegada ao alojamento foi mais um momento de apresentações. Fui colocada em um quarto para duas pessoas e a minha colega de quarto, hoje amiga, se chamava Júlia Monzon, nascida na Espanha. Nós nos comunicávamos em portunhol ou inglês e senti ter vencido na loteria intercambista por compartilhar tantos momentos com ela.

O alojamento era um prédio de três ou quatro andares, separados por algumas alas masculinas e femininas, com um espaço externo com tanques para lavar roupa e um grande terraço com bancos

e uma pequena sala de estudos. Existia também um refeitório onde serviam mata-bicho (o nosso café da manhã), almoço e jantar – foi ali que fui apresentada ao carapau, peixe comum da região, à xima, algo como um pirão ou uma polenta ou outro alimento muito específico feito com farinha que é de lá e está presente em todas as refeições, e ao caril de amendoim, outro produto alimentar local. Cada ala tinha um vestiário coletivo com três chuveiros, três pias e três banheiros, além disso, a ala tinha também uma pequena cozinha com pia, fogão e geladeira. Tudo isso organizado em uma linha reta como um grande corredor, com portas paralelas umas às outras e em torno de 12 quartos por ala, seis de cada lado. Era comum termos horários para abertura e fechamento de água, tanto para lavagem de roupas quanto para os banhos, intercalávamos entre os quartos uma rotina para limpar as alas e vestiários.

Aquele espaço me pareceu um caldeirão estudantil de Moçambique. Como acontece na UFF e em muitas universidades grandes no Brasil, pessoas de diversos lugares saem dos seus ambientes familiares para estudar, então, no alojamento, convivíamos com outros intercambistas vietnamitas, chineses, brasileiros de estados diversos, por exemplo, além de pessoas de diferentes regiões do território determinado como moçambicano. A vida ali convidava a essas trocas culturais.

Lembro-me de um companheiro de quarto de Rodrigo Natal contar que estendia na sua cama a capulana que sua mãe usava para “nenecá-lo” quando era um bebê. Ao andar pelas ruas era muito fácil perceber a presença da capulana na vida das pessoas, é um tipo de tecido com estampas diversas, muitas vezes associadas a determinados locais ou grupos. Vemos várias mulheres usando-as como saias ou lenços e, quando saem às ruas para trabalhar ou realizar qualquer atividade, prendem seus bebês junto ao corpo com esse mesmo tecido, ato que recebe o nome de nenecar. Então, muito mais do que apelo estético que a expressão genérica *tecido africano* pode trazer, lá

conseguimos perceber o valor sentimental que o item carrega. Para o colega de Rodrigo era uma extensão, uma lembrança do lar, do colo da mãe, agora que estava longe de casa estudando.

Ganhei alguns presentes em Moçambique e o primeiro deles, que recebi dois dias depois da chegada, foi uma capulana, inclusive para não dar sorte para o azar, já que existe um ditado moçambicano que diz “uma mulher preparada tem sempre uma capulana na bolsa”.

Escrevivências^[3]

A primeira semana, em terras moçambicanas, foi tão intensa que pareceu que não existiu. Alguns lugares que depois se tornaram familiares e até acolhedores se apresentaram pela primeira vez, como o Mercado do Povo – que eu sempre conheci como Povinho – ou a Associação dos Músicos Moçambicanos, que realiza apresentações todas as quintas-feiras e que eu raramente deixava de ir.

Comecei a frequentar as aulas já na semana seguinte, as turmas eram de mais de 50 alunos e todas elas tinham um chefe de turma: um representante responsável pela ponte entre os alunos e os professores. Ainda assim, tive contato direto com vários docentes e fiquei impressionada ao saber que muitos deles fizeram a sua formação superior ou pós-graduação no Brasil. A partir dessa percepção, surgiu outro aprendizado significativo que foi, aos poucos, se consolidando ao longo do intercâmbio. Entendi que, por vezes, nos alimentamos de informações e histórias de diferentes países do continente africano como forma de resgate e reafirmação de identidades que foram marginalizadas dentro dos processos coloniais e supremacistas, numa perspectiva racial, de gênero ou de sexualidade.

^[3] Conceito proposto por Conceição Evaristo, apresentado em diversas entrevistas da escritora e trabalhos acadêmicos de autores diversos. A noção de escrevivência perpassa a ideia de que pessoas negras devem transformar suas vivências em literatura e que isso é uma forma de resistência.

A vivência em Maputo, contudo, mostrou que a cultura brasileira é amplamente conhecida e consumida pelos moçambicanos. Encontrei vários estudantes e professores que nos viam como uma referência, que optariam por uma formação no Brasil para diversas áreas, mesmo dominando outras línguas e podendo tentar vagas em locais *glamourizados* por aqui, como Estados Unidos e países da Europa. Isso também era notado em espaços não acadêmicos, nossas músicas e telenovelas, até nossa forma de cuidar dos nossos cabelos eram importadas para Moçambique. O fluxo de informação entre os dois países é contínuo apesar de desigual, de modo que algumas atitudes tomadas no Brasil como forma de empoderamento, como a transição capilar, faziam surgir um movimento semelhante por lá, inclusive pelo uso de marcas brasileiras.

As surpresas acadêmicas foram muitas além dessa, destaco uma, que tem relação direta com a minha graduação: a língua portuguesa. No início da minha formação, em 2013, fui rapidamente seduzida pelos estudos de linguística, em especial a aquisição da linguagem. Lembro-me de momentos em que pesquisadores reclamavam da dificuldade de ter contato com uma criança bilíngue, que tenha aprendido duas línguas simultaneamente. Essa memória surgiu constantemente enquanto estava em intercâmbio, pois quase todas as pessoas falavam pelo menos duas línguas e muitas falavam até mais. O território que ficou demarcado como Moçambique, depois dos processos coloniais, é composto por diversas origens e, conseqüentemente, onde convivem várias línguas diferentes: changana, bitonga, macua, chuabo, chope e ronga são algumas delas. Isso sem citar o uso corrente do inglês, principalmente pela proximidade com a África do Sul e com a Tanzânia, que têm o idioma como uma das suas línguas oficiais. Questionei, então, o porquê de não buscarmos nos aproximar ainda mais desse país para realizar pesquisas linguísticas, dado que existe uma grande admiração e respeito por parte deles com as nossas instituições acadêmicas. Durante esses seis meses,

ficou mais evidente para mim o quanto as minhas experiências no Brasil, principalmente no Sudeste, no Rio de Janeiro, supervalorizam a cultura europeia e estadunidense em tantos aspectos que, recorrentemente, não percebem o potencial de aprendizado que outros espaços ao sul da Linha do Equador podem oferecer.

Fora da universidade, a vida cultural de Maputo sempre foi muito ativa. Na cidade, além da Associação de Músicos de Moçambique, também conheci a Associação de Escritores de Moçambique e o Núcleo de Arte, onde poderia ter contato direto com artistas durante seu processo de produção. Vários países, em parceria com suas embaixadas, possuem casas culturais com eventos recorrentes, pude conhecer a escritora Eliana N'zualo, por exemplo, em uma palestra na Embaixada dos Estados Unidos – e realizar com ela, em 2020, o encontro *Literatura: território de acolhimento* para o projeto que passei a integrar assim que retornei ao Brasil. Fui a um TEDx na Embaixada da Holanda e frequentei exposições e atividades no Centro Cultural Alemão-Moçambicano (CCMA).

Além disso, outro espaço que marcou muito o meu intercâmbio foi o Centro Cultural Brasil-Moçambique. Por lá, tive a oportunidade de trabalhar como mediadora na exposição itinerante *Língua Portuguesa Entre Nós*, montada pelo Museu da Língua Portuguesa de São Paulo. A organizadora Marina Sartori veio do Brasil para oferecer um treinamento para os mediadores, foi também durante esse momento que conheci o curador, professor da Universidade Eduardo Mondlane, e agora grande amigo, Nataniel Ngomane. A exposição não só retomou o meu contato com a educação em museus, uma vez que fui mediadora no Museu Nacional da UFRJ por dois anos, como também me proporcionou contato com outros estudantes de Língua Portuguesa da UEM.

Durante as semanas de exposição, recebemos grupos escolares e universitários, também trocamos muita informação entre nós mesmos, os mediadores. No segundo andar da exposição, havia uma

grande mesa com diversos livros de autores que escreviam em língua portuguesa. Por vezes, quando estávamos sozinhos, sentávamos e líamos uns para os outros, gostava muito desse momento. Lembro bem da primeira vez que fui realizar uma leitura, escolhi um livro de contos infantis, respirei fundo para pegar ar e começar a ler, mas antes que reproduzisse a primeira palavra, Tomás Mondlane me interrompeu dizendo com voz calma de quem ensina criança: “Larissa, minha querida, não é assim que começamos uma história. Cá, antes de contar algo, precisas dizer ‘karingana wa karingana’ e, então, quem está a ouvir responde ‘karingana’”. Aprendi rápido, inclusive pensei ser muito adequado o tom de voz que ele usava para falar comigo, pois o meu primeiro “karingana wa karingana” foi de uma alegria infantil e muito mais alto do que qualquer mulher séria e adulta falaria em um museu.

Após o fim da exposição, os mediadores se reuniram com Nataniel, ele queria saber o que faríamos depois, já que formamos um grupo tão interessante: Isolda Munguambe, Amade Balamade, Tomás Mondlane, Siovana Ney, Keyce Mavume, Eugênia Rosa Matsena, dentre outros, todos estudantes da Universidade Eduardo Mondlane – sem imaginar que mais tarde pessoas como Rose Amadeu e Delfina Lázaro Mbaila também apareceriam para somar conosco, junto com outras pessoas de diversas formações. Nessa reunião, surgiu a ideia do Clube do Livro de Moçambique,^[4] um grupo de pessoas que ama ler e falar sobre livros. Gostaríamos de criar um movimento que incentivasse a leitura, então decidimos um local, data e hora: iríamos para um espaço aberto, público, sentar na relva e ler. Àqueles que passassem por perto e perguntassem, responderíamos que estávamos lendo e, se quisessem, poderiam se juntar a nós. Para os encontros seguintes, criei uma arte e fizemos um convite geral no Facebook, assim as pessoas saberiam onde nos reuniríamos para ler.

^[4] Para mais informações sobre o programa acessar: www.facebook.com/clubedolivromoz. Acesso em: 02 out. 2021.

Imagem 1. Na foto temos, da esquerda para direita, Amade Balamade, Larissa Santos, Tómas Mondlane, Siovana Ney e Keyce Mavume.



Fonte: Acervo pessoal

Com o passar do tempo, o resultado foi muito maior do que poderíamos imaginar, em 2021, o Clube do Livro de Moçambique completou mais de dois anos, participamos de festivais como o Poetas D'alma, que ocorre todo ano, realizamos encontros em diversos jardins de Maputo e também em centros culturais, espaços históricos como a Fortaleza de Maputo e museus. Mensalmente, começamos a realizar encontros com escritores locais e divulgar pelas nossas redes informações sobre suas obras, dentre eles: Virgília Ferrão, Rogério Manjate, João Paulo Borges Coelho, Ungulani Ba Ka Khosa, Aníbal Aleluia, Suleiman Cassamo, Rui de Carvalho, Mia Couto e Paulina Chiziane, que nos acolheu no jardim da sua casa para o nosso encontro naquele mês. Tudo isso apenas em Maputo, mas, aos poucos, outras cidades também passaram a ter um Clube do Livro: Beira, Xai-Xai, Quelimane, Milange, Nampula, Chitima, Inhambane, Vilankulo, Matola, Namacurra, Chimoio, Pemba, Gurúè, Tete e Maxixe são algumas delas.

As experiências acadêmicas e pessoais foram muitas. É impossível esquecer o trabalho que apresentei sobre formação da identidade brasileira, com o intercambista Rhuann Fernandes, do curso de Ciências Sociais da UERJ, que retornou da viagem com uma ideia toda nova para o seu trabalho de conclusão de curso, mais tarde publicado no livro *Casamento Tradicional Bantu* (FERNANDES, 2020). Ou os muitos dias no alojamento conversando com Kátia Leonor, estudante de Comunicação Social - Produção Editorial da UFSM, sobre a linda pesquisa que desenvolvia para construir o glossário infantil com o desenho de crianças brasileiras e moçambicanas, mostrando como elas interpretavam determinadas palavras do que seria denominado *Glossário Infantil: o direito à coautoria no Brasil e em Moçambique* e funcionaria como seu TCC. Também me lembro de fazer viagens, conhecer o Abantu Book Festival 2018 em Soweto, Joanesburgo, com a Diana Zeca, por quem me apaixonei e com quem aprendi a diferença entre o mar e a praia; aprendi a olhar o céu e reconhecer estrelas e planetas a olho nu; descobri que por lá as feiticeiras se transportam em peneiras e não nessas vassouras que muitas pessoas pensam; aprendi sobre como a sociedade moçambicana vê um relacionamento homoafetivo e, principalmente, como manter contato, amando alguém da melhor maneira possível para o momento, mesmo a distância.

Permanências

Após retornar, continuei envolvida nas atividades do Clube do Livro e, como muitos dos meus colegas de intercâmbio, comecei a me dedicar, aqui no Brasil, a uma área que percebi fundamental para mim: a leitura e a escrita. Encontrei, no Projeto Escrevendo a Liberdade,^[5] um espaço em que poderia continuar e ampliar essa ideia de difundir a leitura que ganhou tanta força em Moçambique. Ingres-

^[5] Para mais informações sobre o programa acessar: www.facebook.com/escrevendoaliberdade. Acesso em: 02 out. 2021.

sei nesse projeto como bolsista, uma vez que ele surgiu vinculado ao Grupo de Pesquisa e Educação nas Prisões da UFF sob a coordenação da professora da Faculdade de Educação Sandra Maciel e Vanusa Maria de Melo. No *Escrevendo a Liberdade*, formamos leitores e escritores em contextos de privação de liberdade, lutando pela noção de literatura como direito.

Novamente, após o meu retorno, novos intercambistas iriam passar por outra jornada que se assemelha a minha em termos de lugar, mas que seria totalmente diferente em termos de vida. Dessa vez, eu fui convidada para participar da reunião da SRI e compartilhar com outros estudantes que passaram a mesma ansiedade da espera para uma nova aventura que eu, fiquei também muito feliz ao perceber que, nesse edital, a UFF conseguiu mais vagas para intercâmbio incluindo diferentes locais de estudo além da capital.

Em termos acadêmicos e pessoais percebi, também, muita afinidade por estudos decoloniais que foram aprofundados nos cursos que realizei na UFF após retornar do intercâmbio. Muitas das inquietações e perturbações vividas durante os seis meses de viagem foram, pouco a pouco, sendo discutidas e estudadas principalmente nas matérias de Literaturas Africanas da UFF ministradas pela professora Renata Flávia da Silva e Júlio Cesar Machado de Paula. Eles me introduziram a teóricos como Silviano Santiago, Thomas Bonnici, Stuart Hall, Frantz Fanon, dentre muitos outros. Além de também ser apresentada a uma gama muito vasta de materiais e discussões voltadas para as Literaturas Africanas em diferentes aspectos incluindo a Literatura Infante-Juvenil e também um curso mais específico voltado para Ficção em Prosa e Processos de Reafricanização. Foi também na sala de aula da professora Renata Flávia que, finalmente, pude me debruçar por um semestre inteiro para sistematizar os aprendizados do intercâmbio e vivenciados em outras matérias da UFF em um trabalho com o livro *Niketche: uma história de poligamia*, de Paulina Chiziane.

De certo modo, não há, de fato, um final para o meu intercâmbio. Na carta de apresentação, uma das etapas do processo para realizar a viagem, eu disse:

Essa oportunidade é extremamente preciosa não apenas pelo valor acadêmico, já que o estudo da literatura moçambicana certamente será mais completo a partir da união entre a academia e a experiência cultural, mas também é uma chance de aprofundar meu conhecimento sobre a minha descendência e o que sei sobre a minha identidade.

Na época buscava aprofundamento, aprendizado, recebi metamorfose.

Todo o processo de escolha por uma nova universidade que, posteriormente, se desdobrou em uma oportunidade de intercâmbio e de novos estudos, que se manifestam de forma constante na maneira como eu vejo o mundo e nas minhas escolhas profissionais, foi arriscado e igualmente necessário para a minha formação. A Universidade Federal Fluminense não fechou a caixa de Pandora que foi aberta anos antes na UERJ, mas ali pude viver algo ainda mais precioso: o desenvolvimento de um corpo social, político e intelectual que me permite perceber e valorizar as minhas vivências para interagir com a literatura e com o mundo.

Referências

CHIZIANE, Paulina. *Niketche: uma história de poligamia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ESCREVIVENDO A LIBERDADE. Literatura: território de acolhimento. *Youtube* (1h02min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2Bh1LfB6g_A. Acesso em: 05 fev. 2021.

FERNANDES, Rhuann. *Casamento Tradicional Bantu: o Lobolo no Sul de Moçambique*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2020.

LIMA, Juliana Domingos de. Conceição Evaristo: 'minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra'. *Nexo*, 26 maio 2017. Disponível em: <https://>

www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/05/26/Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-%E2%80%98minha-escrita-%C3%A9-contaminada-pela-condi%C3%A7%C3%A3o-de-mulher-negra%E2%80%99. Acesso em: 08 abr. 2021.

MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA. Língua Portuguesa Em Nós – Moçambique. *Museu da Língua Portuguesa*, 31 out. 2018. Disponível em: <https://www.museudalinguaportuguesa.org.br/release/a-lingua-portuguesa-em-nos-mocambique/>. Acesso em: 05 fev. 2021.

SILVA, Kátia Leonor Alves Silva da. *Glossário Infantil: o direito à coautoria no Brasil e em Moçambique*. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2019. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/20169/Da%20Silva_K%c3%a1tia%20Leonor_Alves%20Silva_2019_TCC.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 05 fev. 2021.

MINHA VIVÊNCIA EM MOÇAMBIQUE

ATRAVESSEI O OCEANO E FUI ATRAVESSADA POR ELE

LOURHANSE LEHDERMANN^[1]

O Atlântico que banha o Brasil é o “mesmo” que se debruça a oeste do continente africano. Mas eu estava do outro lado do continente. Estava do lado leste, banhado pelo Oceano Índico. Literalmente, eu atravessei um oceano e mergulhei na pérola do Índico. Para quem não sabe, pérola do Índico é um dos apelidos de Moçambique, país localizado no Sul da África, fazendo fronteira com a África do Sul, Essuatíni (anteriormente conhecido como Suazilândia), Zimbábue, Zâmbia, Malawi e Tanzânia. Assim como o Brasil, também foi colonizado por Portugal, sendo o português sua língua oficial e sua independência conquistada apenas em 1975. Morei em Maputo, cidade, capital do país. E ênfase na cidade, pois também existe Maputo província (que aqui seria o mesmo que um estado). Maputo cidade, embora não seja uma província, de certa forma tem *status* de uma, pois possui governador provincial. Localiza-se no extremo Sul do país, perto da fronteira com a África do Sul e com Essuatíni. A maioria da população não vive na cidade e sim no campo, e os habitantes faziam questão de enfatizar esta informação, aconselhando que a vivência dos estrangeiros não ficasse restrita à área urbana. Estudei

^[1] Graduanda em Psicologia pela UFF. Foi intercambista na Universidade Pedagógica de Maputo (Moçambique) em 2019.

por um semestre na Universidade Pedagógica, conhecida lá como UP. Frequentava cadeiras (que aqui conhecemos por disciplinas) dos cursos de Licenciatura em Psicologia e Licenciatura em Antropologia. A universidade onde estudei ficava na periferia, e isso era curioso, pois mesmo estando na cidade, eles consideravam que eu não estava na cidade por não ser uma região central. Quanto às pessoas, meu ciclo social era composto por universitários, em sua maioria africanos e também alguns brasileiros; pessoas do meio artístico; brasileiros que foram para lá trabalhar; e estrangeiros viajantes, sejam brasileiros ou não, que eu encontrava pelo caminho. Em relação à classe social, era possível encontrar de tudo, desde o colega que não sabia como pagaria a próxima mensalidade da residência universitária, passando pelo amigo que não tinha tanto dinheiro, mas que era muito bem relacionado, até chegar naquele amigo que realmente tinha uma condição financeira muito boa.

Dado esse pequeno contexto, posso dizer que a mobilidade internacional foi a experiência mais incrível da minha vida até agora. Atravessei um oceano e fui atravessada por outro. Atravessada pelos afetos, pelas trocas e pelas conexões, tudo isso em várias dimensões. Acredito que a experiência mais doida e mais intensa de se sentir um sujeito no/do mundo é a afetiva. E, muitas vezes, é complicado verbalizar tudo isso, pois essa dimensão afetiva se mistura com tantas outras coisas. Mistura-se com a experiência geográfica, com a corporal, com a cultural. E muitas vezes isso não está no campo da palavra. Está no plano do sensível, do sentir no âmago e elaborar no próprio corpo. Mesmo sendo difícil colocar todo esse afeto em palavras, gostaria de compartilhar essa história com você. Mais do que isso: gostaria de convidá-lo para fazer um exercício de imersão cultural e mergulhar nesse oceano comigo.

Em 2019, tomei a decisão de me mover. E ser contemplada pela bolsa de mobilidade foi crucial para esse movimento. Um corpo da América Latina que se moveu para a África. E os moçambica-

nos gostam de saber que um corpo das Américas decidiu se mover para a África. No início, ficaram desacreditados: “tu não escolheste Portugal?”, e quando respondi que não, que a minha escolha foi Moçambique, eles ficaram felizes. E aproveitaram para checar: “tu não achas que aqui só tem selvagem, né?”. Uma pergunta que me causa vergonha. Vergonha de fazer parte de um contexto no qual reina uma concepção ocidentalizada de que a África só tem pobreza e elefante andando na rua. De fato, tem elefantes (aliás, foi uma das coisas mais lindas que vi na vida), mas eles ficam na reserva, não andando na rua. Também tem muita pobreza. Moçambique, por exemplo, está entre os países mais pobres do mundo. E é importante falarmos dessa pobreza, desde que ela não venha descolada da realidade que a compreende. Nessa experiência de me mover, ouvi histórias que não aprendi nos livros da escola e nem da faculdade, mas que se faziam presentes pela cidade.

A própria pobreza tem um contexto histórico envolvido pela colonização, pela Guerra de Independência e por uma Guerra Civil que durou mais de 10 anos, na qual as pessoas mal tinham o que comer. Carne lá é sinônimo de *status*. E você pode dizer que aqui no Brasil também é. E eu concordo, só que é um contexto diferente. Uma guerra de independência seguida por uma guerra civil não é nada fácil. Na época em que estive lá, o salário mínimo era em torno de 4500 meticais (hoje equivalentes a um pouco mais de 300 reais). Imagina comprar uma peça de carne bovina que custa mais de 1000 meticais (eu mesma ficava perplexa quando via esse valor no supermercado). E quando eu digo que não podemos falar dessa pobreza descolada de um contexto histórico é devido a importância de entender os efeitos da colonização. Aliás, ouvi muito sobre as histórias da colonização e da guerra. Histórias que não aprendi nos livros da escola, mas que se fizeram presentes durante toda a minha mobilidade. E, logo nos meus primeiros dias no país, fizeram questão de me contextualizar a respeito da história da independência. A guerra teve início em 25 de

setembro de 1964 e o cessar-fogo ocorreu em 08 de setembro de 1974. Contudo, a independência só foi proclamada no ano seguinte, em 25 de junho de 1975, por Samora Machel, líder da revolução e primeiro presidente pós-independência. Pela cidade, é possível encontrar algumas estátuas do Samora. Parar para admirá-las é ter essas datas contadas pelos próprios habitantes. Aliás, o aniversário de independência é uma data muito curiosa, pois ela também faz referência a data de criação da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), partido criado em 25 de junho de 1962 e que está no poder desde a proclamação da independência. Em 2019, ocorreram as eleições presidenciais e, novamente, um candidato da FRELIMO foi eleito. O mesmo partido no poder há mais de 40 anos. Algumas pessoas têm a compreensão de ser uma ditadura velada. Talvez por eu ser uma estrangeira com prazo de validade no país, a conversa fluísse mais naturalmente, todavia, entre os moçambicanos, palavras que fizessem referência a uma ditadura velada não eram ditas para qualquer pessoa ou em qualquer situação. Inclusive, a FRELIMO foi uma das protagonistas da Guerra Civil, também conhecida por Guerra dos Dezesesseis Anos, juntamente com a Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO), partido de oposição.

Logo que o português saiu dessa terra, levou também seus recursos, e esse contexto de pobreza foi intensificado pela Guerra Civil, no qual as pessoas chegavam até mesmo a cruzar as fronteiras na tentativa de trocar sal por açúcar. E aproveitei este momento para fazer um parêntese e indicar um filme chamado “Comboio de Sal e Açúcar”, meu primeiro contato com o cinema moçambicano. O filme tem como plano de fundo esse cenário da guerra. Em Moçambique, muita coisa do Brasil é consumida, mas aqui não sabemos quase nada sobre lá. Posso apostar que você não sabia do que estou falando aqui. Eu mesma não tinha conhecimento, afinal, nossos livros de História não dedicam páginas para essa história. E eu aprendi tudo isso pela grande experiência geográfica e cultural das ruas da cidade de Maputo.

Também ouvi histórias para as quais a grande mídia brasileira não destinou tanto espaço. Em março de 2019, um mês após a minha chegada, o ciclone Idai devastou a cidade de Beira, capital da província de Sofala. Beira localiza-se no centro do país e eu estava no extremo sul. Mesmo com a distância, foi uma comoção nacional. Na universidade, caixas e caixas arrecadando mantimentos para ajudar o povo de lá. Eu era um corpo estranho naquele lugar, não só pelo fato de ser uma mulher branca em um país majoritariamente negro como também por ser um corpo de São Paulo, a conhecida selva de pedra, e de Volta Redonda, a cidade do aço. Cidades marcadas pela poluição e pelas enchentes. E claro que essas coisas devastam uma cidade. A minha intenção não é diminuir a gravidade desses eventos e sim pontuar as diferenças. Naquele momento eu era um corpo num país que tinha passado um ciclone. O Idai foi o ciclone tropical mais forte a atingir Moçambique desde o ciclone Jokwe, em 2008. Uma história que ficou marcada na devastação da cidade e que também esteve presente na sala de aula. Um professor de uma das cadeiras que eu cursava visitou a cidade de Beira e nos contou sobre a tristeza que tomava conta do lugar, principalmente, do olhar das crianças. “Não esqueçam de nossas crianças”, disse ele, “Doem mantimentos e também brinquedos, as crianças já estão a sofrer demais”.

E meu corpo era estranho em muitas outras coisas. Era um corpo numa cidade cujo trânsito era confuso e perigoso. E você pode dizer que em São Paulo o trânsito é caótico. E é mesmo, só que a experiência geográfica e espacial é tão diferente. Em São Paulo, atravesso na faixa, caso contrário, posso ser fortemente atropelada. Em Maputo quase não tinham passadeiras (faixas de pedestre). Não sei de que forma, mas os carros e os pedestres se entendiam. Às vezes entre buzinas e xingamentos, mas se entendiam. Mesmo depois de alguns meses lá, ainda não sabia atravessar a rua direito. Em alguns momentos até esperava que alguém fizesse essa travessia e seguia a pessoa. Eu era um corpo na terra das capulanas, o tecido símbolo

do país. E não ouse chamar de tecido, o nome é capulana. Não é um simples pedaço de pano, é parte da identidade de Moçambique. Os corpos, em sua maioria femininos, sempre carregavam algum elemento de capulana: roupas, brincos, tiaras, pulseiras, carteiras, trouxas, capulanas amarradas por cima da roupa, estendidas na areia da praia, servindo de apoio para equilibrar a bacia na cabeça e até mesmo para sustentar o bebê no colo enquanto suas mães trabalhavam ou caminhavam pela rua. Capulanas dos mais variados tipos: estampas coloridas, estampas mais escuras, estampas de animais, formas geométricas meio abstratas, combinações de cores, até mesmo capulanas temáticas, nas quais figuravam o nome da Frelimo ou o rosto do Papa, que fez uma visita a Moçambique. E aí era possível perceber como as capulanas falavam muito sobre as pessoas e como os próprios estrangeiros também acabavam se encontrando em suas estampas e formas. Lembra quando eu disse que ver um elefante, mesmo que rápido, foi uma das coisas mais lindas da minha vida? Uma das minhas capulanas preferidas tem desenhos de elefante em sua estampa.

Eu era um corpo estranho em meio a pessoas que, no Brasil, seriam os corpos estranhos. Na sala de aula, colegas muçulmanos. Mulheres usando burca, niqab, shayla, pois cada tipo de véu tem o seu nome. Eu era um corpo em meio a tantos outros corpos, pois lá realmente tinha muita gente de outros países. Encontrei com brasileiros, venezuelanos, dominicanos, vietnamitas, indianos, árabes, alemães, portugueses, egípcios, malauianos, sul-africanos, zimbabueanos, essuatianos, angolanos, cabo-verdianos. E a presença de alguns deles manifestava-se não somente pelos corpos como também por outras coisas. Era comum carros com o sistema de rádio em mandarim ou japonês (eles compravam mais barato desses países). Também era comum produtos indianos e árabes nos corredores do mercado. Uma simples tarefa como comprar um shampoo poderia se tornar muito complicada, pois além de não conhecer as marcas, também não entendia o que estava escrito. Se a gente quisesse com-

prar uma cerveja no mercado e beber em casa, era importante prestar atenção se o dono do estabelecimento era muçulmano, porque eles não vendem bebida alcoólica. E a própria cidade participava dessa dinâmica. Por exemplo, no Ramadã, época em que os muçulmanos praticam o seu jejum ritual, os restaurantes não abrem antes das 17h. E, dependendo do horário que você faz o seu pedido, sua refeição pode demorar um pouco mais para chegar, pois o funcionário pode estar fazendo uma de suas orações diárias. E tudo bem, porque tudo isso é parte de uma grande riqueza cultural.

Eu era um corpo num lugar onde não se tinha contato físico ou demonstrações públicas de afeto. Em um semestre, contei cinco casais andando de mãos dadas nas ruas. Como diria a mãe de um amigo meu: “você não sabe se esse casal moçambicano é um casal até eles aparecerem com 10 filhos”. Eles diziam que essa falta de contato físico era cultural, aprenderam com seus pais, que aprenderam com seus pais, etc. Mas isso causou debate entre os brasileiros. Era comum que os homens tivessem um relacionamento paralelo sem suas companheiras saberem, então, ter algum tipo de contato físico em público poderia colocá-los em uma situação desconfortável com suas esposas e namoradas. Muitas vezes, estabelecer algumas relações com os moçambicanos era um pouco difícil. E depois me dei conta de que a maioria dos conflitos era oriunda de diferenças culturais. E lidar com essas questões foi uma tarefa mais difícil ainda, pois eu não poderia tomar a minha perspectiva como ponto de partida o tempo inteiro e, ao mesmo tempo, não tinha como esquecer a bagagem cultural que já me acompanhava. Uma tarefa difícil, mas que me ajudou a construir uma nova visão de mundo. E isso foi fundamental, afinal, eu faço Psicologia e o contato com o outro é constante. Eu era um corpo sempre alertado pelos amigos moçambicanos sobre a importância de usar preservativo, pois o índice de HIV no país é muito alto. E isso me chamou muito a atenção. Fiquei pensando na importância desse debate em qualquer contexto, inclusive no meu círculo social

brasileiro, incluindo a faculdade, visto que o curso de Psicologia levanta o tempo inteiro a discussão sobre saúde pública e importância do SUS. Eu era um corpo que, junto com minhas amigas, já havia sido seguido na rua, pois, conforme algumas pessoas falaram, o cara estava tentando nos “conquistar”. Aliás, o assédio lá era bem comum, mas muitos tinham uma compreensão diferente a respeito do que poderia ou não ser assédio. Enquanto mulher, não tem como falar da minha vivência em qualquer lugar, seja no Brasil ou em Moçambique, sem falar sobre todos os atravessamentos de ser mulher. E, mais do que isso, é fundamental pontuar que ser mulher parte de diferentes contextos. A minha vivência enquanto mulher branca e brasileira é diferente da vivência de uma mulher negra e moçambicana e de uma mulher branca e moçambicana. Mais uma vez, esquecer nossas concepções ocidentalizadas é essencial. É necessário ouvir as mulheres de lá. E se você ficou interessada, deixo aqui mais duas indicações: Paulina Chiziane, a primeira mulher a publicar um romance em Moçambique, e Enia Lipanga, cantora, escritora, poetisa, ativista, enfim, uma artista que faz parte da parcela que vai contra o conservadorismo no país.

Eu era um corpo num lugar onde, embora a língua oficial seja o português, muitas pessoas sabiam se comunicar por meio de sua língua materna e o único idioma que eu carregava era o do colonizador. Eu era, muitas vezes, um corpo num lugar onde todos sabiam falar português (e alguns somente o português, como eu) e a maioria escolhia se comunicar em inglês. Nesse contexto, era comum ouvir mais de uma língua, até porque todos os países ao redor tinham o inglês como língua oficial, além disso, existiam em torno de 19 possibilidades de línguas maternas presentes naquele lugar. Deparei-me com o português brasileiro e europeu, inglês, francês, árabe, alemão e xangana, principal língua materna de Maputo. Sobre o português, demorei quase dois meses para entender. Se você acha que é a mesma coisa, achou errado. A (in)formalidade de uma “mesma língua”

manifestava-se em diversas pronúncias, sotaques e palavras diferentes. De um lado, brasileiros misturando singular e plural na mesma frase, de outro, moçambicanos conjugando o verbo adequadamente e não utilizando gerúndio. Como eles consomem muita coisa do Brasil, entendiam perfeitamente meu sotaque e gírias. Do meu lado, aprendi várias palavras novas, algumas delas em xangana: boleia (carona), mahala (entrada gratuita), de borla (de graça), txilar (curtir, aproveitar), fixe (tranquilo, “de boas”), mata-bicho (café da manhã), kanimambo (obrigada), bacela (o famoso chorinho; sabe quando pedimos um suco e vem aquele copinho com o que sobrou? É isso!).

Eu era um corpo branco que causava espanto quando andava de chapa (o transporte público de lá) ou quando andava a pé pelas ruas do bairro periférico onde se localizava a universidade. Eu era um corpo branco num país majoritariamente negro que, frequentemente, usava a palavra mulato e não necessariamente era uma ofensa. E se fosse um negro estrangeiro era mais complicado ainda, pois, dependendo da pigmentação, podiam ler até mesmo como mulato branco ou simplesmente branco. Ouvi depoimentos do tipo: “Saí do Brasil uma mulher indiscutivelmente negra para chegar aqui e me tornar mulata. E tive que lidar com isso” ou então: “Aqui eles acham que sou branco, mas eu sou negro e é isso aí. É sempre o miscigenado que sai prejudicado nesse debate”. Até minha própria etnia foi colocada em xeque. Como disseram para mim: “Em África você com certeza é branca, mas você não é tão branca assim, porque você é latina e latino não é branco”. Efeitos e dimensões subjetivas da colonização.

E já que falamos em subjetividade, o que a mobilidade representa na minha formação como estudante e futura profissional? Não tem como falar de Maputo sem falar da Psicologia. A escolha de ir para Moçambique não foi apenas pessoal, foi também uma tentativa de contribuir para a construção de um novo campo de formação. E como atravessei o oceano tendo como pontapé a expectativa de uma experiência acadêmica, acho justo usar a abordagem que eu mais

gosto dentro da psicologia para tentar explicar esse mar que me atravessa até hoje. A abordagem se chama Gestalt, vem do alemão, e a tradução mais próxima, mas não a mais correta, seria configuração. Usei a palavra abordagem para você que não é estudante de Psicologia ter mais ou menos uma noção do que estou querendo dizer, pois é muito mais do que isso, é uma visão de homem e de mundo que ultrapassa a clínica. Então, farei uso de dois pontos dessa visão.

O primeiro é que a Gestalt não acredita numa estrutura fechada de sujeito. O sujeito não é ansioso, ele está ansioso. E o verbo faz toda a diferença, pois o sujeito se reconfigura. Então, se ele se reconfigura, como falar que ele é uma coisa para o resto da vida? Aliás, a vida é processual, por isso, o paciente não recebe alta, ele encerra processos. E mesmo com a finalização do meu processo de estar em Maputo, ele me compõe enquanto um ser-no-mundo. E saí de lá com uma imensidão dentro do meu ser-no-mundo. O segundo ponto vem para contradizer um mito acerca da Gestalt: o mito de que ela não trabalha com o passado. Isso é mentira. Ela considera o passado sim e até mesmo o futuro, só que de forma presentificada, ou seja, o presente carrega memórias do passado e projetos do futuro. Voltei para o Brasil, mas as memórias, as experiências e as sensações vividas lá estão presentificadas em mim e no meu ser-no-mundo. E falando em experiências, tive como pontapé a experiência acadêmica, mas, nesse processo, muitas outras se somaram a ela. Teve a experiência cultural, geográfica, corporal e, principalmente, afetiva. Até porque tudo nessa vida é movido por algum afeto, não é mesmo?

Afetamos e somos afetados o tempo todo. E esse afeto não está somente na relação que estabelecemos com as pessoas. Construimos uma relação de afeto com as pessoas. E com a terra, com a comida, com os sons, com o clima, com os lugares. Ora, tem tantas outras relações que compõem essas relações. A praia de domingo; o pão com badjia (bolinho de feijão branco) do mata-bicho; o sabor apimentado da comida; o chapa lotado; as capulanas que se manifestam de tantas formas; as estampas das capulanas que nos expressam em suas

formas, cores e estampas; o refrigerante de morango, mas que de morango mesmo não tem nada e que não vende por aqui; o barulho da chaleira elétrica que esquentava a água para o banho; o som da língua materna; a areia entre os dedos; a lua gigante e redonda; o sol que antes de se pôr dá um abraço quente; as paisagens mais lindas que já vi; o tilintar dos meticais enquanto contava as moedas; o som dos instrumentos e da dança tradicional; enfim, tantas relações que compõem outras relações. Relações, experiências e sensações que fazem parte de uma grande experiência cultural. Felicidade. Saudade. Incômodo. Admiração. Indignação. Amizade. Vergonha. Alegria. Medo. Coragem. Angústia. Ansiedade. Aprendizado. Escuta. Reflexão. Compartilhamento.

O contato com outra cultura foi composto por tudo isso. Cresci muito como pessoa, como estudante e como futura profissional. A mobilidade te ensina que o nosso modo de estar no mundo não é universal. E na Psicologia lidar com o outro é um trabalho constante. E esse outro carrega sua própria história, vem de uma realidade diferente e apresenta outras perspectivas. Conviver com outra cultura é exatamente isso: entrar em contato com o outro. Mas não precisamos ir tão longe, entramos em contato com o outro o tempo todo, seja no nosso ciclo social ou familiar, seja dentro da sala de aula, seja no trabalho. O que acontece é que o intercâmbio amplia tudo isso. E esse encontro com o outro proporciona uma troca muito grande, semeando frutos em todas as dimensões da vida (pessoal, social, do trabalho, etc.).

Na Psicologia, sempre falamos da importância da escuta. E nesse exercício de imersão cultural, a capacidade de escuta é imprescindível. Nessa troca de cultura entre brasileiros e moçambicanos, nessa troca de dimensões da colonização, apareceram, por parte de brasileiros, falas como: “Acho que aqui em Moçambique o debate está um pouco atrasado”. E embora eu entendesse a lógica dessa fala, ela também era muito complicada, porque eu também ouvia, por parte dos moçambicanos:

Vocês brancos e negros brasileiros chegam aqui com várias concepções formadas. O que é uma cidade desenvolvida e, com isso, vem o estereótipo do que vocês acham que vão encontrar na África, o que é feminismo, o que é racismo, o que é uma pessoa politizada. Vocês chegam aqui com tudo isso pronto querendo ensinar. Vocês precisam ser mais humildes.

Portanto, termino este texto da mesma forma que iniciei: te convidando a fazer um exercício de imersão cultural. Nesse exercício, lembre-se de que existem variados contextos. Não tome o seu como o único ponto de partida, porque ele não é universal. É um exercício tentar compreender tudo isso e é um desafio propor problematizações, reconhecendo que você está em outro contexto ao mesmo tempo que você traz para esse contexto a sua bagagem cultural.

Agora carrego em mim as raízes desse lugar e, por lugares, não me refiro somente a espaço geográfico, falo também de experiências, sensações e pessoas, principalmente, meus amigos e minhas companheiras de intercâmbio, com quem tive tantas trocas, reflexões e elaborações que atravessam, e muito, minha formação. Moçambique é um país incrível, com lugares lindos e uma riqueza cultural grandiosa. Falar sobre a mobilidade é sempre mover todos esses afetos dentro de mim. Aprendi demais e aprendo até hoje, afinal, não é uma coisa que a gente esquece só porque retornou ao Brasil, é uma experiência que se leva para a vida. Por fim, te convido a levar um pouco da minha experiência para a sua vida também por meio deste texto. E se algum dia você viajar para lá, faça amizade com as moçambicanas e os moçambicanos, conheça a história do país, visite a Ilha de Inhaca, frequente a Associação dos Músicos Moçambicanos, conheça a cena cultural e artística da cidade, prove as comidas típicas, enfim, mergulhe na pérola do Índico e se apaixonar como eu me apaixonei. E agora, me despeço de você e dessa história da mesma forma que me despedi de Moçambique: “kanimambo, Maputo, foi absolutamente incrível!”.

GÉLIDA E CALOROSA

MONTREAL, A MELHOR CIDADE PARA
ESTUDAR, PESQUISAR E CURTIR

LUCAS PEIXOTO PINHEIRO DA SILVA^[1]

Meu objetivo, por meio deste relato, é contar a experiência que tive ao viver e estudar no exterior, a fim de propiciar aos futuros alunos de mobilidade internacional uma experiência bem-sucedida e proveitosa. Esse processo inicia-se na fase de planejamento. É essencial que o futuro aluno de mobilidade pesquise sobre os costumes do país e do local para onde irá. No meu caso, eu pesquisei sobre o Canadá, sobre a província do Quebec e sobre Montreal. Isso foi muito importante porque o Quebec possui muitas peculiaridades em relação ao restante do Canadá, o que influenciou no cotidiano e na experiência acadêmica que tive na Université de Montréal (chamada localmente de UdeM), no semestre de inverno de 2015.

Na fase de seleção de opções, eu selecionei duas instituições de preferência, no programa de mobilidade da UFF, a York University, em Toronto, que fica na província do Ontário, e a UdeM, que fica em Montreal, na província do Quebec. Ontário é uma província anglófona enquanto Quebec é uma província francófona, na prática. Embora Montreal seja uma cidade bilíngue e com universidades anglófonas renomadas, como a Concordia University e a McGill Uni-

^[1] Graduado em Relações Internacionais pela UFF. Foi intercambista na Université de Montréal (Canadá) em 2015.

versity, é essencial saber francês para viver no Quebec. Eu fui selecionado para ir para a Université de Montréal, a maior universidade francófona do Canadá e uma das melhores do país também, em 2020, tendo figurado, na Times Higher Education, como 76ª melhor universidade do mundo.

A moradia e as pessoas com que convivi contribuíram muito para enriquecer a minha experiência internacional. Eu aluguei um quarto por meio de uma *startup* criada por alunos da Université de Montréal chamada *Get Your Place*. Por meio desse serviço, era possível alugar quartos com contratos flexíveis, com períodos equivalentes a um semestre letivo. Isso tornava esse serviço ideal para alunos internacionais, em especial de mobilidade internacional. Tive alguns problemas com a primeira moradia que escolhi, que foram prontamente resolvidos pelos donos da empresa, o que serve de exemplo para todos os canadenses, que são extremamente educados e voluntariosos. Desse modo, onde acabei morando, havia outros três colegas de diferentes áreas do conhecimento e de diferentes nacionalidades. Quase todos recém-chegados, abertos a estabelecer novas amizades e querendo aproveitar todo o potencial daquele período.

Além de mim, que estudava Estudos Internacionais; havia uma francesa e uma italiana, que estudavam Psicologia; e um venezuelano, que estudava Gastronomia. Essa diversidade jogou-me para fora da “zona de conforto”, pois não havia com quem falar português em casa. Isso pode parecer um problema; mas, na verdade, foi uma ótima oportunidade. Isso obrigou-me a comunicar-me em outros idiomas e com pessoas de culturas diferentes ao longo de todo o período de intercâmbio. É muito comum, conforme ouço de amigos que também fizeram intercâmbio, fazer amigos e sempre sair com pessoas da comunidade brasileira. Acredito que permanecer nessa “bolha” da comunidade é prejudicial para alcançar o potencial que essa experiência de imersão pode oferecer. Como não fiz isso, precisava comunicar-me em francês sempre e, quando surgia alguma dificul-

dade grande, partia para o inglês ou para o espanhol. Dessa forma, mesmo quando eu “trapaceava” na comunicação, estava praticando outros idiomas.

A comunidade brasileira em Montreal é extensa. Não encontrei dados oficiais, mas a comunidade no *Facebook* Brasileiros em Montreal, destinada a brasileiros que vivem ou pretendem viver na cidade, possui mais de 25 mil membros atualmente. É um bom repositório de dicas sobre onde encontrar coisas que os brasileiros sentem falta, como panela de pressão (para fazer feijão) ou pão de queijo. Eu sentia muita saudade do Brasil e matava essa saudade por meio desses produtos brasileiros que encontrava e costumava compartilhar com os novos amigos que fazia. Desse modo, eu matava a saudade e ainda divulgava um pouco da minha cultura, incentivando também futuras atividades recíprocas, nas quais podia experimentar um pouco das culturas dos novos amigos, como a italiana, a sueca, a tailandesa, a venezuelana, além da canadense, é claro.

Montreal é uma cidade global, com muitas comunidades étnicas, possuindo suas *Little Italy* e *Chinatown*. Eu morei no bairro *Le Plateau-Mont-Royal*, que fica aos pés da montanha que dá nome à cidade. É um bairro muito jovem, recheado de cafés e restaurantes, rodeado de comércio de todo tipo. Nesse bairro, havia uma comunidade portuguesa, com restaurantes de comidas típicas, incluindo padarias e adegas, vendendo produtos que são muito comuns à culinária brasileira. Nesses estabelecimentos, não é raro ver os funcionários falando em português entre si e era oferecido o jornal comunitário, em português, o que eu achava fascinante, pois foi algo que descobri andando pelo bairro.

Mesmo sendo uma cidade muito cosmopolita e bilíngue, é fundamental saber o francês em Montreal. Isso deve-se à história da província do Quebec. É uma província que possui alto grau de autonomia no Canadá. Há um movimento independentista que tem como principal organização política o *Parti Québécois*, que possui representação

parlamentar, embora minoritária. Conquanto o movimento pela independência não seja muito forte, o orgulho quebequense nota-se a olhos vistos. Observam-se em residências, comércios e edifícios governamentais a bandeira do Quebec com mais frequência do que a própria bandeira nacional canadense. A bandeira juntamente com o idioma francês são os principais símbolos dessa identidade provincial. Ao ser uma província francófona em meio a um país anglófono, existe uma pressão muito forte, até pela praticidade, que todos falem inglês, o que apagaria esse traço cultural típico. Em contrapartida, o governo do Quebec estabeleceu várias normas que impõem o uso do francês como idioma preferencial. As placas de trânsito são todas em francês, bem como os letreiros dos ônibus, o texto lido no metrô e muitas outras coisas. Todos os rótulos de produtos no supermercado e os letreiros de lojas conhecidas são traduzidos para o francês. A legislação canadense já obriga, por meio do *Consumer Packaging and Labelling Act*, que todos os rótulos estejam em inglês e em francês; mas, na jurisdição do Quebec, os rótulos devem ser em francês e, quando houver mais de um idioma no rótulo, a transcrição francesa deve ser com uma fonte de maior proeminência. Darei dois pequenos exemplos que mostram o quão pitoresca pode ser essa situação. Quando eu adquiria produtos da marca *President's Choice*, havia ao lado do título da marca escrito *La Choix du Président*, em uma fonte maior do que o título original. *Starbucks Coffee*, que possui o mesmo letreiro em quase qualquer lugar do mundo, incluindo Niterói, chama-se *Café Starbucks* no Quebec.

Imagem 1. Bandeira do Quebec



Fonte: Acervo pessoal

No passado, as elites inglesas, que colonizaram o Quebec após os franceses, gozavam de *status* diferenciado em relação à maioria francófona, que, normalmente, era desprivilegiada socialmente. Até hoje, nota-se que muitos bairros ricos da cidade possuem nomes ingleses. Além disso, há também uma rivalidade religiosa, pois os cidadãos de origem francesa, que são maioria, costumam ser católicos, diferentemente dos descendentes de ingleses, que são protestantes. Há, portanto, um histórico de rivalidade entre as culturas anglófona e francófona que possui origens transversais, incluindo vários campos sociais. Por isso, é preferível, ao abordar um cidadão local, falar em francês, mesmo que de forma desajeitada, do que falar em inglês de forma escorreita. Os quebequenses valorizam muito quem se esforça para falar em francês, ainda mais se for com as características provinciais do idioma. O francês quebequense possui peculiaridades em relação ao idioma falado na França. Essas diferenças estão na pronúncia e no vocabulário, o qual possui uma aversão maior ao estrangeirismo do que na França. Por exemplo, enquanto, na França, fim de semana é *week-end*; no Quebec, fala-se *fin de semaine*. Na UdeM,

eram oferecidos cursos de francês quebequense pelo *Services aux Étudiants* (SAÉ). Valem a pena.

Eu estudei no semestre de inverno e a diferença de temperatura foi gritante em relação ao Brasil. Recomendaria a qualquer brasileiro que vá, no mesmo período, a preparar-se para o frio. O inverno de Montreal é muito rigoroso. Cheguei a pegar $-25\text{ }^{\circ}\text{C}$ na cidade e $-35\text{ }^{\circ}\text{C}$ nos arredores da cidade do Quebec, que fica a 255km de Montreal. Para mim, que sempre morou no estado do Rio de Janeiro e nunca tinha visto neve, foi um choque, no início; mas acostumei-me em pouco tempo, pois o frio e a neve proporcionam lindas paisagens. Além disso, a cidade de Montreal possui uma infraestrutura excelente para lidar com o frio, com 32 quilômetros de caminhos de túneis subterrâneos que compõem o *Réseau Piétonnier Souterrain de Montréal* (RÉSO), que conecta importantes atrações turísticas e possui vários centros comerciais. O RÉSO, assim como todas as estações de metrô, é aquecido durante o inverno. Montreal é uma cidade incrivelmente bem estruturada para enfrentar o inverno.

Analogamente, isso também serve para a UdeM. O *campus* de Montreal da universidade é muito extenso, incluindo 40 edifícios e mais 65 hectares de terreno. Há três estações de metrô ao longo da universidade. O pavilhão principal, o Roger-Gaudry, é o mais icônico da universidade, pois possui uma emblemática torre de 22 andares com o cume abobadado. Nesse pavilhão, eu tive aulas de Economia do Mundo Árabe, nas noites de quarta-feira. Nessas aulas, pude observar quantos imigrantes de origens árabe e muçulmana havia na cidade. Muitas mulheres de *hijab* assistiam a essa aula. Pude interagir com alguns colegas de turma para fazer um trabalho de grupo e apenas um membro do grupo era canadense, de origem libanesa. Os outros eram do Haiti e do Senegal. Isso demonstra o nível de internacionalização da universidade, o que alimenta o sistema educacional canadense com perspectivas muito diferentes e enriquecedoras.

Imagem 2. *Université de Montréal e Pavillion Roger-Gaudry*



Fonte: Acervo pessoal

Eu fiz quatro disciplinas no total, que era bem próximo do limite de créditos que eu podia pegar como aluno de mobilidade. Além de Economia do Mundo Árabe, eu estudei Sistemas Internacionais dos séculos XIX e XX, América Latina e Europa Contemporânea. A primeira aula a que assisti foi a de Sistemas Internacionais. Na primeira aula, levei o meu caderno e reparei que 80% da turma usava *laptops* ou *tablets*, o que me fez sentir um pouco retrógrado. Ao longo da aula, a primeira aula de nível superior em francês, fui tomado por uma melancolia e uma preocupação de que poderia ser reprovado em tudo, pois só havia compreendido cerca de 50% do que estava sendo dito. Um detalhe adicional é que aquele professor era francês. Diante

de aulas ministradas por professores canadenses, o sotaque carregado tornava ainda mais difícil a compreensão. Tive de me adaptar.

Desenvolvi algumas técnicas para aumentar o rendimento das aulas e superar eventuais dificuldades. Primeiramente, comecei a gravar o áudio de todas as aulas, desse modo, poderia escutar novamente, em casa, as partes em que tinha dúvida. Logo percebi que tentar encontrar trechos específicos ao longo de três horas de áudio era trabalhoso e passei a fazer marcações do tempo de gravação junto com as anotações de cada tópico de aula, o que facilitou muito, ao buscar sanar uma dúvida pontual, mais tarde. A verdade é que lendo o material em francês e assistindo às aulas, não demorou muito para pegar o ritmo. No fim do semestre, eu conseguia entender entre 95% e 100% do que era dito, até porque eu já estava familiarizado com os termos técnicos e jargões típicos do meu campo de conhecimento em francês. É incrível notar como a experiência de imersão em outro idioma e cultura acelera o aprendizado. Eu consegui ser aprovado em todas as disciplinas com notas acima das médias das turmas, o que para mim foi uma superação muito regozijadora.

Em comparação com as aulas que tinha no Brasil, a principal diferença era a organização. Lá, assim como aqui, há professores que são melhores ou piores que os outros, mais ou menos dedicados. Em Montreal, contudo, notei que há um nível de organização das aulas e dos conteúdos exemplar. Você já possui os *slides* de todas as aulas disponíveis no sistema digital do aluno desde o início do semestre. As aulas começam pontualmente, com raras exceções. Nesse sentido, tive alguma dificuldade de me acostumar, principalmente porque três das minhas aulas começavam às 13h, o que era muito próximo do meu horário de almoço, sendo que eu almoçava em casa e precisava pegar um ônibus ou metrô para chegar à universidade. A pontualidade canadense não é apenas um reflexo cultural, mas também um reflexo da infraestrutura. O sistema de transporte funciona pontualmente quase sempre, então não há muitas justificativas para

atrasos. Havia uma tabela de horários nos pontos de ônibus que era respeitada de forma inacreditável, às vezes. No entanto, a partir das 16 horas, havia engarrafamentos no horário de retorno para as casas e os horários já não funcionavam com tanta exatidão.

Os métodos de avaliação dependem do professor. Em geral, é como no Brasil, o professor possui ampla liberdade na distribuição de pontos, embora seja necessário haver uma prova escrita, ao menos. Era uma mistura de provas com trabalhos escritos, geralmente um ensaio ou um pequeno artigo, às vezes em grupo, o que também favorecia a aproximação com colegas e a troca de experiências. É importante lembrar que a experiência está para além da sala de aula. Eu reuni-me várias vezes com colegas de turma em cafés para discutir trabalhos. Na disciplina de América Latina, por exemplo, era preciso escrever uma nota ministerial (fictícia), em dupla, para um país da região, a qual redigi em conjunto com um colega de turma francês.

Uma coisa de que gostei muito é que antes das provas, eles costumam ter uma *semaine de lecture*, uma semana sem aulas, no meio do trimestre. Essa semana serve a vários propósitos, incluindo estudar para as provas do meio do trimestre, as *intras*, colocar as matérias em dia ou tirar uma folga. Durante essa semana, assim como na semana anterior às provas finais, a biblioteca da universidade funciona 24h. Algumas disciplinas que fiz não tinha *intras* e, como eu estava em dia com o conteúdo, aproveitei a semana para viajar. Fui até Toronto visitar um amigo do Brasil que entrou no mesmo edital do programa de mobilidade que eu. Ele estava na York University. Isto também é muito enriquecedor: trocar experiências com colegas ou amigos do Brasil que estão passando pelo mesmo processo. Isso permitiu-me verificar as diferenças regionais do Canadá. Reparei, por exemplo, que a localização central do *campus* da Université de Montréal é muito vantajosa.

A própria UdeM ofereceu-me muitas oportunidades de conhecer melhor o Canadá e de me enturmar com outros alunos de mobi-

lidade do mesmo período. A universidade seleciona alguns “embai-xadores” para auxiliar na conexão entre os intercambistas, marcando eventos com todos. Dentro do SAÉ, existe a *Action Humanitaire et Communautaire* (AHC), que teve muito impacto na minha experiência estudantil na UdeM. Na AHC, eu tirei dúvidas e recebi orientações acerca de procedimentos burocráticos da universidade, fiz amizades por meio de um programa que unia estudantes de diferentes nacionalidades que queriam praticar novos idiomas e ainda participei de algumas excursões de um programa de viagens a preços muito acessíveis chamada *Clé des Champs*. Nesse programa, são oferecidas viagens, com guias da universidade para o interior do Canadá, aproveitando o melhor de cada estação. Eu, que estava lá durante o inverno, participei de uma excursão para a Cidade do Quebec e entorno, bem como as quedas de Montmorency. Foi uma viagem muito econômica e muito divertida. Uma das colegas de apartamento também foi comigo, bem como outros alunos de mobilidade que já havia conhecido em outros encontros. Entre as atividades da viagem que participei, teve passeio com trenó de cães; pesca em lago congelado; *tour* guiado pela cidade velha do Quebec; visita ao *Hôtel de Glace*, um hotel que é construído de neve e gelo e visita a um pequeno museu do xarope de bordo, uma das principais iguarias do Canadá.

Imagem 3. Traîneau a chien



Fonte: Acervo pessoal

Iniciativas como as da AHC são muito importantes para o aluno estrangeiro, pois a rotina muitas vezes nos faz esquecer que temos pouco tempo para aproveitar a cidade. Muitos lugares que não visitei e fui deixando para o final da viagem, tive de correr para visitar, como o *Biodome* e o Estádio Olímpico, por exemplo. Há muitas coisas para visitar. O ideal é parcelar essas visitas ao longo do tempo, a fim de não perder nada.

Imagem 4. Excursão da AHC à cidade do Quebec



Fonte: Acervo pessoal

A vida cultural de Montreal é muito animada. Entre os festivais, há cerca de uma dezena, incluindo *Montréal en Lumière*, ao qual pude ir por ser no inverno. É um dos maiores festivais de inverno do mundo, incluindo shows, artes luminosas e muitos *food trucks*. Com uma comunidade irlandesa nada desprezível, o dia de São Patrício é muito animado, com desfiles no centro da cidade em pleno inverno, incluindo carros alegóricos e outras atrações. Além disso, a cidade possui muitos museus, com lindas exposições, incluindo o *Musée d'Art Contemporain de Montréal*, o *McCord Museum*, a *Société des Arts Technologiques*, a *Fondation PHI pour l'Art contemporain* e o *Musée des Beaux-Arts de Montréal*, que foi o meu favorito, na época com uma exposição sobre o Oriente Médio no imaginário europeu do século XIX. Vale muito a pena dedicar tempo e recursos para a vibrante agenda cultural da cidade. Se pudesse voltar no tempo, teria aproveitado ainda mais.

O Canadá possui restaurantes e tradições culturais de vários lugares do mundo, bem como tem suas próprias. O xarope de bordo representa uns 75% dos pratos típicos do Canadá, faz-se de tudo com

esse extrato, incluindo doces, bebidas e cosméticos. As possibilidades são quase inesgotáveis. Outros pratos típicos incluem *Poutine*, composto por batata frita e molho de carne, e a carne defumada de Montreal, que é muito tradicional da cidade, a ponto de redes internacionais como o *Subway*, incluírem no cardápio.

Não é à toa que Montreal é sempre ranqueada entre as melhores cidades universitárias do mundo. Além de sediar muitas universidades de qualidade, a cidade possui uma vida cultural vibrante e muitas oportunidades para os jovens se divertirem, bem como possui uma infraestrutura muito qualificada para o estudante. Com o maior acervo de livros em língua francesa da América do Norte, a rede de bibliotecas municipais da cidade de Montreal inclui 44 unidades, sem contar as bibliotecas das universidades. A UdeM oferecia de forma acessível monitores e horários com os professores em seus escritórios, bem como os bibliotecários que pesquisavam materiais que poderiam ser úteis nos trabalhos.

Enfim, Montreal é um paraíso para estudar, pesquisar e curtir.

INTERCÂMBIO NO RIO DE JANEIRO, BRASIL

UMA EXPERIÊNCIA DE CRESCIMENTO
PESSOAL E CIENTÍFICO

MAMADOU GNING^[1]

Imagem 1.



Fonte: Acervo pessoal

Estudar fora do meu país, enfrentar novos desafios, aprender novos idiomas, conhecer outras culturas e pessoas do mundo inteiro foi sempre um dos maiores sonhos que eu já tive. Em 2016, através de um programa chamado PEC-G (Programa de Estudantes-Convênio de Graduação), consegui concretizá-lo.

^[1] Graduando em Engenharia Civil na UFF, através do Programa de Estudantes - Convênio de Graduação (PEC-G), originário do Senegal.

Para conseguir alcançar este desafio, participei de uma seleção para concorrer a uma das vagas em Instituições de Ensino Superior (IES) do Brasil, disponibilizadas pelo Ministério da Educação (MEC) junto com o Ministério das Relações Exteriores (MRE) do Brasil, na qual fui aprovado.

Após a publicação dos resultados finais, fui informado de que eu estudaria língua portuguesa em oito meses na Universidade Federal de Rio de Janeiro (UFRJ) antes de ingressar na Universidade Federal Fluminense (UFF), no curso de Engenharia Civil. Logo busquei a documentação necessária para o afastamento do país, bem como o planejamento e custeio da viagem.

Os itens a seguir são um relato sobre a viagem, a cidade maravilhosa e o sistema de transporte do Rio de Janeiro; o estilo de vida e a gastronomia dos cariocas, o intercâmbio e, por fim, o que essa imersão acrescentou em mim no âmbito pessoal, profissional e acadêmico.

A longa viagem

Após os últimos preparativos necessários para o intercâmbio, chegou o tão esperado dia do embarque para o Brasil. O dia das últimas despedidas dos familiares e amigos. Após dez e sete horas e trinta minutos de voo partindo de Dacar (Senegal), com uma escala de duas horas no Marrocos, chegamos ao Aeroporto Internacional Tom Jobim, no Rio de Janeiro, por volta das 19h00min do dia 17 de fevereiro de 2017.

A primeira providência necessária foi passar pelo setor de imigração, onde apresentei meu passaporte, um formulário preenchido contendo meus dados e fui interrogado sobre o objetivo da viagem. Tudo isso ocorreu de modo muito tranquilo e rápido. Na saída, três queridos colegas senegaleses estavam me esperando para me levar à

casa onde eu deveria ficar por alguns dias antes de achar um lugar definitivo para morar.

A cidade e o sistema de transporte

O fator que mais me motivou a optar pelo Rio de Janeiro foi o fato de ele ser uma cidade multicultural. Então, a curiosidade em conhecê-lo e viver um pouco em outra cultura me atraiu. O Rio de Janeiro é o maior destino turístico internacional do Brasil, da América Latina e de todo o Hemisfério Sul. A capital fluminense é a cidade brasileira mais conhecida no exterior e funciona como um “espelho” ou “retrato” nacional, seja positiva ou negativamente. É a segunda maior metrópole do Brasil (depois de São Paulo), a sexta maior da América e a trigésima quinta do mundo. Sua população estimada pelo IBGE para 1.º de julho de 2020 era de 6.747.815 habitantes.

O sistema público de transporte da cidade se encontra com alguns problemas, porém as autoridades públicas têm pensado em como solucioná-los o mais rápido possível. A grande vantagem de fazer passeios na cidade é o fato de ela ter várias opções de meios de transporte com formas de pagamento simples. Além do ônibus, o transporte mais utilizado, a cidade possui também outros transportes de massa como BRT, metrô, entre outros que ajudam muito na locomoção dos cidadãos, sobretudo nos horários de pico.

Imagem 2. O Cristo Redentor



Fonte: Univeritas

O estilo de vida e a gastronomia dos cariocas

Não é novidade para ninguém que o Rio de Janeiro é cheio de paisagens paradisíacas. Além das belas praias, a cidade maravilhosa também conta com belíssimos museus, monumentos, parques e reservas de Mata Atlântica, onde é possível realizar trilhas, se banhar em quedas de cachoeiras e relaxar junto à natureza.

O Rio tem o prazer de receber sempre bem os estrangeiros. Os cariocas são conhecidos como um povo hospitaleiro e muito acolhedor sendo considerados um dos povos mais alegres do planeta. Se você quiser se misturar e se sentir em casa por aqui, basta fazer amizade com os habitantes. Acredite, não será um exercício difícil.

Uma das coisas que eu mais gosto de fazer nas minhas viagens é experimentar novas comidas e conhecer a diversidade culinária. O Rio de Janeiro também surpreende ainda com os seus pratos típicos. No cardápio carioca encontramos diversas comidas deliciosas. O picadinho de carne acompanhado de cebola e legumes cozidos então... É sagrado! Nós, os amantes de peixes e frutos do mar, não podemos

deixar escapar delícias como a sopa Leão Veloso e o bolinho de bacalhau. Além disso, existe uma grande variedade de doces e sorvetes. Também experimentei as bebidas típicas do Brasil, como o guaraná.

O intercâmbio

Há exatamente quatro anos, eu saí do meu querido país para viver uma “aventura brasileira”, viver uma experiência sem igual e enfrentar novos desafios. Chegando ao Brasil, eu era ainda um jovem desesperado, cheio de estresses e incertezas.

A UFRJ, uma universidade respeitosa e renomada, através da sua comunidade acolhedora e os brasileiros de um modo geral me abriram as suas portas com muitas boas-vindas para que eu pudesse me sentir em casa. Mas era óbvio que, diante de várias barreiras como o choque cultural, o português, que eu mal sabia falar uma palavra, o clima, entre outros fatores, havia mudanças com as quais eu precisava lidar o mais rápido possível para seguir em frente.

O domínio do idioma, que é um dos aspectos mais importantes para conseguir abraçar uma nova cultura, deve ser conquistado por meio de uma estratégia eficiente. Na UFRJ, as aulas de Língua Portuguesa aconteciam de segunda a sexta e duravam em média 6 horas por dia. Elas eram bastante dinâmicas e promoviam a integração e troca de informações e experiências entre estudantes de diferentes nacionalidades.

As professoras e monitoras eram ativas e excelentes. Criavam perspectivas de uma maneira didática para conseguir passar o conteúdo aos alunos. Após as aulas, tínhamos um tempo livre para fazer os exercícios propostos para casa. Para me afastar da solidão fora das salas de aula, eu tinha a obrigação de me enturmar com o pessoal, fazer novas amizades e ser mais aberto para, assim, conseguir parceiros na minha jornada.

Além disso, tínhamos tempo suficiente para conhecer a cidade e, nesses momentos, aconteciam infinitas conversas sobre culturas e atualidade com os novos amigos que fizemos, a fim de praticarmos no dia a dia o que aprendemos nas salas de aula. Foi com aqueles esforços somados à ajuda crucial das professoras, monitoras, amigas e amigos que consegui dominar a língua, superar o choque cultural em oito meses e, por fim, passei no exame de proficiência em português, o Celpe-Bras.

Imagem 3. A reitoria da UFRJ



Fonte: Folha de Pernambuco

Em março de 2018, mudei de cidade (saí da Cidade Universitária mais conhecida como Fundão para vir morar em Niterói), pois era a vez de ingressar na UFF. Foram momentos incríveis de orgulho e curiosidades. Apesar de ter morado no Fundão por um ano, eu me considerava ainda novo nesta terra. Precisava (e preciso ainda) conhecer mais sobre a cultura e costumes. Tinha várias dúvidas e ficava me perguntando “como serão as aulas na UFF? Será que me adaptaria rapidamente nessa nova instituição?”.

As respostas das inúmeras questões vieram a favor do que eu desejava logo no início das aulas. Eu e os colegas da minha turma começamos pelo trote, que era bem divertido e cheio de aprendizado. Dava para enxergar com muita clareza a solidariedade que existe dentro e fora da universidade. Após esta fase, era a vez de começar as aulas. Ficava perdido dentro do *campus*, mas sempre tinha alguém para me ajudar.

Nas salas de aulas, eu sentia uma enorme alegria por ver os professores ensinando os conteúdos das matérias com muita clareza e carinho. Por conta das discussões frutíferas, os almoços e jantares com os amigos no restaurante universitário nunca se resumiam a uma simples refeição. Cheguei à conclusão de que a UFF vai além de uma simples universidade federal. Ela é também uma família, um lar cuja comunidade forma uma unidade fraternal.

Imagem 4. A reitoria da UFF



Fonte: Aduff

Novas perspectivas pessoais, profissionais e acadêmicas

Viver uma experiência internacional é uma excelente oportunidade de expandir horizontes pessoais, acadêmicos e profissionais. Fora do meu país, eu continuo vivenciando inúmeras situações que estão mudando cada vez mais a minha maneira de enxergar o mundo, ampliando os meus limites e fazendo com que eu amadureça meus conceitos sobre responsabilidade.

Ao passar a enxergar o mundo como um cidadão global, eu também aprendi a lidar com a diversidade cultural para conseguir agir com mais maturidade, características extremamente valorizadas no âmbito profissional. Além disso, o intercâmbio está me tornando cada vez mais poliglota, pois além do francês, que é a minha língua nativa, aprendi o português e aprimorei o meu inglês.

É uma experiência fora do comum a que estou vivendo. Eu lido com pessoas de nacionalidades diferentes e aprendi a trabalhar muito bem com elas. Sempre fui um pouco introvertido e por meio dessa experiência, passei a lidar melhor com o público.

Considerações finais

Adorei cada parte que eu conheci do Rio de Janeiro e fiquei apaixonado por tanta coisa bonita para ver e viver. Até agora são quatro anos de aventuras ricas de aprendizados que me impactaram positivamente em termos de conhecimento e amadurecimento, tanto profissional como pessoal. Uma experiência de vida que me fez pensar em quão grande é o mundo e que devemos conhecê-lo e aprender com ele e buscar referências que nos ajudem a melhorar o nosso dia a dia.

INTERCÂMBIO NO CHILE

EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS E RECORDAÇÕES
DE MOBILIDADE INTERNACIONAL PARA
UM PAÍS LATINO-AMERICANO

MARCELE GUALBERTO GOMES^[1]

No presente artigo, busco relatar a minha experiência como aluna de Arquitetura e Urbanismo intercambista numa universidade no Norte do Chile, no ano de 2019. Começo o texto destacando que, ao entrar na universidade pública como aluna de ações afirmativas e vinda de escola pública, tomei ciência das inúmeras oportunidades (apesar dos cortes feitos à educação no nosso país devido a uma crescente falta de valorização da ciência) de aprender idiomas e até mesmo viajar ao exterior para aprimorar meus estudos. Desse modo, em meu 2º período da graduação, me inscrevi e fui selecionada para o Programa de Universalização em Línguas Estrangeiras (PULE), em que comecei a aprender a língua espanhola.

A partir disso, passei a adquirir conhecimentos que considero terem aberto a minha visão em relação à América Latina, pois além do ensino gramatical, comecei também a entender melhor a cultura e lutas do povo latino, graças também à forma excepcional de ensino dos professores do programa. No início do curso, meu interesse foi fundamentalmente pelo aprendizado de mais uma língua estrangeira e, ao final, posso afirmar que passei a valorizar mais a cultura do

^[1] Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pela UFF. Foi intercambista na Universidad Católica del Norte (Chile) em 2019.

meu país e seus vizinhos, além de ter me gerado grande interesse por uma futura especialização.

Minha participação no PULE foi decisiva para que eu tivesse como minhas opções nos editais de mobilidade países latinos, o que em minha concepção é extremamente importante para modificar antigas visões coloniais de que o centro do conhecimento é a Europa, em detrimento de países da própria América Latina, além de valorizar os estudos e práticas produzidos aqui. Acredito que a experiência do intercâmbio num país do mesmo continente foi tão enriquecedora quanto às viagens para países europeus, uma vez que estive em contato com diferentes paisagens, povos, tradições e inclusive vivenciei momentos históricos.

Concomitantemente ao meu aprendizado, me mantive atenta à abertura de editais da universidade e, em minha quarta tentativa, fui contemplada pela bolsa de estudos do Programa Santander Ibero-Americanas. Optei por cursar um semestre na Universidade Católica do Norte (UCN), instituição chilena localizada na região de Antofagasta. Coincidentemente minha viagem ocorreu em 2019.2, logo após minha conclusão do curso no PULE, em 2019.1, o que foi uma oportunidade perfeita para colocar em prática os conhecimentos adquiridos. Hoje, me sinto fluente e confiante com o idioma, após ter passado 5 meses imersa e em contato com falantes de diversas partes do mundo, uma vez que na UCN havia outros estudantes intercambistas de várias partes da América Latina, como México e Peru, assim como estudantes da Espanha.

Imagem 1. Recepção dos alunos intercambistas na Universidade Católica do Norte



Fonte: Acervo pessoal

A viagem representou, para mim, além de um grande aprendizado acadêmico, uma experiência singular na minha vida pessoal. Foi a minha primeira viagem internacional, minha primeira vez viajando de avião e conhecendo um lugar completamente diferente ao que eu estava habituada, como moradora de São Gonçalo, na região metropolitana do Rio de Janeiro. O Norte do país é extremamente árido e a escala das cidades muito menor comparada aos grandes centros urbanos brasileiros, logo, me habituar ao espaço e à cultura foi um exercício de resiliência, principalmente por estar distante do meu círculo pessoal, ainda que eu tivesse a companhia de dois amigos brasileiros, também aprovados para a mobilidade internacional da UFF, e também os amigos feitos na universidade.

Durante o meu período letivo, estive morando em uma pensão, dividindo um quarto com outra amiga brasileira numa casa com aproximadamente 20 moradores no total. Essa experiência, ainda que com momentos estressantes por conta da divisão do espaço com tantas pessoas diferentes, foi maravilhosa pelas amizades que fiz, principalmente com uma família venezuelana, com quem mantenho

contato até hoje. Ali também vi de perto o que já é bastante falado: a hospitalidade que o povo latino compartilha como característica.

Uma das atividades, além dos estudos que desenvolvi para complementação dos gastos mensais, foi a venda de brigadeiros e bolinhos de chuva a colegas da universidade e na vizinhança em que morei. Em paralelo, esporadicamente, também realizava passeios de uma hora com cães. Esses pequenos trabalhos esporádicos foram de grande valia, especialmente para realizar passeios turísticos e viagens ao fim da mobilidade internacional. Ademais, foram experiências de trabalho interessantes e enriquecedoras, em que pude apresentar um pouco da culinária brasileira aos estrangeiros, que em sua maioria eram bastante receptivos, e também me divertir com os bichinhos durante as caminhadas.

Além do contexto ambiental e externo, também senti as distinções do meio universitário. O modo de ensinar arquitetura e urbanismo com outra escala de estudos, outras maneiras de avaliação e valorização de conhecimento. Tive contato com o aprendizado sobre as culturas andinas e a produção de arquitetos latinos, temas que infelizmente pouco aparecem no ensino brasileiro. Na disciplina de projeto, fundamental no curso de Arquitetura, participei de uma viagem de uma semana a São Pedro do Atacama juntamente com a minha turma, outra cidade de grande importância, especialmente turística, para o país, onde além da análise do lugar e propostas de intervenção realizadas no âmbito acadêmico, pude também desfrutar da beleza da região. Na primeira noite de viagem, acampe num vilarejo chamado Peine, sem eletricidade, um dos momentos mais especiais da mobilidade para mim pela beleza do lugar (com um dos céus mais limpos do mundo) e uma ocasião de troca entre os colegas que ali estavam.

Imagem 2. Passeio em São Pedro do Atacama, na foto o ponto conhecido como “Estrada Infinita”



Fonte: Acervo pessoal

O projeto que desenvolvi posteriormente foi de grande valia, para mim profissionalmente, em razão do contexto singular em que trabalhei. A escala urbana era muito menor em relação ao que estou acostumada na minha graduação da UFF e o grande objetivo da intervenção arquitetônica se dava no resgate da cultura e valorização da ambiência andina, através de um povoado artesão existente numa área tomada por turistas (pois logo ao lado há um pequeno edifício para o terminal de ônibus da cidade), e com problemas de conexão das partes com o todo, gerando vazios urbanos como praças mal utilizadas e falta de ambientes confortáveis para a população desfrutar do espaço público. Foi um exercício importante pensar esse espaço com raízes históricas e com o papel de reforçar a identidade da população local, sem deixar de lado os visitantes de várias partes do mundo que viajam para São Pedro todos os dias.

Destaco aqui um momento singular da história chilena: o início das manifestações contra anos de políticas geradoras de desigualdades sociais no país. A partir de outubro (logo após minha

viagem a São Pedro do Atacama) e até o fim da minha mobilidade, em janeiro, pude acompanhar de perto o levante popular ocorrido, com manifestações de norte a sul pedindo uma nova Constituição que efetivamente contemplasse os direitos da população. Devido aos protestos, minha universidade passou um período em greve, além de Antofagasta enfrentar dias com toque de recolher; no entanto, acredito que mesmo com algumas perdas devido às aulas adaptadas para intercambistas, ser testemunha de um momento tão importante e aprender mais acerca da história de um país que me gerou tantos laços foi um privilégio.

Um dos aspectos mais marcantes da minha mobilidade, sem dúvida, foi ter podido fazer viagens pela América do Sul. Em meu segundo mês de viagem, conheci a cidade chilena de Iquique durante o feriado das festas pátrias, em que há diversas celebrações por todo o Chile, com comidas, danças e celebrações típicas. Na cidade, visitei praias, vi lhamas pela primeira vez, alguns edifícios turísticos e também a obra Quinta Monroy, do arquiteto Alejandro Aravena, ganhador do Prêmio Pritzker (principal prêmio internacional para arquitetos), no ano de 2016.

Imagem 3. Lhamas na cidade de Iquique, Chile



Fonte: Acervo pessoal

Por estar no Norte do Chile, próxima às fronteiras da Bolívia e do Peru, ao final das aulas da universidade, realizei uma pequena rota que incluiu os dois outros países. Conheci as cidades de Uyuni, La Paz, Cuzco e Arequipa, que são muito interessantes do ponto de vista urbanístico, com lindos pontos turísticos como o Salar de Uyuni, o maior deserto de sal do mundo, Machu Picchu, e a Montanha de 7 Cores, que são lugares importantes para a humanidade e famosos locais de visitação. Neste percurso tive a experiência de conhecer lugares com climas, altitudes, dinâmicas sociais, espaciais e histórias muito distintas, aprendendo um pouco mais sobre cada cidade e cada país. Durante as viagens, vi paisagens deslumbrantes e conheci pessoas de diversos lugares, inclusive do próprio Brasil, além de participar de passeios culturais, o que me fez voltar com uma bagagem cultural enorme e lembranças pelo resto da vida.

Imagem 4. Bandeiras de diferentes países no Salar de Uyuni, Bolívia



Fonte: Acervo pessoal

Com o fim das visitas turísticas, retornei ao Chile, ainda com um mês até a volta ao Brasil. Assim, junto com minha amiga também aluna da UFF em mobilidade, comecei a fazer trabalho voluntário num *hostel* na cidade chilena de Valparaíso, na região metropolitana do país, onde a hospedagem era trocada por algumas horas de trabalho semanal cuidando do funcionamento do local. Apesar de um mês parecer pouco tempo, posso dizer que aprendi tanto quanto nos outros meses durante essa experiência. O trabalho me proporcionou conhecer pessoas de todos os lugares do mundo, aprender a administrar e comandar um lugar, seja na organização e limpeza ou no atendimento aos hóspedes, lidando com problemas, mas também com muitos momentos de diversão e troca. Acredito que essa experiência me ensinou como é importante ser adaptável e paciente para buscar as melhores soluções diante de desafios.

Além disso, conheci uma cidade extremamente bela, considerada Patrimônio Mundial da Humanidade pela Unesco por sua história e característica portuária fundamentais ao desenvolvimento do

país, assim como a boemia e uma arquitetura única, com influência de diversos países europeus. Valparaíso, com uma geografia caracterizada por morros, tem ruas cheias de cores e grafites estampados nas paredes que além de trazerem beleza à cidade, contam também a história de lutas dos cidadãos portenhos.

No último semestre remoto de 2020.1, inclusive tive a oportunidade de apresentar um trabalho acerca da minha vivência na cidade, enquanto cursei a disciplina de Viagem de Estudos 2 que, por conta da pandemia de Covid 19, adaptou seu formato e diversas exposições sobre cidades ao redor do mundo foram feitas pelos alunos, seguidas de debates sobre as dinâmicas existentes em cada ambiente urbano. Em minha apresentação destaquei minha visão como estudante de Arquitetura, analisando o contexto e características da cidade, além de aspectos subjetivos da minha viagem.

Após o meu retorno, acredito que além da experiência marcante e que certamente mudou a minha vida, portas no mundo profissional também se abriram. O intercâmbio é um ponto de destaque na busca pela colocação no mercado de trabalho, sempre sendo mencionado em entrevistas de emprego, além da minha fluência no espanhol, o que normalmente não é tão comum no Brasil, apesar de nossa proximidade com tantos países que falam o idioma. Conhecer outra cultura e modo de pensar a arquitetura e o urbanismo também são pontos extremamente positivos a longo prazo, ampliando as minhas formas de atuação e escolha de outros lugares para trabalho.

Entendo também que os estudos sempre farão parte da minha vida, pois acredito plenamente que não há conhecimento estático, sempre é possível aprimorar-se e atualizar suas formas de exercer a profissão, com adaptações necessárias que ocorrem ao longo do tempo. Logo, em 2020.1 busquei mais uma vez uma oportunidade para aprender outro idioma e expandir minhas habilidades me inscrevendo novamente no PULE, dessa vez para uma turma de francês. Hoje já evolui bastante na minha desenvoltura com a língua, graças mais

uma vez a um método de ensino que valoriza a conversação e traz temas atuais da cultura e país em questão.

Encerro meu relato expressando minha gratidão e reconhecimento pelo papel da universidade pública, gratuita e socialmente referenciada, que mesmo com diversas dificuldades, forma não só profissionais competentes, mas cidadãos melhores. A mobilidade internacional é uma oportunidade única na vida dos poucos estudantes que conseguem ter acesso a bolsas de estudo e é nosso papel reafirmar sua importância e potencialidade. Espero que num futuro próximo os números de alunos com acesso à universidade pública cresçam mais e mais, assim como os recursos que permitam que outros estudantes tenham a possibilidade de estudar no exterior. O conhecimento adquirido vai além da técnica acadêmica e abre caminhos que ultrapassam fronteiras, expressando a resistência e potencial do ensino brasileiro.

ESCALAS DE VIVÊNCIAS

DO LOCAL AO GLOBAL

MARCELO COSTA^[1]

A experiência de viver um intercâmbio é o sonho de muitos estudantes, seja de alunos da graduação, do ensino médio, ou de outras formações. Isso ocorre pois a mobilidade internacional proporciona um grande aporte de vivências pessoais e profissionais que cobijam os estudantes, e comigo não foi diferente.

Nasci no interior do estado do Rio de Janeiro, na cidade de Rio Claro, onde moro até hoje. Por morar em uma cidade com grande influência local, sempre tive comigo que a educação em cidades pequenas não possibilitava um ensino culturalmente diverso e o intercâmbio sempre foi uma experiência almejada para meu desenvolvimento pessoal e profissional, principalmente pelo fato de ser Licenciado em Geografia (pela Universidade Federal Fluminense) e poder aumentar minhas experiências culturais, das diversas viagens e trabalhos de campo que poderiam acontecer durante o intercâmbio.

Quando aprovado com bolsa para estudar na Universidade de Évora em Portugal, me planejei para aproveitar ao máximo as experiências dentro e fora da universidade. E foi no dia 09 de fevereiro de 2019 que embarquei no Rio de Janeiro com destino a Lisboa, quando tudo realmente começou.

^[1] Graduado em Geografia pela UFF. Foi intercambista na Universidade de Évora (Portugal) em 2019.

Principais desafios

Geralmente quando pensamos em intercâmbio, logo imaginamos as dificuldades na comunicação e diferenças culturais, que influenciam de forma considerável nas relações cotidianas, dentro e fora da universidade. Quando optei por Portugal, que tem a língua portuguesa como idioma oficial, imaginei que os desafios nestes âmbitos seriam menores, mas estava enganado. Mesmo falando o mesmo idioma, existe uma grande variação das palavras e na forma de suas conjugações, além dos sotaques regionais, que também apresentam grandes variações, dificultando muito o entendimento no início.

Outro aspecto importante que merece ser mencionado, são as relações interpessoais com os portugueses, que não se mostram tão receptivos e comunicativos como estamos acostumados no Brasil. Assim, nas primeiras semanas houve uma dificuldade bem grande de entrosamento com os alunos portugueses, mas que com o tempo foi se modificando, principalmente com o desenvolvimento das atividades acadêmicas que demandavam maior contato e debate em sala de aula.

Além da questão linguística e das relações sociais, a questão financeira também foi um grande desafio para a minha permanência e manutenção em Portugal. Isso se deu ao elevado valor do euro em relação ao real, que torna o custo de vida bem mais caro que no Brasil. Como aluno em mobilidade bolsista, minha família não disponibilizava de muita verba para auxiliar, mas com a ajuda de familiares, colegas e professores foi possível vivenciar o intercâmbio nos seus diversos âmbitos.

Aperfeiçoamento acadêmico

Se tratando das experiências acadêmicas, acho importante compartilhar que as disciplinas escolhidas não eram equivalentes com nenhuma ofertada pela UFF - Instituto de Educação de Angra dos Reis, justamente com o objetivo de ter uma experiência rica e única, a fim de contribuir para meu currículo. Assim, cursei na Universidade de Évora: Geografia Social e Cultural, Fotointerpretação, Demografia, Planejamento de Recursos Turísticos.

Além do uso de textos internacionais como anteriormente citado, os professores geralmente têm parte da formação em outros países, já que por estarem localizados dentro da União Europeia, existe uma maior facilidade de intercâmbio e formação fora do próprio país, contribuindo para uma educação mais global.

Dentro da sala de aula foi possível perceber e dialogar com colegas e professores as diferenças do curso de Geografia no Brasil e em Portugal, como a estrutura curricular, que em Portugal as disciplinas são mais concentradas em vez de fragmentadas, como no Brasil. O processo avaliativo foi outro aspecto importante observado, com estilo de avaliação mais tradicional, sendo comum o uso de provas objetivas como ferramenta de avaliação, geralmente ocorrendo em uma semana destinada às provas de todas as disciplinas. O uso desses métodos tradicionais de avaliação contribuiu para comparação dos dois sistemas de ensino, no qual o Brasil se mostra bem avançado quando considerado as discussões sobre ensino e métodos avaliativos.

A percepção dessas diferenças acadêmicas nas questões curriculares e avaliativas, me permitiu comparar os dois sistemas de ensino e aproveitar os pontos positivos de ambos os sistemas para minha formação docente, como a maior integração das áreas da ciência geográfica no ensino de português, que promove um ensino e compreensão da natureza como um sistema integrado; e o processo avaliativo

brasileiro com aspectos de avaliações mais amplos, considerando as diversas potencialidades do aluno.

Durante esse período na Universidade de Évora, foi possível aprimorar meu olhar geográfico a partir das análises de imagens de satélite com uso de estereoscópio de mesa na disciplina de Fotointerpretação, que mesmo sendo uma técnica mais tradicional, que acabou sendo substituída pelas novas técnicas de geoprocessamento, foi fundamental para melhorar minhas leituras de imagens de satélites.

A geografia quantitativa, através da disciplina Demografia, trouxe grandes contribuições com um viés de análise prática dos dados populacionais de diversos países do mundo. Já a disciplina de Planejamento de Recursos Turísticos contribuiu para meu tema de monografia no Brasil, no qual estudei sobre os resíduos sólidos em ambiente de praia em Angra dos Reis – RJ, local com grande fluxo turístico.

Outras duas experiências marcantes, que promoveram vivências acadêmicas importantes, foram os trabalhos de campo. O primeiro trabalho de campo realizado foi da disciplina Geografia Social e Cultural, onde tivemos a oportunidade de visitar a Aldeia da Luz no Concelho de Mourão-PT, no qual teve grande parte da vila deslocada para a criação de um reservatório de água. Para isso, foi criada uma nova aldeia que buscasse ao máximo se aproximar das características da antiga. Esse trabalho de campo foi muito enriquecedor, principalmente pelo fato de no Brasil, morar próximo à cidade de São João Marcos, que também sofreu com essa necessidade de ser desocupada para servir de reservatório de água, mas o desfecho da história foi diferente, já que em São João Marcos não houve a preocupação de recriar o bairro com as características semelhantes a fim de preservar a história e cultura da população.

O segundo trabalho de campo foi realizado com todas as turmas de Geografia, com destino ao Rio Douro, percorrendo Portugal e Espanha, discutindo questões de geografia física, social, cultural e

econômica em uma mesma área de estudo. Este trabalho de campo foi fundamental para aumentar meus conhecimentos do território português, suas características geomorfológicas, geológicas, econômicas e sociais, estando sempre relacionado à presença do Rio Douro e sua influência no desenvolvimento da sociedade.

Para além das contribuições de conhecimentos geográficos, os trabalhos de campo possibilitaram maior contato com os portugueses e sua cultura. O campo que percorreu o Rio Douro por Portugal e Espanha teve duração de um fim de semana. Nesse período, ocorreram diversos momentos de descontração com alunos e professores, discussão das diferenças culturais de alimentação e músicas tradicionais, estreitando ainda mais as relações e contribuições dessa experiência de intercâmbio.

Imersão em diferentes culturas e línguas

Além de ter o contato com a cultura portuguesa diariamente, dentro da universidade havia alunos de diferentes origens (Turquia, Espanha, República Tcheca, e outros), que encontrávamos em eventos realizados pela *Erasmus Student Network* (ESN – Organização estudantil) a fim de promover o contato das diferentes culturas, línguas, hábitos, como: noite de conversas, noite de jogos, noite de jantar (pratos típicos de cada país) e outros eventos.

Por estar em uma universidade com diversos alunos internacionais, as experiências dentro de sala de aula e dos eventos da universidade sempre envolviam diálogos e troca de experiências com alunos de diversas partes do mundo, onde podemos perceber as diferenças culturais, de hábitos, criando um ambiente contínuo de aprendizado e troca, promovendo a formação global do aluno que está em mobilidade e dos alunos da universidade que os recebe.

Mas torna-se necessário frisar que além da imersão em outras línguas e culturas, a experiência cotidiana com a cultura e a língua de Portugal também se torna extremamente interessante, pois há diferentes termos e gírias em relação ao português do Brasil, diferentes conjugações dos verbos, variações da escrita, que permitiu uma série de aprendizados sobre a língua portuguesa e sua cultura.

Dentro deste contexto, surgiram inúmeras possibilidades de poder praticar o inglês, o espanhol e aprender um pouco novas línguas. Inicialmente, este contato com outras línguas e cultura se deu dentro da própria universidade, devido às atividades com outros alunos em mobilidade, ou até mesmo dentro da sala de aula, com leitura de textos internacionais. Mas além disso, as experiências de viagens são as mais marcantes, devido às diversas expectativas criadas com os destinos tão esperados.

Viajar, além de realizar um sonho, permitiu uma série de crescimentos pessoais e profissionais. Foi através destas experiências que o sentimento de liberdade e capacidade vieram à tona, criando uma sensação de que é possível alcançar todos os nossos objetivos em qualquer lugar do mundo. E foi devido a esse sentimento de capacidade, que viajei para cidades não esperadas, como Budapeste (Hungria) e Viena (Áustria). Mas além destas, tive oportunidade de conhecer outros sítios em Portugal, Espanha, França, Itália e Reino Unido, que permitiram aumentar os meus conhecimentos históricos, geográficos e culturais de cada país.

Crescimento pessoal e contribuições para o futuro

Conforme relatado até o momento, a experiência de mobilidade internacional permitiu um grande crescimento profissional e pessoal, que teve importância ímpar na minha formação como professor e como indivíduo. A diversidade cultural, linguística e, principalmente, geográfica possibilita uma formação de indivíduo consciente

em relação às diferenças encontradas, que respeita e compreende o próximo com maior empatia.

Dentre todas as contribuições, a que considero mais relevante e impactante para meu crescimento pessoal é o sentimento de capacidade de alcançar todos os objetivos e sonhos almejados. Já que, por ter nascido e crescido em uma cidade pequena do interior, muitas conquistas e realizações se mostravam distantes da minha realidade, ou até mesmo impossíveis de acontecerem. Esse sentimento de incapacidade de “abraçar o mundo” estava relacionado a uma visão de mundo menos globalizado, com sentimento de um globo enorme, com grandes distâncias de deslocamentos. Mas com a experiência de mobilidade, de poder morar em Portugal, viajar para diversas cidades dentro de Portugal e para diversos países, esse sentimento de globo enorme aos poucos foi se transformando para um mundo percebido cada vez menor e alcançável, já que esses acontecimentos se tornaram cada vez mais palpáveis e concretos na minha vida.

Um grande exemplo desse sentimento foi minha viagem para Londres (Inglaterra, Reino Unido), que foi planejada para ser realizada com uma amiga que morava comigo em Évora, mas acabei indo sozinho, mesmo não sendo fluente na língua e dialogando apenas o básico da língua inglesa. Essa viagem foi o marco de superação do meu intercâmbio, pois depois de realizá-la, mesmo com algumas dificuldades na comunicação, o sentimento de superação e de ser capaz daquilo que almejamos é enorme, contribuindo para planejamentos futuros. Pois o sentimento de ser capaz de alcançar os nossos sonhos, aliado a uma percepção de mundo menor, nos possibilita planejar conquistas cada vez maiores.

Assim, posso dizer que a realização da mobilidade foi fundamental para agregar valor ao meu currículo, à minha formação como profissional e como ser humano. Atualmente, sou mestrando em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) e, devido minha vivência na mobilidade, tenho expecta-

tivas de poder realizar intercâmbio também no mestrado, justamente pela possibilidade de estar em contato com especialistas da minha área de pesquisa em outro país e poder conhecer novas metodologias e pesquisas em nível global, enriquecendo meus estudos que estão sendo realizados aqui no Brasil.

EMBARQUE A CÉU ABERTO

MARIAH DA SILVEIRA VALLADÃO PASTANA ^[1]

Embarcar em um processo seletivo para uma possível mobilidade acadêmica pode ser assustador. É assustador. Ao mesmo tempo que somos preenchidos de esperança e excitação para realizar um sonho, detemos também dúvidas e receios como cobranças, documentação, viver em outro país..., mas se me perguntarem se eu faria tudo novamente, não hesitaria um segundo em dizer que sim. Passaria por cada processo, cada perrengue, cada nervosismo... Eu diria mil vezes sim para a oportunidade de poder viver novamente a experiência que de longe mais me enriqueceu profissionalmente e pessoalmente.

O processo até cair a ficha de que você realmente vai embarcar nessa jornada é um pouco longo. Primeiro vêm as fases de candidatura e espera de resultados que parecem durar mais que uma vida, quando se trata de um estudante ansioso à espera de uma conquista como essa. No meu caso, tive o privilégio e a sorte de poder contar, em todas as etapas, com minha melhor amiga que também aguardava seu resultado. Tudo havia sido perfeitamente calculado: escolheríamos o mesmo país, porém, instituições diferentes para que tivéssemos a chance de irmos no mesmo período. Compartilhávamos

^[1] Graduanda em Desenho Industrial pela UFF. Foi intercambista na Universidade da Beira Interior (Portugal) em 2020.

esse sonho desde o primeiro semestre do nosso curso de Desenho Industrial, o que me retorna para 2017 quando nos conhecemos e começamos a sonhar.

Lembro-me do fim de tarde que recebi sua ligação. Àquela altura, no meio das férias, eu já não me recordava das datas e horários. Caminhava tranquilamente pelas ruas do centro, quando atendi a ligação que mudaria tudo dali para frente: havíamos sido selecionadas. Por mais que tivéssemos planejado e falado sobre esse momento inúmeras vezes nos últimos anos, jamais seria possível prever o misto de sentimentos que aquele momento resultou. Sabendo que aquela era apenas a primeira etapa de outras que deveríamos passar até receber a carta de aceite, optamos por manter a informação em segredo compartilhando a notícia apenas com a família.

Ao longo dos meses, fomos em busca das documentações necessárias e atrás do máximo de informações que pudéssemos coletar sobre o país de destino, Portugal. Cada nova descoberta nos fazia sentir como crianças descobrindo um mundo novo. E era exatamente isso que explorávamos, um mundo novo. Nos unimos e nos comprometemos em ajudar uma à outra durante toda a jornada. E assim foi. Tiramos passaportes, procuramos casas, autenticamos documentos, madrugamos para pegar o documento de seguro saúde, e por fim, como se o destino nos parabenizasse, estávamos juntas no momento do recebimento da carta de aceite.

Os momentos finais pré-viagem foram preenchidos pela adrenalina de aguardar o visto de residência temporária chegar dentro do prazo. A essa altura, já me encontrava apaixonada pela minha futura instituição e pela cidade que seria meu lar pelos próximos seis meses. Embora sentisse em meu coração que tudo já havia dado certo, ainda era preciso essa confirmação que chegou em alguns dias depois.

A Universidade da Beira Interior, a instituição que escolhi para cursar Design de Moda no ano de 2020, foi uma grande aliada durante o período “cinzento” de incertezas em relação à mudança para uma

cidade até então que eu desconhecia. O programa que a Europa oferece, o Erasmus, contribuiu bastante durante o processo de busca de moradia e acolhimento me oferecendo um *buddy*, que é um estudante local que nos auxilia com retirada de dúvidas e nos recebe na cidade e na instituição. Felizmente, eu tive um *buddy* incrível que me ajudou bastante com os últimos detalhes antes de embarcar nessa aventura.

Dia 3 de fevereiro de 2020. Malas prontas, ansiedade a mil e eu não via a hora de entrar em um avião pela primeira vez. Por um conflito de datas no calendário escolar da minha instituição e da minha amiga, não foi possível embarcarmos juntas, o que não nos impediu de manter uma a outra atualizada e participativa de todas as etapas. Antes de me despedir da família, fui aconselhada a aproveitar todas as oportunidades que essa viagem me daria. Fui abençoada e alertada que a hora da decolagem poderia assustar um pouco, o que parando para observar agora, é engraçado porque o friozinho na barriga que esse momento proporcionou foi maravilhoso e deu o *start* que eu esperava.

Com uma conexão no Porto, a viagem se manteve tranquila e não tive o que reclamar. Nem mesmo a companheira de assento ameaçando não desligar o telefone por achar “bobeira” pôde tirar meu ânimo de estar cada vez mais próxima do meu destino final. Primeira parada: Lisboa. Uma cidade sem dúvida encantadora. Ao mesmo tempo bastante familiar pelas construções, mas tão diferente com aquela imensidão de pessoas. Passei um pouco mais de 24 horas na cidade antes de me encaminhar para a Covilhã, onde de fato eu iria morar. Andei pela cidade até mais do que os meus pés aguentarem. Fazia frio. Embora fosse fim do inverno, ventava como eu jamais havia sentido. E era bom. Era uma sensação nova, um vento novo, em um lugar totalmente novo. Parecia um sonho. Era um sonho. Mais que isso, era o sonho se tornando real. Era o sonho palpável que desde criança eu almejava.

Desde muito nova, eu sempre tive alguns objetivos bem concretos na minha vida: ser uma grande estilista, estudar moda na Europa e visitar a Torre Eiffel. Embora eu acredite fielmente que todas as coisas acontecem porque precisam acontecer e no momento que precisam acontecer, sempre fui muito determinada em ir atrás do que eu queria. E todos os dias da minha vida foram dedicados a esses momentos através de esforços e estudos. Eu sabia que todas as noites sem dormir, empenhada a cada vez mais dar o meu melhor seriam compensadas. E eu estava certa.

Lisboa possui uma das ruas mais famosas da Europa graças às vitrines de luxo que estampam a cidade. Nem eu mesma estava preparada para a magnitude que era estar frente a frente de lojas de designers que sempre admirei. Com a noite surgindo, as lojas se iluminavam e em pleno fevereiro parecia Natal. As pessoas vestiam seus trajes de frios e eram naturalmente elegantes. Era impossível estar ali e não ser atingido pelo desejo de permanecer eternamente naquele pequeno momento, mas havia muito mais para se explorar e foi exatamente o que tratei de fazer nos seis meses que se sucederam.

A Covilhã, que fica em Castelo Branco, se situa em um dos pontos mais altos de Portugal o que quer dizer: frio intenso ou calor intenso. Para uma pessoa acostumada com os 40° do Rio de Janeiro, imagine como foi chegar e se deparar com 8° graus em pleno meio-dia. O Sol parecia ser apenas um enfeite no céu e ali eu tive uma certeza: eu amava o frio. Mesmo não estando com casacos suficientes e tremendo à espera do táxi, eu sabia. Eu amava aquela sensação.

Sendo a primeira vez que iria morar sozinha, junto dos meus pais foi decidido escolher uma das melhores casas que a cidade possuía. E eu fiquei muito agradecida por chegar nela e ela ser melhor ainda do que eu imaginava. Por se tratar de uma cidade universitária, a maior parte dos moradores eram estudantes de todas as partes do mundo. Especificamente na minha residência, além de alguns portugueses eu tive o privilégio de conviver com brasileiros, que di-

ferente de mim, estavam lá para cursar a graduação inteira na UBI. Com muito carinho e risadas eu fui extremamente bem acolhida por eles e pelo *buddy* que já me aguardava para mostrar a cidade e a universidade. A casa ficava um pouco mais afastada do polo principal, onde seriam minhas aulas, o que tornou ainda mais agradável a experiência, possibilitando de explorar diversos caminhos. A cidade é encantadora e possui uma atmosfera tão tranquila que acredito que seja impossível se estressar permanecendo nela.

Com ruas inclinadas e estreitas, andar por ali também se tornava uma aventura quando era preciso disputar o espaço com os carros. Era engraçado ver as pessoas se juntarem nas paredes feito lagartixas para não serem atropeladas e em poucos momentos eu me tornava igual a elas. A arquitetura das casas e dos monumentos faziam parecer que me encontrava em um museu a céu aberto. Os polos na universidade tinham também seu charme único. Ao informar que havia chegado para dar início aos estudos, fui recebida por um kit de boas-vindas incrível, que de tão apaixonada sai fotografando e enviando para todo mundo. Com toda essa alegria de estar ali finalmente e as descobertas que eram inúmeras a cada minuto, não havia espaço para as saudades de casa e aceitar isso no início foi um pouco triste. Havia um pouco de culpa. Foi então que eu acho que se iniciou o processo da aceitação do novo, de entender que a vida segue em frente e embora haja amor, não sentimos saudade 100% do tempo, e que assim como eu me encantava cada vez mais com a experiência e me alegrava de estar ali podendo desfrutar dela, do lado de cá do oceano minha família também se adequava com a minha falta e se alegravam pela minha conquista.

Todas as notinhas de compras foram guardadas na gaveta da mesinha de cabeceira. Eu sabia que quando o tempo passasse, de alguma forma elas me retomariam para o momento e me fariam sorrir. Aproveitei dos lugares desde as compras do supermercado até as limpezas que fazia no banheiro quando perdia o sono. Com os horários

já ajustados, eu e minha amiga passamos a nos falar todos os dias por vídeo e realizar algumas atividades juntas, mesmo que a quilômetros de distância.

O grupo de estudantes do ESN, responsáveis pelo nosso acolhimento, realizaram uma semana de acolhimento e promoveram diversos eventos para que conhecêssemos outras pessoas antes do início das aulas. E, graças a esse evento, eu conheci pessoas incríveis que viriam a se tornar parceiros de aventuras e viagens. Costumo brincar com um desses amigos, que se tornou uma das pessoas mais especiais da minha vida, que foi preciso uma viagem ao exterior para nos conhecermos, mesmo que ambos estudássemos na UFF a uma rua de distância um do outro. A nossa conexão de cara foi incrível e nem imaginávamos a proporção que aquele dia poderia tomar. Mais que amigos, nos tornamos aliados e ombro para todos os momentos.

Mais que estudar, a experiência da mobilidade nos enriquece em diversos âmbitos e nos fornece momentos incríveis que jamais esqueceremos. Foram visitas a museus, passeios pela cidade, idas a bares e a boates com músicas ruins. Foram histórias e risadas que coloriram os dias cinzas quando o sol cismava em não aparecer. A mobilidade me forneceu o pôr do sol mais lindo do ponto mais alto de Portugal e o nascer do sol mais contagiante do ponto mais alto da Covilhã. Me forneceu a possibilidade de trocar ideias com pessoas que tiveram experiências totalmente diferentes e compartilhar desses momentos com elas. Me forneceu a possibilidade de ser livre, de ser eu mesma e ser acolhida ao mesmo tempo que me fez criar vínculos com novas pessoas e amizades antigas.

O início das aulas começou um pouco agitado. A essa altura, já se falava sobre uma disseminação maior do coronavírus, o que assustava pouco a pouco as pessoas. As primeiras aulas foram incríveis e cruciais para eu atestar que ali era realmente o meu lugar. As professoras do curso de Design de Moda eram extremamente competentes

e tinham muito para compartilhar, e assim foi feito, mesmo depois do início da pandemia, onde tivemos que mudar para o sistema remoto.

Para um estudante da área de moda, a possibilidade de estar presente num desfile da Fashion Week é algo absurdamente incrível. A possibilidade de um aluno conseguir estar presente em um desfile da *Fashion Week* na Europa, era algo então inimaginável para mim que nem mesmo no Rio de Janeiro havia conseguido comparecer.

Poucas semanas antes do país entrar em *lockdown*, a coordenadora do curso conseguiu alguns convites para a Semana de Moda de Lisboa e nos informou por e-mail que quem estivesse interessado deveria entrar em contato com a mesma, o que fiz de imediato e acredito que automaticamente, visto que eu estava em êxtase e não acreditava no que estava acontecendo. E assim foi feito. De uma hora para outra, eu tinha uma viagem marcada de retorno para Lisboa e 14 convites para desfiles durante o fim de semana mais badalado da cidade. Mesmo não sabendo que aquela poderia ser a última viagem que eu realizaria durante o período de mobilidade, aproveitei ao máximo cada desfile, cada lembrancinha, cada inspiração que aquele local poderia me fornecer. E foi mágico. Estar no mesmo local que grandes nomes da indústria da moda e acompanhar tão de perto fez com que a criança que habita em mim se enchesse de esperança de que cada vez mais era possível chegar onde sonhava e estar ali, naquele ponto, tendo o meu próprio desfile algum dia.

Nas semanas seguintes, as coisas começaram a mudar drasticamente. As aulas foram suspensas, os comércios fecharam e as incertezas pairavam no ar. Mesmo com tudo isso, eu não conseguia desanimar. A situação era caótica, mas eu ainda era privilegiada de estar onde eu queria. A Páscoa foi diferente, a dois. Mas não foi menos divertida. O isolamento preventivo contribuiu para que num futuro próximo fosse possível retomar algumas atividades. As aulas se mantiveram *on-line* e os trabalhos também, mas embora não tivéssemos o contato físico com as pessoas e a instituição, ainda foi possível

aprender muito e serei eternamente grata por todos os ensinamentos que adquirir. Por semanas, o mais próximo de encontro entre amigos era uma visita ao supermercado, cumprindo todas as normas de segurança. Mas era bom poder revê-los. Alguns estudantes optaram por voltar a seu país natal, mas para outros, ainda havia fé que as coisas melhorariam em algum momento.

Embora fosse um momento de dor para muitos, inclusive por estar longe da família, esse momento também serviu para fortalecer laços, mesmo que distante e ajudar no amadurecimento pessoal. A casa foi esvaziando e em alguns momentos era só eu. Foi uma experiência interessante ter apenas a minha própria companhia. E com isso, eu descobri que às vezes gostava de estar assim. Estar na Covilhã, em casa, mesmo que sozinha, me tranquilizava e me deixava em paz, não havia espaço para ansiedade. Acredito que esse momento para cada um teve algum efeito, mas não dá para negar que todos também aprenderam algo com isso.

Conforme o tempo passou, as medidas se tornaram mais flexíveis e as coisas pareciam estar melhores. As aulas continuaram remotas, mas já era possível fazer trabalhos em grupos. O que foi ótimo já que nesse período pude fazer outras novas amizades e me conectar com brasileiros de outras regiões do país. Mesmo na nossa bolha, era possível crescermos, aprender, compartilhar conhecimentos e nos divertir.

O mês de junho foi um mês de mudanças. Já podendo sair e visitar o país, junto de outros alunos, alugamos carros para conhecer um pouco mais de Portugal. Passamos por Viseu, Guarda, Monsanto, Santarém, Belmonte, Nazaré... e tantas outras pequenas cidades ao longo do caminho. Era incrível como cada uma delas tinham suas particularidades. Visitamos desde museus, igrejas até grandes catedrais e castelos. No auge do verão europeu, ainda garantimos um bronze enquanto explorávamos a cidade através de pequenas caminhadas e grandes trilhas. Com o fim das aulas e o início das férias de verão, nos

preparávamos para continuar aproveitando a janela de flexibilização. As noites quentes se preencheram de estudantes se encontrando no Jardim Público para rir, conversar e dançar. Graças à segurança e tranquilidade da cidade, não era necessário nos apegarmos aos horários, o que resultava em inúmeras noites terminando ao som dos pássaros cantando com o nascer do sol. A essa altura, os amigos já eram amigos de outros amigos e assim a rede de conhecidos crescia mais e mais, o que tornava os passatempos cada vez mais divertidos.

Com os dias contatos para a volta ao Brasil, eu, meu novo melhor amigo da UFF e um casal de amigos decidimos por planejar uma viagem internacional e aproveitar as promoções das passagens. Por incrível que pareça, viajar pela Europa é extremamente barato e foi assim que planejamos um roteiro incrível e visitamos Lisboa, Paris, Milão e Roma. Como a vida do estudante nem sempre é fácil, para fazer algumas economias optamos por dormir no aeroporto e encarar viagens de ônibus além das viagens de avião.

Embora Paris seja conhecida por ser a cidade do amor, o mais próximo disso que cheguei foi a paixão à primeira vista pelo local. Os passeios se estenderam por todos os pontos possíveis abertos. Como planejado, e a fim de realizar o meu sonho, conheci a Torre Eiffel. Incrivelmente iluminada, foi uma das melhores sensações que já senti. Faltariam páginas para descrever o mix de sentimentos que aquele momento me proporcionou. A graça e os encantos às vezes estão nos pequenos momentos, quando você olha para o seu amigo e agradece internamente por aquilo que estão vivendo juntos. Nosso pequeno *tour* pela Europa se estendeu a mais dois pontos incríveis: Milão e Roma. Apesar da intensidade e correria, foi possível aproveitar bastante a culinária, a história, os pontos turísticos e a experiência de conversar em línguas jamais exploradas pelo grupo.

Roma, com uma história riquíssima, foi de longe a cidade que mais encantou. Despretensiosamente, junto do meu parceiro resolvemos explorá-la por conta própria e sem meios de transporte. Ten-

do os melhores *gelatos* do mundo, tive o privilégio de saborear um enquanto jogava uma moeda na Fontana di Trevi, e fazia meu pedido. Com todos os passeios e tentativas de falar o melhor italiano possível, colecionamos fotos e sorrisos pela maioria das ruas e monumentos históricos. Sendo cristã, ainda tive a oportunidade única de participar de uma missa celebrada na Basílica de São Pedro. Pude mais uma vez, agradecer a Deus por tudo o que eu havia conquistado, por todos os momentos, pela minha saúde principalmente, e pelas minhas famílias.

A volta para a Covilhã foi extremamente tranquila e a melhor parte era saber que seria recebida pela minha melhor amiga que se encontrava em minha casa para passarmos o último mês juntas. Era a minha vez de ser guia turística, e juntas, conhecemos mais a fundo as maravilhas da cidade e acumulamos mais momentos juntas enquanto nos divertíamos e nos aventurávamos. Desde festas, danças, receitas de pão de queijo até a adoção de um gato abandonado. Felizmente encontramos um dono maravilhoso e bondoso para o Nix, do contrário, provavelmente o teríamos trazido.

A última semana em Portugal foi marcada com saudade precoce e risadas. Deixar a cidade que se tornou o meu lar por seis meses foi um momento doloroso. Mesmo que soubesse que essa hora chegaria, nunca estamos prontos. Já nos víamos comentando sobre a família, sobre o Brasil, mas ainda não estávamos preparadas para voltar. E fomos para Lisboa. Passamos a última semana viajando e conhecendo bairros ao redor. Andamos de bondinho, tomamos sorvete, fizemos compras e eternizamos inúmeros momentos através das fotografias e vídeos. Pouco a pouco o coração foi aceitando que era hora de partir, e aqueles sete últimos dias fortaleceram ainda mais nossa amizade e nossa ligação com o país.

No sétimo dia, fazia sol. As malas, prontas. A gente, prontas. Era hora de encerrar, por ora, a aventura. Sem amarras, sem arrependimentos, com muitos sorrisos e muita gratidão. Pouco a pouco co-

meçamos a almejar reencontrar a família. Despedimo-nos da cidade. Ou melhor, demos um até logo, que pela pandemia, acreditamos que seja um até logo um pouco mais longo, mas vai passar. Pelo vidro do carro, acompanhávamos as pessoas vivendo suas vidas cotidianas e nos alegrávamos de estar rumo a um novo capítulo.

De uma forma muito doida e engraçada, nossas famílias nos aguardavam juntas, de surpresa. Foi um misto de sentimentos. A alegria da chegada, a tristeza da partida, o medo do futuro, a saudade do que já havíamos vivido.

Das coisas da vida, de uma eu tenho certeza. Esse momento, de mobilidade acadêmica, foi crucial e fundamental para todo o meu desenvolvimento e sem dúvida mudou todo o meu destino. Mudou minha forma de ver o mundo, o mundo acadêmico e as pessoas. Mudou a forma de ver a mim mesma e me fez amar a pessoa que me tornei, e lutar dia após dia pela Mariah, que eu quero que continue crescendo e desenvolvendo.

Eu sou eternamente grata a todas as pessoas que participaram disso de alguma forma: professores, família e amigos. Eternamente grata pelo ano que entrei na Universidade Federal Fluminense e pela oportunidade que essa instituição incrível pôde proporcionar a mim, aos meus amigos, e a tantas outras pessoas. É um programa extremamente relevante que muda e molda a vida de diversos jovens adultos. Foi uma experiência que eu desejaria a todos se pudesse. É normal ter medo, é normal ficar confuso, ansioso. Porém, vale muito a pena e eu faria tudo novamente do mesmo jeito. Dê o primeiro passo e confie que as coisas vão ser boas. Torne as coisas boas. Chegar lá na frente e poder pensar “caramba, valeu a pena” têm um valor inestimável.

UMA EXPERIÊNCIA ALÉM DAS EXPECTATIVAS

MARIANA CROSSETTI DA HORA^[2]

O ano de 2020 foi um marco na história da humanidade pela terrível pandemia que vivenciamos. Para mim, foi também o ano do meu intercâmbio e atravessar essa experiência em outro país, longe da minha zona de conforto, se tornou um momento de inflexão na forma como enxergava muitas coisas e naquilo que valorizo. Este breve relato visa compartilhar um pouco desse período na minha vida evidenciando os diferentes impactos no âmbito pessoal, enquanto estudante de Relações Internacionais e futura profissional da área.

Quando entrei na universidade, fazer intercâmbio não era um grande sonho como é para muitas pessoas. Pela minha personalidade, a maioria das minhas escolhas é muito pesquisada e pensada e foi justamente dessa forma que agi com essa experiência. Toda a preparação apenas foi me convencendo cada vez mais de que essa seria uma oportunidade incrível para minha carreira e para meu amadurecimento, e fui cultivando, assim, um objetivo. Durante meu terceiro período, então, já possuía a carga horária necessária para me inscrever no edital de mobilidade da UFF e vi meu desejo tomando formas mais concretas. Estudei bastante, realizei as provas de idio-

^[2] Graduanda em Relações Internacionais pela UFF. Foi intercambista na Universidade de Salamanca (Espanha) em 2020.

ma e escolhi em minhas duas opções uma universidade em Madri e uma em Paris.

Infelizmente, com os resultados do edital, não fui selecionada. Essa situação me deixou bem triste, mas busquei me consolar pensando que outras oportunidades iriam surgir. Porém, mesmo tentando apresentar uma postura positiva, foi um momento de grande frustração, e para mim, decisivo na minha percepção de que aquilo que eu havia cultivado como um objetivo muito racional, havia se tornado um sonho da mesma forma que o era para tantos colegas.

Decidi naquele momento que eu certamente não desistiria de realizar um intercâmbio e foi em meio a essa virada de sentimentos que me deparei com a reclassificação em que pude fazer novas opções, e, por fim, fui aprovada para realizar um semestre de mobilidade na Universidade de Salamanca, na Espanha. Hoje, não poderia estar mais grata por tudo ter acontecido dessa forma. Salamanca foi a cidade perfeita para mim e me proporcionou momentos muito especiais. Além disso, talvez meus sentimentos e a minha cabeça estariam em outra direção em relação à experiência e ela não teria sido igual.

Em janeiro de 2020, cheguei a Salamanca, e a cidade é de tirar o fôlego desde a primeira até a última vista. A alma da cidade está na Universidade de Salamanca e em seus estudantes, por isso, parecia que todo o seu ritmo girava em torno da vida universitária, gerando um clima muito agradável e jovem. Ao mesmo tempo, a cidade te entrega um ar do passado com seu centro histórico mantendo as construções intactas e preservadas. Além disso, antes de sair do Brasil, tomei conhecimento de que a universidade é uma das mais antigas da Europa, aumentando toda a carga cultural que tinha a oferecer.

Acredito que esses aspectos da cidade me fizeram, logo, comparar a rotina que iria estabelecer ali com a minha vida no Brasil. Vivo em Niterói, mesma cidade em que se situa o *campus* da UFF no qual estudo, e assim como percebi na Espanha, a presença da universidade na cidade estabelece um certo ritmo à vida ao seu redor.

Nunca havia parado para refletir tanto sobre o papel da UFF na minha cidade, mas meu contato com Salamanca me abriu os olhos de que toda aquela conexão cidade-universidade também acontecia na minha cidade natal de maneira bem relevante.

Esse foi um dos primeiros pontos de aprendizado do meu intercâmbio: perceber mais o próprio lugar de onde venho, onde estudo, e enxergá-lo também como enxerguei Salamanca. Pode parecer um pouco estranho, mas ao mesmo tempo que estava deslumbrada com aquela pequena cidade espanhola, percebi os impactos do famoso “complexo de vira-lata” que muitas vezes cultivamos ao nos comparar com os países considerados desenvolvidos. A minha universidade no Brasil também provocava aquilo tudo, e ainda é pública.

Esse pequeno complexo também se estendia à minha própria rotina de estudos. Tinha muito medo de não ser capaz de compreender a língua, dos outros não me entenderem ou de passar por alguma situação constrangedora em sala por ser estrangeira. Da mesma forma como pontuei anteriormente, ali também percebi que a qualidade das aulas, dos profissionais e do conteúdo da minha universidade brasileira não deixavam nem um pouco a desejar.

Consegui acompanhar as aulas tranquilamente e realizar meus trabalhos da melhor forma que pude, inclusive indo muito bem em algumas disciplinas e isso, mais uma vez, abriu meus olhos para o aprendizado, para ter um olhar mais introspectivo e parar de valorizar apenas o outro. De forma alguma quero diminuir a universidade que tanto me acolheu na Espanha ou estabelecer alguma hierarquia entre as duas, mas é fato que essa vivência me ajudou a valorizar mais muitas coisas que eu já possuía e acredito que é importante desenvolvermos essa percepção.

De toda forma, algumas diferenças eram sim perceptíveis e bem relevantes. Em primeiro lugar, percebi que, no curso em que estava matriculada, o número de alunos era muito menor. Conversando com outras colegas, sei que não era assim em todos os cursos,

porém nas disciplinas que cursei havia em média 15 alunos por turma, ou menos. Isso foi muito positivo pois, principalmente enquanto estrangeira, me ajudou a sentir mais espaço para me tornar colaborativa nas aulas, era possível manter boas discussões e diálogos.

Além disso, vi diferenças nas próprias disciplinas que realizava e na estruturação dos cursos. Já no Brasil, no meu momento de pesquisa sobre quais disciplinas iria realizar, pude perceber que o intercâmbio era uma grande oportunidade de complementar minha formação com disciplinas que não são ofertadas pelo meu curso na UFF. Assim, escolhi duas matérias que se encaixavam neste parâmetro, Ciência e Tecnologia para o desenvolvimento e Filosofia Islâmica. Realizei, além disso, a disciplina Geografia Econômica, que mesclava algumas questões que eu já havia estudado no Brasil com questões mais atuais e foi bem interessante.

Em especial com a disciplina sobre Filosofia Islâmica, fui imersa na origem dessa religião e nas principais questões que a envolvem histórica e atualmente. Vejo essa experiência como enriquecedora e essencial para minha formação em Relações Internacionais, pois me ensinou de maneira profunda sobre uma religião que eu não tive muito contato durante minha formação pessoal e que é extremamente estigmatizada no Ocidente. Isso foi muito relevante porque o meu campo de estudo ainda é muito voltado à Europa e aos Estados Unidos, assim, o intercâmbio me proporcionou uma importante expansão de conhecimento sobre temas que são extremamente relevantes às R.I.s mas ainda pouco abordados por aqui.

Ainda sobre as aulas, embora em relação ao conteúdo e à forma de apresentá-lo não tenha sentido tanta diferença, o cotidiano universitário me impactou. Uma questão completamente diferente do que vivencio no Brasil, é o fato de que lá somente há avaliações no final do semestre. Isso exigiu uma forma diferente de lidar com minha rotina de estudos, exigiu muito controle, pois era cansativo aguardar

somente o final do semestre para ser avaliada e era necessário tomar cuidado para não adiar minhas obrigações demasiadamente.

Acredito que essa estrutura colocava uma pressão muito grande pois haveria muito conteúdo a ser estudado para as provas. Particularmente, prefiro a forma como fazemos no Brasil, na qual há pelo menos duas avaliações no semestre. Penso que dessa maneira é mais justo com o estudante, mas pode ser que minha opinião seja influenciada pelo hábito. De toda maneira, por conta desse diferente esquema, havia aproximadamente uma semana entre o fim das aulas e a data das provas de fato sem nenhuma atividade, apenas para estudarmos.

Um ponto que julguei muito positivo, no entanto, sobre a estruturação da rotina acadêmica por lá, eram os horários fixos que havia de atendimento do professor para os alunos. Desde o começo do semestre, era possível saber uma sala e horário em que os alunos da disciplina poderiam consultar os professores sobre dúvidas acerca da matéria e achei isso bem relevante e colaborativo com os estudantes.

Além disso, houve um impacto muito grande, também, por causa do horário das aulas, estudar de manhã, aqui no Brasil, e na Europa, no inverno, são situações bem diferentes. Enquanto acordo, tomo banho, faço meu café da manhã e chego à aula às 7h; por lá, minha primeira aula era às 8h e era impossível acordar. Modificar essa rotina foi bem difícil e tive que fazer algumas adaptações, principalmente com as minhas refeições, mas por fim, tudo se ajustou.

Porém, as aulas no escuro e no frio, parecendo que ainda era noite, foram só uma parte dos impactos do horário espanhol no meu cotidiano. Na Espanha, há um costume chamado *siesta*, que embora não se veja tanto como turista nos grandes centros, a exemplo de Madri e Barcelona, é bem perceptível vivendo em uma cidade menor como Salamanca. De 14h às 17h, o comércio da cidade fecha, apenas as maiores lojas de grandes redes como lojas de departamento in-

ternacionais permanecem abertas, mas todo o comércio menor e até cafeterias, restaurantes não abrem e não abrem mesmo.

Isso dificultava a resolução de algumas situações, principalmente na primeira semana quando ainda não estava habituada e tinha muitos afazeres burocráticos. Por exemplo, em um dia precisava tirar fotos 3x4 e fazer algumas cópias de documentos e entreguei tudo bem perto do prazo, pois em mais de um dia esquecia dessa questão da *siesta*. Para além desse costume, eles possuem horários comerciais diferentes dos nossos.

Havia um banco em que deveríamos fazer nossa carteirinha de estudante que abria de 10h às 14h e, por vezes, amigas minhas chegaram pouco tempo antes de se encerrarem as atividades do dia e não puderam ser atendidas. Essa carteirinha ainda deveria ser feita em uma unidade específica do banco, o que para alguns se tornava um obstáculo já que por vezes o *campus* em que estudava era mais afastado. Isso me demonstrou uma diferença bem grande cultural porque aqui há muito mais flexibilidade para lidar com certas situações.

Salamanca também me proporcionou conhecer muito sobre outros países, não apenas sobre a Espanha. A universidade recebe muitos intercambistas, todos os anos, por ser bastante conhecida. Além disso, estando na Europa, lá há o programa Erasmus que facilita muito a mobilidade internacional entre os estudantes, contribuindo para esse grande número de intercambistas. Mesmo sem fazer parte do Erasmus, a universidade me incluiu em todas as atividades preparadas para a recepção dos estudantes do programa. Então tive acesso a reuniões de recepção e várias informações que facilitaram minha chegada, além de conhecer bastante gente. Gosto de conhecer novas culturas e, por isso, ter contato com estudantes do mundo todo foi bem especial.

Em relação até ao estudo da língua espanhola, senti que essa multiculturalidade, ali presente, me proporcionou aperfeiçoar meus conhecimentos. Tive contato com nativos de diversos países cuja lín-

gua oficial é o espanhol e seus diferentes sotaques. Além disso, conheci também estrangeiros de outros países que não falavam o espanhol como língua materna, assim como eu, me ajudando a desenvolver essa habilidade sem ser com o espanhol perfeitamente pronunciado e gramaticalmente correto como temos acesso em aulas formais de aprendizado de idioma.

Sinto que adquiri uma fluidez ao me comunicar no idioma que foi bem importante e certamente, como futura internacionalista, acrescentou bastante para minha entrada ao mercado de trabalho. Um ponto muito positivo do intercâmbio é que o desenvolvimento dessas habilidades ocorre de maneira natural devido à rotina que você é exposto, o que se torna uma forma muito agradável de aprendizado e às vezes até imperceptível.

Estando na Espanha, tive mais oportunidades de contato com essa multiculturalidade pela facilidade de mobilidade na Europa, que me proporcionou pequenas viagens. Comecei a passear, o quanto antes, buscando todas as promoções em aplicativos de ônibus, avião, trem, etc., e felizmente consegui conhecer outros países. Contudo, justamente em uma dessas viagens, para Berlim, a pandemia se alastrou e os casos na Europa começaram a subir muito rápido. Olhando para trás, penso que tudo aconteceu de uma forma bem inesperada e de um dia para outro deixei de fazer aglomerações, em pontos turísticos, para me deparar com todas as atrações históricas e culturais fechadas.

Para meu desespero, enquanto estava lá, recebi a notícia de que a Espanha fecharia suas fronteiras, exatamente no dia em que eu iria voltar. Assim, corri para tentar modificar minha passagem e retornar o quanto antes a Salamanca. Comecei a receber vídeos de prateleiras de mercado vazias e pessoas desesperadas comprando tudo o que podiam, um caos estabelecido. Ao chegar à cidade, já não havia mais circulação de transporte público e fui andando da estação de ônibus até minha casa e a cidade estava completamente silenciosa e vazia.

A partir dali, uma nova fase de aprendizado surgiu pra mim, pois não somente estava vivendo em outro país, mas estava vivendo uma crise de saúde mundial, em outro país. Naquela época, inclusive, a Espanha era o segundo país com mais casos na Europa, que se tornava o segundo epicentro da doença. De uma hora para outra, deparamo-nos com uma quarentena total na qual, apenas, andávamos zoom até o mercado mais próximo para comprar o necessário.

Acompanhar esse cenário caótico presencialmente na Espanha e virtualmente no Brasil, pelo que me era relatado, foi uma experiência bem diferente. Ver como cada país se portou perante a situação, acompanhar as medidas que estavam sendo tomadas e a forma como a população as recebia e agia deixavam minha cabeça com um turbilhão de informações e pensamentos. Como estudante de Relações Internacionais, parecia que eu estava vivenciando uma matéria da faculdade. Não vou, é claro, dizer que a pandemia foi algo bom e proferir um discurso positivo perante o horror que ela causou, mas não posso negar que do ponto de vista da minha formação foi interessante poder ter acesso a essas duas perspectivas.

Um dos meus maiores choques culturais foi com a própria universidade. Ao mesmo passo que acompanhava as medidas da Universidade de Salamanca para finalizar o semestre que estava em andamento, no Brasil as aulas ainda iriam começar, então por meio de grupos e redes sociais tomava ciência do adiamento das aulas na UFF. Algo que me assustou foi o fato de que a universidade de lá simplesmente decidiu que as aulas seriam *on-line* e ponto final, enquanto numa universidade da magnitude da UFF seria impossível tomar essa medida.

Muitas discussões surgiram na comunidade acadêmica aqui no Brasil, principalmente se tratando de universidades públicas, acerca do acesso de muitos estudantes aos meios digitais, algo que não vi ocorrer da mesma forma por lá. Posso estar equivocada, mas senti que as discussões sociais por parte dos alunos não eram tão fortes e fiquei frustrada pois era um momento que exigia muita sensibilidade.

Uma das piores partes de viver a pandemia no meio do intercâmbio foi não poder me despedir de muitas pessoas que conheci e não ter vivido mais momentos com essas pessoas. Não tive muito tempo para conhecer a todos de maneira profunda, mas justamente isso deixou uma sensação de vazio pelas expectativas de como poderia ter sido desenvolver mais algumas amizades. Infelizmente como muitos eram de países europeus, simplesmente voltaram para suas casas na expectativa de que o isolamento iria durar apenas 15 dias e depois poderíamos nos rever, o que não ocorreu.

Porém, ao mesmo tempo que não pude concretizar algumas relações, o fato de viver uma situação tão extrema fortaleceu bastante minha amizade com quem também permaneceu por lá, em especial com as outras meninas que moravam comigo. Embora estivéssemos convivendo bem desde o primeiro dia, foi esse momento que criou uma amizade, para mim, inquebrável. Tivemos de nos expor, abrir nossas preocupações umas às outras e nos confortamos inúmeras vezes, além de passarmos literalmente o tempo todo juntas, criando a necessidade de uma ótima dinâmica de convivência.

Não digo que foi tudo perfeito, pois afinal, sempre temos alguns embates com algo relacionado à casa ou algum dia em que não estamos bem, mas vejo que dentro das nossas capacidades fomos muito parceiras. Mesmo que cada uma tivesse sua família e amigos no Brasil, o fuso horário também limitava um pouco nossa comunicação com essas pessoas, corroborando para que ainda mais fôssemos necessárias umas às outras.

Além das meninas que moravam comigo, contei muito com o suporte de outras amigas brasileiras que também permaneceram em Salamanca até conseguir o melhor momento para retornar ao Brasil. Mesmo com cada uma em sua casa, ao menos estávamos vivendo as mesmas situações, algo que não compartilhávamos com os amigos daqui por completo, por isso penso que desenvolvemos também uma forte amizade e mantemos essa relação até hoje.

Um momento muito especial foi o feriado da Páscoa, no qual, antes do *lockdown*, muitas planejavam viajar já que não teríamos aulas por alguns dias. Todas recebemos mensagens de cancelamento de passagens e reservas e nos encontrávamos em um dos momentos mais críticos da pandemia por lá, ouvindo barulhos de ambulâncias pelas ruas e acompanhando o grande aumento de casos e mortes por Covid-19. Para muitos, esse feriado era também importante por motivos religiosos e passar longe da família era algo muito triste. Assim, nos esforçamos e decidimos fazer um amigo oculto do apartamento e durante a semana cada uma foi ao mercado comprar seu presente.

No dia, além de trocarmos as barrinhas de chocolate que conseguimos comprar, cozinhamos uma refeição bem farta e planejada e nos divertimos bastante tentando comemorar a data. Nas casas de nossas outras amigas, eventos semelhantes também ocorreram e virtualmente nos comunicávamos e parecia que estávamos todas almoçando e comemorando juntas. Embora tenha sido criada no Catolicismo, hoje não sou adepta a essa fé, porém entendi a importância desse momento para minhas colegas e foi muito emocionante nos apoiarmos daquela forma.

Os meses se seguiram com um dia mais único do que o outro. Havia dias de faxina com muita música, dias de comprar vinhos no mercado e jogar conversa fora até de madrugada, dia de cozinhar algo diferente, todos com muita parceria. Com as dificuldades e inseguranças ao comprar uma passagem para voltar ao Brasil, aguardamos o momento mais adequado, e essa espera contribuiu para que conseguíssemos vivenciar os inícios da reabertura do *lockdown* e pudessemos caminhar novamente pelas ruas e ao menos nos ver, ainda que distantes e com máscaras. Para mim, isso foi muito importante, pois proporcionou momentos de despedida que não pude ter com as outras amizades que fiz.

Lembro que um dos principais choques que eu tive, ao sair pela primeira vez pelas ruas novamente, foi com a paisagem natural.

Diferente daqui no Brasil, lá as estações do ano são bem marcadas e estando na primavera estava tudo bem florido. Foi uma experiência bem curiosa pois antes do *lockdown* eu estava morrendo de frio, usando casacos grandes, botas, calças térmicas por baixo da roupa e, quando estava indo para minha aula que começava 8h, tudo estava escuro e a rua vazia. Nesse dia, saí apenas de jeans, com uma blusa fresca e chinelos e o dia estava bem ensolarado. Naquele momento, também descobri que os europeus acham um pouco estranha a forma como usamos chinelos toda vez que podemos usá-los, pois os olhares não disfarçavam.

Outro dia bem marcante foi quando comemoramos o aniversário de uma amiga, antes de retornarmos ao Brasil. Naquele momento, eram permitidos encontros de dez pessoas dentro de um ambiente, então nos reunimos para comer um bolo juntas. Porém, havia horários de circulação na cidade separados por idade, então tivemos que esperar até às 7h da manhã do dia seguinte, para podermos retornar às nossas respectivas casas.

Retornando para casa, eu e uma das meninas que moravam comigo, decidimos comprar um café, numa padaria da rua, e foi muito curiosa a forma como uma situação tão simples me deixou tão feliz, depois de meses em completo isolamento. É claro que não voltamos a viver como antes, nem tomamos o café na própria padaria, apenas o compramos e bebemos na rua, mas valorizei bastante aquele ato simples e aquele momento com a minha amiga.

Muitos momentos especiais se passaram e com certeza as pessoas que estavam comigo foram as maiores responsáveis por isso, mas enfim chegou o momento de retornar ao Brasil. Meses antes, quando a pandemia havia começado a se alastrar, os consulados brasileiros de diversos países começaram a realizar voos de repatriação, e eu, assim como outras amigas, me inscrevi no formulário solicitando vaga em um deles. Na época, não conseguimos, pois havia outros brasileiros solicitantes com maior prioridade, porém nossos nomes

foram arquivados em uma lista de espera e conseguimos ser alocadas no segundo voo de repatriação saindo de Madri.

Perguntaram-nos se desejávamos ou não retornar neste voo e a verdade é que essa foi uma decisão muito difícil, porque não estávamos preparadas para nos despedir da cidade, da universidade e umas das outras. Havia pouco tempo entre a ligação e a data do voo, mas por fim aceitamos, afinal, muitas de nós estavam com seus voos originais cancelados e os preços, que se encontravam para adquirir passagens em voos comerciais, eram muito caros. Assim, começamos nossas intermináveis despedidas de cada espaço que foi tão importante para nós naqueles meses.

Para mim, o retorno se tornou especialmente difícil, pois as meninas que moravam comigo não iriam retornar neste voo e me separar das pessoas com as quais convivi nos últimos meses foi bem marcante. Eu e demais amigas, então, entramos em uma saga de meios de transporte até chegarmos ao aeroporto Madri-Barajas. Primeiro, entramos em um ônibus de Salamanca à cidade de Madri. Normalmente, havia uma linha direta ao aeroporto, mas devido à pandemia, apenas uma linha estava funcionando que parava em uma rodoviária da cidade.

A partir dali, começamos a conversar sobre as possibilidades, afinal, estávamos com muitas malas grandes, pesadas e fazia calor. Decidimos ir em um trem que levava diretamente ao aeroporto e que possuía uma conexão com a estação onde estávamos. Quando o trem chegou, havia um enorme degrau para subirmos com todas as bagagens pesadas e isso precisava ser feito bem rápido, então, o desespero logo se instaurou e quando vimos estávamos jogando as malas dentro do trem. Nenhuma pessoa se ofereceu para nos ajudar mesmo observando nossa dificuldade, mas conseguimos entrar e colocar todas as nossas bagagens.

Chegando ao aeroporto, tivemos que apresentar uma autorização emitida pelo consulado justificando nosso voo, e quando

conseguimos entrar, estava completamente vazio. Todas as lojas e restaurantes fechados e quase nenhum voo saindo ou chegando. Recebemos um *kit* do consulado com máscaras, álcool gel, água e um lanche e ali aguardamos nosso voo. Quando entramos no avião, basicamente não havia jantar, apenas biscoitos e alguns pedaços de queijo e presunto, então chegamos ao Brasil com muita fome. A essa altura, também já havíamos trocado de máscara inúmeras vezes pois estávamos há horas tendo que utilizá-las.

O voo somente nos levava até Guarulhos e, a partir dali, deveríamos chegar aos nossos destinos de maneira independente do consulado e cada uma de nós morava em uma parte diferente do Brasil. Após fazer todo o trajeto juntas, somente nos demos conta de que aquela era a última vez que nos veríamos por tempo indeterminado quando a primeira de nós se despediu. Ela já vivia em São Paulo então não precisaria fazer mais nenhuma viagem. Assim, uma por uma fomos nos despedindo e aquele foi o fim de umas das minhas vivências mais marcantes até então.

Pessoalmente, foi muito difícil aceitar que a minha experiência de intercâmbio tinha que ter sido justamente durante uma pandemia. Porém, logo aceitei essa condição e entendi que o meu “sofrimento” era muito pequeno comparado ao momento difícil que diversas pessoas estavam vivenciando, com familiares doentes e falecimento de pessoas próximas, algo que eu infelizmente também vivenciei depois.

Assim, acredito que um grande desenvolvimento pessoal meu foi aprender a lidar com as frustrações e entender que nem tudo está no nosso controle. Essa mudança foi talvez a mais impactante por contrapor características tão marcantes da minha personalidade, e por isso sei que ela vai alterar completamente a forma como lido com meu futuro, seja ele pessoal, acadêmico ou profissional. Sempre me disseram que o intercâmbio era uma experiência única, e certamente foi, talvez não dentro das minhas expectativas, mas surpreendente e certamente agregadora.

PARIS

ENTRE SEGURANÇA E LIBERDADE DA AÇÃO CIVIL

MARIANA DA GAMA JANOT^[1]

Dez anos atrás, eu jamais iria imaginar que estaria no doutorado pesquisando comportamento político das forças armadas no Brasil e intervenções militares. Em 2010, ainda adolescente, meu professor de inglês era um aluno do curso de Relações Internacionais da Universidade Federal Fluminense. Naquela época, eu me imaginava trabalhando com jornalismo investigativo, pedagogia ou história, mas ele me disse: “você vai fazer Relações Internacionais, não tenho dúvidas”. Três anos depois, lá eu estava no Bloco A do Gragoatá, decidida a focar em política internacional e direitos humanos e trabalhar em organizações não governamentais. Entre meu primeiro e sétimo período, muita coisa mudou e valorizo muito o papel exercido pelo intercâmbio nesse processo.

Quando abriram os editais para mobilidade, meu entusiasmo era crescente porque meu estágio profissional na época era, precisamente, em uma agência de intercâmbio no Rio de Janeiro. Eu fazia todo o processo de inscrição de centenas de intercambistas, então era natural que estivesse ansiosa pela minha vez, e escolhi prestar para o curso de Ciência Política na *Université Paris 8 Vincennes-Saint-Denis* por dois motivos: foco acadêmico e aperfeiçoar a língua. É impor-

^[1] Graduada em Relações Internacionais pela UFF. Foi intercambista na *Université Paris 8 Vincennes-Saint-Denis* (França) em 2015.

tante frisar que o curso de Relações Internacionais da UFF se distingue por suas cadeiras de teoria política, o que enriquece a formação dos alunos e me interessava aprofundar o conhecimento nessa área. Foi nesse aprofundamento e debate teórico, acompanhado de uma série de fenômenos sociais, na Europa e no Brasil, que circunscreveram minha experiência na mobilidade e que meus objetivos mudaram bastante.

Cheguei em Paris em setembro de 2015, alguns meses após o atentado na sede da revista *Charlie Hebdo* e no pico do que, à época, se chamava de uma das piores crises migratórias no continente desde a Segunda Guerra Mundial (ADJUTO, 2015). Havia impactos explícitos desses eventos, como o reforço constante de medidas de segurança e a crescente quantidade de barracas de acampamento nas ruas da cidade. No Norte da França, na cidade de Calais — que dá acesso ao Eurotúnel, canal de transporte para a Inglaterra pelo Canal da Mancha — formou-se um extenso campo de refugiados de condições precárias denominado “selva de Calais” - *Calais jungle* (SCHMITT, 2015). Outros reflexos, porém, corriam mais embricados no tecido social e lidavam com questões antigas da sociedade francesa, como o sentimento anti-islâmico, o racismo e a xenofobia de maneira geral que permaneciam latentes.

Em novembro, tudo isso viria à tona, porém até aquele momento, o sentimento que envolvia os intercambistas era de diversidade, inclusão, colaboração com os alunos locais. Cabe ressaltar, um pouco, as características da Paris 8 que fomentavam esse sentimento. Fundada após os protestos de maio de 1968, a *Université Vincennes-Saint-Denis* se ancora na democratização do conhecimento, na criticidade, buscando sempre aprimorar políticas de acesso e permanência para todos os grupos sociais, especialmente para aqueles mais vulneráveis financeiramente, como trabalhadores e, posteriormente, refugiados e migrantes. Ainda, a universidade fica na *banlieue* (periferia) Norte de Paris, uma região onde há muitas pessoas de origens de países

africanos, árabes e asiáticos, e no ambiente universitário, toda essa atmosfera multiétnica parecia vigorar de forma plural e democrática nos espaços comuns.

Contudo, no desenrolar dos primeiros meses letivos, algumas questões começaram a se evidenciar. A primeira ocorreu ainda nas semanas de orientação para os intercambistas, quando eu e colegas brasileiros estávamos elogiando a iniciativa das cotas raciais e socioeconômicas das Universidades Públicas, e houve um nítido incômodo entre alguns estudantes europeus quando empregamos a palavra “raça”. A professora explicou que eles não utilizavam a palavra para evitar retornos eugenistas. Nos desculpamos pelo mal-entendido, mas perguntamos, curiosos, como eles discutiam sobre racismo e a resposta nos surpreendeu: “não discutimos”. Insistimos sobre a incidência de operações policiais contra jovens negros e de origem árabe e/ou muçulmana nas periferias, uma questão que demandava urgentemente uma discussão sobre racismo, porém o assunto foi desviado. No departamento de Ciência Política, na aula de estudos de gênero, retornamos com o assunto e felizmente houve uma discussão mais aberta e crítica sobre o assunto, na medida em que a proposta da disciplina era adotar uma perspectiva interseccional de gênero, raça e classe.

Na noite do dia 13 de novembro, Paris foi novamente remexida por ataques, dessa vez reivindicados pelo grupo autodenominado Estado Islâmico, que expandia sua ocupação em países do Oriente Médio (principalmente no Iraque e na Síria) e, à época, se tornava um dos principais assuntos da agenda de segurança internacional. Naquela noite, houve um misto desgostoso de sentimentos de medo, frustração, culpa, e, principalmente, preocupação pelo que viria a seguir. Eu estava em casa, acompanhando apreensiva e agoniada o estado dos meus colegas que estavam saindo das aulas noturnas da Paris 8, que ficava ao lado do *Stade de France*, e daqueles que estavam em bares e ruas próximas ao 11^o *arrondissement*, onde se concentrou a

maioria dos ataques subsequentes, incluindo o teatro *Bataclan* (COLON, 2015). Lembro muito da manhã seguinte, uma quietude sinistra nas ruas do país em *lockdown*, contrastada por brados inflamados nas mídias sociais, discursos xenófobos, agressivos, choros, lamentos pelos mortos e feridos, debates e mais debates sobre o que estava acontecendo, e o porquê.

Passado o estupor inicial, era hora de retornar às atividades, ainda com um clima tenso, porém no centro de Paris, circulava o coro de “não devemos ter medo”, o que era irônico quando a primeira visão que tivemos da universidade foi o *check-in* militarizado na entrada devido à implantação do *état d'urgence* (estado de urgência) em todo o país. Crescendo no Rio de Janeiro, há algum grau de costume bizarro com a circulação de policiais e militares fortemente armados e blindados percorrendo as ruas, porém é sempre necessário reforçar que essas medidas não são naturais, tampouco imperativas, e não tornam ninguém mais seguro, muito menos as populações que são seus alvos. Cabe contextualizar, aqui, que o *état d'urgence* é um formato de estado de exceção francesa criado para o conflito na Argélia, em 1955, algo defendido pelas doutrinas de pacificação e contrainsurgência, pois somente com a suspensão de determinados direitos, seria possível empreender a guerra contrarrevolucionária e garantir a conservação da ordem interna (GALULA, 1963). É isso que nos lembra a literatura sobre estado de exceção, visto que a ideia da excepcionalidade implica na previsão da violência no direito, ao mesmo tempo em que o suspende, o que resulta na direta agressão à integridade das pessoas, por “razões de segurança”, algo que vem se constituindo – como apontara Walter Benjamin – a regra, e não a exceção, na ação dos Estados (ARANTES, 2014).

A separação dos estudantes para revista foi uma experiência semelhante àquela em aeroportos: verificação da identidade, retirada de sapatos, detector de metal, interrogação, e pronto, acesso liberado. Pelo menos para mim. Colegas mulheres que usavam o *hijab*

(véu) foram obrigadas a retirá-los, colegas homens não brancos foram revistados com mais escrutínio, e quando cheguei à sala de aula, reparei que todos os meus colegas que até então tinham barba, estavam de rostos depilados. Foram dias muito complicados, mas ao menos, houve uma ativação maior dos estudantes no sentido de romper, paulatinamente, com silêncios históricos dentro das salas de aula.

Fora das salas, a vida cotidiana no centro de Paris ia se acomodando às medidas de segurança. Todos os dias, o funcionamento de uma linha do metrô era interrompido porque alguém esqueceu uma sacola de supermercado no chão do vagão, considerada como *coulis suspect* (objeto suspeito). Nas primeiras semanas, notava-se um clima mais apreensivo, mas ao longo do tempo, a rotina parecia ter se acertado e as pessoas consideravam os atrasos e desvios parte do procedimento normal. Nas periferias, nas seletividades das revistas das entradas de pontos turísticos, lojas, restaurantes, o *état d'urgence* se evidenciava, mas logo se camuflava novamente na pressa do dia a dia e a vida seguia num emaranhado de tensão, acomodação, medo e apatia, sob monitoramento constante do sistema *Vigipirate*.

Chegara, então, o final do primeiro semestre e tudo que eu queria fazer era reorientar meus estudos para entender e tencionar políticas de segurança, terrorismo e contraterrorismo. Corri atrás de historiadores, cientistas sociais e políticos e me deparei com o que, posteriormente, viria a ser meu tema de trabalho de conclusão de curso (TCC) na UFF: a orfandade das forças de segurança iraquianas pós-invasão dos Estados Unidos.

Muitos pontos de debate surgiram ali e demos continuidade a eles no próximo semestre: qual o papel das grandes potências nas questões sociais das periferias; o que caracteriza o terrorismo; em que se fundamentava o islã político; como a resposta das agendas contraterrorismo reforçava a alteridade construída entre ocidente/oriente e quais os reflexos dessa política no sul-global como um todo, inclusive no Brasil. Três trabalhos específicos me ajudaram bastante

nessa discussão, para as disciplinas de Mundo Muçulmano, Política Africana e Estudos de Gênero.

Na primeira, falamos sobre os desdobramentos históricos que levaram à formação do Daesh, desde o acordo Sykes-Picot até a invasão no Iraque e a Guerra na Síria. No segundo, descobri uma literatura inteiramente nova sobre a perseguição contra as chamadas “crianças-bruxas”, focando no caso da República Democrática do Congo e o processo de controle social dos jovens por meio da evangelização, ou sua exclusão e marginalização na vida urbana. Por fim, na terceira, pesquisamos a reprodução de padrões de opressão de gênero, raça e classe na busca por segurança em obras de ficção, escolhendo o caso específico de distopias com apocalipse zumbi. Nessas três pesquisas, a questão da segurança me saltava aos olhos: em que consiste caracterizar alguém, ou um grupo como uma ameaça; quem toma essas decisões; como e quais as consequências? Especificamente nos debates sobre conflitos no Oriente Médio e nos países Africanos, as intervenções militares e operações de paz das Nações Unidas também acenderam meu interesse, e eu decidi que, retornando à UFF, eu iria me dedicar a compreender melhor esses fenômenos dentro das Relações Internacionais.

No segundo semestre, outro evento social abriu, em muito, meus olhos. Uma série de medidas de sucateamento da Universidade Pública estavam sendo colocadas em discussão, acompanhadas pela proposta de revisão nas leis trabalhistas — a *Loi Travail* — que, mais uma vez, remexeram a vida urbana de Paris, mas dessa vez, de uma outra forma. A tônica geral das medidas da *Loi Travail* implicava em maior atendimento às demandas do mercado, beneficiando os empresários em detrimento dos direitos dos trabalhadores. A reação da comunidade universitária veio rápida, intensa e robusta. Após algumas assembleias estudantis, na Paris 8 e em outras universidades, os estudantes decidiram iniciar o movimento de ocupação no início de março.

Estávamos muito acostumados em participar de greves e movimentos estudantis no Brasil, mas aquilo era uma novidade para mim. Muito rapidamente, com a participação colaborativa de docentes e servidores, os estudantes se organizaram em diferentes comitês e, em poucos dias, a maioria dos blocos da universidade estavam ocupados. Salas de leitura, de descanso, de discussão, de mobilização, de cuidados, espaços próprios para mulheres, LGBTQs, não binários, não brancos, o que demandava intensas e exaustivas discussões, mas que tornaram o ambiente mais vivo e atinado com os valores que engrenaram a universidade em primeiro lugar. Alguns meses antes, a universidade havia iniciado uma política de acolhimento de refugiados e, durante a ocupação, essa iniciativa foi aprofundada para melhorar a integração dos migrantes para além dos procedimentos formais. Nesse aspecto, além da agência estudantil, foi muito positivo contar com o apoio dos professores e técnicos, que viabilizaram a paralisação das atividades, estipularam aprovação automática para os estudantes e formas alternativas de aulas e avaliações para as diferentes necessidades estudantis.

Ainda, um desdobramento da ocupação e da ação coletiva foi a associação dos movimentos estudantis com outros da sociedade civil, que conseguiram mobilizar espaços fora das universidades. Na madrugada do dia 31 de março de 2016, começava o movimento *Nuit Debout* — noite de pé — com a ocupação em massa da Praça da República por manifestantes. Logo, a praça se tornava um espaço de debate, de aulas públicas, de acolhimento e expressão. Uma das professoras, que participou ativamente no movimento, era a responsável por Estudos de Gênero, Elsa Dorlin. Recentemente, a professora publicou uma contribuição epistêmica valiosa para filosofia política, *Autodefesa: uma filosofia da violência*, na qual aborda a questão da auto-defesa como forma de resistência às formas de violência gendradas e racializadas perpetradas pelo Estado (DORLIN, 2020).

Esse é um assunto fulcral na dinâmica da ocupação, comum aos movimentos sociais ao longo da história, que são as ações de repressão estatal, seja por policiais, militares ou forças híbridas. Frequentemente, a praça era esvaziada pelas forças policiais, e logo mais, era ocupada novamente, mesmo diante das repressões que se tornaram rapidamente violentas, contra muitos de nossos colegas, inclusive.

No final de maio, fomos participar de um fórum europeu da juventude no Parlamento (*European Youth Event - EYE*), em Estrasburgo, que reunia pessoas entre 16 e 30 anos da comunidade europeia, para discutir uma série de questões sociais, políticas e econômicas e muito se falou sobre os protestos. Foi interessante ver algumas posturas entre os jovens, como as que defendiam o direito à manifestação, porém acreditavam que as ocupações eram radicais demais e não eram “produtivas”. Havia muitas vozes conservadoras, me chamou atenção, em grupos de trabalho específicos sobre segurança: um rapaz que estava defendendo veementemente a fabricação e implantação de *chips* comportamentais para coibir ações terroristas e um grupo de estudantes argumentando sobre a necessidade de reorganizar as defesas militares europeias, que me assustou. Por outro lado, havia forte apoio às manifestações e campanhas antirracistas, feministas, pró-direitos LGBT, em defesa do meio-ambiente e em busca por formas de desenvolvimento sustentável.

Se, no início do meu intercâmbio, senti falta de conversas francas e críticas, a reta final dessa experiência foi precisamente o contrário. Onde eu ia, havia discussão, perguntas, sentimentos expressados nas falas, nas produções artísticas, nas ruas, havia espontaneidade, ação e reação, que são elementos vitais para que uma *polis* permaneça viva e eu aprendi imensamente com essa vivência. Além do que acontecia ali, na França, esse aprendizado me deu um amparo político para retornar ao Brasil em plena crise, desencadeada pelo *impeachment* da Presidente Dilma Rousseff, e ter força para engajar nos movimentos estudantis iniciados pelos secundaristas contra a

PEC dos Gastos (Emenda constitucional nº 95) e as medidas propostas pelo novo governo.

Na prática, a experiência da Ocupação no Bloco A do Gragoatá foi bem diferente daquela na Paris 8, mas a ideia geral de (re)ocupar o espaço da universidade para construir um ambiente coletivo era bem semelhante. Passamos por processos parecidos, decisões em assembleia, organização de comitês, negociações com docentes, e apesar de não termos conseguido levar a ocupação para as ruas, conseguimos estabelecer um espaço de mobilização. Muitos de nossos professores colaboraram com o movimento, auxiliando na nossa manutenção — com alimentos e materiais de higiene — e, principalmente, alimentando a realização de aulas e debates abertos sobre questões atinentes ao contexto brasileiro e internacional. Naquele ano, tanto na França quanto no Brasil, sofremos com repressão, exaustão e sucateamento, mas vimos que é possível se associar, que relações mais horizontais são possíveis e que os espaços são nossos para serem construídos e cuidados. Essa é, afinal, a liberdade coletiva a qual todos devemos proteger.

Aprendi muito com toda essa troca e foi com esse espírito que dei seguimento às dúvidas que foram surgindo nas leituras. Junto à ocupação na UFF, entrei para o grupo de pesquisa *Civilis Actio*, coordenado pelo professor Frederico Carlos (hoje, docente na UFF de Campos), que se voltava a pesquisar assuntos sobre democracia e segurança. Conversamos sobre tudo que aprendi e me incomodou as intervenções militares no Oriente Médio. Decidimos focar minha pesquisa no Iraque e, investigando esse país, encontramos paralelos com o Brasil e, assim, fui reorientando meu foco para o nosso contexto em matérias de construção de ameaças e formulação de políticas de segurança. Segui nesse caminho para o mestrado, também na UFF, quando defendi a dissertação de que há uma atualização, em curso, da Doutrina de Segurança Nacional no país, através de uma interpretação da agenda pela Reforma do Setor de Segurança. E hoje, estou no doutorado, aprofundando a pesquisa nessa área.

Afirmo, indubitavelmente, que a mobilidade foi um ponto de virada na minha vida. Além de todo esse processo, que me deu substâncias políticas e acadêmicas para seguir no trajeto que estava se formando, pude amadurecer bastante em um nível pessoal. Estar longe de casa, sozinha, em meio a esses eventos, me fez assumir posições mais firmes, a ser mais contundente, mesmo que isso me levasse a confrontar amigos e familiares. Penso que consegui juntar mais coragem, o que foi necessário para lidar com um objeto de pesquisa tão complicado quanto militares e segurança no Brasil e circular em ambientes autoritários. Já faz cinco anos que retornei, mas até hoje, volto às memórias da mobilidade para resgatar energia, paixão e força para continuar resistindo e, por isso — e por toda a minha formação — minha gratidão e reconhecimento à UFF são eternos.

Referências

ADJUTO, Graça. Mundo enfrenta pior crise de refugiados desde a 2ª Guerra, diz União Europeia. *Agência Brasil*, 14 ago. 2015. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2015-08/para-uniao-europeia-mundo-enfrenta-pior-crise-de-refugiados-desde-2a>. Acesso em: 01 fev. 2021.

ARANTES, Paulo. *O novo tempo do mundo: e outros estudos sobre a era da emergência*. São Paulo: Boitempo, 2014.

COLON, Leandro. Assustada e com marcas de balas, Paris fica vazia. *Folha de São Paulo*, 14 nov. 2015. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/11/1706473-esvaziada-paris-esta-em-choque-e-sob-marcas-de-bala.shtml>. Acesso em: 01 fev. 2021.

DORLIN, Elsa. *Autodefesa: uma filosofia da violência*. São Paulo: Ubu, 2020.

GALULA, David. *Pacification in Algeria*. California: Rand Corporation, 1963.

SCHMITT, Celine. Em busca de segurança e de uma vida melhor na “selva” de Calais. *Agência da ONU para refugiados (ACNUR)*, 10 ago. 2015. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2015/08/10/em-busca-de-seguranca-e-de-uma-vida-melhor-na-selva-de-calais/>. Acesso em: 01 fev. 2021.

RELATO DE UM INTERCÂMBIO ATRAVESSADO PELA PANDEMIA DA COVID-19

MARIANA PACHECO DE ARAUJO ^[1]

No início de 2020, tive a oportunidade de estudar fora do país por conta do Programa de Mobilidade Internacional da Universidade Federal Fluminense (UFF). A Espanha, mais especificamente, a cidade de Sevilha foi meu lar por seis meses. Como estudante de Arquitetura e Urbanismo, o que pesou em minha decisão foi a riqueza cultural e patrimonial que uma cidade histórica como Sevilha teria a me proporcionar não somente como estudante, mas também como pessoa. Pois, apresenta uma identidade própria dentro do próprio país, fazendo parte da comunidade autônoma de Andaluzia que é conhecida por suas influências culturais diversas na arquitetura (com tipologias arquitetônicas características da região); produto dos diferentes povos que ocuparam a região.

Outro fato que ajudou na escolha do país foi o idioma, já que há três anos vinha estudando o espanhol no PROLEM (Programa de Línguas Estrangeiras Modernas) da UFF e me sentia bastante animada em poder aproveitar a oportunidade para praticar e poder me

^[1] Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pela UFF. Foi intercambista na Universidad de Sevilla (Espanha) em 2020.

desafiar a estudar e pensar de modo constante em outra língua. Interessei-me pela cidade justamente por querer conhecer mais sobre o sotaque andaluz.

Antes mesmo de começar de fato essa viagem, eu sentia que dominava o idioma sob uma perspectiva formal e gramatical (cometia erros simples sim, mas que de forma geral não limitavam a capacidade de entendimento do outro). Meu objetivo era poder me desenvolver ainda mais junto ao idioma.

Viajei no final de janeiro, primeiro a Portugal. Antes de realmente chegar onde eu moraria de fato. Quase como uma rodada teste antes de começar o jogo de verdade. Tive a oportunidade de me ambientar, pela primeira vez, com um outro português que por muitas vezes me pareceu outra língua completamente diferente. Palavras simples do vocabulário diário como “fiambre” para presunto e “comboio” para trem se fizeram presente nos momentos de conversa com as pessoas. Já acostumadas com a presença de tantos brasileiros, muitos traduziam para seus sinônimos, buscando facilitar a comunicação.

Assim que comecei a me acostumar com as palavras diferentes do uso corrente do vocabulário lusitano, já partia à Espanha. De ônibus até Sevilha.

Esse foi outro momento querido, pois ainda que os ônibus sejam comuns no Rio de Janeiro, a paisagem tão distinta do que costumava ver em andanças pelo Brasil e a mudança de ambientação (em relação à tipologia arquitetônica) de Portugal à Espanha fizeram sua devida marca nas minhas memórias.

Assim que cheguei na cidade (mais especificamente na *Plaza de Armas*) já comecei a exercitar tudo que aprendi em sala de aula, pedindo informações de qual ônibus pegar para chegar ao *hostel* em que eu ficaria até alugar um quarto. Não esperava que o espanhol fosse vir com tanta facilidade como foi. Ainda que não sáísse perfeito em alguns momentos e houvesse mistura de palavras com o português.

O *hostel* ficava no centro histórico. Aproveitei para já, nesse primeiro momento, caminhar pelo entorno e conhecer um pouco da dinâmica e da característica das ruas e quadras dos bairros históricos. E conhecer um dos pontos turísticos mais famosos conhecido, como *Las Setas de Sevilla*, monumento fruto da vontade de renovação urbana junto à *Plaza de la Encarnación*. Ele se destaca muito na paisagem por ser uma grande estrutura de madeira, cobrindo quase completamente o espaço livre da praça com suas passarelas elevadas.

Logo nos primeiros dias, o que me chamou mais atenção foi a diferença na rotina dos sevilhanos. O dia começa mais tarde do que o dos brasileiros (principalmente quem acorda às 5h da manhã para pegar condução para o trabalho), imagino que por conta do dia amanhecer mais tarde. No inverno, estação em que cheguei na cidade, amanhecia em torno das 8h horas da manhã. Além disso, no meio da tarde, entre 15h e 1 h, a maioria das lojas (menos as que eram franquias multinacionais) fechava. Era comum ver pessoas na rua até às 23h, mas infelizmente, o transporte público encerrava seu expediente à meia-noite.

Por ser uma cidade com a malha urbana concentrada, principalmente, na região do centro histórico (não havendo condições de comportar uma intervenção para um modal como o metrô no solo por conta das fundações das antigas construções), a oferta de transporte público é concentrada por meio de linhas de ônibus. Extremamente mais eficientes do que os que vemos no Rio de Janeiro, com um sistema de aplicativo de celular que monitorava cada veículo e informava a quem iria embarcar o tempo, que demoraria, para o próximo ônibus da linha chegar. E eram pontuais, na maioria das vezes.

A primeira semana foi planejada para organizar minha situação com a *Universidad de Sevilla*, enquanto estudante de mobilidade, e alugar um local de moradia. Escolhi ser dessa forma para me permitir visitar os imóveis e assim decidir com mais certeza se o lugar era ideal para mim. Minha mãe e minha tia me auxiliaram durante

esse primeiro momento, pois estava me sentindo um pouco insegura de viajar e tomar tantas decisões importantes (não tinha muita experiência com aluguéis ou viagens). Entretanto, os acordos para as visitas eu organizei por mim mesma, já que era a única que tinha um domínio maior no idioma. Os desafios vinham e a cada passo me sentia mais confiante de que a experiência de viver sozinha daria certo.

Acredito que por sorte, consegui encontrar e alugar um quarto num apartamento bem próximo ao *campus* do meu curso. Semelhante a uma república, eu viveria com mais quatro mulheres e todas eram espanholas. Teria necessariamente que me expressar e interagir com todos em espanhol.

As impressões dessa primeira semana foram de uma cidade focada no turismo, principalmente no centro histórico. Porém, a região onde de fato morei não tanto, por ser uma área mais nova (projetada e ocupada somente durante século XX) e residencial. Além de ser bem segura, talvez por ser uma cidade de médio porte, essa sensação se sobressaiu. Tudo me pareceu muito bem conservado, com a presença de muitas praças, algo não muito comum na minha vivência do subúrbio do Rio de Janeiro.

Na primeira semana de aula, me aventurei em conhecer a infraestrutura e as edificações que compunham o *campus* Reina Mercedes, não somente o prédio em que estudaria. Ambientação muito diferente do que estava acostumada, com equipamento próprio para a realização de atividades práticas para meu curso e diversas salas de estudos. Poder se reunir com grupos de trabalhos em lugares próprios para fazer projeto ou reunir para discussão teórica foram possibilidades bastante animadoras. Visto que as infraestruturas do meu curso às quais estou acostumada, infelizmente, são um pouco precárias.

As aulas em si me trouxeram confiança. Conseguia acompanhar o conteúdo que o professor passava. Conheci diversas pessoas em mobilidade acadêmica como eu e fui me juntando a pessoas de diferentes trajetórias e países para grupos de trabalho. Conhecer um

pouco das suas histórias, saber de onde eram e como era a vida nesses lugares foi incrivelmente divertido e ótimo para criar assuntos constantes para conversas.

Os desafios de compor uma rotina para o dia a dia foram inúmeros. Criei um hábito de sempre, na saída das aulas, passar nos diversos supermercados que tinham, ao longo da avenida onde morava, para comparar preço de produtos. Era como se eu nunca tivesse feito compra de mercado antes, pois não havia nenhuma marca conhecida de produto e eu precisava sempre comprar experimentando. Adicionado ao outro empecilho do preço (sempre fazendo contas de câmbio na cabeça para avaliar se determinado produto valia a pena ser comprado).

Também criei o hábito de, toda noite, jantar com as meninas que moravam comigo. Normalmente nossos horários não convergiam para almoçarmos juntas, mas para jantar era mais fácil.

Nesses momentos de fim de dia, conversei bastante. Falaram-me sobre os canais de televisão e os programas que eram mais populares (similar com o que ocorre no Brasil, os *reality shows* e programas musicais se destacam mais). Como sempre gosto de, quando converso com pessoas de outras regiões do Brasil, comparar alguns programas com os que são exibidos no Brasil e a similaridade de expressões e palavras que existem no espanhol e no português.

Surpreendeu-me perceber que as pessoas da Espanha não têm uma conexão tão próxima a Portugal ou ao português, como pensei que teriam por serem culturas similares e estarem geograficamente próximas uma da outra. Ao menos entre os espanhóis que conheci (a maioria da área de arquitetura e urbanismo), me pareceu saber mais sobre o idioma italiano que o português. Talvez seja devido à influência que a Itália e sua cultura possuem para o ensino da arquitetura na Europa.

Uma memória interessante que tenho das conversas com as meninas, que compartilhavam o apartamento comigo, é que algumas

eram de cidades próximas a Sevilha, cerca de 2h a 3h de distância e com este argumento de viver longe de onde se estuda, moravam na cidade. Para mim, é interessante notar como a percepção do tempo é uma coisa que varia de pessoa para pessoa. Eu estava acostumada a levar esse tempo no transporte de minha casa até a faculdade, fazendo transbordo com três modais para cruzar a Baía de Guanabara. Para mim, que moro numa metrópole como o Rio de Janeiro, não é tão estranho morar a tantas horas de distância da universidade como elas comentaram. Mas é claro, nada é melhor que morar próximo onde se estuda.

Uma dessas noites em meados de fevereiro, ainda um frio ao qual não me acostumava nunca, duas delas me chamaram para sair depois da minha aula para me mostrar um pouco do centro histórico e do rio Guadalquivir. Pude experimentar comidas típicas da região como o *jamón ibérico* e o *jamón serrano*, que são tipos de presunto e a forma com que normalmente comem os espanhóis: com diversas pequenas porções de diferentes alimentos chamadas *tapas*. Ao contrário do que ocorre na capital da Espanha, que o termo *tapa* corresponde a pôr um alimento (exemplo presunto ou queijo) em cima de uma fatia de torrada, na Andaluzia corresponde a um tamanho de porção, a menor porção servida no restaurante.

Caminhamos por algumas ruas onde elas me mostraram os monumentos mais visitados da cidade como a *Torre del Oro* e a *Catedral de Sevilla* (todos muito próximos entre si). Além da rua que marcava o espaço do antigo bairro judeu da cidade. O passeio foi muito agradável e no fim ainda me deram dicas sobre o aplicativo de transporte público para saber a localização dos ônibus.

Outro momento, em uma das conversas, foi quando uma das moradoras comentou que a cunhada era cantora de música flamenca. Esse estilo musical me conquistou, conhecia um pouco sobre a dança e o ritmo, mas quando ela me mostrou sobre as diferenças do estilo em cada província de Andaluzia, aproximei-me do flamenco. No dia

de Andaluzia, em 28 de fevereiro, fui a um show de música flamenca no *Museo de Artes y Costumbres Populares de Sevilla* localizado no *Parque de María Luisa* (um grande jardim público entre o centro histórico e o *campus* Reina Mercedes) que mostravam os diferentes ritmos existentes e como se diferenciavam a partir do tipo da música e da dança.

Depois desse primeiro mês de adaptação, comecei a me organizar para conhecer outras cidades espanholas e sair mais para conhecer mais a cidade como uma estudante intercambista com outros estudantes em situação igual a minha. No entanto, no dia 16 de março foi decretado *lockdown* no país todo, para tentar frear o aumento do número de casos de Covid-19 na Espanha.

Fiquei em quarentena no apartamento, sozinha. Todas as meninas voltaram para suas respectivas cidades. O que seriam 15 dias, prorrogou-se até o fim do período letivo em meados de junho.

Tive que me adaptar uma vez mais a uma nova rotina. Estar em uma cidade nova que não conhecia tão bem assim (apesar de cada dia conhecer um pouco mais por conta dos estudos nas disciplinas que escolhi cursar serem sobre a cidade de Sevilla) e continuar os estudos da universidade por meio do ensino remoto, com o agravante que não consegui formar muitos laços com quase ninguém das turmas que estava inscrita, limitando minhas interações com outras pessoas, espanhóis e intercambistas. Durante todo esse período, eu mantive contato principalmente com as pessoas com quem eu já havia formado grupo para os trabalhos da faculdade. E este era feito somente para isso, poucas vezes conversamos sobre outros temas.

A imersão com a língua também se limitou às aulas, ainda que com interações bem formais, visto que a forma de tratamento entre aluno e professor é feita de uma maneira mais hierarquizada que no Brasil. Além dos programas de televisão e músicas espanholas que sempre ouvia para fazer as refeições. Entretanto, com o caminhar da pandemia, não conseguia regularmente assistir televisão e ver o jor-

nal local. A sensação de medo e ansiedade era muito presente e ouvir tantas notícias tristes todos os dias foi ficando cada vez mais difícil.

A solidão nunca foi algo que me incomodasse. Ainda assim, tornou-se necessário haver a música e a fala em voz alta para realizar qualquer tarefa, para me balizar o máximo possível dessa sensação de solidão. Estabeleci o hábito de ligar para minha família no Brasil, todos os dias, para diminuir ainda mais essa sensação.

Esses momentos todos foram de extrema importância para que eu conseguisse seguir até o fim com o período letivo. O foco nos estudos, ao mesmo tempo que foi muito difícil devido às incertezas de futuro e bem estar mental, foi muitas vezes o que me mantinha bem para passar o dia seguinte.

A rotina que as aulas remotas criavam moldava meus dias e minhas preocupações. Cada dia podia ser somente sobre o que farei para comer com o que ainda há na despensa (no primeiro mês da quarentena não tive coragem nem de pôr a cabeça na janela e optei por racionar a comida que tinha até ter necessariamente que comprar mais) e as tarefas a serem entregues na semana.

Quando a comida da despensa acabou, já em abril, tomei a decisão muito difícil, por estar bastante receosa com o nível de infecção, de fazer compra de mês pela internet para entregar na porta de casa. Nunca havia feito operação semelhante, já que tinha o hábito de comprar conforme a necessidade ou semanalmente. Essa decisão foi o que me salvou, pois consegui me organizar em um planejamento mensal de tudo o que consumiria para poder comprar de uma só vez.

Cada dia me mostrava que eu era capacitada para lidar com as dificuldades. Mostrei a mim mesma (com muito apoio de pessoas queridas) que eu sou uma pessoa responsável e capaz de viver como uma adulta. Medo este que me afligia nos momentos antes de viajar para essa mobilidade e durante os dias mais difíceis da quarentena.

O fim do período letivo da universidade foi marcado juntamente com a chegada da nova normalidade na Espanha. Eu estava de férias e

poderia aproveitar o último mês de intercâmbio para passear por Sevilha (já havia me decidido que não iria sair da cidade por conta do risco de infecção), mas eu me sentia ainda muito insegura para sair de casa.

Somente no dia 16 de junho, acumulando coragem e ansiedade de não aproveitar cada minuto que me restava na cidade, saí pela primeira vez, com o objetivo de levar o lixo para fora.

Tive uma sensação de felicidade, poder descer as escadas do prédio e ver o céu extenso e azul quando pisei na rua. Sentir após tantos meses o sol no corpo. Esse momento foi único e realmente especial. Por ter aguentado e ter persistido e como consequência poder ter aproveitado desses pequenos momentos de se sentir viva e feliz por estar viva.

Todas as vezes que saí, durante o mês de junho, foram para cumprir funções práticas e, posteriormente, aproveitando que já havia saído para caminhar um pouco pelo bairro. Assim eu conseguia me convencer que, mesmo entrando em risco, eu estava fazendo algo necessário para a manutenção da boa rotina e cuidado doméstico.

Com cada uma dessas saídas “experimentais”, eu redescobria a cidade que vivi por quatro meses. Reconhecia os cantos e ruas e prédios de um tempo de outrora sob condições diferentes. E ao mesmo tempo, conhecia uma nova Sevilha, passeando por lugares no entorno que não havia podido ir antes.

Quando entrei no meu apartamento para o *lockdown*, a cidade ainda estava em sua versão de inverno com as árvores sem folhas e dias opacos. Porém, quando saí, a paisagem já era completamente diferente. A cidade brilhava com o verão. Tudo era mais claro e nítido. As ruas tinham outra forma. As árvores pareciam maiores com suas copas cheias de verde.

Com o passar das semanas, eu me sentia mais corajosa para ir mais longe. Caminhei até o *Parque María Luisa* e a *Plaza de España*. Em outro momento fui ao centro histórico. Passei a me permitir retornar ao objetivo inicial dessa experiência toda, conhecer a cidade.

A situação na Espanha e principalmente em Sevilha era na época muito boa, pois os casos de Covid-19 estavam quase zerados e as pessoas (principalmente turistas) começavam a retornar para as ruas.

Infelizmente, não consegui organizar muitos encontros com as pessoas com quem conheci e mantive contato durante a quarentena, porque muitas delas já haviam retornado para seus devidos países e cidades. Assim, no último mês de julho, com mais fôlego devido às boas notícias acerca do controle da pandemia no país, realizei passeios turísticos como o *Real Alcázar de Sevilla* e conheci áreas mais afastadas da cidade como os bairros de *los Remedios* e de *Triana*, do outro lado do rio.

Os estudos que fiz sobre a morfologia e história da formação da cidade me instigaram a buscar, ver e caminhar pelos espaços urbanos que por meses só vi em imagens e fotos. Momentos de muita emoção em reconhecer lugares e monumentos anteriormente trabalhados na faculdade.

As ruas, apesar de mais movimentadas em fins de julho do que em comparação com meados de junho, não eram a sombra do que foi a cidade em termos de vivacidade durante o mês de fevereiro. Muitas ruas do complexo emaranhado que é a malha urbana do centro histórico se encontravam desertas. Muitas e muitas lojas fechadas. O clima de verão quente e seco não facilitava em nada, em muitos dias só começava a circulação de pessoas nesses espaços no fim da tarde (perto de oito da noite) por conta do calor excessivo.

Em um dia na última semana de julho, quando eu consegui ir visitar a *Catedral de Sevilla* e finalmente subir em *La Giralda* (um dos símbolos da cidade) me emocionei por poder ver do alto a cidade que me acolheu, num momento tão difícil para mim, em que me senti sozinha e sem perspectiva de melhora por muitos dias e muitas noites. Sentimento ainda intensificado por cada abertura da torre permitir identificar cada pedacinho da cidade na paisagem.

Nesse momento, senti que apesar de tudo, consegui me manter firme e de fato conhecer o lugar em que eu estava. A sensação de gratidão por perceber isso se fez presente em mim até o final do passeio.

E como é de praxe, tudo tem um fim. Voltei a minha terra e a minha cultura. Muito mais apreensiva do que gostaria por conta da pandemia e a situação de calamidade que o Brasil se encontrava (e infelizmente ainda se encontra). Apesar disso, fiquei muito feliz por poder voltar. A sensação de voltar é triste por deixar algo, mas ao mesmo tempo é boa por retornar a algo.

Meu apreço pela Espanha e ainda mais pela cultura andaluza só cresceu após todas essas experiências que passei e que realizei. Mas meu apreço pelo Brasil continua tão forte que me senti aliviada por ter onde e por quem voltar. O futuro é incerto, mas percebi (e venho sempre sendo relembra da disso) que eu tenho a agência de produzi-lo da maneira que julgo ser a melhor. Assim, ainda que nada tenha sido como esperado, me esforcei para valorizar o momento e me centrar no futuro que estou construindo.

Essa experiência foi responsável por crescer em mim um desejo ainda maior de aprender a falar e ser entendida por mais pessoas. Conhecer a lógica por trás de um idioma e suas gírias, como as pessoas interagem entre si no dia a dia. Elementos linguísticos muito similares, porém, usados de outras formas. Voltei para casa ansiando saber ainda mais sobre as nuances da língua espanhola (como sabemos falada em diversos países) e por aprender ainda tantos outros idiomas.

Guardarei esses aprendizados tanto acadêmicos quanto pessoais que adquiri, durante a mobilidade, e seguirei buscando me aprimorar cada vez mais. Percebi com tudo isso que eu sou muito mais capaz do que acreditava ser. Eu ainda hoje lembro com muito carinho de todos os momentos de dificuldade e de felicidade, como se tivessem acontecido ontem. Agradeço a mim mesma por ter persistido até o fim e ter acreditado em mim.

DO PRINCÍPIO DE UM SONHO AO COMEÇO DE UMA NOVA REALIDADE

MICHELLE AMAIRANI JARILLO FUENTES^[1]

Meu nome é Michelle Jarillo, sou formada em Turismo pela *Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo, México*. Atualmente sou administradora de maneira virtual de uma casa de férias, localizada no estado de Veracruz, México, chamada “*La casa de Jarillo*”, além de trabalhar presencialmente como assistente administrativa em um escritório de venda de seguros, na cidade de *Tulancingo* no estado de *Hidalgo*, México. No ano de 2018, tive a oportunidade de fazer o meu intercâmbio acadêmico na Universidade Federal Fluminense, na faculdade de Turismo e Hotelaria, *Campus Gragoatá* por dois períodos. Aquela experiência foi o primeiro contacto que eu tive fora de meu país. E com certeza a melhor decisão que eu já tomei.

Em um princípio, eu achava que fazer intercâmbio fosse a meta final: o esforço constante de manter boas notas, aprender mais de uma língua e juntar o dinheiro suficiente para poder arcar com a manutenção. Mas, quando se aceita o desafio de fazer intercâmbio, nunca se está completamente preparado para tudo o que acontecerá.

^[1] Graduada em Turismo pela Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo (México). Foi intercambista na UFF em 2018.

Nada nesse processo é fácil, tudo requer esforço, tempo, dinheiro e muita, muita paciência; desde o preenchimento dos formulários das universidades até as reservas dos voos ou as entrevistas para obter o visto para viajar. Mesmo assim, cada um desses pequenos grandes esforços valem a pena. Contudo, é só a parte visível desse iceberg chamado intercâmbio, já que uma vez que você pega seu voo é quando começa a sua aventura, quando tudo o que ninguém fala que vai acontecer durante a sua estância em outro país acontece.

Em primeiro lugar, eu gostaria de falar das diferenças e semelhanças socioculturais que eu achei entre o México e o Brasil. Depois, sobre o Programa de Apadrinhamento da Secretaria de Relações Exteriores da Universidade Federal Fluminense e de como esse programa é um grande destaque que tem essa instituição. Logo a seguir, falarei da convivência que eu tive com outros estrangeiros e brasileiros dentro e fora da Universidade Federal Fluminense. E por último eu falarei sobre como o intercâmbio tem me ajudado na minha vida pessoal e profissional.

Diferenças e similitudes socioculturais entre o México e o Brasil

Imagem 1. Festa de aniversário com intercambistas do Peru, Colômbia, México e Japão



Fonte: Acervo pessoal

A língua

Vamos começar com a maior diferença que se tem entre os dois países: a língua. No México, a língua mais falada é o Espanhol já seja como língua materna ou como segunda língua. No Brasil, por outro lado, a língua oficial é o Português. Mesmo quando as duas línguas têm suas origens no latim, existem muitas palavras que têm em comum. Chegar do México para o Brasil sem nenhum conhecimento prévio da língua portuguesa foi todo um desafio.

No princípio, eu não conseguia entender o que as pessoas falavam para mim, o ritmo com que elas falavam e ainda quando eu conseguia entender algumas palavras algumas vezes tendo o mesmo

som em espanhol que em português não tinham o mesmo senso nem em uma língua nem em outra.

Aprender outra língua é com certeza a parte que mais trabalho tem me custado, mas é uma experiência inigualável quando você logra manter a sua primeira conversa com algum nativo numa língua que não é a sua.

A comida

Outra grande diferença que tem México e Brasil é a comida, se bem que tem muitos ingredientes que a comida latino-americana compartilha como a batata, o feijão, a abobrinha, o milho, o arroz que são parte fundamental da comida diária, tanto no Brasil como no México, o jeito de ser preparadas as comidas é bem diferente.

Uma das primeiras coisas que um intercambista faz, na hora de morar noutro país, é julgar a comida. Alguns falam que outras comidas não são tão boas ou tão gostosas como as próprias, mas pessoalmente eu acho que não é isso não. A história da culinária é diferente em cada país, em cada estado, em cada região e inclusive em cada cidade, dependendo de muitos fatores como o clima, as culturas locais, os recursos que se tem, o que tem chegando com os imigrantes que agora moram lá; todos fatores que fazem parte da riqueza cultural de cada lugar, então, eu não acho que esteja certo falar que uma comida é melhor do que outra. Eu acredito que cada uma tem uma mistura de misticismo e tradição e, que para poder entendê-las, se tem que ter uma mente aberta a experimentar novas experiências, novos sabores, novas cores, novos cheiros, que te vão deixar entender a magia de cada comida.

A paixão pelo futebol

A última diferença sociocultural da qual vou falar é a paixão pelo futebol. Eu comecei meu intercâmbio em 2018, ano no qual também aconteceu o Mundial de Futebol, na Rússia, eu não sou fã do

futebol, mas no meu país, a paixão futebolística existe. Lembro-me que sempre que acontecia algum evento tão importante assim como os mundiais, nas escolas meias e elementares, desejavam os alunos assistir aos jogos do México e às finais, mas depois disso tudo voltava ao normal. Nas universidades, não acontecia nada não, a maioria dos professores não parava as atividades pelos jogos; os alunos continuavam com as aulas normais. Nas cidades grandes, as pessoas se juntavam perto de monumentos nacionais e festejavam quando o México ganhava, mas no Brasil, os jogos são tomados com muita seriedade. As ruas vazias na hora das partidas, tudo fechado com exceção das lanchonetes, bares e restaurantes que ficavam cheios de pessoas assistindo às partidas pela televisão, o transporte público parado, a maioria das aulas canceladas. Na Praça Mauá, no Rio de Janeiro, uma tela gigante e um cenário eram colocados um dia antes de cada partida do Brasil, e diversos artistas se apresentavam para amenizar o ambiente, antes dos jogos e para festejar as vitórias ou para amenizar as derrotas. Sem dúvida, uma experiência maravilhosa por completo.

Programa de Apadrinhamento da Secretaria de Relações Exteriores da Universidade Federal Fluminense

Imagem 2. Piquenique de Benvinda PAI 2018.1



Fonte: Acervo pessoal

A Universidade Federal Fluminense brinda os intercambistas com uma oportunidade que não há em muitas outras universidades; o assessoramento por parte de alunos voluntários, no programa de apadrinhamento melhor conhecido como PAI, pelo qual universitários de distintas faculdades e bacharéis são selecionados para dar apoio como o primeiro contacto dos intercambistas.

Alguns meses antes da chegada dos novos alunos internacionais, o pessoal da secretaria de relações exteriores contacta os intercambistas e os alunos; criam alguns meios de contacto como grupos de *Facebook* para eles se apresentarem, e mandam por e-mail o número de telefone e o correio dos “padrinhos^[2] para os afilhados”^[3] e vice

^[2] Refere-se ao aluno selecionado pela Secretaria de Relações Exteriores para ajudar a um intercambista.

^[3] Intercambista participante no Programa de Apadrinhamento.

versa para eles se contatarem diretamente. De esse contato direto, surgem muitas oportunidades de interação entre os padrinhos e os afilhados. Alguns dos padrinhos se oferecem para receber seus afilhados no aeroporto, mostrar para eles as faculdades, a cidade, procurar moradia, ajudar eles com a carga acadêmica etc. tudo depende da interação, resposta e interesse de ambas partes.

Chegando ao Brasil, nos primeiros dias das aulas, a Secretaria de Relações Internacionais faz uma reunião onde estão presentes os padrinhos e os intercambistas e onde eles explicam para os intercambistas todos os processos de inscrição para as aulas, os aspectos das permissões, regulamentação, visto, etc. E depois fazem um pequeno lanche para conviver entre todos e se integrar melhor com os intercambistas.

Esse primeiro contacto que a gente faz com a instituição de maneira exitosa não poderia ser possível sem toda a ajuda e o trabalho de cada um dos encarregados da secretaria de relações exteriores. Obrigada a cada um deles por todo o seu esforço.

Convivência com outros estrangeiros e brasileiros dentro e fora da Universidade Federal Fluminense

Imagem 3. Festejo do dia de mortos com intercambistas e alunos brasileiros da UFF



Fonte: Acervo pessoal

Como eu falei anteriormente, o fato de ter o Programa de Aparentinamento é de muita ajuda para os intercambistas; pois além de organizar diversas atividades sociais e recreativas ao longo do período, criam laços de amizade que transcendem fronteiras, aliás, a vantagem que eu tive para conviver melhor com outros intercambistas e que eu não fui a única intercambista na República onde eu estava morando. Durante dois períodos que eu morei lá, tive uma maior aproximação com outras culturas, por meio da interação diária com outros estrangeiros, mas como tudo na hora da convivência se tem coisas boas e ruins, hábitos de outras pessoas que se tem em comum e alguns outros que são diferentes, mas que um tem que aprender a tolerar por respeito e empatia com os outros.

Por outro lado, a convivência diária com alunos das turmas nas quais estive inscrita me ajudaram a melhorar meu português, sem

embargo foi um pouco mais difícil a aproximação e o relacionamento com os alunos que não formavam parte do grupo do PAI.^[4]

Parece-me que isso se deve ao fato de que, muitas vezes, os alunos não achavam o jeito certo para se aproximar para falar comigo, achando que não íamos ter afinidade, que eu não ia querer falar com eles ou, inclusive, alguns outros pela vergonha de tentar falar inglês ou espanhol achando que eu não ia conseguir entender-lhes no português. Mas eu só consegui saber as causas do por que os brasileiros não falavam comigo até meu segundo período de intercâmbio. No princípio, eu achava que era eu a que tinha problemas para me relacionar com os meus companheiros, mas depois de ter falado com alguns outros intercambistas a respeito da minha frustração por não conseguir interagir mais com outros brasileiros, eles me falaram que tinham o mesmo problema com os companheiros deles.

A maioria dos intercambistas que tiveram o mesmo problema do que eu, só estudaram na Universidade Federal Fluminense um período e alguns deles ficaram com o mesmo senso de frustração de querer se relacionar mais com os brasileiros, mas não conseguiram. Mas os intercambistas que ficaram por dois períodos, conseguiram identificar as causas antes mencionadas pelas quais os brasileiros não falavam com a gente. No nosso primeiro período, os brasileiros nos olhavam com muita curiosidade, sempre tentando ajudar mais nunca ficando perto de mais, só conversas simples de alguns minutos para depois ir embora, parecia que nenhum deles tinha vontade de querer nos conhecer. Pelo contrário, no meu segundo período, tinham alunos nas turmas que cursei, que eu tinha olhado antes, que se aproximaram mais, depois de saberem, que eu conseguia compreender a língua deles e depois de ter feito atividades acadêmicas juntos, eles começavam a me incluir nas conversas diárias, nos almoços, nas saídas como amigos, e foi daquele jeito que eu consegui me apro-

^[4] Programa de Apadrinhamento da Secretaria de Relações Internacionais.

ximar dos brasileiros e ajudar os outros intercambistas novos, que tinham aulas em comum comigo a se aproximarem também deles.

Como o intercâmbio tem me ajudado na minha vida pessoal e profissional

Imagem 4. Praia do Perú, Cabo Frio. Rio de Janeiro. Brasil. Fotografia, Hebert Velandia



Fonte: Acervo pessoal

Pessoalmente, o intercâmbio me ajudou muito, passei uma transição muito grande. O jeito de eu ir evoluindo, experimentando, me autoavaliando, autoconhecendo e saindo de minha zona de conforto, me fez passar de ser uma pessoa temerosa, desconfiada e insegura a ser mais segura, a desejar trocar coisas no meu entorno, experimentar novas experiências, empreender novos negócios, e se-

guir interagindo com outras culturas. E me fez ser uma pessoa mais resiliente e tolerante, capaz de se adaptar a novos câmbios.

Profissionalmente, também me permitiu conhecer novos modelos de negócios no setor turístico, me abriu a possibilidade de começar um novo negócio familiar, pois comecei com a ideia de adaptar uma casa que a minha família tem, em uma pequena localidade perto da praia de *Tamiahua Veracruz*, México, a qual ficava sem uso a maioria do tempo, só gerava gastos e que não podíamos manter mais.

Em primeiro lugar gerei um plano de negócios, seguidamente comecei a alugá-la por meio de plataformas digitais como o *Airbnb*, depois, por plataformas como *Whatsapp*, *Instagram* e *Facebook* contribuindo não só para gerar dinheiro para a manutenção da casa, também gerando novos empregos para as pessoas do povo onde se encontra. Ainda tem muita coisa que eu quero implementar, que eu desejo e espero conseguir com o passar dos anos, e nada disso seria possível, se eu não tivesse feito meu intercâmbio acadêmico. Obrigada Universidade Federal Fluminense, por me deixar ser parte dessa maravilhosa experiência.

MEUS APRENDIZADOS EM PORTUGAL

MILLA WAN-MEYL QUINTIERE ERTHAL^[1]

Sexta-feira, 13 de setembro de 2019. Terminava uma saga para dar início à realização de um sonho. Após um ano entre a inscrição no processo seletivo e a viagem para Évora, finalmente cheguei à casa que seria a minha morada por alguns meses. Coloquei as malas no chão, abri as cortinas e lá estava uma imensa lua cheia brilhando e iluminando o meu quarto. Comecei a chorar. O que era para ser um alívio transformou-se num medo inesperado – percebi que não poderia pegar o Busuff e voltar para casa e que o momento com o qual sonhei por metade da minha vida havia chegado. Era real! Estava do outro lado do oceano Atlântico para cursar um semestre de Letras-Literaturas na Universidade de Évora, a segunda mais antiga de Portugal, fundada em 1559.

Na capital do Alentejo, respiramos história por todos os lados. O centro histórico de Évora é circundado por muralhas do século XIV, reconstruídas e restauradas ao longo dos anos e que serviram como proteção a invasões. Entre outros locais e monumentos, em uma área de aproximadamente dois quilômetros e a poucos minutos de distância da casa onde eu tive a sorte de ficar hospedada, havia um templo romano do século I, uma Catedral do século XII, o antigo pré-

^[1] Graduanda em Letras – Português/Literaturas pela UFF. Foi intercambista na Universidade de Évora (Portugal) em 2019.

dio do Tribunal do Santo Ofício do século XIV (atualmente, restaurado e ocupado pela Fundação Eugênio de Almeida) e a Igreja de São Francisco, concluída no século XVI. Ao lado, uma das principais atrações da cidade, a Capela dos Ossos, construída entre os séculos XVI e XVII, cujas paredes e colunas são revestidas por ossos humanos. Gravados no pórtico de mármore, em sua entrada, estão os dizeres: “Nós ossos que aqui estamos pelos vossos esperamos”. O que poderia dar um ar sombrio à construção proporciona o efeito oposto ao nos convidar a uma profunda reflexão sobre a efemeridade da vida.

Critérios para a escolha das disciplinas

A oportunidade de morar numa cidade, declarada patrimônio mundial pela UNESCO e candidata a Capital Europeia da Cultura, e estar cercada por tantas riquezas históricas foram fatores que me influenciaram na escolha das disciplinas que iria cursar no semestre. Assim, além de uma disciplina ligada diretamente ao meu curso, como Literatura Portuguesa, escolhi também as disciplinas de Introdução ao Patrimônio Cultural e Cultura Portuguesa. Após a conclusão do semestre letivo, penso que não poderia ter feito escolhas mais acertadas.

Nas aulas de Literatura Portuguesa, estudamos as manifestações literárias do período entre os séculos XIII e XVI, iniciando com a lírica trovadoresca de D. Diniz, analisando as crônicas de Fernão Lopes e encerrando com o teatro de Gil Vicente, englobando, em uma ordem cronológica, a poesia, a narrativa e o drama. Analisamos ainda, textos selecionados de uma publicação de 1560, o *Cancioneiro Geral*, um conjunto de poesias palacianas compiladas pelo eborense Garcia de Resende, secretário de D. João II. O valor dessa publicação reside na preocupação externada por Garcia de Resende em seu prólogo, por meio do qual apela ao futuro Rei de Portugal que, observe a importância de registrar e estimular a produção literária portuguesa

como forma de afirmação da identidade cultural e da Língua, comparando a valorização da literatura e a preservação dos registros literários a feitos tão importantes quanto a expansão marítima que se intensificava.

Nas aulas de Introdução ao Patrimônio Cultural, aprendi os conceitos de categorias e valores do patrimônio cultural, sejam estes materiais ou imateriais. Para o trabalho final, escolhi apresentar um seminário sobre o Real Gabinete Português de Leitura, caracterizando-o nos seguintes elementos: quando foi criado; sua relação com a comunidade; seu estado de conservação; o motivo de ser considerado patrimônio cultural e a necessidade de sua preservação. A motivação para a minha escolha como estudo de caso se justificou pela vontade de unir os conhecimentos adquiridos na disciplina de Introdução ao Patrimônio Cultural e minha graduação em Letras-Português/Literaturas, sendo também uma forma de unir Brasil e Portugal em interesses comuns, quais sejam, além do legado patrimonial e cultural de imigrantes portugueses no Brasil, a valorização da Língua e da Literatura em Língua Portuguesa. Em um mundo antes do advento da *internet*, era o Real Gabinete Português de Leitura o polo de encontros e intercâmbio de publicações, contribuindo não só com a preservação de obras raras, mas também com o desenvolvimento de uma intelectualidade incipiente.

Por fim, as aulas mais especiais foram as de Cultura Portuguesa. Essa disciplina funcionou como uma espécie de síntese das relatadas anteriormente e balizadora para a minha experiência de intercâmbio acadêmico em Portugal. Nas lições do professor António Cândido Franco, o modelo de formação histórica de Portugal tem por base o hibridismo, contribuindo para a miscigenação característica do povo português e a diversidade de sua cultura. Estudamos, ainda, como a ocupação da Península Ibérica ao longo do tempo por diferentes povos, a saber, celtiberos, romanos, suevo-visigodos, judeus e árabes foi definidora das peculiaridades e da identidade dessa cultu-

ra. Cabe destacar, também nas lições do professor António Cândido, que a romanização ocorrida na Península Ibérica não está na origem direta da Cultura Portuguesa, contudo, quatro pontos se destacam como herança em sua formação: a língua (latim); a religião cristã; a economia agrícola e comercial e a organização administrativa romana. Em Évora, um símbolo remanescente dessa ocupação pode ser ilustrado por uma das principais atrações turísticas da cidade, o templo romano do século I localizado em frente ao Jardim de Diana, em um dos pontos mais elevados do centro histórico.

Relações e conexões

Sempre busquei, nas escolhas que fazia durante o intercâmbio, conectar e relacionar a minha experiência acadêmica, as disciplinas cursadas e as cidades que eu visitava. Foi uma experiência emocionante visitar Roma e seus principais monumentos e entender a magnitude daquele império que ocupou a Península Ibérica por séculos e cujo legado está presente até os dias atuais. Do mesmo modo, a presença de quase mil anos dos árabes na Península Ibérica foi de fundamental importância para a formação da cultura portuguesa. E assim se justificou o meu interesse em conhecer a cidade de Córdoba, na Espanha, situada a poucas horas de Évora. Córdoba também tem sua origem com a ocupação romana na Península Ibérica e podemos, ainda hoje, observar marcas dessa antiga ocupação bem como os da presença de judeus, muçulmanos e cristãos que conviveram pacificamente por séculos nessa região do sul da Espanha. Além da imersão em Évora e das visitas a Roma e a Córdoba, visitei cidades do sul ao norte de Portugal, com destaque para Lisboa, Coimbra, Porto, Braga e Barcelos. Essa última, além do aspecto representativo para a história de Portugal como o local onde surgiu a lenda do Galo de Barcelos, um dos símbolos mais conhecidos do país, meu interesse partiu de uma motivação pessoal: Barcelos é a cidade natal do meu bisavô ma-

terno, que fugiu do seu país durante a Primeira Guerra Mundial para buscar uma vida melhor no Brasil.

E aquela que criticava os que sentiam saudades de casa, os que reclamavam da comida e do frio, eu fui exatamente todos os clichês. Chorava lembrando-me de *Canção do Exílio* do Gonçalves Dias (“*Minha terra tem primores/Que tais não encontro eu cá*” – definitivamente!), agradecia por ter um restaurante brasileiro na cidade e jurei nunca mais passar o inverno em Portugal. Mesmo assim, o período além-mar não foi só um lamento digno de um cante alentejano ou de um fado. Foi, principalmente, o desafio de sair da zona de conforto. De lidar com pessoas de línguas e de culturas diversas, de perceber as diferenças e de valorizar o que nos une. E apesar dos desafios de estar longe de casa, conseguir superar as dificuldades e levar o máximo dessa experiência. Também foi marcante morar com pessoas de países e idiomas diferentes, sendo o inglês a única língua em comum. Durante toda a minha vida, nunca havia morado com pessoas que não eram da minha família. Foi desafiador e gratificante na mesma proporção aprender, na convivência diária, costumes e hábitos diferentes dos meus e conseguir harmonizar a nossa vida em comum.

Segundo lar

Desde os primeiros dias, e mesmo antes de chegar à cidade, me propus a mergulhar na história e na cultura daqueles que me receberiam como intercambista. No início, o jeito mais contido dos alentejanos me inibiu um pouco, mas, rapidamente, adaptei-me à rotina em Évora. Em pouco tempo, os comerciantes acenavam com bom dia e boa tarde quando eu passava por eles e fui me sentindo acolhida. Pelo menos uma vez por semana, visitava o centro de promoção dos vinhos do Alentejo e me sentia quase uma local indicando as melhores atrações de Évora para os turistas que visitavam o espaço de degustação. O mesmo na Universidade de Évora; por diversas

vezes, expliquei detalhes da história da universidade para os turistas, apresentei as salas, tirei fotos, enfim, queria que todos saíssem dali preenchidos com um pouco do conhecimento que eu recebi. E, se o sino da catedral me incomodava nos primeiros dias por tocar de quinze em quinze minutos, logo se tornou a trilha sonora dos meus passeios explorando cada cantinho da cidade. Também não poderia deixar de falar dos sobreiros margeando as estradas na entrada de Évora. Foi inevitável reconhecer o cenário de *Levantado do Chão*, de Saramago, e não me emocionar ao lembrar a forte simbologia das páginas daquele livro. Quase ao final do período de intercâmbio, pude participar, com muita alegria e satisfação, de uma cerimônia realizada pela Câmara Municipal para conferir aos participantes dos programas de mobilidade internacional o certificado de Cidadãos Temporários de Évora (*Youth Ambassadors of Évora*) como forma de promover sua herança cultural e patrimonial pelo mundo. Sem dúvidas, Évora poderá contar para sempre com mais uma divulgadora e admiradora tanto da sua história quanto das pessoas fortes e batalhadoras que ali vivem.

Foi também em Portugal que aprendi tanto a origem etimológica da palavra saudade quanto todos os sentidos nela contidos desde os primeiros registros conhecidos até a sua acepção moderna. Mais um aprendizado das aulas de Cultura Portuguesa: como falantes nativos do português, sabemos que essa é uma palavra especial, sem correspondência exata em outro idioma e que, em um dos seus sentidos, reflete um sentimento contraditório ao produzir inquietação ou sofrimento quando nos lembramos de algo ou alguém distante ou inatingível, ao mesmo tempo em que produz satisfação pelo sentimento de esperança do reencontro. É muito mais do que sentir falta. A saudade que eu sentia da minha família quando estava em Évora e que me fez duvidar dos motivos para ficar (pensei em desistir algumas vezes), depois do meu retorno, transformou-se num imenso sentimento de carinho pela cidade. Acredito que os lugares por onde

passamos se tornam uma parte de nós. E assim foi com Évora. Se fosse possível, como num passe de mágica ou teletransporte, gostaria de morar parte da semana em Évora e parte da semana em Niterói. As duas cidades agora fazem parte da minha história.

Considerações finais

Após essa experiência rápida de alguns meses, porém profunda, sinto que me tornei uma pessoa mais tolerante e aberta a novos desafios, além de mais experiente e segura para aproveitar a próxima oportunidade. Esses meses, em intercâmbio acadêmico, mudaram, sobretudo, a minha visão de mundo. Hoje, penso ser esse o maior aprendizado dessa experiência. Morar em outro país nos faz amadurecer em meses o que demoraríamos anos; a oportunidade de estar fisicamente em locais antes conhecidos somente por meio dos livros e das telas e de estar em contato com professores e alunos de outras instituições são experiências igualmente e significativamente engrandecedoras. Ao ampliarmos a nossa visão de lugar e de papel na sociedade e percebermos o que é verdadeiramente importante para nós, os reflexos dessa ampliação de horizontes e vivências contribuem diretamente para uma formação abrangente e humanizada, características que qualquer pessoa, independentemente da função que exerce, deveria desenvolver. Voltei com essa bagagem riquíssima e certa de que ainda há muitos caminhos a percorrer e desafios a superar, de forma que o período de intercâmbio foi um ponto de virada para meus próximos passos enquanto graduanda e, futuramente, como profissional.

Referências

DIAS, Antônio Gonçalves. *Canção do exílio*. 1846. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000100.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2021.

FRANCO, António Cândido Valeriano Cabrita. *Apostila de apontamentos de cultura portuguesa (aproximação à génese e ao desenvolvimento de uma cultura do conflito; literatura e ideias no primeiro ciclo da cultura portuguesa)*. Évora: Universidade de Évora, 2019.

A MOBILIDADE INTERNACIONAL MUDOU MINHA VIDA

MOISÉS DE JESUS FERREIRA SILVA ^[1]

Há seis anos eu estava embarcando de volta ao Brasil, repleto de boas lembranças e novos sonhos que começaram durante a mobilidade internacional. Quando ingressei na graduação em Relações Internacionais da UFF em 2011, uma das melhores do estado do Rio de Janeiro e do Brasil, tinha expectativas de que a universidade me levasse longe, mas não tinha noção de quantas experiências incríveis viveria. Fazer a mobilidade sempre foi um desejo que tive, mas no início da graduação eu ainda tinha muitas dúvidas e incertezas sobre onde queria ir e o que exatamente gostaria de fazer. Nas próximas linhas eu quero compartilhar um pouco de como a mobilidade não só mudou minha trajetória dentro da UFF, mas também fora dela nos anos seguintes após a conclusão do curso.

Até então, eu nunca havia saído do Brasil uma só vez. Comecei a avaliar as possibilidades e imaginava um destino que me permitisse combinar uma boa experiência acadêmica com atividades que amo fazer fora das salas de aula. Foi aí que surgiu o Canadá, aquele país “gelado” que muitas pessoas só associam a ursos polares e neve.

^[1] Graduado em Relações Internacionais pela UFF. Foi intercambista na York University (Canadá) em 2014.

Geralmente, o centro das atenções na América do Norte fica com o vizinho “de baixo”, Estados Unidos e o Canadá fica meio esquecido. Se o país esteve mais em voga nos jornais nos últimos anos, foi sob a narrativa de se descolar do governo do presidente americano Donald Trump. Sob um olhar superficial ambos os países apresentam muitas semelhanças, porém lhes garanto que uma observação mais cuidadosa deixa claro todo o conjunto de divergências. Foi enriquecedor conhecer mais de perto o Canadá durante os cinco primeiros meses que passei no país.

Parece clichê, mas lembro da viagem de ida como se fosse ontem. Decolei do Rio de Janeiro à noite, e as 19h que se seguiram, entre escalas e conexões, foram de muita ansiedade, pouco sono e expectativas. Cheguei e fui logo me dirigindo para o *campus* da *York University* em Toronto, minha residência e sede acadêmica nos meses que se seguiram. Procurei montar um currículo de disciplinas que me oferecesse perspectivas adicionais ao que já havia estudado nos primeiros dois anos na UFF. Minha grade no semestre de mobilidade focou em negócios internacionais, desenvolvimento econômico e as relações do Canadá com o Ártico. O fato de ser minha primeira viagem ao exterior, além de estudar um considerável período de tempo em outro idioma, me deixou em dúvida se conseguiria dar conta de todo o material. Porém, mal sabia eu que a UFF tinha me preparado muito bem.

A intensa carga de leitura, conhecida por todos nós que adentramos o ensino superior, além dos textos em língua estrangeira dos teóricos de Relações Internacionais, faziam parte da minha rotina cotidiana no *campus* do Gragoatá, onde assistia às aulas ministradas pelos professores do Instituto de Estudos Estratégicos (INEST-UFF). Em termos de ritmo e conteúdo acadêmico, a UFF não ficou atrás de uma universidade de primeira linha em um país desenvolvido. Graças à minha prévia experiência na graduação, naveguei de forma muito positiva por todos os compromissos acadêmicos, provas e projetos.

Fiquei feliz ao perceber que meu rendimento como graduando continuava de excelência, mesmo naquele novo ambiente multicultural.

Por falar em multiculturalidade, é impossível descrever minha experiência durante a mobilidade sem mencionar minha interação com pessoas de todos os cantos do mundo. O Canadá insere em sua população, anualmente, algumas centenas de milhares de imigrantes que chegam ao país para residir de forma permanente. Outros milhares chegam para passar um período temporário. São estudantes, pesquisadores e profissionais qualificados em diversas áreas que impulsionam a força de trabalho do país, fazendo a economia girar. Toronto, a maior cidade do país com seus mais de cinco milhões de habitantes, é a ilustração fiel desse cenário. Concentrando uma considerável parcela dos imigrantes e residentes temporários, a cidade e sua região metropolitana formam um dos locais mais multiculturais do globo, em termos de pessoas de diferentes nacionalidades e etnias convivendo no mesmo espaço urbano. É impossível caminhar nas ruas sem ouvir diferentes idiomas sendo falados, passar a temporada de primavera-verão na cidade e não “esbarrar” com diversos eventos e festivais, organizados pelas comunidades de cidadãos estrangeiros que agora consideram Toronto seu novo lar. Existem, inclusive, bairros dedicados a diferentes nacionalidades, onde é possível perceber um pouco mais como todos esses grupos compõem a identidade da cidade. Que eu me lembre, passei por bairros que concentravam comunidades da China, Coreia do Sul, Itália, Índia, Grécia e Portugal, esse último também incorporando a comunidade brasileira. Nossa comunidade é crescente em Toronto, e lhes garanto que não precisa fazer muito esforço para ouvir alguém conversando em português pelo centro da metrópole. Outra cidade que abriga diversos brasileiros é Montreal, maior cidade da província de Québec, território de influência e língua oficial francesa. Se Toronto é uma representação perfeita da multiculturalidade do Canadá, Québec está mais para “um país dentro de outro país”. Mesmo que carregue diversos ele-

mentos em comum com os demais canadenses, Québec faz questão de exaltar sua influência francesa e as características que tornam sua identidade única. Visitar a província foi uma grande oportunidade de praticar o idioma francês, que estava estudando desde o meu primeiro período na UFF, além de conhecer mais a fundo a história da colonização francesa na América do Norte. Há séculos atrás, antes que o Canadá fosse um país independente, Inglaterra e França travaram intensas disputas sobre o território. A cidade de Québec, hoje capital da província de mesmo nome, é por isso a única cidade murada das Américas, construída como uma verdadeira fortaleza para que a França resistisse aos ataques britânicos.

Essa incrível multiculturalidade também estava presente dentro da universidade. A *York University* é uma das maiores universidades do país e conta com uma vasta gama de estudantes internacionais, ou de ascendência estrangeira, em seu corpo discente. Minha melhor amiga dentro do *campus* era israelense e falava hebraico em casa com os pais, que são russos — aliás, por causa dela, em 2014 eu comemorei o Chanucá (festa judaica que acontece no fim do ano) e não o Natal, como geralmente faço. Tive colegas da Índia, Bangladesh, Dinamarca, Irã, Argentina e muitos outros países nas aulas e atividades que frequentei. Esses são só alguns exemplos de como a universidade que me recebeu era diversa. Acredito que juntar todas essas pessoas no ambiente acadêmico pode enriquecer muito o debate, principalmente em ciências humanas. Ajuda a trazer novos pontos de vista, perspectivas e elementos que, de outra forma, talvez não fossem contemplados na conversa. Essa era uma técnica utilizada regularmente por pelo menos dois professores meus — aliás, um deles era chileno. Foi muito positivo me juntar, toda semana, com um grupo de diferentes estudantes para debater o tópico e os textos em questão. Sem debate, é como se não tivesse aula, os diálogos davam o tom de cada sessão.

A disciplina sobre o Canadá e o Ártico me fez focar em assuntos que muitas vezes podem passar despercebidos num primeiro momento. Assim como o Brasil, o Canadá também foi colônia e seus povos indígenas e inuíte sofreram, e ainda sofrem, com a exploração de recursos naturais por terceiros e empresas privadas, carecendo da devida proteção do Estado. Da mesma forma que a nossa região amazônica é hoje um grande ponto de pressão entre o agronegócio e as populações locais, num grande debate sobre mudança climática e a necessidade de transitar rumo a um modelo de desenvolvimento alinhado com os limites do planeta, o gelo da região do Ártico se esvai ano a ano enquanto conglomerados de exploração de minerais, petróleo e gás tentam continuar suas operações de forma desenfreada. Esses projetos, muitas vezes, estão localizados próximos ou dentro de reservas indígenas. Porém, não apresentam ganhos ou benefícios significativos para a população local. Eu não tinha a dimensão desse debate até começar a participar das aulas e estudar alguns autores, de origem indígena inclusive. Se o mundo todo já sofre as consequências da mudança climática, o Ártico canadense está aquecendo a uma velocidade duas vezes maior que outras regiões do globo.

O ápice dessa disciplina foi quando a professora nos levou para uma conferência sobre o Ártico, que estava acontecendo em Toronto na época das nossas aulas. Assistimos a apresentações sobre diversos temas que discutimos em sala de aula, na perspectiva de acadêmicos, ativistas e membros da comunidade indígena, não só do Canadá, mas de outros países que compõem o Conselho do Ártico (principal órgão multilateral da região), como Finlândia e Suécia. Participar de todas essas atividades me inspirou a olhar com mais atenção temas de sustentabilidade.

Meu trabalho de conclusão de curso foi sobre a exploração de recursos naturais estratégicos na América do Sul e o papel do Brasil nos principais trâmites e articulações regionais sobre o tema. Depois da graduação, eu atuei numa organização não governamental que

promove a agenda da sustentabilidade no setor privado e articulações com o governo para o fortalecimento dessa agenda no Brasil. Essa vivência específica da mobilidade me fez querer explorar mais a fundo todos esses temas e impactou diretamente minha carreira profissional. Mesmo não trabalhando diretamente com a agenda de sustentabilidade nos dias de hoje, o tema foi pauta nos meus projetos acadêmicos e voluntários durante a pós-graduação.

Por falar em carreira, não faltaram outras experiências inspiradoras. Tive a oportunidade de visitar a capital do Canadá, Ottawa, que fica na fronteira das províncias de Ontário e Québec. Entre os seus diversos prédios imponentes, sede da administração governamental, fica a residência oficial do Governador Geral do Canadá, representante da Rainha Elizabeth II – sim, o Canadá é fiel à Coroa Britânica, sendo o país uma monarquia constitucional onde o chefe de governo é Primeiro-Ministro e a chefe de Estado é a Rainha, sendo representada no país pela figura do Governador Geral. O que mais me chamou atenção na residência do governador, chamada de *Rideau Hall*, é o seu jardim. Lá, as árvores plantadas não estão ali por acaso. Cada uma foi colocada na ocasião da visita de um chefe de Estado estrangeiro ao Canadá. Em uma volta pelo jardim, é possível passar por árvores plantadas por figuras que marcaram a história, como Nelson Mandela, e até mesmo por um chefe de Estado brasileiro, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. Foi incrível caminhar por aquele espaço aberto, ler cada registro e imaginar as pautas discutidas durante a visita dos mais altos representantes de nações estrangeiras que por ali passaram. Durante meu tempo em Ottawa, também pude conhecer o parlamento canadense, sede dos poderes legislativo e executivo, e caminhar pelas câmaras e espaços, que são o cenário cotidiano das discussões sobre as novas leis e políticas públicas que serão adotadas no país. A parte mais marcante da visita se deu na biblioteca, único espaço intacto que pertence ao conjunto arquitetônico original. Durante o início do século XX, o parlamento sofreu um

incêndio e precisou ser reconstruído, quase que por inteiro. A biblioteca, que por cuidado do bibliotecário da época em fechar as portas, mesmo diante da situação perigosa, conseguiu sobreviver intacta e preservar diversas obras clássicas originais em meio à tragédia. Um pedaço da história que não se perdeu e hoje está disponível a todos aqueles que visitam a sede do governo canadense.

Se até o início de 2014 eu não tinha uma ideia concreta do rumo profissional que desejava seguir após a graduação, a visita a Ottawa, os conteúdos estudados na *York University*, e todo o conjunto de experiências que a mobilidade acadêmica internacional pela UFF me proporcionou, foram eficazes em me conceder novas perspectivas e horizontes. Eu estava, então, decidido a seguir uma carreira pautada em temas de interesse público e organizações público-privadas ou sem fins lucrativos. Desde que retornei ao Brasil, essa foi a linha que segui. A experiência da mobilidade não só me ajudou a conseguir um estágio em Relações Internacionais assim que retornei ao Brasil, como também serviu para consolidar o domínio em uma língua estrangeira que é praticamente “pré-requisito” em diversas posições da minha área. A experiência de estudar em uma universidade estrangeira me encorajou a continuar os estudos e buscar novas oportunidades no exterior. Quase dois anos após concluir meu bacharelado na UFF, quando estava pensando em iniciar um mestrado na área de administração pública, o Canadá veio logo à tona. Eu tinha me apaixonado pelo país, sua gente, história e cultura. Não pensei duas vezes, me candidatei para alguns programas de pós-graduação em universidades do país. Fui aceito na minha primeira opção, Universidade de Saskatchewan e tive a oportunidade de enriquecer meu currículo acadêmico com mais um diploma e experiência em diversos projetos interessantes. Eu concluí meu mestrado na área de Administração Pública em 2020 e estou morando na província canadense de Saskatchewan desde então. Mais uma vez, durante o mestrado, tive certeza de que a UFF me preparou para o mundo. Se eu pude prosseguir

meus estudos de forma produtiva e com alto rendimento, foi graças ao aprendizado e experiências que tive no *campus* do Gragoatá e na imersão que a mobilidade internacional proporcionou.

Desde que encerrei o mestrado, estou trabalhando na agência público-privada de Saskatchewan que promove as exportações dos produtos desenvolvidos na região. Antes disso, atuei por um ano na agência governamental de inovação. Sou muito grato à UFF, porque sei que só cheguei até aqui através de uma base acadêmica sólida. Se eu não tivesse participado do programa de mobilidade, não sei onde ou o que exatamente estaria fazendo hoje. Provavelmente não estaria morando em Regina, Saskatchewan, e finalizando esse texto num dia ensolarado de inverno – fazem incríveis -27 °C lá fora. A mobilidade internacional realmente mudou o rumo da minha vida.

A MINHA EXPERIÊNCIA NA UFF

NATÁLIA KOVÁČOVÁ^[1]

O meu nome é Natália e em 2015 passei um semestre estudando no Departamento da Língua Portuguesa no Instituto de Letras da UFF. Nos seguintes parágrafos gostaria de compartilhar alguns pontos da minha experiência com os leitores.

Mesmo que seja originalmente da Eslováquia, estudei na Universidade Palacký em Olomouc na República Tcheca entre 2010 e 2017 (não fiquem confusos, o tempo regular de estudo universitário são cinco anos, mas eu fiz três intercâmbios no estrangeiro e por isso prolonguei esse tempo). Escolhi esta universidade por ser uma das melhores na área das línguas e em 2010 comecei a estudar a filologia inglesa e portuguesa com o objetivo de um dia ser tradutora ou professora. Terminei o meu bacharelado em 2014 depois de três anos na minha universidade e um ano de intercâmbio em Lisboa, Portugal. Quando comecei os estudos no grau de mestrado, no outono do mesmo ano, imediatamente sabia que queria estudar noutro país de língua portuguesa – com o maior número dos falantes desta língua – o Brasil.

A minha universidade original tinha contrato de intercâmbio com três universidades no Brasil, infelizmente a UFF não era uma

^[1] Graduada em Letras pela Palacký University Olomouc (Eslováquia). Foi intercambista na UFF em 2015.

delas. Comecei a pesquisa relativamente às minhas opções quanto ao intercâmbio e descobri que podia fazê-lo em qualquer universidade brasileira, desde que tivesse o programa para os alunos estrangeiros e eu lidasse com todos os requisitos e comunicação entre as instituições. Como ouvi falar bem da UFF, aceitei o desafio e entrei em contato com a Superintendência de Relações Internacionais. Todo o processo foi bastante rápido e simples e depois de ter submetido toda a documentação necessária para a universidade de origem e de destino, no final de dezembro de 2014, fui informada que a UFF me esperava em março do ano seguinte.

Até hoje me lembro muito bem do primeiro dia do semestre. Foi em 4 de março de 2015 e eu aterrei no aeroporto internacional do Rio de Janeiro umas poucas horas antes do acolhimento no *Campus Gragoatá*. Passei apenas uma hora no meu apartamento, deu para conhecer os colegas de casa e já estava na hora de ir para a UFF. Felizmente, a minha madrinha Luísa, que já me tinha contatado algum tempo antes da minha chegada, veio me buscar até a casa. Por este meio gostaria de agradecer a Luísa também por toda ajuda que me prestou durante a minha estadia em Niterói, principalmente na busca do alojamento, o que pode ser muito difícil quando a pessoa se encontra no outro lado do mundo. É importante destacar que o papel do padrinho ou da madrinha não consta em ajuda apenas nos assuntos relacionados a estudo, aulas ou universidade em si, mas também nos assuntos cotidianos como é busca de alojamento, orientação nos transportes públicos, funcionamento de instituições ou lojas e outros aspetos da vida em novo lugar.

O acolhimento do primeiro dia ocorreu muito bem e também deu para conhecer outros intercambistas de vários países. Agradeço aos funcionários administrativos da universidade que nos deram informações necessárias relacionadas às nossas obrigações burocráticas e administrativas após a chegada ao Brasil. Este primeiro contato com o pessoal da universidade e com outros alunos estrangeiros foi

muito importante para todos nós — foi uma nova situação — alguns falaram pouco português e ver outras pessoas na mesma posição foi um momento de solidariedade.

Como já foi mencionado, na minha universidade de origem estudei filologia portuguesa e inglesa e vim para o Brasil para melhorar o meu português e aprofundar os meus conhecimentos na área.

Uma das grandes vantagens do intercâmbio foi a possibilidade de escolher as disciplinas que normalmente não são ensinadas na minha universidade de origem ou se sim, a forma e conteúdo são diferentes. O intercâmbio permitiu me educar em todas as três áreas principais ligadas ao estudo da língua – Linguística, Literatura e Tradução. Com este foco escolhi cinco disciplinas oferecidas no programa do Departamento da Língua Portuguesa. Até hoje tenho boas lembranças das minhas professoras que gostaria de mencionar por nome nas seguintes linhas.

Stefania Chiarelli da Literatura Brasileira, com as suas explicações e discussões produtivas sobre as grandes obras brasileiras do Romantismo e Realismo, sempre trouxe ideias interessantes às aulas. A forma de não só ler, mas também analisar e pensar no que o autor escreve foi marcante.

Bethania Mariani da Linguística III e os temas diferentes da Linguística de enunciação analisados nas aulas e com excelente forma de explicar as coisas e temas até mais complicados.

Carolina Paganine da Crítica de Tradução que me “obrigou” a ler o clássico de Charles Dickens *Grandes Esperanças* em versões inglesa e portuguesa de vários tradutores brasileiros e analisar as abordagens de tradução do livro ao longo do tempo, professora muito exigente, mas ao mesmo tempo superorganizada e orientada na área.

Flávia da Silva das Literaturas Africanas de língua portuguesa, que me abriu o mundo das realidades africanas, o ambiente e temas que influenciam os maiores autores contemporâneos da literatura

africana de língua portuguesa. Suas análises e artigos que trazia às aulas foram superinteressantes.

Giovanna Cordeiro Campos de Mello da Introdução à Tradução que me mostrou o que realmente significa ser um tradutor. Conseguiu combinar a teoria com a prática, mostrando-nos os textos que tinha traduzido (sendo ela própria a tradutora) e quais foram os desafios ou perigos que podemos enfrentar ao fazer este trabalho.

Gostei de todas as professoras e aulas que escolhi, mas como já na altura via o meu futuro na área de tradução, gostaria de destacar o meu agradecimento às professoras Giovanna Cordeiro Campos de Mello e Carolina Paganine, cujas aulas foram excepcionalmente frutíferas e os materiais que trouxe do Brasil uso como as referências até hoje.

Mesmo que o semestre tenha sido marcado pela greve, as professoras fizeram todo o esforço para continuarmos a nossa educação de alguma forma. A maioria das minhas aulas continuou mais ou menos interrompida até junho e quando houve momentos que não foi possível ter as aulas presenciais devido à falta do acesso ao *campus*, as professoras sempre chegaram com uma solução, tivemos as aulas *on-line* ou até nos encontramos noutra lugar para podermos continuar no nosso trabalho e estar juntos em pessoa.

Se não me engano, o fim oficial do semestre devia ter sido em julho e a minha volta para a Eslováquia foi planeada para agosto. Devido à greve, houve interrupções no ano letivo e como o semestre foi oficialmente interrompido, tive de resolver a questão da minha avaliação final para poder voltar à Eslováquia e comprovar na minha universidade que concluí as disciplinas. De novo gostaria de agradecer às professoras acima mencionadas, que conseguiram me fornecer a avaliação final, baseada nos meus resultados parciais, trabalhos escritos e provas feitas nas aulas durante o semestre. Em agosto, voltei para a Eslováquia e todos os resultados foram reconhecidos. Mesmo com a greve, não acho que o semestre foi fácil, escolhi as dis-

ciplinas onde se esperava a participação ativa e tarefas feitas. Todos me trataram de forma justa, mas ninguém me desculpou por ser uma estrangeira e eu também nunca pedi esse tipo de tratamento. Se houve algum problema ou mal-entendido devido à barreira linguística, sempre perguntei ou pedi a explicação adicional. Por isso posso dizer que mesmo que não terminei o semestre de forma “tradicional” (sendo que as aulas voltaram apenas em novembro do mesmo ano), acredito que conseguimos fazer a grande parte do trabalho e conteúdo das aulas e as minhas aprovações foram merecidas.

Durante o intercâmbio na UFF, aprendi muito na minha área e tive a oportunidade de expandir os meus conhecimentos, conhecer professores, livros e materiais diferentes daqueles na minha universidade de origem. Este intercâmbio certamente contribuiu ao meu crescimento profissional na área de línguas, hoje já sou formada pela minha *alma mater* e trabalho na área de educação e tradução.

Como foi mencionado, já era fluente em português antes de chegar para o Brasil, porém foi o português de Portugal (oficialmente chamado de português europeu). Um dos meus objetivos principais, durante o intercâmbio quanto à língua em si, foi aprender e aperfeiçoar o português brasileiro. A imersão em língua não só nas aulas, mas também na vida cotidiana foi uma das melhores coisas. Subsequentemente decidi obter o CELPE-Bras, o certificado de proficiência conferido aos estrangeiros e o único oficialmente reconhecido no Brasil. Existem mais de 60 países pelo mundo onde se aplica e em 2017 viajei para Salzburgo, Áustria para obter o meu. Acredito que foi também graças ao intercâmbio na UFF que o concluí no nível “avançado superior”, que é o nível mais alto que se pode obter.

Fora da aprendizagem da língua, cheguei com o segundo grande objetivo – a pesquisa prática para a minha dissertação de mestrado sobre a história e presença da imigração tcheca e eslovaca no Brasil. Porém não foi em grandes números (assim como no caso dos italianos, portugueses ou japoneses), houve grupos de eslovacos e

tchecos que se instalaram no Brasil e alguns deles tiveram histórias muito interessantes. Ainda antes da minha chegada para o Brasil, pesquisei os descendentes das famílias de imigrantes no Rio de Janeiro e em São Paulo. Conheci também muitos imigrantes da “nova geração”, pessoas entre 30-50 anos e analisei os motivos da sua imigração para o Brasil. Trouxe muito material interessante e os livros que não tinha conseguido comprar na Europa e a minha dissertação foi aprovada com a melhor nota possível.

Além das aulas e aspecto educativo, o intercâmbio certamente serve para aprender sobre nós mesmos, sobre a cultura, tradições e comportamentos noutro país. No meu caso, este foi o segundo intercâmbio durante os meus estudos universitários, por isso vim muito animada e já com algumas ideias na cabeça sobre o que me esperava. Noutro lado, depois do primeiro intercâmbio em Portugal esta vez foi diferente sendo muito longe de casa e fora da Europa onde costumava viajar e me considerava familiar com as nações e culturas de lá.

Neste caso não foi só o intercâmbio no país longe de casa, mas também foi a minha primeira visita ao Brasil (e felizmente posso dizer que não foi a última). A minha grande vantagem foi que a essa altura já falava português, mas mesmo assim demorou algum tempo até me adaptar ao “carioquês”. Falar a língua local foi a grande ajuda no meu dia a dia, lidando com as autoridades, o departamento de imigração da polícia, os correios ou com os funcionários nas lojas. Sendo estudante das línguas, estive em contato com muitos alunos que falavam inglês, mas mesmo assim eu preferia falar português para praticar a língua e poder entender melhor a gíria local.

Tive sorte de conhecer pessoas muito interessantes – estrangeiras e locais – muitos dos quais continuam sendo os meus amigos. Até hoje penso, de vez em quando, nas noites na Cantareira, ouvindo a música brasileira e falando com os amigos de vários países do mundo. Para mencionar alguns nomes, nunca esquecerei Lena, uma menina americana que se tornou a minha melhor amiga durante a

nossa aventura no Brasil. Três anos depois, ela me visitou no Porto em Portugal onde vivia e falámos carinhosamente dos nossos tempos em Niterói.

Não posso deixar de mencionar os meus amigos colombianos, Juan Pablo e Geraldine. Também tivemos sorte de “reviver” os momentos alegres e, em 2019, visitei Bogotá e saímos juntos!

Além disso compartilhei o apartamento com dois meninos sul-americanos, peruano e argentino, fiz boas amizades com os alemães, japoneses e americanos.

Fico muito feliz por poder dizer que também fiz muitos amigos brasileiros – nas universidades europeias é muito mais comum que os alunos estrangeiros se tornem amigos entre si e ficam um pouco fora do grupo dos alunos locais. Isto me aconteceu em Portugal e tive esta expectativa realista também quando vim à UFF. Felizmente, fiquei errada. Pode ser também graças ao fato que não há assim “tantíssimos” alunos estrangeiros (o que acontece nos programas de intercâmbio na Europa), eu fui bem acolhida em cada grupo de todas as disciplinas que frequentava. Tenho de dizer que as professoras acima mencionadas também expressaram grande interesse em mim, perguntaram sobre a minha origem, passatempos, universidade, e fizeram o esforço de me conectar com os outros alunos e me envolver nas conversas, não só dos assuntos das aulas, mas também nos diálogos sobre a vida cotidiana antes ou depois das aulas. Graças a esta abordagem, me senti incluída e apoiada pelos colegas. Até hoje mantenho contatos com vários alunos da UFF pelas redes sociais.

Outra curiosidade é que durante a minha estadia em Niterói me reuni com algumas amigas brasileiras que conheci em 2012, durante o intercâmbio em Lisboa – foram elas que me falaram bem da UFF!

Além das aulas, também tive sorte de poder participar em eventos culturais, por exemplo os debates do Cine. Como amo viajar, no meu tempo livre (e aproveitei também das férias devido à greve) me dediquei às viagens. Como o Brasil é um país enorme e não se

limita apenas ao Rio de Janeiro, o meu objetivo foi conhecer várias “caras” do país e acho que consegui isso com sucesso. Viajei pelo país sozinha por três semanas e visitei 12 lugares. Costumava sair com as pessoas da rede social chamada *Couchsurfing* que reúne os viajantes e locais. Foi há 6 anos, mas até hoje mantenho contatos com alguns desses brasileiros também. Durante a minha aventura de três semanas, vi lugares no Sul do Brasil (Porto Alegre, Florianópolis, Curitiba, São Paulo), no interior (Goiânia, Brasília), no Nordeste (Salvador, Maceió) e também vi as belezas fluminenses como a Ilha de Paqueta e Petrópolis.

Por tudo, a minha experiência na UFF e no Brasil me marcou positivamente em todas as formas possíveis. Além do crescimento acadêmico, criei um laço com a cultura brasileira e sempre que posso, volto ao país pelo menos nas férias. Por este meio gostaria de agradecer à Universidade Federal Fluminense pela oportunidade de estudar no Instituto de Letras e aproximar-me da vida universitária no Brasil.

MEUS DOIS INTERCÂMBIOS NO VELHO MUNDO

NATHALIA PEREZ DE LIMA COSTA ^[2]

Tive a oportunidade de realizar dois intercâmbios através da UFF, um pela mobilidade internacional durante a minha primeira graduação e outro através da bolsa Ibero-americana do Santander em convênio com a UFF durante a minha segunda graduação. Acredito que muitos sabem que fazer intercâmbio é uma ótima experiência e pode se tornar a melhor experiência da vida de alguém! Além de mudar a sua vida e a forma de pensar para sempre. E sim, o intercâmbio me transformou tanto que eu decidi cursar outra graduação e que estudo também na minha amada UFF.

Minha primeira experiência fora do Brasil foi em Santiago de Compostela na Espanha, em 2013, para estudar Biologia na Universidad de Santiago de Compostela. Foi uma experiência incrível, eu nunca tinha imaginado que conseguiria sair do Brasil e quando descobri a possibilidade de fazer a mobilidade internacional fiquei encantada e busquei toda informação sobre isso. Eu sempre gostei muito do idioma espanhol e parte da minha família veio da Espanha e poder estudar na terra do meu bisavô foi muito emocionante,

^[2] Graduanda em Turismo pela UFF. Foi intercambista na Universidad de Valladolid (Espanha) em 2019.

ele nasceu em uma aldeia próxima de onde eu morei. Santiago de Compostela é uma cidade que fica na Galícia e possui o galego como um de seus idiomas oficiais além do castelhano. Isso é outra particularidade muito interessante desse país, em algumas comunidades autônomas também é falado um outro idioma além do espanhol, que eles costumam chamar de castelhano, então você pode ter a experiência de escutar catalão, valenciano ou basco, por exemplo, e isso torna o país ainda mais rico culturalmente, pois a população mantém seu antigo idioma, além de suas tradições e festas típicas que são levadas muito a sério, como o entroido (na época do carnaval), a Semana Santa (especialmente na Andaluzia), a festa do apóstolo Santiago, a chegada dos Reis Magos, entre outras festas. É um povo que celebra bastante.

Algumas disciplinas eram ofertadas em galego, que se assemelha ao nosso português, então para gente era mais fácil. Eu só precisava me acostumar com o sotaque, mas a universidade também oferece curso de galego para quem deseja aprender melhor. Porém a maioria das minhas aulas foi em castelhano mesmo, o galego eu ouvia mais nas ruas e via nas placas de sinalização. Santiago é uma cidade universitária mas também é a cidade dos peregrinos, era encantador ver a emoção de cada peregrino quando conseguia finalmente terminar o Caminho de Santiago e chegar até a Catedral! Era uma cidade tão viva, pulsante, que recebia muito bem cada peregrino que havia realizado o caminho por um determinado motivo, mas que todos tinham o mesmo objetivo, chegar à Catedral e agradecer pela conquista pessoal e espiritual durante a peregrinação. Eu adorava passar pela praça principal onde ficava a Catedral e ver os peregrinos sentados a admirando, muito emocionados, sem palavras. Afinal era impossível não se maravilhar com ela e com o que ela significava.

Durante a minha estadia pude conhecer pessoas de diversos países, cada um com suas culturas e particularidades e me identifiquei muito com o pessoal do México. O pessoal que conheci me aco-

lheu muito bem, era divertido, simpático e conseguimos criar uma amizade mais fácil. Essas pessoas me fizeram lembrar um pouco do jeito do brasileiro e, assim, a maioria dos meus amigos era de lá, afinal grande parte da experiência de um intercâmbio se deve às pessoas que conhecemos. São elas que fazem essa vivência ser um sucesso, sejam os professores que nos transmitem conhecimento dentro das salas de aula, sejam os colegas de classe, os amigos que fazemos e a população local com a qual interagimos sempre que saímos de casa.

Os intercambistas se transformaram em uma grande família para mim, todos se apoiavam pois todos estavam na mesma situação, longe de casa, porém nunca sozinhos. Algo que me ajudou muito a desenvolver o espanhol foi fazer amizade com quem tinha o espanhol como língua materna, não queria conversar apenas com brasileiros para não correr o risco de não aperfeiçoar o idioma. Quando realizei esse intercâmbio, eu tinha 23 anos, ainda era tímida mas vejo como essa oportunidade me fez crescer como pessoa, me virar sozinha, encarar e resolver meus problemas, passei a cozinhar melhor e como morei no alojamento da universidade, dividi o quarto com uma outra estudante espanhola, o que foi ótimo para me sentir mais inserida na cultura espanhola também.

Eu cursei quatro disciplinas lá, acho que é um número bom pois por ser em outro idioma a gente pode ter um pouco mais de dificuldade e muitas disciplinas têm horários de aula prática então dessa forma não fica muito pesado. As aulas eram muito boas e os professores estavam sempre dispostos a ajudar, os formatos de avaliação eram parecidos aos do Brasil, tínhamos trabalhos individuais e em grupo, seminários para apresentar e provas, a estrutura da universidade era ótima! Também tínhamos alguns horários reservados para aula prática onde podíamos tirar dúvidas com os professores, como uma tutoria e onde às vezes realizávamos alguns exercícios valendo nota. Nessa universidade, não consegui cursar disciplinas que eram direcionadas para minha área de especialização, que era biologia

marinha, porém fiz aulas de matérias que também complementaram a minha formação, agregaram conhecimento de disciplinas diferentes que eu não iria estudar no Brasil. Afinal, eu buscava algo além do que já poderia estudar aqui, então optei por diferentes disciplinas e ainda consegui equivalência de duas disciplinas na UFF.

Havia um grupo estudantil (que está presente em vários países europeus) que ajudava os intercambistas tirando nossas dúvidas, organizando passeios pela cidade para que pudéssemos conhecê-la e nos conhecermos e também organizavam viagens. Eles ajudaram bastante nessa socialização inicial e sem eles eu não teria conhecido e feito amizade com tanta gente legal. Um dos momentos mais inesquecíveis, para mim, foi quando consegui reunir muitos amigos, cerca de 20, para jantar em um restaurante brasileiro, pois todos tinham muita curiosidade para conhecer a nossa culinária; fiquei muito feliz com esse desejo deles. Eu morava no alojamento dentro do *campus* onde estudava e havia algumas cafeterias que também serviam o almoço, uma espécie de bandeirão porém mais caro e com direito a dois pratos, algo muito comum na Espanha é comer o primeiro prato (a entrada) e depois o prato principal. Também se come muito bem no país e não é tão caro quanto em outros países europeus. Há lugares que têm o menu do dia (preço promocional) e vem o famoso primeiro prato, segundo prato, sobremesa e a bebida. É muita comida! E quando se pede vinho e vem uma garrafa inteira? Isso acontece em muitos restaurantes. Sempre que você pede comida vem uma porção de pães antes, é bem cultural isso! Às vezes, é grátis mas outras não, então se você não gosta de comer pão com a comida é só avisar que não quer. Mas não deixe de provar o azeite com o pão, é uma delícia, algo bem comum também é a torrada com tomate no café da manhã.

E não posso falar da Espanha e deixar de falar da tão famosa “*siesta*”! Nas pequenas cidades a *siesta* é bem comum, é um período no qual os espanhóis reservam cerca de 2h (no período do almoço) para descansar ou resolver alguma pendência. Nessas cidades pra-

ticamente tudo fecha das 14h às 16h, até supermercado! E vejo isso como algo bom, pois os trabalhadores merecem um descanso, até porque depois eles voltam a trabalhar até às 20h ou 21h dependendo do local. E sim, essa é a hora de almoço na Espanha, um pouco tarde para nós brasileiros, mas como eu cozinhava eu nem sempre sentia essa diferença.

Morar na Espanha foi maravilhoso, não foi à toa que decidi fazer meu segundo intercâmbio lá. Morar na Espanha é andar com tranquilidade pelas ruas, sem medo, é saber que tudo fecha de 14h às 16h ou até às 17h em algumas cidades, principalmente, as menores e os estabelecimentos que pertencem a espanhóis. É saber que o supermercado fecha no domingo e que se você não comprou arroz, legumes ou carne até sábado, você só vai poder cozinhar na segunda-feira. Existe até shopping que fecha aos domingos! O descanso é levado a sério por lá, mas não estão errados não, viu?! Não se vê tanto essa cultura de shopping como temos aqui no Brasil, existem sim mas eles ficam mais afastados do centro da cidade e portanto eu ia poucas vezes, o mais comum é ter bastante loja nas ruas. É algo bem forte por lá são as promoções de inverno e de verão, os preços caem bastante e é uma boa oportunidade para quem não tem roupa de inverno e não quer gastar tanto, dependendo da época que você for pode aproveitar isso.

Morar na Espanha é ter a sorte de ver/ouvir algum músico tocar na Gran Via em Madri ou um espetáculo de flamenco enquanto caminha pelas ruas de Granada! É estar na Europa no inverno mas sem aquele frio extremamente congelante que faz em outros países, mas ainda assim podemos aproveitar essa estação do ano bem marcada pois tem lugar que é bem frio, também neva e vivenciar esse espetáculo da natureza foi um sonho realizado. Há também cidades onde só chove e você fica dias sem ver o sol, mas até a chuva tem seu charme. Enquanto no verão tem sol até às 22 horas da noite e muitos espanhóis aproveitam para ficar na rua até tarde mesmo, conversan-

do com os amigos ou passeando, esperando o ar esfriar pois nem todos têm ar condicionado em casa, o comum é ter aquecedor, visto que a necessidade maior por lá é se manter aquecido no inverno. Algo que acho incrível é que no Sul do país é possível ir à praia e à montanha para ver neve, no mesmo dia!

E o que falar da cultura das “tapas”? Agradei tanto a quem as inventou, mas na verdade, agradei ao costume de pedir uma bebida e que venham “tapas” grátis! Pois bem, tapas são porções de comida, você pede uma bebida e come um pouquinho de graça. Por exemplo, três “croquetas” de presunto! Que saudade! Claro que isso pode não matar a sua fome, mas já ajuda bastante, ainda mais se você quiser provar um pouquinho de cada quitute, essa cultura é bastante comum no Sul do país, mas também é praticada em outras regiões. Era possível perceber que muitos espanhóis eram alegres, não vou dizer que é fácil fazer amizades, porque tudo depende do seu entorno e se você é mais extrovertido ou não, mas não acho que são muito diferentes de nós, são mais reservados no começo mas depois que conquistamos sua confiança se tornam ótimos amigos. Adoram se reunir com os amigos e é comum fazerem reuniões na casa de algum deles para depois saírem. Não senti nenhum choque cultural muito grande, nada que criasse problemas.

Morar na Espanha também é se sentir dentro da história. Sentia-me emocionada e inspirada a cada novo monumento que encontrava, fosse dentro de uma mesma cidade ou quando viajava um pouquinho. Sou apaixonada pela arquitetura, pelas diferentes culturas que moldaram e deixaram seus vestígios nesse país.

Gostaria de destacar que fazer intercâmbio é uma experiência incrível, conhecer outros lugares, outras culturas, novas pessoas, isso promove um grande crescimento pessoal, você passa a pensar diferente por ter contato com pessoas de outras culturas, você passa a ter outra visão da vida, a fazer coisas diferentes do que faria normalmente no Brasil. Você conhece gente de vários lugares e, portanto, de

diversas culturas mas às vezes a cultura não precisa ser tão distinta à sua, como a espanhola ou a mexicana, porém sempre é possível descobrir algo novo e diferente, que mudará seu pensamento. Com essa experiência de intercâmbio, eu perdi o medo do desconhecido, perdi o medo de arriscar, pois é preciso ter coragem para “deixar” tudo ou todos e sair para desbravar o novo, mesmo que seja por um período e você saiba que tem data de retorno ao Brasil. Você certamente fará algo que nunca imaginou ser capaz, eu, por exemplo, comecei a viajar sozinha. O fato de ter uma data para voltar dá uma certa segurança, mas mesmo assim é um passo importante na sua vida.

Com o intercâmbio podemos aprender que não é porque alguém faz algo de forma diferente, que essa forma é errada, é apenas diferente, e quem sabe pode ser até melhor se você der uma oportunidade. Dê uma chance para o outro mostrar seu ponto de vista, com mais tolerância, o convívio fica bem mais fácil e melhor e se cria amizades para toda a vida. É incrível fazer amigos em diferentes cantos do mundo e sonhar em visitá-los em seu país algum dia, eu consegui visitar meus amigos no México três anos após o intercâmbio e outro amigo italiano sete anos depois! É incrível reencontrar pessoas que fizeram parte de um grande momento em nossas vidas. Nos conhecemos em um momento no qual todos estavam sozinhos e nos unimos para formar “aquela família que a gente escolhe”. Apoiamo-nos durante as dificuldades e nos momentos de saudade de casa. Durante essa experiência pude criar um laço grande com meus amigos pois eles também sentiam e entendiam o que eu sentia durante esse período. O medo do desconhecido no início, o deslumbramento de conhecer tantas coisas novas, tantos lugares lindos, adquirir tanto conhecimento dentro e fora da universidade, visto que há tanta história pelas ruas da Espanha e da Europa. Era como entrar em um livro de história que estudamos no colégio. Em alguns momentos a saudade da família e dos amigos do Brasil apertava, mas graças à tecnologia podíamos nos comunicar. A parte mais difícil é sempre a despedida,

me despedir dos amigos foi doloroso, parece que deixamos um pedacinho de nosso coração para trás, com cada um e em cada canto daquela cidade mágica. Existem lugares que nos fascinam de tal forma que teremos sempre vontade de regressar, aqueles lugares onde nos sentimos em casa e eu me sentia em casa morando lá. Gosto de uma citação que diz que sempre deixamos um pedacinho de nós por onde passamos, principalmente no coração das pessoas que conhecemos. Então que deixemos o melhor pedacinho possível para trás!

Esse primeiro intercâmbio me ajudou a me encontrar e descobri o que queria realmente fazer na vida. Por isso, quando terminei a graduação decidi começar outra, agora no curso de Turismo, para poder ajudar a realizar o sonho de conhecer o mundo de muitas pessoas. E com sorte em 2019, eu pude fazer um outro intercâmbio, dessa vez com bolsa, para a minha querida Espanha novamente. O país é um dos mais bem preparados para o setor de Turismo e poder estudar lá foi uma honra e contribuiu muito com a minha formação.

Dessa vez morei em Segóvia, cidade que fica próxima a Madrid, que tem um outro sotaque e uma arquitetura bem diferente de Santiago de Compostela. Mas que também se “inundava” de turistas todos os dias, a maioria ia para passar somente o dia, chegavam em ônibus de turismo para conhecer o aqueduto romano, a Catedral e o Alcázar que parecia muito um castelo de algum conto de fadas da Disney. Inclusive há boatos que ele inspirou o castelo da Bela Adormecida. Essa cidade era ainda menor que Santiago e o *campus* da universidade possuía poucos cursos, portanto haviam poucos intercambistas, pude socializar mais ainda com pessoas locais, pois senti que os estudantes desse curso estavam mais abertos a fazer amizade e curiosos em relação à cultura brasileira. Como na outra universidade, também realizei trabalhos em grupo, apresentei seminários, algo que pode ser um desafio para alguns em outro idioma, mas as turmas eram bem receptivas, então não me senti envergonhada ou com medo de falar. Participei de saídas de campo em duas discipli-

nas, uma para um grande museu em Madri e outra para uma vila que havia se transformado em uma pequena vila de livros com uma proposta turística bem interessante que incentivava a leitura e a visita à pequena cidade, fomentando assim o turismo rural na região.

Cursei disciplinas como Fundamentos de Marketing que agora é uma das áreas de estudo que mais me interessa. A professora era ótima, trazia vários estudos de caso para analisarmos, como por exemplo o caso da Disney, fizemos diversos trabalhos, em cada aula havia uma atividade. Outras disciplinas que fiz foram as de Recursos Territoriais Turísticos e Organização do Espaço Turístico, que colaboraram bastante para aprender sobre os tipos de recursos com os quais podemos trabalhar, como organizá-los de forma sustentável para que se desenvolvam e se tornem um atrativo turístico. E também a disciplina de Gestão e Planejamento do Patrimônio Cultural em que analisávamos os bens culturais e sua conservação para encontrar o equilíbrio entre o setor turístico e o setor de patrimônio cultural. Consegui a equivalência na UFF dessas disciplinas que cursei, o que ajudou também a complementar a carga horária do curso, além dos conhecimentos.

O conhecimento que adquiri no país, tanto com as matérias que cursei quanto com a vivência do dia a dia, me auxiliou a elaborar roteiros de viagem para a disciplina de Agenciamento e Operação do Turismo. Além disso, o conhecimento sobre o país contribuiu para que eu conseguisse um estágio na área de agenciamento, justamente a que eu gostaria de atuar. Ou seja, em uma agência de viagens e turismo, onde posso colaborar com a organização, com a parte de documentação e planejamento de viagem dos clientes. Tanto com a parte técnica e mais prática que antecede a viagem quanto por compreender o ponto de vista do turista e seu comportamento como consumidor. Além de poder contribuir para sanar dúvidas de clientes que desejam realizar um intercâmbio, seja acadêmico, seja para aprender idiomas e/ou trabalhar, pois posso oferecer a eles uma

visão de quem já morou fora como estudante. Quero ajudar outras pessoas a realizarem seus sonhos, para que vivenciem o que o mundo tem a lhes oferecer.

Além disso, fui convidada para participar de duas aulas sobre turismo e transporte para explicar como funciona o transporte na Espanha, contar sobre a minha experiência, o que achei diferente em relação ao Brasil. Também fui convidada para escrever uma publicação sobre a minha experiência com transportes no país, para o projeto de uma professora que administra um blog sobre relatos relacionados ao uso do transporte em viagens. Com isso recebi certificado de horas complementares.

Dessa vez eu fiz amizade com mais brasileiros, porém como tínhamos amigos que não falavam português, nós conversávamos em espanhol mesmo e às vezes em inglês com outros intercambistas que ainda não sabiam espanhol. Essa troca linguística foi ótima, pois também pude praticar meu inglês. Com meus amigos mais próximos, criei o hábito de cozinhar uma vez por semana na casa de alguém e uma comida típica de cada país, através da comida podemos vivenciar melhor a cultura do outro.

Nesse segundo intercâmbio, eu já tinha 29 anos e no começo fiquei na dúvida se teria dificuldades para me relacionar com os outros estudantes, mas fui surpreendida positivamente e, portanto, encorajo qualquer um que tenha vontade de fazer intercâmbio a não se desanimar por causa da idade. Afinal, não há idade para se realizar um sonho e obter mais conhecimento.

Após um intercâmbio, você descobre que apesar de o mundo ser tão grande, que você pode sim conhecê-lo e agradecer sempre à UFF pela oportunidade de estudar fora do país. Pois pude desbravar novas culturas, uma experiência pessoal que certamente contará para a minha vida profissional no Brasil. Principalmente no que tange ao atendimento ao público, seja ele nacional ou estrangeiro, pois todos temos alguma diferença cultural mas com respeito e co-

nhecimento podemos conviver em harmonia e saber a melhor forma de atender ao cliente. O intercâmbio, durante a minha graduação de Turismo, criou um desejo de ir mais além e pretendo me especializar cursando uma pós-graduação no exterior no futuro. Como citei anteriormente, não há limite para os nossos sonhos e somos capazes de realizá-los, aprendi que não devo duvidar disso. E também aprendi muito com amigos que lutaram bastante para conseguir uma oportunidade de estudar fora de seu país, mesmo quando tudo parecia muito difícil, o estudo sempre é o melhor caminho, então devemos nos dedicar ao máximo a ele.

ESTUDAR EM TÜBINGEN

UM RELATO DE INTERCÂMBIO NA ALEMANHA

RAFAEL DE AZEVEDO BIANCO^[1]

Introdução

O presente relato tem como objetivo apresentar brevemente como é a vida de um estudante universitário na cidade de Tübingen, mostrando seus pontos mais relevantes e peculiaridades. Para tanto, tomo como base as experiências que vivenciei e as informações que obtive durante o período em que lá estudei como intercambista da graduação em Filosofia. Isso ocorreu no semestre de inverno da universidade alemã que se estendeu de outubro de 2017 a fevereiro de 2018, por intermédio do programa de mobilidade internacional da Universidade Federal Fluminense (UFF).

No primeiro tópico, apresento dados gerais a respeito da cidade e, no segundo, informações sobre as semelhanças e diferenças que encontrei na Universidade de Tübingen em relação à UFF e ao que temos em geral no Brasil. Para concluir, tendo como inspiração a experiência aqui relatada, faço uma breve reflexão acerca da educação em nosso país.

^[1] Graduando em Filosofia pela UFF. Foi intercambista na Eberhard Karls Universität Tübingen (Alemanha) em 2017.

A cidade de Tübingen

Tübingen é uma pequena cidade localizada no estado de Baden-Württemberg, Sudoeste da Alemanha, cuja origem remonta ao século XI. Fica às margens do rio Neckar, a 40 quilômetros de Stuttgart. É considerada uma cidade universitária, pois são estudantes cerca de um terço de seus quase 90 mil habitantes.

O dia a dia em Tübingen é tranquilo como as águas do Neckar, completamente livre de violência e caos urbano. Boa parte do centro da cidade é um calçadão, que fica tomado durante o dia pelo vai e vem de estudantes, trabalhadores e turistas. Um cenário de construções medievais muito bem conservadas, com uma atmosfera jovial e cosmopolita. A cidade conta com inúmeros cafés, *pubs* e restaurantes, além de lindas áreas arborizadas ótimas para fazer caminhadas. Ademais, ir de um lugar a outro da cidade pelas ruelas por onde andaram filósofos, poetas e escritores como Hegel, Hölderlin, Goethe e Hermann Hesse é uma emoção à parte.

Imagem 1. Paisagem mais famosa da cidade



Fonte: Acervo pessoal

Em Tübingen, muita gente se locomove a pé ou de bicicleta, pois nada fica muito distante. A cidade possui um ótimo sistema de transporte público realizado por ônibus. E, para ir a outras cidades,

existe uma estação de trem e uma pequena rodoviária próximas ao centro. O aeroporto internacional mais próximo fica em Stuttgart, distante uma hora de ônibus.

Existem moradias estudantis por toda a cidade. Ficar na área central é bom, porque é onde estão os principais prédios da universidade e os pontos turísticos da cidade. No entanto, ficar longe do centro também é uma boa opção, pois os aluguéis são mais baratos e, em poucos minutos, pode-se chegar de ônibus onde quiser. Além disso, existem bancos, padarias, supermercados e lanchonetes muito bem distribuídos pela cidade. Assim, se tem acesso andando a tudo que é necessário no dia a dia.

Fiquei hospedado em um bairro chamado Waldhäuser-Ost, conhecido por todos como WHO.^[2] Apesar de ser um dos bairros mais afastados do centro, achei uma ótima escolha, pois além de todas as facilidades que acabei de listar, o bairro ainda conta com uma espécie de vila de estudantes. São vários prédios onde só moram universitários, o que lhe torna vizinho de boa parte de seus amigos e conhecidos.

Nesse breve panorama, acho que já foi possível ao leitor ter uma noção razoável do que é a cidade e das experiências que ela pode proporcionar. Vamos agora abordar de maneira mais detalhada os estudos e a vivência na universidade.

A Universidade

A Eberhard Karls Universität Tübingen é uma das mais conhecidas e antigas universidades alemãs. Foi fundada em 1477 pelo Conde Eberhard V e, regularmente, aparece ranqueada entre as melhores universidades daquele país. Entre seus pesquisadores e antigos alunos estão onze ganhadores do prêmio Nobel.

^[2] A pronúncia em alemão é algo como vê-rrá-ô.

A primeira coisa que me chamou a atenção na Universidade de Tübingen foi o fato de não ficar concentrada em um único *campus*. Assim como a UFF em Niterói, a universidade tem seus diversos prédios administrativos, salas de aula, bibliotecas, bandejões, laboratórios de pesquisa etc. espalhados por grande parte da cidade. Durante o período letivo, os alunos enchem as ruas indo de um prédio a outro.

Imagem 2. Principal prédio de salas de aula



Fonte: Acervo pessoal

As disciplinas dos cursos são divididas em quatro níveis principais: *vorlesung*, *proseminar*, *hauptseminar* e *oberseminar*. *Vorlesung* são disciplinas semelhantes às que costumamos ter no Brasil, com turmas com muitos alunos (podendo chegar a sessenta) e o professor apresentando e explicando a matéria em frente a turma, uma espécie de palestra. Os alunos podem, caso queiram, fazer perguntas durante a aula. A avaliação consiste, normalmente, em uma prova feita em sala ao final do curso.

As disciplinas que podem causar mais estranhamento ao estudante brasileiro são as chamadas “seminário” (*seminar* em alemão). Nelas, as turmas são bem reduzidas e a participação ativa é obrigatória. O aluno deve estar sempre preparado para interagir com os demais em discussões e para responder a questionamentos do profes-

sor que ocorrem durante a aula. Como forma de avaliação, em geral, devem ser escritos dois artigos e feita alguma apresentação em sala.

Imagem 3. Sala de aula de disciplinas *vorlesung*



Fonte: Acervo pessoal

Imagem 4. Sala de aula de disciplinas *seminar*



Fonte: Acervo pessoal

Como mostrado, existem três níveis de disciplina “seminário”: *proseminar*, *hauptseminar* e *oberseminar*. A principal diferença entre elas está apenas no grau de exigência. A *proseminar* é voltada para alunos do primeiro e segundo anos; a *hauptseminar*, para alunos de mestrado e que estão no final do curso de graduação e a *oberseminar*,

para mestrandos e doutorandos. Contudo, isso são sugestões/indicações, há liberdade para se inscrever na disciplina que desejar. Um aluno que está no início da graduação, por exemplo, pode se inscrever numa *hauptseminar*.

As disciplinas do tipo “seminário” parecem ser as mais adequadas ao processo de ensino e aprendizagem devido aos debates que nelas ocorrem com a participação ativa dos alunos. No entanto, vale ressaltar, exigem dos alunos uma grande dedicação dentro e fora de sala. São fundamentais longas horas de estudo individual. Porém, caso alguém queira escapar dos seminários e se inscrever apenas em *vorlesung*, não terá êxito, pois são oferecidas poucas disciplinas desse tipo. Para se formar, o aluno vai obrigatoriamente ter que cursar muitos seminários.

Considero muito interessante essa segmentação das disciplinas em níveis. Dessa forma, ficamos sabendo previamente qual será o grau de exigência do professor. Na UFF, para saber como o que será exigido em uma disciplina, é necessário ter um conhecimento anterior do docente, o que nem sempre é possível; e o método de trabalho pode variar totalmente de um professor para outro mesmo que o conteúdo seja semelhante. Com isso, às vezes, fazemos a inscrição no início do semestre sem saber se teremos provas ou trabalhos, quantos de cada um teremos, se serão feitos em sala ou em casa, se a nossa participação em sala será objeto de avaliação ou não, qual será o nível de exigência do professor na correção etc. Essas indefinições que temos na UFF dificultam as escolhas das disciplinas no momento da inscrição e acabam levando a cancelamentos de disciplinas por parte dos alunos pouco após o início do período letivo.

O processo de inscrição em disciplinas é outra peculiaridade que observei na Universidade de Tübingen. Em algumas disciplinas, a inscrição é feita pelo sistema *on-line* da universidade de forma semelhante à que ocorre na UFF. Contudo, em outras, é preciso enviar um *e-mail* ao professor e, nas demais, não é necessário inscrever-se,

basta acompanhar as aulas e fazer as avaliações. Com isso, nesse último caso, o aluno tem a liberdade de escolher não fazer as avaliações de uma determinada disciplina sem correr o risco de ficar com uma reprovação e nota zero registradas em seu histórico escolar; a participação do aluno na disciplina só ficará registrada em seu histórico caso ele faça as avaliações.

O prazo de entrega de trabalhos também é uma diferença interessante. Em Tübingen, os alunos podem entregar alguns trabalhos até o último dia antes do início do semestre seguinte. Ou seja, eles têm as férias inteiras para escrevê-los. Se, por um lado, ganham um tempo precioso para a realização das tarefas, por outro, perdem os dias de férias que poderiam dedicar ao descanso, lazer e viagens. Muitos deles, após um semestre de grande dedicação, optam por continuar os estudos durante as férias. Fiquei surpreso ao encontrar a biblioteca da universidade lotada pouco antes do início do semestre letivo, muitas pessoas terminando seus trabalhos até os últimos dias de férias.

Além disso, a carga horária das disciplinas e o sistema de notas também são diferentes. Enquanto na UFF o tempo de aula costuma ser de quatro horas por semana, na Universidade de Tübingen é de apenas duas horas. Assim, os alunos têm mais tempo para se dedicar ao estudo individual e à realização de tarefas. E as notas seguem a escala alemã, que vai de 1 a 6. A nota 1 é equivalente ao nosso 10 e a nota 6 seria o nosso zero. Portanto, receber uma nota 1 é motivo de alegria na Alemanha, já no Brasil...

Ademais, são oferecidas diversas disciplinas de língua alemã para alunos estrangeiros. São disciplinas de diferentes níveis e propostas, algumas mais voltadas para leitura, outras para conversação e outras ainda que incluem questões culturais. Existem também disciplinas de ensino semi-intensivo (nove horas semanais). Todas são gratuitas; algumas só cobram uma taxa no momento da inscrição referente ao material didático oferecido. Existem também cursos in-

tensivos de alemão que são oferecidos antes do início do semestre, com aulas e atividades culturais todos os dias, mas que custam algumas centenas de euros. Valem muito a pena para quem tiver disponibilidade de tempo e dinheiro.

Por falar em tempo, caso esteja indo como intercambista para a Universidade de Tübingen, é recomendável chegar na cidade com cerca de um mês de antecedência. Isso porque existem diversas etapas que devem ser cumpridas para ser efetivamente matriculado na universidade. Todos os procedimentos feitos e documentos entregues na UFF, antes da saída do Brasil, correspondem apenas à etapa inicial. Ao chegar em Tübingen, é necessário entregar documentos em diferentes escritórios da universidade para dar início a uma nova etapa. E isso leva algum tempo para ser finalizado, por mais pressa que se tenha. Tem que esperar o processamento burocrático dos documentos que entregou e, em alguns casos, o recebimento de cartas em sua residência para que possa dar prosseguimento ao processo. Eles têm o costume de trabalhar com cartas. E cada escritório tem horários e dias específicos de funcionamento, não segue o bom e velho “horário comercial”. Está entre as etapas a serem cumpridas: obter a carteirinha da universidade, obter a senha pessoal de acesso ao sistema *on-line* da universidade, adquirir um *e-mail* da universidade, fazer o pagamento da contribuição semestral, escolher as disciplinas e inscrever-se nelas.

A essas etapas da burocracia universitária somam-se outras etapas que se deve cumprir como novo morador da cidade e que, também, levam alguns dias para serem realizadas. Entre elas: solicitar na prefeitura visto de residente, abrir conta em um banco, adquirir o tíquete semestral para andar de ônibus, fazer validação do seu plano de saúde (ou adquirir um novo), resolver pendências da sua nova moradia. Além de serem processos que podem demorar, existe a dificuldade inerente de se estar sozinho em um lugar completamente novo, regido por regras diferentes das quais se está habituado. Portanto,

não é bom chegar em Tübingen faltando poucos dias para o início do semestre. Caso contrário, será necessário dividir sua atenção entre resolver tudo isso e estudar para as disciplinas que estiver cursando.

A universidade atrai estudantes do mundo todo, não só intercambistas, mas também pessoas que vão para lá estudar como alunos regulares. Desse modo, tive a oportunidade de conviver e compartilhar conhecimentos com estudantes dos mais diferentes países, além dos próprios alemães. Só para dar alguns exemplos: dividi moradia com pessoas da China e da Índia; nas aulas de Língua Alemã, fiz diversos amigos dos EUA e Canadá; entre os estudantes de Filosofia, tive um contato mais próximo com gente da Turquia, Romênia, Rússia e Polônia.

Embora tenha encontrado inúmeras diferenças entre o que temos no Brasil e o que observei durante essa minha experiência de intercâmbio, uma das coisas que mais me chamaram a atenção foram as semelhanças surpreendentes entre os estudantes dos mais diferentes países do mundo. Apesar de todas as diferenças socioculturais que possam existir, quando se trata da vida acadêmica, somos muito parecidos em diversos aspectos. Para mim, foi muito importante observar, por exemplo, que as questões e os conteúdos que permeiam a vida de um estudante de Filosofia no Brasil não são diferentes daqueles encarados por um estudante de Filosofia da Turquia, da Romênia ou da Alemanha.

Por fim, gostaria de destacar ainda a incrível infraestrutura que encontrei na Universidade de Tübingen. Há prédios de arquitetura moderna assim como construções de séculos atrás — inclusive um castelo —, que abrigam ótimas salas de aula, laboratórios, bibliotecas, bandejões e auditórios, todos em excelente estado de limpeza e conservação. Porém, o que chamou mais a minha atenção foi a biblioteca principal com seus incontáveis espaços de estudo e um acervo de mais de três milhões de livros. Consegue deixar perdido qualquer visitante.

Considerações finais

Estudar em Tübingen é uma experiência extraordinária e que traz muitas lições para além da sala de aula. As universidades alemãs, de maneira geral, costumam ficar muito à frente das brasileiras nos *rankings* internacionais, estando posicionadas entre as melhores do mundo. Acredito que essa diferença não ocorra por questões estritamente pedagógicas, mas pela infraestrutura oferecida e pela sociedade na qual o estudante está inserido. Temos professores muito bons e alunos dedicados no Brasil. No entanto, há diversos problemas que estão além do controle da comunidade acadêmica e que prejudicam o avanço das universidades brasileiras. São questões, principalmente, de ordem política, que envolvem a valorização da educação pública desde o nível mais básico até o superior e a construção de uma sociedade mais justa.

Favorece muito o estudo em nível superior, quando o aluno recebe uma excelente formação básica na escola, quando chega à universidade sabendo bem ao menos uma língua estrangeira, quando tem à sua disposição as melhores instalações destinadas ao estudo, alimentação, lazer e higiene, quando tem acesso a laboratórios muito bem equipados, quando não precisa perder horas no trânsito, quando pode ir e voltar da universidade sem medo de assalto, quando pode ir à universidade levando seu *notebook* sem medo de ser roubado, quando tem bibliotecas com grandes acervos à sua disposição nos finais de semana... E são exatamente essas condições que a sociedade alemã oferece a seus estudantes e que precisamos estabelecer no Brasil para que, um dia, possamos alcançar um nível de excelência semelhante ao dos melhores sistemas educacionais do mundo.

NA TERRA DOS LUSITANOS

REINALDO MATOS DA ANUNCIÇÃO JUNIOR^[1]

O fim do curso de graduação em Direito já despontava no horizonte, quando a oportunidade de participar de um intercâmbio acadêmico surgiu. E o que começou como uma aposta ou tentativa sem muitas expectativas, se transformou numa realização de um sonho de conhecer a cultura de alguns países europeus.

A viagem e o início do semestre letivo em Portugal estavam marcados para o final de fevereiro de 2018. Mesmo após toda a correria para retirada da documentação, visto estudantil, passagem aérea, documentos indispensáveis para a viagem e demais preocupações, a minha “ficha” só caiu que o sonho se tornara realidade, ao pisar na área de desembarque do saguão do aeroporto do Porto. Por uns breves minutos, pude vislumbrar a sensação de estar fora de meu corpo, anestesiado, apenas refletindo sobre tudo que estava acontecendo e o que haveria de ocorrer durante o intercâmbio acadêmico. Nesse momento, após um suspiro profundo, pensei comigo mesmo: “Pronto! É agora!”.

Bom, para quem não sabe, o mês de fevereiro em Portugal ainda é bastante frio, já que faz parte do inverno português. Imagine um brasileiro despreparado para um inverno europeu, com trajes do

^[1] Graduado em Direito pela UFF. Foi intercambista no Instituto Politécnico do Cávado e do Ave (Portugal) em 2018.

inverno brasileiro. Assim que botei meus pés em Braga (cidade onde mantive estadia), próxima de Barcelos onde fica o Instituto Politécnico do Cávado e Ave, instituição na qual cursei o período de mobilidade, percebi que o clima não estava para brincadeira ao sentir o vento gélido ultrapassar o tecido das minhas calças e o meu pé gelar por debaixo da meia e do tênis.

Uma das primeiras providências a serem tomadas, foi adquirir as “segunda-peles”, tecidos finos usados debaixo da roupa que seguraram o calor no corpo e casacos mais pesados. Mal sabia eu que estes dois itens seriam os meus fiéis companheiros de saída, durante todo período de frio que passei.

E com o frio, a vontade de comer aumenta bastante. Pois bem, introduzirei o assunto da experiência vivida em Portugal, começando pela comida e contando um pouco da minha experiência com a culinária portuguesa. No geral, ela não é muito diferente da comida brasileira. Claro que com suas formas peculiares e distinções, porém não são servidos pratos muito diferentes dos nossos. Os pratos do dia a dia são sempre guarnecidos com muito arroz (como todo brasileiro de respeito gosta), um tipo de carne, batata frita e uma salada. Tudo muito bem servido. Este seria um “prato feito” de respeito naquela região. E o melhor, a região Norte de Portugal (como Braga e Barcelos) tem custos de vida menos elevados do que próximo das cidades de Porto e Lisboa, mais ao Sul. Com isto, por € 4,00 euros (com cotação à época ao equivalente a R\$16,00 reais), podia-se comer além de um prato bem servido em diversos restaurantes, em alguns, neste valor ainda estava incluso a bebida, sobremesa e até mesmo um cafezinho. Desses pratos, um dos meus preferidos era a “carreta panada”, costeletas de porco empanadas, acompanhadas de arroz, batatas fritas e uma salada de tomate e alface. Uma delícia! Dá água na boca só de imaginar. Acompanhadas de outro queridinho português, o refrigerante de laranja Sumol.

Mas a minha paixão mesmo era pelo prato típico da região Norte, que apesar do nome, é um prato originalmente lusitano, a “Francesinha”. Que consiste num hambúrguer de pão de forma, embrulhado numa cobertura de queijo, mergulhados num molho especial, com um ovo semi-cru no topo, sendo a cereja do bolo. Mesmo que pareça nojento o lance do ovo semi-cru em cima de tudo, confesso que o gosto dele passou despercebido na explosão de sabores que é este prato. Claro que para acompanhar essa bomba calórica, o prato não estaria completo se não complementado com uma porção de batatas fritas mergulhadas em um molho especial.

Fui apresentado ao pastel de nata no primeiro dia no IPCA. Assim que me deram para experimentar, como em todos os outros lugares que se degusta tal iguaria, os portugueses fazem questão de salientar que se tratava do pastel de nata. Pois o pastel de Belém, só é servido em um local. Na fábrica de pastéis de Belém, no bairro de Belém, em Lisboa. Este com a sua própria fórmula secreta guardada a sete chaves há gerações e de crocância e sabores especiais e únicos.

Mais tarde, também provei o pastel de bacalhau. Todo brasileiro conhece o bolinho de bacalhau, típico de nossas festas natalinas. Mas poucos conhecem o pastel de bacalhau, a origem do nosso bolinho, com o dobro do tamanho, assemelhando-se ao formato de um quibe grande e recheado com queijo. Simplesmente esplêndido!

Depois da introdução da experiência da mobilidade internacional, apresentando muitas comidas típicas, vamos ao que importa. A vida acadêmica em Portugal.

Vocábulos Portugueses

Como todo bom estudante intercambista, é preciso conhecer e se familiarizar rapidamente com o vocabulário nativo, principalmente quando este conhecimento afetar a ação de pegar a condução

certa, ir ao destino desejado ou ao ponto de alimentação pretendido. Trago, então, alguns vocábulos que todo estudante em mobilidade internacional em Portugal deve aprender e rápido. A primeira variável de denominação que temos contato, ao chegar no país, é a nomenclatura dada ao “ônibus”, lá chamado de “autocarro”. Que se pega na “Central de Camionagem”, o equivalente à nossa rodoviária. Deseja visitar outra cidade de trem? Pois bem, o que você precisa é pegar um “comboio”, como eles chamam os trens de passageiros. A vontade de ir ao banheiro apertou, e agora? Não pergunte onde fica o banheiro, mas sim onde fica a “casa de banhos”.

A forma de dizer qual é o horário também varia, mas não se preocupe, pois esta variação ocorre de forma regional no país. Em algumas regiões, se alguém pretende dizer que são 12h e 50min, é falado “dez para a uma”, como já estamos mais acostumados. No entanto, em outras regiões, já é dito “uma menos dez”. Em ambos os casos está correta a pronúncia, apenas são formas diferentes de se dizer o mesmo horário.

O café da manhã é designado de “pequeno almoço”, a calçada de “passeio”, inclusive algumas regiões de Minas Gerais, ainda adotam a nomenclatura, conservando o legado português. A faixa de pedestres é “passadeira”, na qual os carros param ao simples encostar de pés dos transeuntes. Se deseja saber os preços de um restaurante, pode perguntar pelo seu “preçário”. E quando o dinheiro acaba, é preciso “levantar” o dinheiro em um caixa eletrônico e guardá-lo no “porta-moedas” (carteira).

Experiência Acadêmica no estrangeiro

Minha trajetória diária consistia basicamente em pegar o “autocarro” num ponto próximo da onde morava, até o centro de Braga, onde caminhava até a “central de camionagem” e esperava o horário do ônibus que tinha convênio com o Instituto Politécnico do Cávado

e Ave. Chegando à instituição, apesar de relativamente nova comparada às instituições educacionais de ensino superior tradicionais no Brasil, o IPCA tem uma estrutura muito bonita, moderna e espaços amplos. Comportando diversos cursos, tanto de Ciências Humanas quanto de Exatas.

Em meu primeiro contato com a instituição portuguesa, somos apresentados aos outros alunos intercambistas do sistema europeu de mobilidade internacional acadêmica chamado de “Erasmus” e também a outros intercambistas brasileiros, que para a minha sorte, tive a satisfação de poder conviver durante o projeto com mais três brasileiros, sendo um deles também da UFF. A sensação de alegria e comemoração do momento ao encontrar outros brasileiros entre diversos estrangeiros é uma experiência imemorável. Indivíduos que nunca haviam se visto na vida, se abraçando e cumprimentando como se fossem amigos de longa data.

Depois de sermos introduzidos ao método de ensino português e montarmos nossas grades de disciplinas, fomos informados que para os alunos falantes da língua portuguesa o método de avaliação seria o mesmo aplicado aos alunos nacionais, sendo necessária a realização dos testes finais para concluir a mobilidade com sucesso. Já os alunos não falantes do português, estariam não só dispensados de algumas matérias como teriam uma avaliação final diferenciada. O que fez a mobilidade ser muito mais puxada para os brasileiros, já que tinham que se dedicar tanto quanto os alunos portugueses para obterem nota suficiente. O que deu a entender aos alunos estrangeiros que estavam numa verdadeira colônia de férias.

O IPCA fornece todo o conforto e necessidades aos estudos, disponibilizando *wi-fi* gratuito, dispendo de duas bibliotecas, todo o conteúdo dado em sala de aula era postado na plataforma de ensino do IPCA, bem parecida com o Conexão UFF, que infelizmente por aqui ainda é pouco explorado. E também disponibilizava uma máquina de fotocópias (xerox) e impressão para os alunos.

No almoço, tínhamos as alternativas entre o bandejão do IPCA ou de esquentarmos a comida na copa que tinha vários microondas para isso. Para ter acesso ao bandejão e comer mais barato, era preciso aplicar um valor nos fundos da sua carteira estudantil que seria abatido no momento de utilizar os serviços do bandejão. A comida era boa, contava até com sobremesa. E na área onde era realizada as refeições contava com diversas tomadas na mesa para carregar os celulares. Portanto, quando tinha aula à tarde, o bandejão estava na minha rota de atividades.

A dimensão e organização das salas de aula despertaram interesse, pois quando não são dadas nos auditórios, são lecionadas em salas com mesas compartilhadas, na qual os estudantes ficam lado a lado numa mesma mesa longa, formando-se vários grupos de fileiras. Disposição interessante, pois vai contra o individualismo adotado na configuração brasileira.

A chamada para presença também é realizada de modo diferente. É feita por meio eletrônico, adotando o sistema de “bater ponto”, através da carteira estudantil. Se demonstrou ser mais eficiente, prático, poupando tempo, já que o aluno passa a carteira na máquina ao entrar na sala de aula, após autorização do professor que também passa seu cartão na máquina indicando o início ou fim da aula. Sendo também uma medida mais ecológica, pois não desperdiça papel com listas de chamadas.

O que pude reparar, durante as aulas no exterior, é que o Direito Português não é muito diferente ou distante do Direito Brasileiro. Existem pequenas nuances em algumas regras, mas a essência do Direito e seus princípios norteadores são os mesmos no geral. E digo mais, indo contra nossa “síndrome de vira-lata”, o Direito Brasileiro não fica muito atrás do Direito Português. Temos uma legislação moderna e inovadora em certos aspectos, como o instituto do casamento, que no Brasil, independente de sua religião, o matrimônio deve sempre ser oficializado e registrado em cartório. Em Portugal,

o Direito deles dá um tratamento privilegiado ao casamento católico, que dispensa o registro civil. Fato que, faz com que pessoas que pertençam a outras religiões e casais homossexuais (que não podem se casar de acordo com a doutrina católica) tenham um processo formal burocrático maior para conseguirem se casar. Prejudicando o princípio da igualdade de todos perante a lei. Por outro lado, também pude reparar inovações louváveis no Direito Português, com a legalização do aborto, descriminalização de todas as drogas e a criação do instituto do “apadrinhamento civil”, similar à adoção, mas sem que a criança perca seus laços em definitivo com a sua família biológica.

Fatos interessantes

Um dos símbolos de Portugal é o galo, presente na decoração das casas de muitos de nossos avós, seja em pequenas estatuetas, panos de prato ou utensílios de cozinha. Mas poucos sabem a verdadeira história por trás do símbolo.

Ocorre que a origem do galo está justamente em Barcelos. A lenda do galo nasceu na idade média, após um peregrino do Caminho de Santiago ser acusado injustamente de um crime e ter sido salvo milagrosamente por um galo minutos antes de ser executado, dando origem à lenda. Por causa disso, hoje o galo é conhecido mundialmente e associado ao país.

A cidade de Barcelos fica na rota do Caminho Português para Santiago de Compostela, pode-se notar várias setinhas amarelas no chão e nas paredes dessas cidades, marcando e indicando o caminho. Todas elas apontam para a direção da cidade de Santiago de Compostela, na região da Galícia (Espanha). Onde se encontra a Igreja de São Tiago e acredita-se também onde estejam depositados seus restos mortais. Durante todos os anos, diversos fiéis de vários países do continente e do mundo realizam esta peregrinação a pé em homenagem e devoção ao santo. E há aqueles que o fazem por aventura

ou contemplação da natureza, já que o trajeto é repleto de trilhas, cenários exóticos e bucólicos.

Ao contrário das “chopadas” universitárias e sociais em Repúblicas que acontecem aqui durante todo o semestre, em Portugal existe uma data específica para as confraternizações oficiais acadêmicas, sendo a mais famosa a chamada “Queima das fitas”.

Este evento comemora o fim do ano letivo português, que ocorre no meio do ano (maio), simbolizando o fim da jornada acadêmica para os “finalistas” (como são chamados os formandos), e o início da jornada para os calouros que só deixam de ser calouros após concluído o ano letivo.

A queima das fitas também antecede o período de estudos para os testes finais, o que certamente causa muito nervosismo entre os universitários. Portanto, essa festa também tem esse viés relaxante e apaziguador dos nervos e prepara os alunos para a sua reta final. O que se segue de um período de calma nos *campi* e de muitos estudos.

Modernidade X Social

Um outro fato que despertou muita atenção, durante o período de mobilidade, é de como o desemprego estrutural, ocasionado pela utilização de novas tecnologias e substituição da mão de obra humana por inteligências artificiais ou mão de obra mecanizada, vem sendo bastante explorado não só em Portugal, mas na Europa em geral. Para realizar as atividades do cotidiano que antes era necessária a interação humana, esta vem sendo cada vez menos utilizada.

Assim, nós mesmos, quando fazemos compras em um mercado ou loja, passamos os produtos no caixa, pagando com nosso cartão de débito ou crédito. Pedidos em lanchonetes e restaurantes são feitos inteiramente por meio de “totens eletrônicos”, sem contato

nenhum com os funcionários do local, somente para retirar o pedido. E ainda há opções de contato zero com o ser humano, presente nos serviços de “take away” ou “grab and go”, em que a pessoa faz seu pedido numa máquina que aquece o produto e entrega ao consumidor já pronto para o consumo. E também nos serviços públicos, como o de limpeza urbana, na qual o trabalho é feito quase inteiramente por uma máquina anexa ao caminhão de coleta de lixo, já que o sistema é todo informatizado, dispensando o trabalho dos “garis”, por exemplo.

Por ser integrante da Ordem Demolay Brasileira, instituição juvenil de cunho filantrópico, outro fato que me despertou atenção foi encontrar em vários pontos e cidades de Portugal, caixas/containers de metal destinadas a doações de roupas que as pessoas não utilizam mais e que desejam encaminhá-las para doação. O material doado é vendido e parte dos lucros são revertidos a ONGs ou projetos sociais. Uma excelente iniciativa e exemplo para outros países.

Apesar de todas as distinções entre o povo português e o brasileiro, eles com seu jeito meio fechado de ser e de expressões exageradas e variadas vezes, aparentemente, muito diferente do jeito “amistoso” de ser do brasileiro, temos muito em comum histórico e culturalmente. Muitos costumes e formas de expressão dos quais já não lembramos da herança lusitana ou que já se perderam no tempo. Mas, ainda temos muito conhecimento, vivências e aprendizados a compartilhar uns com os outros.

Com a mobilidade internacional, tive a oportunidade de conhecer outros países que me marcaram e expandiram a minha visão sobre o mundo, de ser, de viver e de observar “o outro”. Entendendo como cada cultura e sociedade tem sua forma única de se comportar e expressar-se perante o mundo. Assim, como me proporcionou a realização de um sonho de uma vida de viajar para fora do Brasil e de conhecer a França, Espanha e Portugal.

MOBILIDADE ACADÊMICA INTERNACIONAL

RELATO DE UM ASPIRANTE A TURISMÓLOGO EM VIAGEM DE INTERCÂMBIO NA UNIVERSIDADE DE AVEIRO, PORTUGAL (2010-2011)

RICARDO LUIS DA SILVA^[1]

Intercâmbio na terrinha Portugal

A ideia de mobilidade acadêmica internacional vem sendo difundida, no Brasil nos últimos anos e décadas cada vez mais, como uma oportunidade ímpar de acelerado desenvolvimento acadêmico, profissional e também pessoal de estudantes. Conforme o Ministério do Turismo (MTUR), tal segmento de:

Turismo de Estudos e Intercâmbio constitui-se da movimentação turística gerada por atividades e programas de aprendizagem e vivências para fins de qualificação, ampliação de conhecimento e de desenvolvimento pessoal e profissional (BRASIL, 2010, p. 15).

Assim, por meio de processos seletivos de intercâmbio, alunos de graduação e pós-graduação da UFF têm tido a chance de realizar curso/pesquisa por um período fora do país em inúmeras institui-

^[1] Graduado em Turismo pela UFF. Foi intercambista na Universidade de Aveiro (Portugal) em 2010.

ções de ensino superior (IES) e de investigação parceiras, bem como, alunos nacionais de outros países também vêm escolhendo a UFF como caminho inverso (UFF, 2021).

Nesse sentido, com o objetivo de oportunizar acesso a culturas novas, aprimoramento linguístico e experiências de destaque para o mercado laboral, a iniciativa Santander Universidades oferece programas de mobilidade internacional para estudantes universitários, incluindo as Bolsas Luso-Brasileiras (BANCO SANTANDER, 2021).

Dentre os editais de mobilidade, disponíveis no meu primeiro ano transferido ao bacharelado em Turismo (eu havia iniciado o curso na UFRRJ), me deparei com a possibilidade de tentar bolsa para realizar parte da graduação em Portugal e não hesitei. Com certeza iria participar do processo seletivo!

Eu tenho descendência portuguesa, já que meu avô materno Cesario Luis era original de Felgueiras, Resende – nascido em 1905, imigrou com 21 anos para o Brasil e se radicou aqui até falecer em 1993. Apesar de eu não ter tido contato com outros familiares portugueses, residentes no Brasil ou em Portugal, me excitava vivenciar as maravilhas da terrinha dele e conhecer melhor tal país.

Planejamento, Seleção e Preparo

Em primeiro lugar, cabe citar aqui meu histórico anterior, visando contextualizar meu desejo pela mobilidade internacional. Matriculado em 2009 na UFF via transferência externa, escolhi tal instituição, pela qualidade do ensino, pelo foco em planejamento/gestão do curso, pela vida social de Niterói e pela oferta de oportunidades no exterior, caso do referido programa.

Uma série de fatores motivou a minha escolha pelo curso superior em Turismo. A maior razão foi a formação multidisciplinar que poderia abarcar disciplinas das Ciências Sociais e Humanas e os campos de atuação variados. Assim, passei no vestibular da 2ª turma do curso e dei início ao bacharelado na área em 2006 na UFRRJ

em Nova Iguaçu. Pude me envolver em participação e organização de eventos, cursos, viagens/visitas técnicas, extensão e monitoria.

Todavia, apesar do bom nível acadêmico do novo curso, as instalações da UFRRJ eram provisórias e estava em andamento a implementação do Instituto Multidisciplinar (IM), resultando em dificuldades acadêmicas, assim como, limitadíssimas oportunidades de mobilidade ou mesmo de colocação profissional em estágios e convênios com a instituição.

É importante lembrar que, na atualidade, o Turismo vem sendo entendido como um campo de estudos multi, inter e transdisciplinar (balizado por disciplinas do âmbito das Humanidades), bem como, um fenômeno ou fato social moderno e um expressivo setor econômico de âmbito mundial e importância nacional e locais.

Na academia do Turismo abarcam-se discussões desse fenômeno com a mobilidade e a sustentabilidade, são estudadas suas implicações e inter-relações socioculturais, socioespaciais e socioambientais e dedica-se ao aprofundamento teórico e prático da hospitalidade e do lazer. Por outro lado, o mercado turístico demanda inúmeras competências, incluindo aí o domínio de línguas para atuação profissional em muitas atividades e segmentos da indústria do turismo.

Assim, eu vinha economizando para investir em um intercâmbio de idiomas e pude contar com a colaboração do meu pai e da minha mãe para tal. Em 2008 e 2009, realizei uma viagem à Austrália que foi minha primeira experiência internacional e de trabalho, contribuindo na minha evolução no inglês e na oportunidade de viajar a lazer. Enumero amadurecimento, independência, adaptação, comunicação, resiliência como competências desenvolvidas, associadas à intensa e desafiante imersão em diferente ambiente linguístico e sociocultural.

Estava decidido que queria ter essa prazerosa e positiva vivência de novo em outros âmbitos. Dessa maneira, ao retornar ao

Brasil, após essa bagagem imaterial, obtive transferência para a UFF. Dentre minhas novas atividades, participei do laboratório de eventos (FTH-UFF) e fui coordenador de assuntos acadêmicos do diretório acadêmico (DATUR). Conseguindo manter bom rendimento acadêmico, participei da seleção e garanti uma das bolsas de estudos pelo Banco Santander para cursar parte da graduação em 2010 na UA em Portugal.

Extremamente contente com o resultado do processo seletivo, iniciou-se outra fase: o preparo para o intercâmbio. São diversos os trâmites que alunos devem cuidar para uma viagem de intercâmbio e foi importante, por parte da UFF, o alinhamento de informações e expectativas quanto ao programa de mobilidade internacional e integração/socialização com outros colegas contemplados com bolsa para o mesmo período, ainda que para instituições ou países diferentes.

Cada vez mais perto do grande momento da viagem, as pendências iam sendo finalizadas e eu já podia sentir novamente a emoção dessa (nova) experiência em outro país, dessa vez, para estudos superiores na Europa. Como não ficar ansioso?

A experiência de intercâmbio acadêmico

A opção pela licenciatura em Turismo da UA (compatível com o bacharelado no Brasil) deveu-se à sua relevância acadêmica em Portugal, ao destaque turístico do centro do país, ao foco em gestão/planejamento e aos menores custos financeiros de viagem. Facilidades e assistência aos estudantes e infraestrutura também foram decisivas para minha escolha. Ao chegar, foi notório o charme da pequena cidade universitária, industrial e turística de Aveiro, como ilustrado na Imagem 1.

Imagem 1. Ria de Aveiro (Aveiro, Portugal)



Fonte: Acervo Pessoal

Em relação à UA, o *campus* Universitário de Santiago era ótimo! Tanto as salas de aulas e demais espaços de ensino do atual Departamento de Economia, Gestão, Engenharia Industrial e Turismo (DEGEIT) quanto suas instalações como refeitórios (chamadas de cantinas) e lanchonetes (bares), espaços de esporte, cultura e eventos, entre outros. Eu acabei morando no mesmo bairro, facilitando minha rotina universitária de aulas, estudos, pesquisas, trabalhos e refeições no *campus*.

A UA contava com uma excelente biblioteca e mediateca em Santiago, bem como, um museu próprio. Lembro de frequentar a biblioteca, entre as aulas, para ler jornais, descansar, investigar, realizar projetos das disciplinas ou mesmo socializar. Havia salas para trabalhos coletivos e estudos individuais bem equipadas e um ambiente acadêmico muito bom. Já o museu tinha exposições permanentes de vidro e cerâmica e outras temporárias que enriqueciam a experiência cultural e artística dos alunos, nas dependências da própria universidade.

Já sobre minha moradia, me instalei num apartamento de quatro quartos, cada um com um colega estudante da UA. No período de um ano, moramos cinco pessoas, com a saída de um português assim que cheguei, já que havia acabado um mestrado em Engenharia e a entrada de um brasileiro do estado de Goiás, no 2º semestre letivo, que veio fazer intercâmbio em Engenharia Biomédica. Os outros dois eram um português e um ucraniano que faziam licenciatura, respectivamente, em Economia e Língua e Relações Empresariais.

Era muito bacana a convivência com eles, já que tínhamos nossas próprias individualidades, áreas de estudo diferentes e distintas origens, inclusive. Eu gostava muito de conversar com meu colega ucraniano sobre seu país, a ex-União Soviética e o idioma russo, além de perspectivas profissionais na área de Relações Internacionais. Já com o português, tínhamos mais assunto sobre filmes e músicas brasileiras e portuguesas e era legal essa troca.

Tive sorte de tê-los como companhia, ao longo do curso, e a experiência quanto ao meu alojamento foi bem tranquila, com questões menores de limpeza ou organização habitacional. Algo que fazíamos, às vezes, era cozinhar e comer juntos e mais raramente sair para jantar fora. Em geral, não eram pratos muito típicos, mas ainda assim reforçava a amizade que surgiu.

Eu frequentemente comia nas cantinas universitárias pela economia e socialização com intercambistas e estrangeiros. Os preços dos tíquetes eram bem econômicos e as refeições incluíam pão, refresco, saladas, sobremesas, além de saborosos peixes, frutos do mar ou pratos vegetarianos. Como uma parte considerável dos alunos internacionais viviam nas moradias da UA e a maioria dos cursos era de turno integral, o *campus* era bastante movimentado no período das refeições e ainda mais quando serviam os pratos de bacalhau (meus favoritos).

Sobre as aulas, no meu curso era considerável o número de estudantes estrangeiros chegando talvez a 25%, em alguns casos nas

classes ministradas em português, e cerca de 1/3 em turmas ministradas em inglês. Assim, algumas turmas eram conduzidas por professores bilíngues e era muito positivo, para mim, tal abordagem e conhecer melhor outras perspectivas de colegas portugueses e estrangeiros sobre os temas tratados no curso.

Com o chamado Processo de Bolonha (EURLEX, 2015), cursos superiores europeus passaram por alterações curriculares e fomentou-se, por meio do antigo Programa Erasmus, atual Erasmus+ (UE, 2021), ampla mobilidade estudantil e cooperação universitária na União Europeia. De tal modo, a vivência cultural/linguística de alunos da Europa em outros países do mesmo continente muitas vezes era tão ou mais importante que os compromissos disciplinares.

Eu me recordo, por exemplo, de ter dividido turmas com colegas que não dominavam inglês ou português ou mesmo das mais distintas áreas como Marketing, Design, Biologia, em turmas de graduação e pós-graduação (uma disciplina podia ser de caráter inicial em uma formação e de caráter específico em outro curso, ampliando a diversidade em sala e desafiando também docentes na condução das aulas, de certa maneira).

Além disso, algumas das turmas tinham dois professores regentes tendo em vista seus perfis acadêmicos e profissionais complementares – sobressaindo as aulas mais práticas, com adoção de *softwares* específicos (tais como MSProject, SPSS, Galileo), diferenciais no currículo de Gestão e Planejamento do Turismo .

De fato, uma diferença marcante, para mim, foi a ênfase no ensino prático e profissional na UA, no âmbito da graduação. No Brasil, noto que as universidades públicas entendem o turismo como campo de estudo e fenômeno social, oferecendo ampla oferta de possibilidades acadêmicas para além das aulas teóricas, como extensão universitária, iniciação científica, bem como, monitoria de disciplina, laboratório de curso, dentre outros.

Por outro lado, o meu curso na Universidade de Aveiro compreendia o turismo mais como mercado ou atividade econômica, tinha disponível mais salas de aula com computadores e programas da área. Eram desenvolvidas mais tarefas nas classes que atividades assíncronas, bem como, avaliações de perfil mais técnico. Havia também uma maior aproximação do departamento da universidade com o *trade* turístico – em particular, com o setor produtivo, incluindo empreendedores locais e outras indústrias.

De certo modo, a experiência universitária fora das aulas, entre a minha universidade de origem e a UA foi diferente, porém pude perceber variadas oportunidades de aprendizado. Assim, como a UFF, a Universidade de Aveiro promovia eventos acadêmicos, técnicos e científicos, bem como, cursos e outras atividades extracurriculares. Por exemplo, eram comuns atividades esportivas e culturais, organizadas pela instituição, mas também pelos movimentos estudantis e atléticas dos cursos.

No meu caso, realizei dois semestres de mobilidade, inscrito em sete disciplinas relacionadas a turismo, gestão e planejamento. Sobre avaliação de disciplinas, em Portugal o sistema pontua de 0 a 20 os alunos. No caso da UA, a média mínima de aprovação era 9,5 e as notas 19,5 e 20,0 excelentes. O ensino foi muito bom, com docentes tolerando atraso de um “quarto de hora acadêmico” ou 15min, uma prática curiosa para mim.

De tal modo, a presença e a frequência de alunos eram acompanhadas e restringia-se a entrada de discentes após esse período, otimizando assim o conteúdo das aulas. Cabe sinalizar como positivo o respeito à figura docente por parte dos alunos, em geral, e foi interessante notar que o calendário acadêmico português difere do brasileiro quanto ao seu início em setembro e seus recessos acadêmicos de descanso e preparação para os exames finais.

Minha situação como intercambista me aproximava às vezes mais a colegas estrangeiros e internacionais que a estudantes por-

tugueses. Nesse sentido, não tive facilidade de realizar trabalhos acadêmicos com nacionais de Portugal, com algumas exceções. Por outro lado, em diversas disciplinas pude interagir com grupos de várias nacionalidades e trabalhar em projetos das aulas, apurando ainda mais minha empatia com a diferença/diversidade cultural e meu domínio linguístico em inglês e espanhol.

Pude me envolver ainda numa comunidade acadêmica internacional chamada *Erasmus Student Network Aveiro* (ESN Aveiro), que agrupava estudantes estrangeiros que estavam em intercâmbio. Por meio dela, participei de intensa vida social, em programas como jantares, karaokês, festas temáticas, eventos esportivos, competições e viagens. Uma das inúmeras lembranças que levo comigo é o encontro nacional de integração de intercambistas em Portugal, ocorrido no verão e realizado no Sul do país, vide Imagem 2.

Imagem 2. Erasmus National Meeting 2011 (Albufeira, Portugal)



Fonte: Acervo Pessoal

Por meio de tal associação, do meu curso em Turismo e da comunidade brasileira na UA, foi intenso meu relacionamento interpessoal com ampla diversidade cultural, incluindo amizades/contatos com estudantes europeus (tais como Bielorrússia, Chipre, Croácia, Finlândia, Grécia, Letônia, Lituânia e Sérvia) e de outros países (México, Nigéria, Turquia, Índia, entre outros).

Destaco ainda que, de toda minha experiência em Portugal, tive maior afinidade com as grandes comunidades espanhola, africana (como Angola, Cabo Verde, Moçambique e São Tomé e Príncipe) e também brasileira (com colegas de onze estados do país). Tenho até hoje amizade e contato com alguns deles. Tive ainda a oportunidade de viajar com amigos da Polônia e República Tcheca em Portugal e visitá-los nas férias, incluindo outros amigos espanhóis em seu país.

Em Portugal, pude conhecer cinco das suas regiões, incluindo visita técnica ao Seixal, feira profissional em Lisboa, Semana Acadêmica em Coimbra, o animado Carnaval em Ovar, o frio da Serra da Estrela e o patrimônio medieval de Viana do Castelo. Já minha primeira experiência com neve e frio em temperatura negativa foi no Sul e interior francês nas festas de final de ano (conforme Imagem 3).

Imagem 3. Viagem no inverno a Toulouse (França)



Fonte: Acervo pessoal

Por fim, durante meu segundo semestre de intercâmbio, pude me inserir mais na cultura portuguesa, ao desenvolver trabalhos como prestador pelos Serviços de Comunicação, Imagem e Relações Públicas da UA. Eu havia me inscrito no Programa de Bolsa Estudantil e assim

eu era chamado eventualmente para trabalhar em iniciativas e eventos geridos pela universidade e seus parceiros, de maneira remunerada.

Assim, estive participando de três projetos: a divulgação cultural de eventos universitários diversos; a produção das Olimpíadas Portuguesas de Matemática; o suporte no Processo Seletivo de Candidaturas de Nível Superior às Instituições de Educação Portuguesas. Além de ter tido uma experiência laboral em Portugal, tal trabalho me permitiu fazer algumas amizades com portugueses e portuguesas de outros cursos e também obter uma pequena renda extra para viabilizar outras coisas durante minha viagem.

Destaco a minha participação, por dois meses, no apoio aos candidatos aos cursos da UA como uma experiência bem interessante, em que pude conhecer melhor as graduações e pós-graduações disponíveis nela e entender o funcionamento do sistema português de avaliação universitária de maneira mais ampla.

Pós-viagem e passos seguintes

Após o intercâmbio, completei disciplinas pendentes na UFF e tive novas experiências profissionais em três estágios remunerados. No fim da faculdade, consegui trabalho na área, e ao concluí-la atuei tanto em turismo quanto em projetos de outras áreas. Na maioria das seleções de trabalho que participei, a experiência de intercâmbio, incluindo idiomas e competências aprimorados em Portugal, foram diferenciais no meu currículo. Ah, no meu regresso, obtive minha cidadania portuguesa que eu tinha direito e hoje sou luso-brasileiro com muito orgulho.

Como apaixonado por tal bagagem, participei no Programa de Apadrinhamento do Intercambista (PAI-UFF) em 2011, sendo anfitrião de uma intercambista italiana e realizei novo intercâmbio na América do Sul sete anos depois. Atualmente, sou também mestrando em Turismo na UFF e vislumbro nova possibilidade de mobilidade de pesquisa, quem sabe?

Eu realmente acredito que cada vivência de mobilidade é pessoal e única, porém, com possibilidade de resultados positivos e coletivos para além dos próprios intercambistas e suas instituições. De tal modo, tais iniciativas devem ser mais fomentadas e facilitadas visando maior inserção no exterior e imersão cultural de nossos estudantes, docentes e profissionais no cenário internacional.

É imensurável a contribuição de tal experiência no meu crescimento e desenvolvimento acadêmico e pessoal, seja no âmbito dos sabores e da gastronomia, de ritmos e músicas, de histórias e geografias diferentes, de novos estilos de vida e seja nas perspectivas de mundo, de sotaques e gírias em português ou mesmo aprendendo e aproveitando a vida em um outro ritmo.

Referências

BANCO SANTANDER. Formação. *Santander Universidades*, 2021. Disponível em: <https://www.santander.com.br/universidades>. Acesso em: 06 fev. 2021.

BRASIL. Ministério do Turismo. *Turismo de estudos e intercâmbio: orientações básicas*. 2. ed. Brasília: MTUR, 2010. Disponível em: http://antigo.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Turismo_de_Estudos_e_Intercxmbio_Versxo_Final_IMPRESSxO_.pdf. Acesso em: 07 fev. 2021.

EUROPEAN UNION LAW – EURLEX. Processo de Bolonha: estabelecimento do Espaço Europeu do Ensino Superior. *Sínteses da legislação da UE*, 2015. Disponível em: <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/?uri=LEGISSUM:c11088>. Acesso em: 17 abr. 2021.

UNIÃO EUROPEIA – UE. O que é o Erasmus+. *Erasmus+*, 2021. Disponível em: https://ec.europa.eu/programmes/erasmus-plus/about_pt. Acesso em: 17 abr. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE – UFF. Programa de mobilidades. *Superintendência de Relações Internacionais (SRI)*, 2021. Disponível em: <http://international.uff.br/pt>. Acesso em: 06 fev. 2021.

ENTRE A CHEGADA E A SAÍDA

UM ENCONTRO COM MOÇAMBIQUE

RODRIGO FRALETTI NATAL^[1]

Introdução

Para falar sobre meu encontro com Moçambique, preciso retornar um pouco e iniciar pelos motivos que me fizeram escolher esse país como destino. Saindo de Campinas/SP, me mudei para Rio das Ostras/RJ para cursar Psicologia na UFF. Entrar na universidade é sempre um processo de encontrar vários mundos, ampliar horizontes e encontrar oportunidades que só poderiam ser proporcionadas dentro desse espaço.

Durante meu processo de formação, participei do Programa de Educação Patrimonial em Oriximiná^[2], coordenado pela professora Adriana Russi e o professor Johnny Alvarez, onde na época estava sendo implementado uma formação *lato sensu* em etnoeducação aos professores da rede de ensino da cidade. Em 2016 fui para Oriximiná/PA para a expedição de campo deste projeto, onde nós (estudantes)

^[1] Graduando em Psicologia pela UFF. Foi intercambista na Universidade Pedagógica de Maputo (Moçambique) em 2018.

^[2] Para mais informações sobre o projeto, acessar: <http://patrimoniocultural.uff.br/>. Acesso em: 02 out. 2021.

ficamos 20 dias na cidade para mediar a relação entre os professores da UFF e os professores participantes da formação.

Começo falando sobre esse projeto, porque estar em Oriximiná foi um primeiro passo para emergir meu desejo em conhecer outros locais, para encontrar diferenças e me relacionar com a alteridade. Oriximiná, sendo uma das maiores cidades em território do Brasil, concentra uma grande pluralidade de povos e culturas, tendo uma grande concentração de comunidades ribeirinhas, quilombolas e aldeias indígenas, sendo possível encontrar toda essa pluralidade no centro urbano da cidade.

Com a mediação do professor João Felipe Lobato da Cruz, participante da formação, tive o privilégio de passar um fim de semana no quilombo do Jauari, podendo vivenciar e conhecer aquele espaço e pessoas, bem como o Daniel Souza, liderança do quilombo.

Depois dessa experiência, também busquei estar presente em várias festas de quilombos do estado do Rio de Janeiro, como as festas do quilombo de São José da Serra em Valença/RJ e o quilombo da Machadinha em Quissamã/RJ.

Essas experiências foram transformadoras na minha vida. Proporcionaram conhecer organizações sociais e culturas diferentes, ampliando meus horizontes de percepção e enriquecendo o olhar para o mundo, assim como minha relação com a academia.

Por essas experiências que a universidade me proporcionou, me inscrevi no programa de mobilidade internacional com o desejo de estudar em Moçambique. Desejo ser movido por momentos que me aproximaram da realidade plural do Brasil, mas principalmente de realidades não hegemônicas. Comunidades e povos que vivem sendo resistência a uma lógica euroamericana, através de uma forma de vida diferente da hegemônica branca.

Moçambique, para mim, apareceu como o país que poderia oferecer esse tipo de experiência. Levando em conta a barreira que eu tinha em relação a outras línguas, minhas opções estavam limi-

tadas entre Moçambique e Portugal, sendo a segunda de pouco interesse, já que estava buscando diferenças e Portugal já se faz muito mais presente no nosso processo de formação em geral. Acredito que depois desses exemplos, ficou óbvio o motivo da minha escolha não ser Portugal. Como brasileiro branco, não tenho interesse em buscar semelhanças, mas algo que proporcione o encontro com uma alteridade menos ocidental.

Encontro com Moçambique

Cheguei em Maputo, capital de Moçambique, no dia 26 de julho de 2018, depois de algumas horas de viagem e escala na África do Sul. Estive vinculado à Universidade Pedagógica de Maputo, pelo curso de Psicologia. Durante os cinco meses e alguns dias que estive no país, morei na residência universitária, mas como fecham para o fim do ano, passei meus últimos 20 dias na casa do Horácio Morgado, moçambicano que me acolheu e a outro brasileiro, Rhuann Fernandes, de braços abertos.

Meu encontro com Moçambique foi mediado por pessoas que para sempre carregarei comigo, e não tem como eu falar dessa experiência sem citar algumas delas. Abel Henriques Elias Manhique, de 21 anos, é estudante do curso de Assistência Social da Universidade Pedagógica, e foi responsável por me mostrar *Moçambique real*, como ele mesmo dizia.

Abel e sua família me receberam em casa, na Zona Verde, periferia da capital. Neste local vivenciei o dia a dia das pessoas. Aprendi a fazer Badjia, bolinhos de feijão frito com a Tia Ester. Frequentei a Igreja Católica de São Francisco de Assis e pude me encantar com a musicalidade encontrada nas missas sempre acompanhadas de coral e batuque.

Passei por momentos inesquecíveis, principalmente por encontrar um companheiro disposto a me apresentar a sua realidade. Cheguei a ir até ao enterro de um homem da comunidade, e após isso, participar da confraternização que existe após o ritual na casa da viúva.

Com ele, viajei para o interior da província de Gaza, onde conheci seus avôs maternos, e pude estar presente na festa de casamento de parentes da família. Na região, a língua mais falada é a Chope e em vários momentos as pessoas não falavam português. Além disso, Gaza é uma província muito importante para a história de Moçambique, onde viveu o último Rei de Gaza e líder do império Gungunhana, reconhecido pela luta e resistência à colonização portuguesa. Se tornando símbolo dessa luta depois da revolução e conquista da independência do país pela Frente de Libertação Nacional de Moçambique (FRELIMO) (WERMELINGER, 2019).

Outro dos vários encontros importantes, foi Ângelo Daniel Chumane. Filósofo formado pela UP e Curandeiro com seus 33 anos. Conheci ele em uma barraca – lanchonete – em frente à universidade, e foi meu principal interlocutor sobre a espiritualidade moçambicana. Trocamos histórias e conversas que misturavam a espiritualidade afro-brasileira com a moçambicana e com um pouco de filosofia.

Depois desse primeiro encontro, tivemos outros, sempre de sexta feira em sua casa. Em um específico, Ângelo jogou seus búzios para mim, e seu jogo, diferente dos encontrados no Brasil, não era apenas com os búzios, mas tinha outras conchas, pedras e até um pequeno osso de leão. Em outro, me explicou sobre os espíritos, e a relação de cada um com as etnias existentes no país: como os Changanas – localizados na região de Maputo – e a relação desse grupo com o espírito do leão. Diziam que alguns conseguiam colocar as mãos dentro da boca do animal sem nenhum problema.

Disse que era mais próximo do espírito da Hiena, sempre nomeados primeiro em changana, e depois em português. Também

passei por um processo chamado Bafo: sentei em frente de uma bacia onde ele raspava raízes e outras coisas, depois de completar com água fervente, pediu para eu colocar a cabeça por cima da bacia e pedir o que eu desejasse, nisso jogou uma toalha branca em cima de mim. Fiquei dentro desse Bafo por alguns minutos, sentindo o vapor quente por todo o corpo. Depois, com a água já fria, tomei banho com essa mesma mistura.

Entrar em contato com outras manifestações espirituais, também foi um ponto que pesou na minha decisão por conhecer Moçambique, e além dessas experiências com a igreja católica, e o curandeirismo, também pude vivenciar uma missa na igreja Zion, caracterizada pelo seu sincretismo entre protestantismo e culto aos ancestrais, e até presenciar um culto hindu, ao ser convidado por uma moça indiana, que me fuge o nome, proprietária de uma lanchonete dentro da universidade. De acordo com ela, Moçambique tem uma das maiores comunidades hindu fora da Índia, e foi morar no país por ter seu casamento arranjado pela família com um moçambicano.

Passei por algumas histórias e alguns lugares por onde estive durante a mobilidade, mas poderia ter escolhido histórias completamente diferentes para essa mesma exposição. A riqueza e profundidade das experiências que vivi, e pessoas que conheci, não poderiam ser contempladas nesse trabalho, mas meu objetivo nesse tópico é mostrar o que as outras pessoas podem esperar ao realizar essa viagem: uma avalanche de alteridade e encontros.

A Academia e o contexto

Acredito que quando chegamos em um lugar novo, sempre trazemos coisas estruturadas a partir da nossa história, cultura e posição social de onde viemos. Criamos e projetamos ideias sobre o que podemos encontrar. Além disso, interpretamos nossas primeiras impressões através desse material que carregamos.

Na academia, me inscrevi em quatro disciplinas: Antropologia Cultural de Moçambique, História Cultural e Religiosa de Moçambique, Etnopsicologia e uma disciplina intitulada Tema Transversal em Gênero.

Em um primeiro momento, me incomodei com algumas coisas da academia e, comparando com a experiência acadêmica da UFF, cheguei a interpretá-la como muito positivista e me sentindo pouco interessado por ela. Confesso que hoje, olhando para a forma que pensei naquele momento, vejo os problemas dessa interpretação precipitada, e fui tomando consciência disso quando comecei a conhecer a história do país.

Moçambique conquistou a independência através da revolução organizada pela FRELIMO em 1975 (MOÇAMBIQUE, S.d.), e após isso o país viveu anos de conflito entre a Resistência Nacional de Moçambique (RENAMO). Teve sua primeira academia fundada em 1968 com o nome de Universidade de Lourenço-Marques, e com a independência foi renomeada para Universidade Eduardo Mondlane em 1976 (UEM).

Cito esses fatores porque fui tomar consciência deles, além do fato de Moçambique se encontrar com o nono pior índice de desenvolvimento humano (AGÊNCIA LUSA, 2020), que consegui identificar o porquê o meu posicionamento sobre a academia estava equivocado. Pois não levar em conta esses fatores, é o mesmo que justifica discursos evolucionistas e racistas sobre países colonizados e africanos. Também, por perceber que outras pessoas em intercâmbio, tiveram um encontro totalmente diferente do meu com a academia moçambicana, e colheram vários frutos dessa relação.

Como podem ver pelos nomes das disciplinas que cursei, não me restringi a pegar disciplinas apenas de Psicologia, pegando disciplinas dos cursos de Antropologia e História. Isso também vem pela forma que venho construindo meu olhar para Psicologia: como um saber que necessita de uma implicação política e que não tem como

atuar sem estar inserida no território. Nesse sentido, achei mais interessante para meu processo de formação, entrar em contato com o território, seja pelas disciplinas em Antropologia e História ou na própria vivência desse território, buscando estar nos espaços e conhecer as pessoas.

Em História Cultural e Religiosa de Moçambique, entrei em contato com os diferentes momentos da relação estado e igreja na época da colônia. Em Antropologia Cultural, e Etnopsicologia, nas diferenças étnicas e territoriais que existem no mesmo. Diferenças essas que fazem a tradição de uma etnia ser vista como completamente estranha e esquisita para outra etnia, e a universidade era esse local de congregação de pessoas de locais, culturas e países diferentes.

Contribuições para a formação acadêmica e pessoal

Uma das contribuições mais importantes da mobilidade foi entrar em contato com uma realidade africana. O Brasil, em todo seu processo histórico e político, reduziu a história da África a história da escravização e diáspora, focando sempre nos navios que saíram de alguns países e chegaram ao Brasil, ou seja, sempre na perspectiva do colonizador.

Essa política só começa a se modificar com a Lei nº 10.639, de 2003, de obrigatoriedade do ensino da história da África nas escolas. Então, foi em Moçambique meu primeiro encontro com a história de um país africano, com um processo de colonização portuguesa fora do Brasil, com uma forma de organização familiar não ocidental, e muitas outras diferenças. Ou seja, foi em Moçambique que eu entrei em contato com uma cosmovisão diferente da branca euroamericana.

Esse contato me afeta trazendo questionamentos e a necessidade de pensar coisas, e hoje caminho para realizar a monografia de conclusão de curso como uma forma de devolutiva ao país, assim

como uma forma de sintetizar e elaborar os questionamentos que me surgem. Nesse momento, venho elaborando esse projeto, e como ainda pouco desenvolvido, não me sinto seguro de trazê-lo aqui.

Mas, percebo que esse movimento e a necessidade de pensar a experiência de mobilidade aparecem em vários intercambistas. Como a Vitória Marinho Wermelinger, graduada em licenciatura em Ciências Sociais pela UFF de Campos dos Goytacazes que foi pelo mesmo edital que eu, e produziu o artigo citado anteriormente de título *Gungunhana: A construção de um herói moçambicano*.

Comentei sobre algumas diferenças encontradas em Moçambique, outra, foi conhecer o casamento tradicional, conhecido como *lobolo*, mais especificamente o *lobolo* do Sul de Moçambique. Essa prática consiste em dar presentes à família da noiva, e busca a harmonia social das famílias (FERNANDES, 2020). Sinteticamente, ele é dividido em três partes, e eu cheguei a presenciar a primeira, chamada *hicombela mati* (pedir água), onde se estabelece os primeiros laços entre a família do noivo e a família da noiva (FERNANDES, 2018).

Sobre esse assunto, preciso também citar Rhuann Fernandes, que também estava nesse período em mobilidade. Na época graduando de ciência social pela UERJ, ao entrar em contato com o *lobolo*, muda todo seu projeto de monografia e decide pesquisar o mesmo. Após defender seu trabalho, de profunda sensibilidade científica, transforma-o em livro, de título *Casamento Tradicional Bantu: O Lobolo no Sul de Moçambique* (2020), sendo o primeiro sobre o tema publicado por um brasileiro.

Trouxe esses trabalhos, que foram impulsionados por essa experiência, trazendo-os como exemplos de publicações que podem sair dela. Trabalhos estes que atuam politicamente para trazer a voz de diferentes formas de existências para nossa academia e fortalecendo a implementação da Lei nº 10.639, tão importante para a ampliação e reparação da história do Brasil. Moçambique é um mundo

diferente e ao mesmo tempo semelhante, conhecê-lo é um presente repleto de encontros que hoje carrego na minha história.

Além dessas produções, outra estudante brasileira que estava com a gente é Larissa Santos, na época estudante de Letras da UFF e hoje graduada, e participante do Clube do Livro, grupo de pessoas unidas pela vontade de fazer ler e disseminar a leitura por Moçambique.

Conclusão

Cheguei em Moçambique com a expectativa de me surpreender, de encontrar um mundo nunca vivido. Voltei com essa expectativa realizada, mas para além disso, apaixonado pelo país e pelas pessoas que passaram pelo meu caminho. Desde minha volta, busco incentivar outros estudantes a se interessarem por Moçambique e olharem para esse país como um destino para a mobilidade internacional.

Durante esse trabalho, citei alguns brasileiros que me acompanharam, mas também preciso trazer outros que marcam esse processo, como Katia Leonor Alves e Amanda Fiuza que marcaram alguns dos encontros no terraço da UP, assim como Iris Pimentel, minha companheira da Psicologia na UFF Rio das Ostras que estava na UEM, mas uma companheira de antes da mobilidade.

Eu só tenho que agradecer esses momentos às pessoas que me acolheram e me ensinaram por lá. E sigo minha vida habitado por essas lembranças e buscando trazê-las para meu processo de formação acadêmica, como forma de elaboração e retribuição a tudo que vivi.

Em Moçambique, tem um ditado que sempre vem à cabeça, e marca minha viagem: *A ku lela ku vengá vuyani* (RIBEIRO, 1989). Traduzindo-o, significa: *a despedida causa visitas*, e é sempre despedindo, visitando e revisitando que cheguei, estive e parti de Moçambique, e assim, essa experiência continua a reverberar de várias formas em mim.

Referências

- AGÊNCIA LUSA. Moçambique é o nono pior no índice de desenvolvimento humano. *Observador*, 15 dez. 2020. Disponível em: <https://observador.pt/2020/12/15/mocambique-e-o-nono-pior-no-indice-de-desenvolvimento-humano/> Acesso em: 02 fev. 2021
- FERNANDES, Rhuann. Lobolo: celebração litúrgica e tradicional no Sul de Moçambique. *Revista Campos de Curitiba*, v. 19, n. 2, p. 124-134, 2018.
- FERNANDES, Rhuann. *Casamento tradicional Bantu: o Lobolo no Sul de Moçambique*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2020.
- MOÇAMBIQUE. A luta pela independência. *Portal do Governo do Moçambique*, S.d. Disponível em: <https://www.portaldogoverno.gov.mz/index.php/por/Mocambique/Historia-de-Mocambique/A-Luta-pela-Independencia> Acesso em: 02 fev. 2021.
- RIBEIRO, Armando, Padre. *601 provérbios changanas*. 2. ed. Lisboa: Silvas - C.T.G., 1989.
- UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE – UEM. Nota histórica. *Universidade Eduardo Mondlane*, S.d. Disponível em: <https://www.uem.mz/index.php/sobre-a-uem/historial>. Acesso em: 02 fev. 2021.
- WERMELINGER, Vitória M. Gungunhana: a construção de um herói moçambicano. *Revista Discente Planície Científica de Campos de Goytacazes*, v. 1, n. 1, p. 1-9, 2019.

ADAPTAR E READAPTAR

A EXPERIÊNCIA DA MOBILIDADE INTERNACIONAL NA COREIA DO SUL DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

THAISA DA SILVA VIANA ^[1]

O meu interesse pela Coreia do Sul vem desde o ensino médio e sempre digo ser fruto direto do bem-sucedido *soft power* coreano.^[2] Tudo começou com um mero gosto pessoal pelos produtos de exportação cultural — como música e séries —, até se desenvolver em um genuíno interesse em estudos referentes à reunificação, nacionalismo, e questões relacionadas à política sul coreana. Todo interesse e admiração pelo país culminaram no desejo de um dia poder visitá-lo, mesmo que fosse por um breve período. Pelo crescente gosto pela pesquisa e área acadêmica, a possibilidade de estudar na Coreia do Sul também foi se tornando um sonho a se conquistar.

Entrei na Universidade Federal Fluminense (UFF) já ciente da possibilidade da mobilidade internacional. Lembro de verificar as parcerias com outras universidades estrangeiras antes mesmo de ser aprovada no SISU, enquanto ainda me preocupava com o ENEM e demais vestibulares. Ver todas as opções e oportunidades de intercâmbio que a UFF oferecia me motivou tanto em escolhê-la como

^[1] Graduanda em Relações Internacionais pela UFF. Foi intercambista na Konkuk University (Coreia do Sul) em 2020.

^[2] “Poder Brando” em livre tradução. Termo utilizado nas Relações Internacionais para descrever a habilidade de um Estado em influenciar interesses e comportamentos de terceiros, geralmente relacionados à exportação cultural e ideológica de um país.

casa nos últimos 4 anos quanto a perseverar em meu objetivo da mobilidade internacional. Se antes o sonho de estudar na Coreia do Sul era algo tão distante e impossível para minha realidade, aos poucos, ele foi se mostrando como um objetivo cada vez mais real.

O sonho longínquo finalmente se concretizou depois da aprovação no edital para a mobilidade internacional no primeiro semestre de 2020, e, apesar da insegurança financeira e pessoal, me sentia disposta a encarar a jornada.

Fui selecionada para estudar na Konkuk University, em Seul, uma das universidades mais conhecidas da Coreia do Sul. Cheguei no país no dia 20 de fevereiro de 2020, após uma viagem de aproximadamente 30 horas de voo, ainda incrédula em tudo que estava acontecendo.

No entanto, ainda que tudo fosse a realização de um projeto por muito tempo planejado, talvez eu não estivesse pronta para todas as surpresas que surgiram durante o processo.

O ano de 2020 foi profundamente marcado pela pandemia de COVID-19 a qual afetou todas as nossas dinâmicas e vivências. Vivemos no “novo normal”, com restrições, adiamentos, cancelamentos, e a temida quarentena, que no Brasil foi prevista por apenas um mês, mas que se estendeu por quase um ano e ainda faz parte do cotidiano de milhões de pessoas ao redor do mundo.^[3] Além de me adaptar ao novo ambiente, eu teria que me adaptar a uma nova realidade diferente até mesmo para a própria Coreia do Sul.

O país encarava a pandemia diferente dos demais países que passavam pela crise, muito por já enfrentá-la antes mesmo de ser categorizada como uma pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS), e também por já ter uma experiência semelhante durante a crise da Síndrome Respiratória do Oriente Médio (MERS), em 2015. Não havia tantas restrições, as aulas foram brevemente adiadas e os

^[3] Texto escrito em dezembro de 2020, enquanto ainda não existia vacina e a quarentena e outras medidas restritivas continuavam em diversos países.

estabelecimentos continuavam abertos, sendo obrigatório apenas o distanciamento social em locais públicos e o uso obrigatório da máscara. Ainda assim, era uma situação preocupante para todos e existia um certo medo pela doença até então pouco conhecida.

Apesar de ter ido para a Coreia do Sul enquanto o Brasil apresentava um número de casos ainda longe de seu pico, pude notar diferenças interessantes dos efeitos da pandemia em ambos os países. Para além das políticas públicas e impactos como números de casos e óbitos, pude observar interessantes diferenças dos efeitos sociais da pandemia em cada país, sendo essa variação vinda principalmente devido o fator cultural de cada um. Cito como principal exemplo o próprio hábito de usar máscara. Enquanto no Brasil era algo novo e foi, até certo ponto, difícil de ser adotado, na Coreia do Sul é parte comum à própria cultura coreana — especialmente no inverno —, não sendo um item novo a ser integrado à rotina pós pandemia.

A pandemia ainda trouxe modificações quanto à forma de ensino. As aulas passaram a ser parte remotas e parte presenciais, com conteúdos transmitidos através de plataformas *on-line*. De início pensei que o novo modelo seria dificilmente incorporado, mas tudo foi rapidamente ajustado, muito por já ser comum às universidades coreanas terem parte do conteúdo em portais *on-line*. Acredito que estar em outro país, com uma didática tão diferente da que conhecia no Brasil, ajudou a encarar com mais facilidade esses novos tempos de aulas *on-line* quando voltei à UFF. Aprender a ter a mesma disciplina e consistência com os estudos *on-line* e presenciais na Konkuk fez com que transição das aulas presenciais para as aulas *on-line* fossem muito mais suaves para mim, e depois, pude até mesmo utilizar esse conhecimento e experiência para atuar como monitora no semestre seguinte à minha volta.

Outro ponto interessante de observar na comunidade acadêmica coreana foi a presença dos conhecidos clubes, reunindo alunos por algumas semanas para debater diversos assuntos — até mesmo

sobre vida alienígena no clube chamado “*alien club*”, o qual fiz parte por um tempo. Mais do que uma tentativa de produção de conhecimento, era também uma forma de aproximar alunos, formar grupos de amigos e até mesmo dar um tempo de lazer para os alunos dentro da própria universidade, já que a vida acadêmica ocupa grande parte da vida de um estudante universitário — em especial na Coreia do Sul em que é mais comum morar nas moradias oferecidas dentro do próprio *campus*.

Acredito que esses grupos foram importantes para uma maior integração com outros alunos, especialmente fora do círculo de intercambistas. Apesar da barreira linguística, que por vezes nos coloca em situações até engraçadas, estar em um clube, mesmo que por pouco tempo e em condições tão adversas devido à pandemia, foi uma troca cultural extremamente valiosa e interessante. A possibilidade de poder utilizar a disciplina de língua coreana de forma prática, ajudar outros alunos com o inglês e, acima de tudo, fazer novos amigos, se tornaram mais uma prova da existência das universidades não apenas na produção de conhecimento, mas como espaço amplo e acolhedor para debate e enriquecimento de círculos sociais. Além disso, os clubes mostraram para mim a força do corpo discente em se mobilizar e trabalhar em conjunto, mesmo em coisas tão simples quanto a discussão de vida alienígena, e em tempos tão difíceis como foi durante a pandemia.

Sobre a questão do idioma, aliás, pessoalmente considero uma das partes mais interessantes e desafiadoras da mobilidade internacional, mas que para mim se tornou mais do que a aprendizagem de apenas um novo idioma. Confesso que poder me comunicar com duas senhoras perdidas em um mercado em Iksan com o pouco que aprendi nas aulas de coreano foi algo divertidíssimo, mas compreender aspectos culturais importantes através do idioma me marcou profundamente e em muito ajudou minha pesquisa.

Dou como exemplo duas situações que aprendi com o estudo da língua coreana durante o período da mobilidade que me auxiliaram em meu estudo e desenvolvimento acadêmico: o conceito de “한” e a contextualização na língua coreana.

“한”, romanizado como “Han”, é uma palavra sem tradução apenas entendida como um conceito para emoções ligadas ao ressentimento e tristeza coletiva entre os coreanos. Essa simples palavra carrega consigo todos os elementos para se compreender as dificuldades históricas que o povo coreano passou ao longo dos anos, as quais contribuíram para a construção da Coreia como nação coletiva. O sentimento e a palavra surgem como uma resposta à dolorosa história da nação com anos de opressão, se tornando um elo de ligação entre todos os coreanos e fazendo parte da cultura coreana até hoje. A identidade da sociedade coreana moderna pós-colonial perpassa esse conceito, e para estudar movimentos nacionais da península, o conceito de apenas uma Coreia e a reunificação — temas da minha pesquisa atual — é necessário compreender também esse sentimento. Somente estudando a língua coreana é possível compreender a dimensão do *han*, e compreender a dificuldade de uma tradução precisa.

Além disso, cito a contextualização da língua coreana como outro elemento que em muito contribuiu para minha formação. Assim como outras línguas asiáticas, o coreano é muito baseado em um contexto. Durante a formação das frases, oculta-se algumas informações durante a comunicação por acreditar já ser sabido no momento da fala, mesmo a informação nunca sendo mencionada antes.

Essa forma de elaborar frases torna o coreano extremamente difícil para falantes de outros idiomas, especialmente lusófonos, pouco acostumados com a forma de posicionar verbos para montar frases — que tem seus verbos colocados no final da frase — e por serem línguas mais descritivas e detalhistas. Observei dificuldades pessoais em sempre colocar informações demais em meus textos e

respostas de trabalhos, sendo sempre avisada por meus professores na Konkuk de que muito já se sabia pelo próprio contexto da ocasião, e que eu precisava ser mais objetiva. Após estudar mais do coreano, observo que suas pontuações eram mais do que uma tentativa deles de impedir que eu fosse prolixa, sendo uma característica cultural dos coreanos em serem diretos e gostarem de respostas mais diretas. Essa característica percebi como sendo reflexo do próprio idioma que exige uma abordagem muito mais direta, sem muitos adjetivos e descrições. Esse aprendizado refletiu profundamente em minha pesquisa, aprendendo a ser mais objetiva tanto nas diretrizes de escolha de tema quanto na própria escrita.

Devo acrescentar ainda quanto a pesquisa que estar na Coreia do Sul me proporcionou um muito maior acesso a materiais e bibliografias disponíveis sobre as Relações Internacionais e a Ásia. Estar no país não só permitiu um acesso mais fácil a esses conteúdos —que antes no Brasil eram tão restritos—, mas como também me trouxe vivência sobre os assuntos o qual pesquisava. Além da pandemia, o país também passava pelas eleições parlamentares, com direito a carros de som, coreografias com *jingles* de campanha, comícios e manifestações. Muito pude observar sobre grupos e movimentos políticos presentes no país durante o período. Pude presenciar diversas manifestações dos grupos anti-Japão, anti-China, grupos nacionalistas, grupos pró-unificação e outros movimentos políticos que sempre estudei de longe. A experiência me permitiu obter fontes primárias com entrevistas e pesquisas de campo em várias manifestações que ocorreram enquanto estava no país, e essas, se tornaram fundamentais durante a elaboração de um artigo sobre nacionalismo coreano e futuramente meu trabalho de conclusão de curso relacionado ao tema.

Além de todo aprendizado dentro da Konkuk, também tive experiências fora da faculdade que me fizeram crescer pessoalmente e aprender mais sobre a Coreia do Sul, e diria até mesmo sobre o pró-

prio Brasil. Em diversos passeios pelos cafés e bairros de Seoul, eu e outros intercambistas sempre observamos como a cidade parecia girar em torno das faculdades e da educação em geral. Pareciam que todos os bairros tinham seus estabelecimentos voltados para atender as faculdades — que eram muitas — por perto, como se a cidade tivesse em seu centro os centros acadêmicos.

Outro momento que sempre percebi esse fato era ao ver a comunidade residente ao redor da Konkuk todos os dias pela manhã, ou pela noite, passeando pelo grande lago bem no coração do *campus*. Era como se a faculdade fosse também um grande parque aberto para o lazer e o bem estar da população. Não apenas na Konkuk isso ocorria, mas todas as outras grandes universidades de Seul também eram abertas ao público 24 horas, sendo sempre muito presentes na comunidade ao redor.

Estudar na Konkuk University foi com certeza um divisor de águas, que me fez perceber o quanto a educação pode mudar uma nação e transformar realidades. O investimento maciço da Coreia do Sul nas universidades e na educação como um todo durante a década de 1980 valeu a pena, e isso é tangível no cotidiano do país atualmente.

A língua coreana atual sendo tão didática, com objetivo de expandir a alfabetização o mais rápido possível; a arte nas moedas, tendo como principais figuras nomes importantes da era mais marcante para a educação e ciência coreana; a valorização dos professores no país; além de toda resposta rápida e eficiente do governo coreano frente à pandemia, levando em consideração médicos, cientistas e especialistas para combater a crise, entre outros momentos, exemplificam um pouco dessa realidade focada na educação já tão característica da Coreia do Sul.

Em momentos de descrença nas instituições de ensino superior e na ciência no Brasil, viver em um local que não apenas os bairros de sua principal metrópole, mas, toda sociedade, gira em torno da educação, foi surpreendente. Diria até, acalentador, por trazer

esperança de que esse presente coreano seja um futuro não tão distante para o Brasil.

Todo esse debate me despertou um olhar ainda mais profundo sobre o Brasil e suas instituições educacionais, compreendendo ainda mais sobre todo delicado trabalho das universidades brasileiras em existir e, acima de tudo, resistir.

As políticas de inclusão, por exemplo, amplamente criticadas nos últimos anos, foram uma das formas adotadas para ampliação da educação superior, e se tornaram políticas que mudam não apenas indicadores socioeconômicos e perfis raciais dentro da comunidade acadêmica, mas realidades, dando perspectivas de vida para jovens que jamais imaginavam um dia ter uma vida em que a educação se mostrava possível. A ampliação do acesso à educação superior, assim como foi feita na Coreia do Sul, já é incentivada pelas universidades brasileiras, e, é, de fato, capaz de transformar um país socialmente e politicamente. Além disso, ver toda integração da Konkuk com a comunidade local me lembrou todo esforço da UFF e o projeto UFF nas Ruas, com o incansável trabalho de integrar ainda mais a população nas universidades.

Pude observar também que a mesma luta das universidades brasileiras para a preservação da democracia e defesa da liberdade de expressão também está fortemente presente nas universidades coreanas. O Brasil e a Coreia do Sul compartilham o mesmo passado com ditaduras militares fortemente repressivas, e as universidades dos dois países se tornaram os principais focos de luta contra esses regimes opressores. Sempre é mencionado nos estudos sobre a história coreana a forte resistência das universidades na década de 1980 — em especial dos estudantes universitários de Gwangju durante o massacre em 1980 —, e enquanto frequentava a Konkuk, tanto os professores quanto os monumentos, textos e tudo no *campus* lembrava a luta da universidade durante a ditadura militar. Não pude deixar

de lembrar da UFF e todo seu histórico de luta política, e pude perceber a semelhança entre ambas na resistência frente ao fascismo.

Digo que a Coreia do Sul me trouxe novos aprendizados. Aprendi a ter mais paciência para conviver com os outros — no caso principalmente devido à barreira linguística — aprendi também que apesar de todos os ventos contrários, é possível aproveitar e se deve fazer o melhor com o que se tem. Aprendi a me abrir mais com as pessoas, a ter mais coragem de enfrentar novos desafios, a ter esperança de que apesar dos crescentes problemas, com calma, tudo teria uma solução — mesmo que esse problema envolva a suspensão de linhas aéreas para o Brasil e você fique preso na Coreia do Sul sem previsão de volta. E digo ainda que aprendi também a fazer um maravilhoso 칼국수^[4] e o famoso 비빔밥^[5] de Jeonju. Além do aprendizado, digo que a Coreia do Sul também me deu algumas certezas a mais.

Voltei da Konkuk University com a certeza de seguir a carreira acadêmica e o magistério como futuro profissional, por uma vocação que redescobri enquanto estava no país. Formei certezas sobre o papel das universidades e da educação em uma sociedade, após perceber e viver intensamente sob seu papel transformador.

Espero um dia voltar ao país que tanto me ensinou e não poderia terminar esse texto sem agradecer imensamente à UFF e à Superintendência de Relações Internacionais (SRI). Agradeço pela oportunidade, e acima de tudo, por todo suporte oferecido. Meu período de mobilidade internacional não poderia ter sido mais caótico e único, e mesmo em momentos tão difíceis, era tocante todo o esforço e mobilização feito pela UFF para que tivéssemos todo suporte necessário.

Viva a ciência e as universidades, de Gwangju a Seul, ou de Niterói à minha saudosa cidade Tefé.

^[4] Macarrão coreano cortado na faca, em tradução livre.

^[5] Arroz com vegetais, carne e molho de sésamo, em tradução livre. Um dos pratos mais populares da Coreia.

FUTURO

ABRACE-O, MESMO QUE COM RECEIOS,
BONS MOMENTOS ESTÃO NO TRAJETO

THATYANA DE SÁ CAVALCANTI^[1]

“Futuro”. Uma simples palavra com um significado forte na vida de todas as pessoas. Desde pequenas as crianças são condicionadas a planejarem seus futuros, mesmo que não saibam direito sobre o que se trata e, para mim, essa questão não foi diferente. Por volta dos meus 10, 12 anos eu já sonhava em fazer intercâmbio, afinal, é de se esperar que crianças tenham esse sonho, uma vez que crescemos em um país multicultural com inúmeros pontos turísticos e uma forte presença cultural externa, em outras palavras: somos apresentados a essa presença cultural externa desde cedo. Então, como um sonho de criança eu queria ter essa chance de estudar fora, porém os anos seguem e passamos a compreender pouco a pouco que a vida não é tão simples, ainda mais quando adicionamos valor monetário a essa equação.

A minha parte de fato da história começa em 2017 quando, após um ano cursando Design Gráfico em uma instituição privada eu, através do SISU, passei para a Universidade Federal Fluminense para cursar desenho industrial com habilitação em projeto de produto. Logo no início tomei ciência da existência da, mesmo que remota,

^[1] Graduanda em Desenho Industrial pela UFF. Foi intercambista no Instituto Politécnico do Cávado e do Ave (Portugal) em 2020.

possibilidade de realizar um intercâmbio acadêmico, uma vez que a faculdade mantinha convênios e programas de mobilidade com instituições externas pelo mundo afora. Confesso que a minha primeira tentativa não me rendeu resultado positivo, porém não me desanimei, afinal eu tinha chances e, além disso, uma colega de turma havia tentado também para faculdades portuguesas diferentes das minhas opções e havia passado, esse fato fez com que eu confiasse mais ainda que as possibilidades eram reais. Entretanto, ao tentar pela segunda vez só tenho a dizer que foi indescritível a sensação de ler meu nome na lista dos selecionados, logo na minha primeira opção de instituição, Instituto Politécnico do Cávado e do Ave (IPCA).

Quando estava planejando realizar minha inscrição para mobilidade fiz uma primeira pesquisa rasa sobre as instituições as quais eu poderia ser candidata (por conta de teste de proficiência de língua estrangeira eu limitei as minhas escolhas às universidades de Portugal), dentre as opções eu passei para uma investigação mais detalhada das minhas “top 5”, considerando questões como: localização, ementa do curso, vida no *campus*, transporte, entre outros. A inscrição é feita levando em conta duas opções, após minhas análises eu acabei optando pelo Instituto Politécnico do Cávado e do Ave, como primeira opção, para o curso de Design Gráfico e o Instituto Politécnico do Porto tendo como curso pretendido o de Design - Opção Design Gráfico e Publicidade, marquei as datas importantes que estavam definidas no edital em meu calendário pessoal e, como ainda faltava um bocado para a seleção, eu dei uma esquecida neste tópico, afinal tive receio de criar altas expectativas para no fim ter o mesmo triste resultado que obtive anteriormente, tanto é que apenas duas pessoas sabiam que eu havia me inscrito, ambas grandes amigas de turma da faculdade, sendo uma delas concorrente no mesmo edital que eu para instituições diferentes em Portugal (vale acrescentar que ela também foi chamada em sua primeira opção de curso, mas voltei a comentar sobre ela mais a frente).

Lembro-me de estar em casa já sabendo que o fim do dia me aguardava com uma notícia muito boa ou uma triste, o resultado só seria divulgado às 18h. Ansiosa e com as expectativas lá em cima faltavam apenas cinco minutos para o horário de divulgação e eu já estava no site recarregando-o repetidas vezes até que um dos carregamentos mostrou a inclusão de um novo item, o tão aguardado resultado. Como já disse é um tanto complicado definir em palavras a quantidade de sentimentos que passaram por mim, porém posso listar alguns como felicidade, ansiedade e, obviamente, o medo do desconhecido. Assim que compreendi que havia sido selecionada fui correndo buscar o nome da minha amiga (a que comentei anteriormente) e lá estava ele também, lembro de ligar para ela, contar e compartilharmos da agitação/ animação. No fim do dia eu apenas imprimi aquela simples folha que continha meu nome e fui compartilhar com meus pais a história toda que, até então, eles nem tinham conhecimento, obviamente ficaram estagnados e contentes com a notícia e assim começou meu ano de 2019, com muitas pesquisas e preparação pois em um ano eu estaria embarcando para a maior aventura da minha vida.

Posso falar com certeza que a parte de separação de documentação, aguardo da carta de aceite, visto e afins é uma das partes mais importantes, burocráticas e igualmente chatas, além disso, há o constante receio de que algo pode dar errado ou pode ser negado. Sim, eu tive medo de que a faculdade de Portugal não me aceitasse, de que o meu visto fosse negado, de que qualquer coisa pudesse dar errado, mas felizmente nenhum dos meus temores se concretizou. No final do ano eu já tinha minha carta de aceitação da faculdade, PB4 (um tipo de convênio médico firmado entre Portugal e Brasil), meu planejamento detalhado de casas para morar, um documento com informações gerais sobre tudo que eu pude reunir sobre Portugal e o distrito de Braga (local onde a faculdade se encontra) e havia entrado também com o pedido de visto estudantil de curta duração, uma vez que só ficaria em Portugal por um semestre acadêmico. Em

outras palavras, as questões burocráticas estavam bem encaminhadas e planejadas. Vale acrescentar que ainda não comentei sobre compra de passagens aéreas pois segui o conselho dado pelo setor de mobilidade da UFF em só as adquirir após ter o visto em mãos, o que no meu caso foi certo, pois a data que eu pretendia ir para Portugal foi o dia em que o meu visto foi emitido, chegando em minha casa alguns dias depois ainda. Logo, se eu tivesse feito como vários outros estudantes e comprado as passagens antes do visto teria tido um grande problema.

O dia 27 de janeiro de 2020, a última segunda-feira do mês, foi marcado para mim como o dia da mudança, foi a data em que eu entrei em um avião no aeroporto do Galeão com destino ao Porto - Portugal e uma breve conexão em Madri - Espanha. Foi de malas prontas, meu pai ao meu lado (sim, ele aproveitou e foi comigo para conhecer um pouquinho também), desembarcando no Porto que eu comecei a me dar conta realmente do que eu estava fazendo, foi o meu momento de “começou a cair a ficha”. Tomei total ciência da minha realidade atual e de que eu passaria os próximos meses longe do meu lar e da minha bolha de conforto. É fácil deduzir meus passos seguintes, mas, em suma, chegamos a Barcelos, ficamos em um hotel muito aconchegante nos primeiros dias, visitei o IPCA, abri uma conta em banco, conheci meu futuro quarto/suíte em uma casa de estudantes intercambistas iguais a mim, assinei meu contrato de locação e me “mudei”. Entretanto, além disso, aproveitei e já conheci alguns lugares com meu pai, uma vez que ele havia alugado um carro no país. Visitamos o centro de Braga, a Serra da estrela que ainda estava com um pouco de neve remanescente de alguns dias atrás, passeamos pelo Porto com uma colega brasileira que já estava morando lá há quase um ano e fez um *tour* guiado pelo centro, tivemos a oportunidade de andar por Guimarães (conhecido como o ponto onde “nasceu Portugal”), Viana do Castelo e, por fim, Esposende, todos os

lugares são bem próximos quando se visita de carro, valeu muito a pena por seus encantos e paisagens.

Entretanto, as aulas já estavam para iniciar, me despedi do meu pai cerca de duas semanas depois de chegarmos, me organizei em meu novo espaço, conheci os moradores que compartilhariam a casa comigo, dois brasileiros do nordeste, aprendi a fazer pão-de-queijo com um deles, uma portuguesa que morava no Porto, mas estava ali estagiando e um americano que jogava basquete e também estava de intercâmbio, além disso, aproveitei e conheci um pouco mais da cidade que seria meu lar pelos próximos meses, mas, obviamente, a pé. Barcelos é uma cidade pequena, datada do século XII, com uma população majoritariamente idosa, cercada de monumentos medievais, sem nem sequer um shopping center, preciso dizer que me fez falta no início, afinal sou nascida e criada na região Norte do Rio de Janeiro, com acesso a, no mínimo, quatro shopping centers com certa facilidade e o conceito mais perto que havia era uma feira a céu aberto que ocorria no centro de Barcelos toda quinta-feira e que, diga-se de passagem, eu adorei e visitei com certa frequência. Enfim, a cidade era encantadora, extremamente segura, acolhedora e totalmente diferente da grande cidade de onde vim.

Meu primeiro encontro na faculdade ocorreu em uma terça-feira, conheci vários brasileiros e alguns estrangeiros, o engraçado é que temos uma certa tendência a fazer amizade rapidamente quando encontramos pessoas da nossa nacionalidade fora do nosso país, esse caso não foi diferente. Andamos juntos o dia inteiro e, apesar de todos serem de cursos diferentes, ainda assim trocamos contatos para qualquer necessidade. Confesso que nesses primeiros dias eu não fiz muito contato com estrangeiros, pois a comunicação, como era de se esperar, ocorria em inglês e eu faço parte da porcentagem de brasileiros que teve a aprendizagem do inglês durante o ensino fundamental e médio em escola pública, logo eu compreendia o que falavam, mas

sempre tive receio de me comunicar. Vou falar mais a frente, mas já deixo registrado que, graças ao intercâmbio, eu venci esse receio.

Com a definição da minha grade escolar, iniciei as minhas aulas e logo nos primeiros dias a minha maior apreensão estava se tornando realidade, pois não estava sabendo como fazer amizades. Tenho certeza que esse é um dos maiores desafios de todo intercambista e eu falo com convicção de que tive muita sorte, pois na minha primeira aula em uma das disciplinas que escolhi ocorreu o inesperado: entrei na sala, me apresentei ao professor, ele foi simpático, sentei no fundo e os alunos ainda estavam se posicionando em suas cadeiras e conversando, eis que uma das meninas que entra na sala fala alto que havia aluna nova (sim, eu) e, se voltando para o professor, diz que eu deveria me apresentar e que eles deveriam fazer o mesmo. Normalmente, a gente acharia isso ruim, ser o centro das atenções pode ser algo vergonhoso, mas eu simplesmente entrei no embalo e me apresentei depois que o professor havia permitido, logo em seguida um a um da turma se apresentou falando nome, de onde era (a maioria era de cidades vizinhas), idade e algum comentário sobre si. Confesso que só memorizei alguns nomes, mas adorei a experiência, então se posso te passar um aprendizado tirado deste acontecimento é: se quer fazer amizade com desconhecidos não tenha medo de ser o centro das atenções, pois nesse caso você é o diferente dentro de uma turma conhecida e não há nada de mal nisso, até pelo contrário. Graças a esse dia um grupo da turma me convidou para me juntar a eles no trabalho da disciplina e acabamos ficando amigos, a menina que me fez passar por essa ocasião fazia parte deste grupo e era realmente muito simpática, acabei me juntando a eles durante o período e sendo convidada para os eventos de curso e da faculdade que ocorriam por eles.

As semanas foram passando, o ritmo de ensino era parecido com o do Brasil, então não senti grandes dificuldades, inclusive pela língua, tive algumas saídas com os colegas de curso e uma delas foi

para o chamado “jantar de curso”, onde vários estudantes de design se reuniram em uma pizzaria, comemos, conversamos muito e eles cantavam, bem alto, cantigas que conheciam bem e eu não conseguia acompanhar, mas adorei cada momento, totalmente diferente do que esperava. E já insiro outro aprendizado: participe desses momentos, eles serão memoráveis. Infelizmente, não houve a possibilidade de ter um outro jantar que nem esse pois estávamos no meio para o final de fevereiro, em outras palavras, março de 2020 havia chegado.

A pandemia por Coronavírus (COVID-19) foi declarada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) no dia 11 de março de 2020, uma quarta-feira e a partir de quinta-feira eu já não tive mais aula presencial até o fim do intercâmbio. Os brasileiros que moravam comigo voltaram para o Brasil (já estavam no final do curso mesmo) e a portuguesa voltou para sua casa no Porto alguns dias depois, eu fiquei sozinha por cerca de uma semana. As aulas passaram a ser virtuais, foi bem rápido e o IPCA parecia estar preparado para essa mudança, o comércio não essencial fechou e os supermercados reduziram horários, a utilização de máscara passou a ser obrigatória pelo mundo todo e o constante uso de álcool gel passou a ser uma prática. Meus pais ficaram extremamente preocupados e aumentamos as frequências das nossas ligações por vídeo, porém voltar para o Brasil era apenas uma opção, uma vez que eu ainda estava em aula e havia literalmente me isolado em casa. Estava sendo um momento complicado para todos e obviamente o “estar longe do ninho” não colabora em momento de pandemia, o que mais me tranquilizava era o poder ver minha família e saber que estavam todos bem de saúde, apesar dos pesares. Depois que meus colegas de casa foram embora, seus quartos ficaram vagos e cerca de uma semana depois o senhorio me disse que iriam ser preenchidos novamente, três meninos intercambistas iguais a mim iriam morar ali, havia apenas um porém: eles eram da Romênia e não falavam português.

As primeiras semanas com meus novos colegas de casa foram comigo compreendendo tudo o que falavam em inglês, porém respondendo apenas o básico que eu conseguia, meu segundo receio estava se concretizando: o não conseguir me comunicar por conta da língua. Entretanto, fui notando pouco a pouco que mesmo quando eu falava algo errado ou não sabia como falar algum objeto e afins em inglês eles me compreendiam ou se esforçavam. Por vezes eles repetiam o que eu falava de uma outra forma e eu confirmava que era aquilo, novamente tive sorte pois eram simpáticos e abertos a aprender assim como eu. Inclusive, descobri que eles comemoravam a Páscoa uma semana depois do que estamos acostumados, porém, assim como é costume brasileiro, os romenos também fizeram um almoço especial do qual eu participei, muito saboroso e divertido por sinal. Um dos meninos em especial acabou se tornando um amigo, íamos ao mercado juntos, caminhamos pela cidade algumas vezes, ensinei um pouco de português a ele e aprendi algumas expressões em romeno, o que achei extremamente difícil, mas também foi quem me apresentou a vários outros estudantes intercambistas com os quais acabei fazendo amizade e inclusive viajei ao Sul do país, visitei Lagos com eles em um passeio de fim de semana feito de carro. Resumidamente, por conta da pandemia meus antigos colegas de casa foram embora dando lugar a novos colegas e graças a esses pude esbarrar um pouco com outras culturas, uma vez que conheci pessoas da Romênia, Turquia, Polônia, Ucrânia, Lituânia e também tive contato com outros portugueses e brasileiros que eram amigos deste grupo. Por fim, o convívio, as conversas e os momentos compartilhados com essas pessoas foram tão importantes que ao final do meu período em Barcelos as nossas últimas trocas foram “se um dia quiser vir visitar o meu país me manda uma mensagem, entra em contato que eu até escrevo uma carta para facilitar sua entrada e faço um *tour*”, em outras palavras eu tenho convite para vários países graças a apenas alguns meses de mobilidade.

Com o final das aulas no IPCA, eu precisava definir meus próximos passos, em princípio a ideia era voltar para o Brasil no início de julho, porém com toda a inconsistência dos voos os preços estavam exorbitantes e a próxima passagem em valor “normal” seria nos primeiros dias de Agosto, porém não era ideal permanecer em Barcelos, uma vez que ficaria sozinha novamente com todos os meus colegas indo embora para seus respectivos países, e então acabei partindo para uma nova aventura: Covilhã, cidade onde minha amiga do Brasil (comentei anteriormente que havia passado no mesmo edital que eu da UFF) estava morando durante o mesmo período que eu. Lá eu conheci muitos brasileiros e portugueses, matei saudade de comer pastel do tipo de feira e resgatei um gato filhote com minha amiga, ficamos com o gatinho durante duas noites e um dos colegas de curso dela acabou adotando o filhote definitivamente, confesso que foi um dos momentos de que mais me orgulho na minha vida. Covilhã é uma cidade maravilhosa, com muitas ladeiras, mas ainda assim muito tranquila de se viver e bem maior do que Barcelos (tinha um shopping center que inclusive fui várias vezes).

Meu período de intercâmbio estava chegando ao fim e eu voltaria ao Brasil com minha amiga, portanto decidimos passar nossa última semana em Lisboa, aproveitando que pegaríamos o voo saindo da capital do país com destino final o Rio de Janeiro. A cidade é cheia de turistas e extremamente movimentada, aproveitamos para conhecer alguns pontos turísticos como a Torre de Belém, o Padrão dos Descobrimentos, Mosteiro dos Jerónimos, Elevador de Santa Justa, Coluna de D. Pedro IV, Arco da Rua Augusta, entre vários outros, além disso, também chegamos até Sintra e visitamos os principais pontos da cidade. Na nossa última noite no país jantamos em um dos restaurantes da Praça do Comércio, beirando o Rio Tejo, com música ao vivo e com o espírito de sonhos realizados.

Pousamos no Rio de Janeiro no dia 8 de agosto de 2020 e fomos recebidos de braços abertos, porém máscaras nos rostos, por nossas

famílias. Foi extremamente bom estar de volta no meu lar, apesar da situação pandêmica que na época estava péssima no país. Entretanto, ficou uma vontade de “quero mais” e eu, assim como outros intercambistas, penso em retornar para cursar uma pós-graduação completa no exterior, tenho muita vontade de continuar com essa troca, de conhecer novas pessoas e suas culturas. E essa vontade de cursar uma pós-graduação em Portugal nasceu por conta de uma das disciplinas que cursei, Design Editorial que atua em diagramação de livros, revistas, jornais, entre outros, eu me apaixonei tanto pela matéria, temática e a área de atuação que por conta deste aspecto do intercâmbio acabei definindo com o que quero trabalhar para o resto da minha vida. A gente inconscientemente sabe que esse troca de experiências é extremamente enriquecedor, porém é na prática que notamos o tanto que aprendemos e crescemos no âmbito pessoal, além é claro da criação de networking tão importante no mundo profissional atual. Ainda considerando as questões profissionais, com o meu retorno eu já comecei a aplicar meus conhecimentos obtidos no exterior, inclusive há alguns dias atrás ministrei na semana de *workshops* de desenho industrial da UFF uma capacitação/*workshop* em um *software* (Blender 3D) que aprendi em uma das disciplinas cursadas no IPCA. Além disso, também iniciei o meu primeiro estágio no final de 2020 em *web design*, sendo que graças a mais outra disciplina cursada durante a mobilidade, eu aperfeiçoei meus conhecimentos sobre o assunto e aprendi de maneira mais teórica sobre a área. E sinto que essas aplicações do que aprendi é só o início, ainda tenho muito mais a experimentar com os conhecimentos adquiridos.

Por fim, se você é um aluno(a) que está lendo esse relato ou até mesmo que não seja, mas tem a possibilidade de realizar um intercâmbio mesmo que no futuro eu gostaria de te passar alguns conselhos: tire fotos, elas te ajudam a lembrar dos momentos incríveis que você viveu; esteja aberto a conhecer novas pessoas e queira conhecer suas respectivas culturas, tenha em mente que elas também querem

te conhecer pois somos todos diferentes e isso é definitivamente algo incrível; aprenda bastante, mas não só o conteúdo da faculdade, aproveite para aprender algo novo, uma comida, algumas palavras em outra língua, uma música; visite lugares, o mundo é gigante e com paisagens incríveis, aproveite isso; aprenda também a ficar sozinho às vezes, pois não sabemos sobre o amanhã, mas tenha certeza que você sempre te fará companhia, então saiba desfrutar da sua própria presença e, por fim, mas não menos importante, viva intensamente, aproveite bastante e, mesmo que esteja com medo pensa na seguinte frase que é bem conhecida no senso comum e que eu acho que se aplica muito a esse tipo de momento: “Vai. E, se der medo, vai com medo mesmo! Você recebe da vida aquilo que tem coragem de pedir”.

BEYOND THE ATLANTIC

TREVOR ABRAHAM GEORGES NIMOH MENSAH^[1]

It's fascinating how we could be dislocated from one territory to another, it shows how the world could be a better place without borders and walls, but yet still, it comes back to our own way of life (human nature). We could be very territorial and evasive as well, however, when opportunity calls for dinner, you better run there while the front doors are still wide open and the turf is without borders. I wish we all as exchange students, knew how cultural exchange could be an intellectual nourishment, a privilege and a great pleasure to go beyond our world and feel the experience of life lessons and the value of the education we are acquiring. In this article I can't wait to share with you my personal experiences from this exchange program. About my trajectory, my stay, adaptation, cultural experiences and exchange, as well as the knowledge I have acquired and shared along my years of stay in the country.

It's such a pleasure to historically be a student of one of the biggest federal institutions in South America and Brazil. Today, I even find myself writing to grace the 60th anniversary of our high esteemed university. This was all possible through the Ministries of Foreign Affairs (Itamaraty), the embassy who broke down the educational walls and made it without borders, so that we could ex-

^[1] Graduando em Arquitetura e Urbanismo pela UFF, através do Programa de Estudantes - Convênio de Graduação (PEC-G), originário de Gana.

change knowledge and culture through the exchange program called PEC-G. It is soul enriching and interesting to be in a new territory, adapt to the society, learn their language, culture etc. They say learning a new language it's like growing wings. It takes you soaring on greater heights.

Speaking of language reminds me of the first time I had contact with Brazil and all i knew were only three words that had no connection to each other and were badly pronounced, thus “bom dia, garoto and rapariga”. Along my days I learnt the use of the last word (rapariga) could be considered offensive in some regions in brazil and was even colloquial. Coming from an english speaking country, it was a big challenge learning to speak and pronounce words without an accent. Some portuguese words still weighs my tongue down even today that I speak fluently. However, it is nothing compared to the weight of knowledge I have acquired through education. Could anyone believe that I came from the roots of great and diverse culture (african culture, black culture) to yet find a missing piece of my culture in Brazil. It's like finding that little piece of a missing puzzle.

Who Invented What?

So here comes my architecture history professor, very old and kind, one of my favourite professors in my faculty. He came teaching about how cities were built in ancient times and civilization along the timelines, teaching about the great architecture of the ancient mayans, the romans and the greeks and a bit of African history which was more focused on egypt and mesopotamia, even though I found the content of the african history very little, looking from the perspective of a continent filled with rich and diverse culture, but that wasn't the part that kicked me to myself realization process, finding out my real identity, my true history and the true history of my ancestors and the motherland. There was a phrase he used to joke about it

and would repeat it almost every year to his students saying even if you will fail the course you have to learn and keep it in mind that the “greeks invented everything” at that moment I felt very confused and disappointed in myself for not even knowing that much to oppose to that phrase. This ignited something in me to really go for more than I know, to seek much knowledge about myself and my people. Looking at the enormous territorial demarcation of Brazil and the majority of the population being black and brown but with not enough knowledge about african history, I felt that I was a true representation of Africa. So the plight of seeking got me much answers about Africa, such that I could understand the brazilian perspective of Africa and who an african is. I can't seem to hold it upon their heads for not knowing much about my continent and country because of the language barrier.

Moreover, I doubt that many Africans know that much about Brazil aside from the everyday stereotypes, thus, football and samba. I have been ignorant myself for some time, I thought Brazil was only Rio de Janeiro and then it was all about beaches and surfing, however, I didn't ignore the opportunity of educating myself properly when the chance came, So I give everyone the benefit of the doubt.

There is this saying that, to know what the rat has for dinner you should visit him sometime in his rat hole. Thus to understand lifestyle in Brazil, you should dive a bit into matters of the society to get the real view and understanding for yourself. However not all exchange students have that will to do that. Unlike many others, I decided to penetrate into their way of life, daily lifestyle, the way people think, etc. but i couldn't come to a simple conclusion because i found out that the society is made up of different people from different ancestry. For example, we have the native brazilians, people from the portugues, italian, those from the african origin etc. Even though I didn't get the answer I expected, I found something peculiar about all Brazilians, that they all talk about Africa but people know very little

about the continent's current state of affairs. They know about how black people came to be the majority of the Brazilian population, thus the stories told from the perspective of slavery and that is one main way Africa is known here (through slavery). Some other common ways African countries are known is through the safari that passes on the National Geographic television, some old tribal war films like "Hotel Rwanda" and "Diamante de sangue". This showed how much people's memories are not refreshed about the continent.

Truth be told I wouldn't expect everyone to know a lot about African countries, but a country as big as Brazil with the highest population of black people outside the African continent, with majority of its people bearing the same ancestral background, sharing cultural traits, I expected that the African cultural heritage could be held up high and passed on to keep the memories and our history alive, to my surprise it was so much about African Traditional religion than maybe commerce, trade or contemporary Africa. That being the case, it became pertinent that, as exchange students from Africa, we automatically are the new teachers of what we expected people to know. Therefore we needed to become the change we wanted to see. The clear picture of contemporary Africa we wanted to impregnate people's mind with was hanging around our necks. We couldn't do less than to organise cultural events, talk shows to educate the public about the pieces of history that went missing along the lines.

Identity and Memory

In November 2019, the Union of African students at (UFF) Fluminense Federal University, organized a cultural event entitled "identity and memory of Africa". This event became a turning point to our lives and that of many students in the university. We held various talk shows about social life, politics, economics, technology and sciences in various African countries. We educated ourselves and the

university students who were present about how black African history in Brazil is missing some pieces and key details. At the end of the program many black students were able to find pride in themselves as capable black people, with black ancestry, rich culture and rich history. It was a total success and relief for the black students to know that their history does not start from slavery, that it does not start from the sugar cane fields and the bearing of slave masters names, but it starts from way back when the greek philosophers were seeking knowledge in Africa, when mathematics and science were a mystery and the alchemist were been prosecuted and punished as witches and magic men. That their history started from when the egyptians laid the first stone wall for the pyramids that still defies the laws of contemporary architecture and engineering, when the kingdom of Aksum were carving heads on coins, that their history started from when the kingdom of Benin was building the greatest wall that has ever existed before that of China. It is our responsibility as exchange students to show our participation in this cultural exchange and most especially those of us coming from Africa, it's a duty call since we share history and a great heritage.

How brazil is shaping me

I was reading a book entitled *Consciencism; philosophy and ideology for decolonization* written in 1964 by Osagyefo Dr. Kwame Nkrumah, the first president of Ghana, one of the greatest men the world has seen, a man who possessed an undoubtful intelligence, also a fruit of education without borders. Aside from the many interesting things he talked about, there was a part that really represents my stay in Brazil and the kind of education I'm having at the moment. In the introduction, he talked about how he was presented to great greek and other great philosophers like Aristotle, Plato, Nietzsche, Hegel, Karl Max etc which were of no direct importance to him as an African

Student coming from the colony, however, he had to view it from a different and a much broader perspective, of how their teaching and philosophy could indirectly impact his society. I feel that, since his time not much has changed. It makes it feel like the world has been in a halt for some time now, but actually it hasn't. My point is, my first time in class learning about greek philosophy, roman architecture, ancient politics, brazilian urbanism and history, I found myself conflicted with the same ideas Nkrumah had but on the other side it was gradually and indirectly shaping my way of logical reasoning, my attitude and ideologies became sharper as well as my approach to social problems and my contribution to politics in my country.

Brazil is a great country full of natural resources, beautiful landscape, architecture, beaches, agriculture, however, it is torned apart by social injustice, violence and racism. It's not so different from many countries around the world, everyone has their own problems and so does Brazil. It is so easy for many African students, to say that they never suffered *Racism* or the denial of knowing what *Racism* meant in their home countries is an obvious fact, but it is critical that we analyze the fact that Tribalism exist in many african countries and these two social problems are not very different, if they were family members, i believe they would be close relatives. I could use my country Ghana as an example, people have preconceptions about people from some minor tribes, they pass funny comments and do exactly what racist does to the minor races in countries where racism is strong like in Brazil and the United States. I have felt bad some nights thinking about how maybe i used to laugh about some of these offensive comments when i was in ghana thinking it was a good joke, but i never stopped to think about the fact that it was a bully or something of that sort. I Remember a friend of mine was telling me how he felt bad and offended the day that somebody shouted at him on the street "go back to Africa you black". I felt sad and angry as well, not just for his case but for the fact that I have been a witness to the

same incident back in Ghana, but this time I was part of the majority and the other person was a victim of such a barbaric attitude. As I said in the first paragraph, humans can be very territorial and many times very ignorant. It all comes back to the question “how willing are we to educate ourselves with good moral values and ethics?”.

I have learnt a lot here in Brazil, I learnt to admire my roots, myself as a true great unapologetic African. Back home when I was a kid, when I came home with good grades or winning any debate, my Uncle used to call me “Obroni” which means white man. Because he was raised to believe that the white man is capable and intelligent and that mentality has weighed our society down for centuries. So today if I find myself deconstructing the society I live in (Brazil) and my Ghanaian society, it’s because I found myself, my true power, my inner capabilities as a young black African, capable of winning and going the extra mile for greatness. It isn’t easy and has never been easy but we should never forget our identity. I urge everyone and all exchange students around the world to see the beauty and pleasure in cultural exchange.

On the 6th of March, 1957, the new President of the New republic of Ghana, Osagyefo Dr. Kwame Nkrumah made a remarkable speech, in the extract of his speech he said

And, as I pointed out... from now on, today, we must change our attitudes and our minds. We must realize that from now on we are no longer a colonial but free and independent people [...] That new African is ready to fight his own battles and show that after all, the black man is capable of managing his own affairs.

With this I encourage all the African students participating in the exchange program, that the knowledge we are acquiring today will be of much essence to our society in a few years. So we should never give up even though There might be challenges, however, we must be reminded that, “a man cannot remake himself without suffering for

he is both the marble and the sculptor” (CARREL, 1959).^[2] Therefore, we must keep pushing forward and persevere no matter how hard a situation may be with our education or personal life, these are the experiences that are shaping us and molding our success story.

Drawing down the curtain on perseverance, it brings to mind the story of the two little mice that fell in a bucket of cream. The first mouse quickly gave up and drowned. “The second mouse would not quit. He struggled so hard that eventually he churned that cream into butter and crawled out”.

Referências

CARREL, Alexis. *Man, the unknown*. [S.l.: s.n.], 1959.

^[2] So I quoted Dr. Alexis Carrel prior to what I said earlier, about the challenges that come with the exchange program and the incentives I was giving to the African students in this situation. It's similar to the old adage “No pain, no gain”, which means You cannot change a given situation without putting in much effort. In this context, “suffering” would be the hard work we put in the things we do to shape our lives.

CURSOS INTERNACIONAIS DE VERÃO DA UNIVERSIDADE DE SALAMANCA

ULLY HASHIMOTO MAYERHOFER^[1]

O desejo de estudar fora do país sempre foi um sonho. Aquela vontade de explorar o mundo e conhecer outras culturas me encanta desde a adolescência. A partir de então, busquei me dedicar ao estudo de idiomas estrangeiros, começando pelo inglês e logo me interessando também pelo espanhol.

Durante minha graduação na Universidade Federal Fluminense (UFF), diversos editais de mobilidade internacional foram disponibilizados, pelos quais me interessei muito e acreditei ser a oportunidade pela qual eu tanto esperava. Até que me inscrevi para o Programa TOP ESPAÑA Santander Universidades 2016 e, felizmente, fui aprovada. Assim, meu sonho começava a se tornar realidade.

Importante dizer que o sucesso não veio na primeira tentativa, mas persisti no meu objetivo e acredito ter obtido êxito no momento ideal da minha trajetória acadêmica.

^[1] Graduada em Direito pela UFF. Foi intercambista na Universidad de Salamanca (Espanha) em 2016.

O programa é fruto de uma parceria do Santander Universidades com instituições de ensino públicas e privadas, ofertando a oportunidade de mobilidade internacional através de um programa acadêmico de 03 (três) semanas na Universidade de Salamanca, na Espanha, buscando proporcionar o contato com a língua e a cultura espanholas.

Naquele ano, o processo de seleção foi composto por duas etapas, contemplando na UFF 07 (sete) alunos de graduação e 01 (um) professor da instituição. Dentre os critérios de seleção, constava a avaliação do desempenho acadêmico, a progressão curricular, o nível de conhecimento de língua espanhola e a trajetória acadêmica do candidato, bem como uma distribuição equilibrada das vagas entre os cursos da graduação.

O Programa TOP ESPAÑA concedeu naquele ano mais de 100 (cem) bolsas de estudo, distribuídas por diversas universidades de todo o país, para o período de 01 a 23 de julho de 2016. Os alunos e professores participantes eram dos mais variados cursos de instituições de ensino distintas, formando um grupo capaz de representar a diversidade do povo brasileiro.

Assim, após todo o processo seletivo e o período de preparação, o grupo de brasileiros se reuniu pela primeira vez em São Paulo, na Torre do Santander, para a cerimônia do evento de embarque, que precedeu a viagem. Nessa ocasião, todos os participantes receberam uma camisa e uma mochila do programa, bem como algumas orientações acerca do intercâmbio. Durante o evento, houve ainda a apresentação do depoimento de um participante na edição anterior, relatando suas impressões sobre a experiência que estávamos prestes a viver.

Imagem 1. Participantes da UFF no TOP Espanha Santander Universidades 2016



Fonte: Acervo pessoal

Após o evento, seguimos para o Aeroporto de Guarulhos para iniciar nossa jornada, com destino a Madri, onde fomos recebidos pela equipe da Universidade de Salamanca e partimos de ônibus para a cidade de mesmo nome.

A cidade de Salamanca é encantadora e pertence à região de Castela e Leão. Seu centro histórico foi declarado Patrimônio da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), sendo considerada uma das cidades mais belas da Espanha. Ao passear pela cidade, é fácil se deslumbrar com seu charme e identificar construções no estilo gótico, renascentista e barroco.

Conhecida como cidade dourada, as fachadas parecem ser feitas de ouro em virtude do reflexo dos raios do sol na pedra arenito de Villamayor, material utilizado em diversas construções, principalmente ao entardecer.

A *Plaza Mayor* de Salamanca é uma das mais bonitas de toda a Espanha, e realmente faz jus ao título. Um lugar central da cidade, rodeado por restaurantes, bares, cafés e confeitarias, geralmente com mesas e cadeiras ao ar livre, uma visita imperdível, durante o dia ou à noite.

A cidade tem ainda um tom de mistério, a partir de algumas histórias curiosas. Existe uma lenda sobre a fachada histórica da Universidade de Salamanca. A tradição conta que a pessoa que encontrar a figura da famosa rã conquistará boas notas nos estudos. Há quem diga ainda que essa pessoa sempre voltará a Salamanca.

Outro fato interessante é a existência de um astronauta esculpido na fachada da Nova Catedral de Salamanca, o que pode causar certa estranheza, já que se trata de uma construção antiga. No entanto, a explicação é simples: a escultura foi incluída na fachada durante o processo de revitalização da entrada norte da Catedral, que estava bastante danificada devido à ação do tempo. É uma espécie de tradição os restauradores incluírem novos elementos em seus trabalhos, como uma forma de deixar sua marca no local.

A Universidade de Salamanca é a mais antiga universidade da Espanha, tendo completado seus 800 anos em 2018. A universidade tem prédios por toda a cidade, contribuindo para criar a atmosfera universitária.

Há ainda um Centro de Estudos Brasileiros pertencente à própria Universidade, o qual tive a oportunidade de conhecer. Suas atividades são voltadas à pesquisa sobre o Brasil e a difusão da nossa realidade na Europa, bem como à divulgação da língua e cultura espanholas no Brasil.

Ao chegarmos a Salamanca, fomos direcionados ao Colegio Mayor de Oviedo, no *Campus* Miguel de Unamuno, alojamento universitário onde fiquei acomodada durante o intercâmbio. O alojamento era muito limpo e organizado, contando com refeitório, biblioteca, sala de informática e lavanderia, sendo designadas 02 (duas) pessoas por dormitório. Minha companheira de quarto foi uma brasileira, de uma universidade diferente da minha.

Logo no primeiro dia de aula, participamos de uma reunião e fizemos uma prova de nivelamento no turno da manhã, pois as turmas seriam divididas por nível de proficiência em língua espanhola. Logo após, participamos da cerimônia oficial de inauguração dos

curso internacionais de verão da Universidade de Salamanca com um coquetel no Patio de Escuelas e, ao final do dia, houve a entrega dos resultados da prova de classificação. Nesse ponto, tive a grata surpresa de ter obtido uma boa pontuação, correspondente ao nível superior (C1).

A recepção do grupo de brasileiros através do Programa TOP ESPAÑA chegou a ser noticiada pelo jornal local intitulado El Norte de Castilla, com a publicação de uma matéria sobre o intercâmbio cultural e a promoção da capacitação de universitários e docentes.

Imagem 2. Cerimônia oficial de inauguração dos Cursos Internacionais de Verão



Fonte: Acervo pessoal

O período dedicado aos cursos internacionais coincide com as férias dos alunos regulares da Universidade de Salamanca. Assim, a cidade estava repleta de estudantes das mais variadas nacionalidades, voltados principalmente ao estudo do espanhol e ao contato com uma nova cultura.

O início das aulas foi animador, estávamos todos muito empolgados. O curso de língua e cultura espanholas da Universidade de Salamanca era destinado a estrangeiros e a capacitação dos professores

para receber alunos de diversos países era perceptível, sempre muito pacientes e disponíveis para nos auxiliar no que fosse necessário.

O curso era composto por duas disciplinas, língua espanhola era a parte obrigatória e havia algumas possibilidades de optativas. Minha escolha foi cultura espanhola, mas sinceramente todas as disciplinas me pareceram interessantes, tais como conversação e redação, espanhol dos negócios, história da Espanha e comentários de textos literários.

As aulas ocorriam de segunda a sexta-feira, começavam às 9h e encerravam às 12h, sendo 2 horas de gramática e 1h referente à optativa escolhida, com um intervalo de cinco minutos. As turmas eram pequenas e compostas por alunos de diversas nacionalidades. Os participantes ganharam mochila, livro, caderno e caneta, todos esses itens personalizados da Universidade de Salamanca.

Minhas aulas ocorriam no edifício Juan del Enzina, ao lado das Catedrais de Salamanca. O percurso que eu fazia todas as manhãs era como um passeio diário pelos prédios históricos, sendo a maioria pertencente à própria universidade.

Já na primeira semana, as professoras recomendaram a compra de um dicionário espanhol-espanhol, para nos habituarmos a compreender os termos desconhecidos sem a necessidade de tradução e buscarmos expandir nosso vocabulário. Assim, pude descobrir uma pequena e encantadora livraria, onde retornei alguns dias depois para novas aquisições.

Durante as aulas, estudamos bastante gramática e desenvolvemos nosso vocabulário, praticamos muito também a conversação. A aula era expositiva, com o uso do quadro branco e de apostilas distribuídas pela professora, com a participação ativa dos alunos.

Na aula de cultura espanhola, a professora costumava usar apresentações e outros recursos audiovisuais para falar sobre assuntos como gastronomia e festas típicas. Aprendemos também sobre a organização administrativa do país, com um breve estudo das comu-

nidades autônomas, bem como dos idiomas falados na Espanha, como o catalão, o galego e o basco, além do próprio espanhol (ou castelhano).

Certa vez, uma das tarefas da aula de cultura espanhola foi fazer uma apresentação sobre os patrimônios da humanidade. O trabalho foi realizado em dupla e nos foi designado falar sobre Segóvia e seu aqueduto romano, onde tivemos a oportunidade de aprender um pouco mais sobre esse importante monumento através de um seminário.

Outra atividade interessante foi o concurso fotográfico, onde cada aluno deveria escolher uma foto tirada pelo celular que demonstrasse o que era a Espanha, produzindo ainda um breve texto explicativo. Infelizmente não ganhei o concurso, mas recebi alguns votos da turma e foi divertido.

Engana-se quem pensa que intercâmbio é só diversão, é muito importante aproveitar as aulas, fazer as tarefas e trabalhos, se empenhar nas avaliações, aproveitar todo o conhecimento e as oportunidades à disposição.

Um fato curioso é que cada aula era ministrada em uma sala específica, ou seja, os alunos deviam se deslocar a cada disciplina, sendo possível ocorrerem aulas até em prédios distintos. No Brasil, geralmente ocorre o oposto, cada turma possui uma sala e os professores se deslocam para ministrar suas aulas.

Ademais, os nomes hipocorísticos espanhóis podem parecer peculiares aos olhos de um estrangeiro, servem como um tratamento carinhoso, para denotar maior grau de intimidade, a exemplo da professora María del Rosario, cujo apelido era Charo.

No último dia, tivemos ainda uma aula de degustação de comidas típicas, como vinho, pão e chouriço, foi uma delícia. Logo após, houve a cerimônia de entrega dos certificados e, com muita alegria, recebi uma excelente nota (*sobresaliente*). O dia foi de despedidas, dos amigos e dos professores, daquela cidade encantadora, dos prédios históricos, do alojamento universitário e da Universidade de Salamanca.

Imagem 3. Fachada da Universidade de Salamanca



Fonte: Acervo pessoal

Essa imersão no idioma e na cultura de um país estrangeiro foi uma experiência muito proveitosa e desafiadora. O aprendizado não ocorria apenas durante as aulas, mas na própria vivência dos costumes do mundo hispânico, principalmente a partir do convívio com os cidadãos nativos.

Para mim, ficou claro que o aprendizado do idioma estrangeiro perpassa pela compreensão da própria cultura daquele povo, sendo importante e desejável seu estudo em conjunto.

A própria Universidade de Salamanca oferece visitas guiadas gratuitas pela cidade, cabendo ressaltar as Catedrais, os palácios salmantinos, os conventos e o edifício histórico da Universidade. Além disso, organiza também excursões para outras cidades e até para Portugal.

Há vários passeios culturais imperdíveis na cidade, como a Casa das Conchas, o Convento de San Esteban, a Casa Lis e o Horto de Calixto e Melibea, além de apreciar a arte urbana do Bairro do Oeste. O horário das aulas permite utilizar o tempo livre para conhecer esses pontos turísticos e a proximidade com os prédios da Universidade contribui para o deslocamento.

Não poderia deixar de citar o incrível espetáculo de dança flamenca no Palacio de Congresos de Salamanca. A apresentação foi inesquecível, cheia de cores e energia, sendo inclusive uma atividade cultural sugerida pela própria Universidade.

Durante o período do intercâmbio, procuramos nos adaptar às características do local, a exemplo dos horários das refeições. Em geral, na Espanha o dia começa com um café da manhã por volta das 9h e o almoço costuma ocorrer apenas às 14h, por isso é comum fazer um lanche na chamada meia manhã, em torno das 12h. Normalmente, há um lanche da tarde, chamado de *merienda*, e o jantar ocorre a partir das 20h30min, podendo se estender até 23h.

Um costume local é a *siesta*, um descanso após o almoço que geralmente ocorre das 14h às 17h. Atualmente, as grandes lojas e estabelecimentos comerciais em áreas centrais não fecham, mas pequenos comércios ainda respeitam essa tradição. Em compensação, é comum encontrar lojas fechando somente às 22h.

O horário da *siesta* nos surpreendeu nos primeiros dias, quando encontramos algumas lojas e mercados fechados, mas passou a ser um ótimo período livre após as aulas e antes do almoço, podendo ser usado para estudo, descanso ou passeios pela cidade.

Como a residência universitária foi na modalidade pensão completa, ou seja, incluía todas as principais refeições (café da manhã, almoço e jantar), tivemos um contato direto com a gastronomia espanhola. Havia sempre muitas opções, inclusive com comida típica como a *tortilla* espanhola, além de frutas, laticínios e pães.

Durante a mobilidade acadêmica, foi possível visitar restaurantes e cafeterias para experimentar pratos da região, como *gazpacho*, *paella*, batatas bravas, churros com chocolate quente e *jamón* (espécie de presunto). Conhecemos também as famosas *tapas*, que são aperitivos servidos geralmente por restaurantes e bares, podendo ser frios ou quentes, acompanhados ou não de bebida alcoólica.

No verão, é muito comum o consumo de *tinto de verano*, geralmente uma mistura de vinho tinto, bebida gaseificada, frutas e gelo, já que a estação conta com altas temperaturas, que podem se aproximar dos 40 °C.

A locomoção em Salamanca ocorre principalmente a pé, mas também dispõe de ônibus, táxi e trem. A cidade é tranquila e agradável, transmitindo uma sensação de segurança. Minha impressão sobre a população local foi boa, pois fui bem atendida em todos os locais que tive o prazer de conhecer.

Quanto ao acesso à *internet*, é possível adquirir um *chip* local, com preço acessível, permitindo o uso do celular para pesquisas, comunicação através de aplicativos e consulta a mapas.

Logo após o retorno ao Brasil, concluí minha graduação em Direito na UFF, passei na prova da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e me tornei oficialmente advogada, mas essa experiência acadêmica internacional me incentivou a prosseguir os estudos e a seguir buscando oportunidades em instituições de ensino renomadas, no Brasil e no mundo.

Acredito que o estudo de um idioma estrangeiro possa agregar qualidades a profissionais de todas as áreas. Em alguns ramos do Direito, o conhecimento de idiomas estrangeiros pode ser um gran-

de diferencial, tais como Direitos Humanos, Direito Empresarial e Arbitragem, assim como em carreiras jurídicas como a Diplomacia.

Por experiência própria, posso relatar o uso do espanhol durante uma audiência de conciliação, na qualidade de conciliadora, em que a parte autora não era totalmente fluente em português e, por vezes, demonstrava insegurança quanto ao que estava sendo dito pelos demais na sala, sendo necessário o uso da tradução para facilitar a comunicação.

Além disso, o estudo da língua espanhola foi essencial para a breve pesquisa de Direito Comparado que desenvolvi durante a elaboração do meu trabalho de conclusão de curso da graduação acerca do instituto da sociedade unipessoal, na qual pude analisar e compreender a legislação de países como a Espanha.

Sinto-me muito privilegiada pela oportunidade de ter participado do programa TOP ESPAÑA Santander Universidades. A concessão da bolsa e o período de duração do programa também foram fatores determinantes para a realização do intercâmbio.

Essa experiência trouxe muitos reflexos positivos, tanto pessoal quanto profissionalmente, me incentivando a expandir os horizontes e a acreditar nos meus sonhos.

Foram dias incríveis e tive a oportunidade de conhecer diversos locais históricos. A aventura acabou, mas a bagagem voltou cheia de histórias, amigos e sonhos, muito satisfeita e realizada pelos lugares que visitei, pelas pessoas que conheci e, principalmente, pelas experiências que vivenciei.

Assim, o presente relato busca contribuir para o reconhecimento da importância das políticas de internacionalização e multiculturalidade, bem como inspirar outras pessoas a buscarem oportunidades de mobilidade internacional, pois acredito que o intercâmbio possa contribuir para o amadurecimento pessoal e profissional, promovendo o autoconhecimento, a autoconfiança e a autonomia do participante.

MINHA ROTA DA SEDA

UMA JORNADA DE DESCOBERTA DE
NOVAS FAMILIARIDADES CULTURAIS

VITOR IERUSALIMSKY^[1]

Em face da criação do *Confucius Classroom*^[2] da UFF, tive o privilégio de ser convidado para participar do “Curso de Formação de Língua e Cultura Chinesa para Brasileiros”, do dia 13 de junho ao dia 12 de julho de 2018. Este ocorreu na cidade de Beijing, China. Conforme indicado em seu título, o curso em questão tratava não somente do ensino da língua chinesa em formato intensivo ao longo de três semanas, mas também incluía aspectos sobre a cultura chinesa, como história, música, vestimentas tradicionais, arquitetura e filosofia.

O curso foi oferecido pelo Colégio de Língua e Cultura Chinesa de Beijing (北京华文学院), cujas instalações têm por objetivo oferecer programas de ensino semelhantes ao por mim realizado, para alunos de todo o mundo, em especial descendentes de chineses em outros países. Esses cursos podem ser de curto prazo, como o oferecido ao grupo de brasileiros do qual fiz parte, ou graduações e pós-graduações completas, capacitando seus alunos enquanto professores de língua chinesa.

^[1] Graduado em Relações Internacionais pela UFF. Chefe no setor de Projetos Educacionais na Superintendência de Relações Internacionais da mesma universidade.

^[2] O *Confucius Classroom* da UFF foi oficialmente inaugurado em agosto de 2018, sendo a consolidação da parceria acadêmica entre a Universidade Federal Fluminense, a Universidade Normal de Hebei e o Centro para Educação e Cooperação de Línguas da China, com o objetivo de promover o ensino de língua e cultura chinesa, parte de projeto para aproximação cultural da China com parceiros estratégicos.

Integrar esse curso foi uma experiência transformadora, pois me ofereceu múltiplas percepções e perspectivas não somente sobre a sociedade chinesa, mas também sobre a realidade social brasileira e da nossa interação com o “outro”. Presenciar todas as riquezas culturais, naturais e arquitetônicas da China foi uma experiência inesquecível, porém, a mais valiosa, sem dúvida, foi constatar em primeira mão que as sociedades humanas, por mais múltiplas e diversas que sejam em suas histórias e estruturas, são na realidade muito próximas.

Sobre o Curso

Ao chegarmos à China, fomos recebidos no aeroporto por um professor do Colégio de Língua e Cultura Chinesa de Beijing, responsável por nosso grupo. Consistíamos exclusivamente de brasileiros, de diversas áreas de atuação profissional, mas todos com alguma relação, interesse ou pesquisa com a China. Compostos por estudantes, professores, pesquisadores, funcionários do governo, coordenadores institucionais e membros de equipes administrativas de instituições de ensino superior, éramos um grupo muito diverso, unificados pelas nossas relações acadêmicas e profissionais com aquele país, e também pelo fato de termos sido todos imersos em uma cultura drasticamente diferente daquela com a qual estávamos habituados.

Fomos conduzidos ao colégio, que nos oferecia residência, alimentação, aulas e palestras ao longo do dia. Durante as manhãs, o grupo era dividido em três turmas para as aulas de língua chinesa, enquanto à tarde assistíamos conjuntamente palestras e oficinas sobre elementos da cultura chinesa. Nelas, conhecemos mais sobre vestimentas tradicionais, caligrafia, jogos típicos, literatura, organização governamental, entre outros.

Imagem 1. Aula de língua chinesa no Colégio de Língua e Cultura Chinesa de Beijing



Fonte: Acervo pessoal

Além das atividades no colégio, foram também organizadas visitas a diferentes pontos turísticos de destaque em Beijing, e, após três semanas de curso, deixamos o colégio para conhecermos as cidades de Shanghai, Hangzhou e Suzhou. As experiências dessas visitas serão detalhadas na próxima seção do texto.

Nesse ponto, é necessário destacar a qualidade das aulas de língua chinesa ofertadas. Apesar das enormes diferenças entre a língua chinesa e a língua portuguesa, os professores fizeram um excelente trabalho em tornar o conteúdo acessível e de fácil compreensão pelo nosso grupo. Ao longo do curto tempo do curso, pudemos perceber que nossa compreensão da língua estava avançando: tornamo-nos capazes de nos comunicar de forma básica em estabelecimentos comerciais, aprendemos a nos apresentar e dizer nossa nacionalidade em língua chinesa, além de outros elementos perceptíveis rotineiramente. Certamente, a imersão completa na cultura chinesa também contribuiu para a presteza no processo de aprendizagem, mas é inegável que as aulas a nós oferecidas foram extremamente produtivas, bem estruturadas e de grande qualidade.

Relato de experiências

Além das valiosas experiências acadêmicas relatadas na última seção, é também necessário destacar as experiências fora do colégio. Estas foram, possivelmente, ainda mais enriquecedoras por conta do impacto que trouxeram em minha própria percepção de mundo. A imersão em um país de cultura milenar, com uma história e sociedade tão diferentes daquelas nas quais nos inserimos, é, de fato, uma experiência que relativiza muitos dos valores que consideramos intrínsecos e, assim, nos permite desenvolver, transformar e aprimorar noções de identidade, sociedade e coletividade.

Todos os dias, após as atividades do curso, utilizei de todo o tempo disponível para explorar a cidade de Beijing. Em alguns casos, com colegas brasileiros; em outros, acompanhado de colegas chineses, ou até mesmo sozinho. Mesmo que muitas vezes sem rumo definido, a cidade sempre oferecia novas e enriquecedoras experiências de descoberta.

Conhecer a cidade em seu cotidiano, em zonas residenciais e comerciais, utilizando-se do transporte público e, em muitos casos, contando com o auxílio de moradores locais para obter direções e orientações foi uma experiência extremamente valiosa. A cidade de Beijing, em sua enorme zona territorial, mescla construções modernas com templos antigos, pequenas ruas residenciais com grandes avenidas, o ritmo acelerado de uma megalópole global com parques e zonas arbóreas que exalam tranquilidade. Experimentar em primeira mão toda essa pluralidade foi por si só uma experiência inolvidável.

Dessa forma, em minha memória estimo igualmente as experiências de visita a grandes atrações turísticas, como a Cidade Proibida, o Palácio de Verão e a Grande Muralha da China, e de experiências mais cotidianas na cidade, como as visitas a um restaurante tradicional com produção artesanal de alimentos e a um templo taoísta em Baiyunguan, por exemplo. Todos esses momentos foram essen-

ciais para a formação da minha percepção sobre a cultura e sociedade chinesa e, assim, moldaram positivamente minha experiência.

Imagem 2. Jardins na Cidade Proibida, Beijing



Fonte: Acervo pessoal

Conforme citado anteriormente, em nossa última semana de estadia na China, o curso conduziu uma visita às cidades de Hangzhou e Suzhou, por dois dias cada, e a Shanghai, por três dias. Durante esse período, tivemos a oportunidade de conhecer mais profundamente as facetas tradicionais e modernas na China. Apesar desses aspectos serem constantemente perceptíveis em Beijing, a cultura milenar chinesa podia ser claramente percebida na cidade de Wuzhen, ao sul de Suzhou, onde canais perpassam a parte antiga da cidade, oferecendo um passeio em pequenos barcos tradicionais de madeira pelas ruas povoadas por pequenos casebres.

Já Hanzhou trazia um aspecto de equilíbrio entre as tradições e modernidade de uma forma palpável, porém em uma cidade de proporções menores que Beijing. As visitas às casas históricas e museus eram interpostas ao trajeto por meio de ruas modernas e integradas e regiões comerciais vibrantes. A percepção da permanência do respeito ao passado e tradições culturais em face da modernidade tecnológica foi premente ao longo de nossa estadia na cidade.

Por fim, a cidade de Shanghai trazia em constante exuberância todo o potencial tecnológico chinês. A maior cidade da China é composta por enormes arranha-céus, onde o desenvolvimento econômico e os avanços tecnológicos são ininterruptamente perceptíveis. As dimensões da cidade se tornaram ainda mais impressionantes em relação às experiências prévias, em que a antiguidade da cultura e sociedade chinesa estavam sempre presentes. Em Shanghai, respira-se inovação e modernidade, seja no topo dos enormes edifícios, seja nas ruas do centro comercial de Nanjing.

Imagem 3. Panorama da cidade de Shanghai com barco turístico



Fonte: Acervo pessoal

Um fator digno de menção é que a cidade de Shanghai é cortada pelo rio artificial Huangpu, visto na imagem acima. Ele destaca a exuberância da fachada moderna e impositiva da cidade, composta por grandes edifícios, mas também a justapõe a uma parte mais antiga de Shanghai. O que desperta interesse é que na outra margem do rio, diante de toda modernidade e desenvolvimento econômico chinês expressados em suas construções, encontram-se prédios do período colonial deste país, em estilo arquitetônico notadamente europeu. A contraposição de estilos, períodos históricos e realidades sociais permanecem em minha memória, ao tornarem a moderna fa-

chada da Shanghai de hoje uma demonstração do desenvolvimento do país, literalmente, perante o seu passado.

Reflexos das experiências sobre percepções socioculturais

As experiências relatadas neste texto buscam ilustrar não somente as atrações e belezas observadas ao longo de minha estadia no país, mas também aspectos observados da sociedade e cultura chinesa. Ao longo deste período, as interações com a população local foram extremamente valiosas. Em muitos casos, as grandes distâncias, tanto física quanto histórica, podem ser percebidas como fatores também de distanciamento social, mas a experiência vivida provou o contrário.

A interação com a população chinesa, desde professores e funcionários do colégio a comerciantes nas ruas, mostrou-me que não há distância que marcadamente divida a comunidade humana. Ao explorar a figura do “outro” em uma sociedade milenar, com um passado extremamente extenso e rico, localizada no outro lado do globo, acabei por encontrar uma noção mais próxima de nossa própria identidade, não como brasileiros nem tampouco chineses, mas sim como humanos.

A percepção de que, independentemente do contexto sociocultural, somos mais semelhantes do que pensamos ser possível é extremamente unificadora e reconfortante. A união e cooperação internacional se baseiam nessa realidade, onde, ao observarmos demais membros da comunidade internacional, não apontamos diferenças, mas sim encontramos semelhanças e juntos crescemos mais fortes. Ter o privilégio de viver essa experiência em primeira mão é algo que me traz extrema gratidão e consolida essa jornada como um ponto marcante da minha vida e formação enquanto indivíduo, com uma maior noção do coletivo e percepção de tudo que nos une.

O CAMINHO SE FAZ VIAJANDO

VITÓRIA MARINHO WERMELINGER^[1]

Não me lembro ao certo o que me fez escolher exatamente Moçambique como destino do meu primeiro intercâmbio. A inscrição no processo seletivo para a mobilidade foi no meado de 2017 e o resultado positivo veio em dezembro do mesmo ano. A sensação foi de felicidade e medo. Muitos questionamentos: “Eu sozinha em um país tão distante? Será que dou conta?”. Uma das coisas que me confortava era o idioma em comum e uma intuição de que encontraria por lá algo que há muito tempo eu procurava, mesmo que eu não soubesse o que era. Estava no terceiro ano da graduação em Ciências Sociais, era pesquisadora voluntária de uma pesquisa sobre os professores da educação básica e suas relações com o saber e precisava me decidir sobre o tema a ser abordado em minha monografia. Bem, e a resposta sobre a temática do meu trabalho de conclusão de curso só viria depois dos seis meses vivendo em Moçambique, o que irei explicar mais adiante.

Moçambique é um país que se situa na África Oriental, e que em 1505 foi anexado pelo Império português. Depois de mais de quatro séculos de domínio português, Moçambique tornou-se independente em 1975, transformando-se na República Popular de Moçam-

^[1] Graduada em Ciências Sociais pela UFF. Foi intercambista na Universidade Eduardo Mondlane (Moçambique) em 2018.

bique por meio de uma revolução socialista. Esse processo durou 10 anos, até o cessar-fogo em 1974, quando na sequência a liderança nacional foi assumida pela Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), contando com Samora Machel como Presidente da República até 1986, ano de sua morte. O país seguiu um regime socialista e unipartidário até 1990, que chega ao fim com a aprovação de uma nova Constituição proposta pelo então presidente, Joaquim Chissano.

Criar coragem para tomar a decisão de partir não é fácil. A jornada em direção ao novo demandou muito mais de mim do que eu poderia imaginar. Foram inúmeros os motivos que me levaram a arrumar as malas e atravessar um oceano, mas hoje tenho a certeza que cada um desses motivos valeram a pena, bem como outros motivos que surgiram durante a caminhada e que me fizeram permanecer até o fim do intercâmbio sem pensar em desistir. Afinal, nós estamos sempre nos reconstruindo durante os trajetos que percorremos.

Durante o período da mobilidade acadêmica morei na cidade de Maputo, capital de Moçambique, mais especificamente na residência estudantil da Avenida Amílcar Cabral, que cruzava com a Avenida Mao Tse Tung.^[2] A hospedagem na moradia estudantil foi fundamental para a minha socialização, sobretudo com os estudantes moçambicanos e de diversos outros países.

A experiência de morar em outro país não consistiu em um sonho de ponta a ponta, muito pelo contrário, foi a solidificação de um sonho, que como qualquer outra realidade, possui suas imperfeições, mas que me fez imensamente mais madura e segura de mim. Chorei algumas vezes, e sorri ainda mais vezes, como por exemplo quando entrei pela primeira vez no Oceano Índico, quando cruzei o país de ônibus, e ao fazer tantas outras coisas que até então eram inéditas para mim. Sorri também todas as vezes que chegaram brasileiros que me levavam de presente algum um pedacinho do Brasil, melhor

^[2] As ruas de Maputo em sua maioria levam os nomes de revolucionários de diversas partes do mundo.

ainda quando era um presente com cheiro e gosto, como um café, uma paçoca ou um doce de leite.

A minha experiência acadêmica se deu através do curso de Ciências Políticas na Universidade Eduardo Mondlane, que leva o nome de um dos fundadores e primeiro presidente da FRELIMO. As matérias que cursei me possibilitaram o acesso a novos debates, bem como e uma nova forma de pensar a minha profissão naquela altura, o que foi excelente para mim, que naquele momento nutria muitas inseguranças e indecisões no que dizia respeito ao âmbito profissional e acadêmico. A matéria que mais gostei de cursar foi a de História da Política de Moçambique, que ocupou um papel de me apresentar país que agora eu passava a ser moradora, deste modo, pude conhecer Moçambique não só através das minhas vivências e perspectiva pessoal, mas também através da sua história política e social, o que me permitiu compreender, de uma forma muito mais nítida, questões políticas e sociais atuais que me intrigavam.

Cada dia vivido em Moçambique foi único. Era incrível aprender uma palavra nova, experimentar uma comida tipicamente moçambicana, conhecer pessoas com culturas diferentes da minha, e principalmente sentir as ruas, que no início não passavam de uma confusão de carro e pessoas se tornarem cada vez mais familiares a mim.

Apesar de ter feito inúmeras buscas na internet sobre a cultura moçambicana, nada se compara com a experiência de se estar lá. Uma das mais belas surpresas foi a descoberta das inúmeras línguas locais que até hoje se mantêm vivas e faladas por uma grande parcela da população.¹³¹ Os colegas que lá fiz, por vezes, me perguntaram se eu falava somente o português e não dominava nenhuma língua nativa brasileira.

Conforme o tempo se passava e eu vivenciava a realidade moçambicana, pude observar que o recente processo de independência

¹³¹ Moçambique, mesmo tendo o português como idioma oficial, cultiva 33 línguas ativas em seu território, de acordo com a Cátedra de Português da Universidade Eduardo Mondlane.

do país me possibilitou compreender de forma mais nítida os reflexos deixados pela colonização portuguesa, algo para o qual não me atentava tanto antes de ir para Moçambique. Durante a experiência da mobilidade pude compreender de forma mais assertiva o que consiste ser alguém oriundo de um país colonizado. Os questionamentos foram muitos, me perguntava o porquê ter tomado essa consciência crítica de forma tão profunda apenas durante essa estadia em Moçambique. Aos poucos fui ligando os fatos e pude compreender o quanto a educação influenciou nesse processo, uma vez que a partir dos conteúdos que tive acesso por meio matéria sobre a história política de Moçambique comecei a refletir sobre como o processo de colonização portuguesa foi cruel e deixou marcas de exclusão e desigualdades que persistem até os dias atuais não somente em Moçambique, mas também no Brasil e em outros países que sofreram com o processo de colonização.

Aprender mais sobre a história de Moçambique foi essencial para o meu processo de entendimento acerca de inúmeras questões que antes não eram tão óbvias para mim. Desta forma, aos poucos fui entendendo, que mesmo fazendo parte de um passado relativamente distante, o processo de colonização portuguesa no Brasil nos negou o acesso a nossa verdadeira história e cultura dos nossos povos nativos. Enquanto o tempo passava e mais eu descobria sobre a história de luta do povo moçambicano em prol de sua libertação, mais eu sentia vontade de pesquisar sobre as lutas de libertação ao redor do mundo e de também compreender a realidade do Brasil, mas agora ciente do legado negativo que a colonização pode deixar em um país.

Quando eu voltei para o Brasil eu não tive dúvidas de que precisava de alguma forma falar sobre como a experiência colonial poderia nos afetar ainda nos dias de hoje e principalmente no que diz respeito ao processo de ensino-aprendizagem. O processo de descolonização não deu fim a todas as problemáticas existentes nas sociedades colonizadas. Apesar de o colonialismo ter se dissipado, uma vez que a

dominação de um povo por outro por vias de cunho político, jurídico, militar e administrativo tenha chegado ao fim, a colonialidade, por sua vez, surge como resultado do colonialismo moderno. A colonialidade é responsável pela elaboração de um padrão de poder em que a ideia de raça e o racismo se constituíram como princípios organizadores da acumulação do capital em escala mundial e das relações de poder no sistema-mundo (BERNARDINO-COSTA, 2018, p. 121).

Os traumas deixados pela colonização se fazem presentes em muitos aspectos nas sociedades, assim como podemos notar em nosso país e como pude notar também em Moçambique. E a escola, por sua vez, se mostra como um nítido reflexo dessa influência colonial, de modo que pode-se afirmar que vivenciamos um problema de igualdade de oportunidade dentro da escola. Para que seja possível atingir uma educação de fato emancipadora é fundamental que o interesse de todos esteja representado nos conteúdos e materiais que chegam até a escola, para que a mesma não se torne (ou se mantenha) um instrumento de homogeneização e de assimilação da cultura eurocêntrica dominante.

Sinalizo que a educação ocupa um importante papel nesse processo de reconhecimento cultural, uma vez que desde a escola até a universidade nos deparamos com um ensino majoritariamente eurocentrado, que, recorrentemente, apresenta a narrativa do colonizador como a principal, sem, no entanto, ao menos se lembrar dos heróis e movimentos de luta e libertação dos povos nativos dos países colonizados. Quando a educação se estabelece contando a versão apenas do colonizador e não também de quem foi colonizado é difícil nos sentirmos representados, é difícil nos entendermos como parte desses povos nativos que tiveram suas terras, riquezas e liberdade usurpadas pelo fenômeno da colonização, bem como elucidada Rosevics (2017, p. 190):

Na América os espanhóis e os portugueses destruíram quase que completamente a memória do período anterior à ocupação através da desin-

tegração dos padrões de poder e das civilizações existentes na região, do extermínio de comunidades inteiras e de seus portadores de cultura e poder, tais como os intelectuais, os artistas, os cientistas e os líderes. Como aponta Aníbal Quijano (2005), os sobreviventes do massacre promovido pelos ibéricos foram submetidos a uma repressão material e subjetiva durante séculos, até que desaparecesse qualquer relação imaginária com o passado pré-colonial. A esta condição, somam-se às experiências distintas dos milhares de imigrantes europeus e traficados africanos que passaram a fazer parte destas sociedades.

Tais reflexões que me ocorreram durante a estadia em Moçambique me renderam uma monografia que teve como objetivo analisar o Currículo Mínimo de Sociologia do estado do Rio de Janeiro, verificando a presença de conteúdos que promovam a representatividade étnica, racial e cultural dos povos colonizados no Brasil, buscando, assim, saber se ele pode ser considerado um currículo multicultural. E também a minha atual pesquisa do mestrado, que partindo do ponto de como recorrentemente o poder do colonizador invade e submete o imaginário do colonizado, tem por objetivo em analisar os livros didáticos de Sociologia disponibilizados pela Política Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2018 e 2020, verificando a presença de conteúdos que promovam a representatividade étnica, racial e cultural dos povos colonizados no Brasil, assim como é proposto pelas Leis 10.639/03 e 11.645/08.

Conhecer outra cultura me possibilitou enxergar de forma mais nítida problemas que também persistem em meu país. A partir da experiência da mobilidade acadêmica me vi rodeada de inúmeros questionamentos acerca da história e construção social do meu país, que me instigaram e levaram a questões de pesquisas com as quais trabalho até os dias atuais. É imprescindível dizer que o intercâmbio operou em mim muitas transformações pessoais, que interferem diretamente na minha vida acadêmica. Poder ver a sua realidade com um certo distanciamento e tendo outra cultura como parâmetro nos permite perceber coisas que antes passavam despercebidas, de modo

que tais avanços podem ser essenciais em inúmeros aspectos de nossas vidas, nos proporcionando um novo horizonte de possibilidades e compreensões que muito se relacionam com o nosso futuro profissional e acadêmico. Esse distanciamento da minha zona de conforto me fez traçar novos objetivos e escolhas para a minha vida.

A mobilidade acadêmica foi um momento único em minha vida, um período em que pude me conhecer melhor, experimentar viver de uma outra forma e em outra cultura. A missão de adaptar-se a um mundo tão diferente por vezes é tranquila e prazerosa, mas em determinados momentos exige um maior esforço e coragem, uma vez que se está sozinho. Viver em outro país nos faz entender que muitas das vezes nós é quem temos que nos adaptar às situações da vida e não o contrário, e assim, pouco a pouco passa-se a compreender determinadas normas e costumes.

Há inúmeros motivos para se realizar um intercâmbio, dentre elas, aprender um novo idioma, conhecer e experienciar uma nova cultura e fazer novos amigos. Cada um desses motivos nos modificam e dão um novo sentido à nossa vida. A experiência de um intercâmbio caso pudesse ser resumida em uma palavra, seria a palavra mudança. No meu caso, essa mudança resultou em uma nova forma de enxergar o meu país e a sua história, bem como na vontade de pesquisar mais a fundo em como a colonização influenciou em inúmeros processos de desigualdades que são vividos ainda nos dias de hoje.

Sem dúvida, a escolha de ir estudar em outro país sempre está relacionada a um grande processo de transformação. Essa transformação, ao meu ver, se faz necessária, é uma parte essencial da experiência, senão não é intercâmbio. Um intercâmbio é uma das melhores formas de se percorrer uma estrada alternativa, que vai no caminho oposto ao da sua zona de conforto, representando a oportunidade de se viver algo muito além daquilo que pudemos imaginar um dia, pois nunca sabemos o que encontraremos quando resolvemos desbravar um novo caminho.

Referências

BERNARDINO-COSTA, J. Decolonialidade, Atlântico Negro e intelectuais negros brasileiros: em busca de um diálogo horizontal. *Revista Sociedade e Estado*, v. 33, n. 1, p. 119-137, 2018.

REIS, M. N.; ANDRADE, M. F. F. O pensamento decolonial: análise, desafios e perspectivas. *Revista Espaço Acadêmico*, n. 202, p. 1-11, 2018.

ROSEVICS, L. Do pós-colonial à decolonialidade. In: CARVALHO, G; ROSEVICS, L. (orgs.). *Diálogos internacionais: reflexões críticas do mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Perse, 2017.

CAMINHOS

YARA MORAES LOPES AGUIAR LEITÃO ^[1]

Viajar por si só já é um expansor da nossa realidade. Sair de uma rotina da qual estamos habituados para conhecer o novo, o diferente, nos transforma, mesmo que inconscientemente. A bagagem que trazemos de uma viagem é sempre maior do que aquela que levamos. Trazemos conosco novos saberes, perspectivas, memórias, nunca voltamos do mesmo jeito do que éramos.

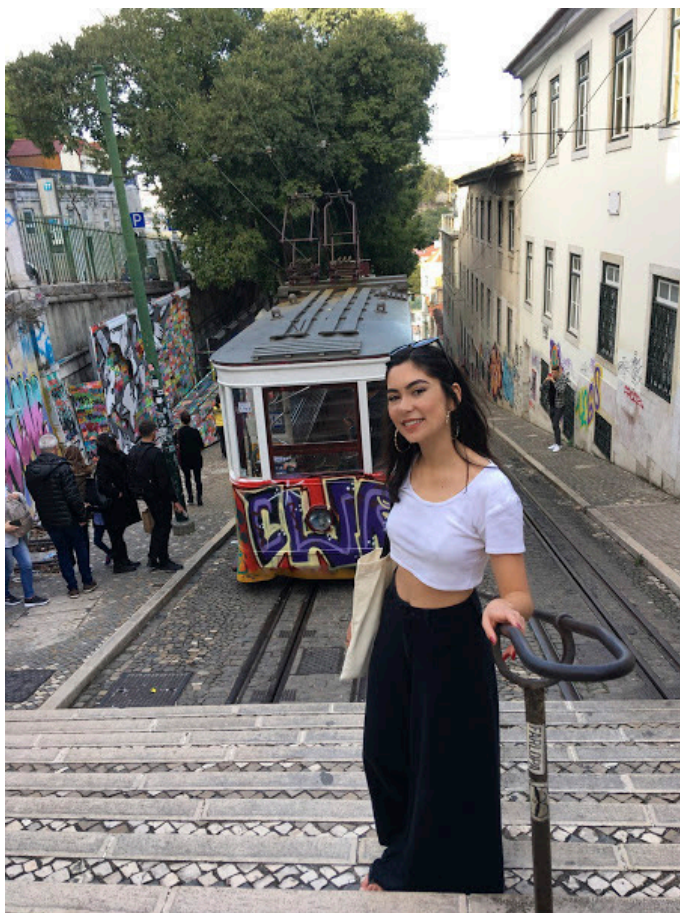
Um intercâmbio universitário, no entanto, não é como uma viagem turística. Apesar de trazer todas essas semelhanças com uma viagem, um intercâmbio requer muita motivação e compromisso. Afinal, a prioridade é a busca de um desenvolvimento educacional e/ou profissional. Além de toda a barreira burocrática há também a barreira cultural. Contudo, o aprendizado que se tem em um intercâmbio universitário vai muito além do conhecimento acadêmico. Estudar em outro país é um desafio, é preciso saber conciliar os estudos com a adaptação em um novo país.

Comecei a pensar em realizar um intercâmbio um pouco tarde, no meu penúltimo ano letivo. Resolvi me candidatar impulsivamente, sem muito planejamento. Como estudante de Produção Cultural, sempre fui apaixonada por conhecer diferentes culturas, e ter uma experiência acadêmica no exterior me pareceu uma ótima maneira de conciliar meus estudos com a minha paixão.

^[1] Graduada em Produção Cultural pela UFF. Foi intercambista no Instituto Politécnico de Lisboa (Portugal) em 2018.

No meu plano de estudos só faltavam algumas disciplinas operativas e eletivas, o que me deu maior liberdade para a escolha de um curso. Em princípio pensei em ir para um país de língua inglesa, no entanto não tive tempo suficiente para realizar o teste de proficiência e resolvi optar por um país de língua portuguesa, Portugal. Fui selecionada no curso de Animação Sociocultural no Instituto Politécnico de Lisboa.

Imagem 1. Conhecendo Lisboa



Fonte: Acervo pessoal

Acredito que meu intercâmbio foi um pouco atípico. Recebi minha carta de aceitação da instituição portuguesa tarde, o que atrasou o meu pedido de visto. Quando enfim recebi o meu visto, minhas aulas já haviam iniciado há dois meses. Pensei e repensei se valeria a pena todo o investimento para ficar apenas quatro meses fora, e por fim resolvi embarcar.

De início fiquei um pouco decepcionada com a faculdade de destino, por achar que eles não estavam me auxiliando como eu imaginava que deveriam. Eu esperava que me pegassem pela mão e me levassem na sala de aula. Ao contrário, eu tive de fazer o reconhecimento da faculdade sozinha, e tive de pedir permissão para os professores se eu ainda poderia participar de suas aulas, por conta do meu atraso. Apesar da minha frustração inicial, percebi depois de um tempo que eles não estavam me deixando sozinha como eu imaginava, mas era uma questão da sua própria cultura. Afinal, o interesse de estar ali para estudar era todo meu.

Por fim, os professores se mostraram acolhedores e nenhum deles foi contra eu frequentar suas aulas. Alguns deles até mesmo me auxiliaram e me deram trabalhos alternativos para que eu pudesse alcançar a turma.

No entanto, com a minha chegada tardia acabei perdendo muito conteúdo. Entrei em contato com a Superintendência de Relações Internacionais da UFF e consegui prorrogar minha estada na universidade portuguesa por mais um semestre.

Depois desse primeiro choque cultural, pude perceber várias outras diferenças e também semelhanças com o sistema de ensino na minha faculdade no Brasil. Um dos aspectos que mais gostei foi o da utilização de uma plataforma *on-line*, onde os professores podem disponibilizar os materiais das aulas e outros materiais complementares. Na minha faculdade no Brasil isso era feito através de grupos no Facebook, mas na minha opinião ter uma plataforma da própria universidade é mais fácil de manter os conteúdos organizados.

Apesar da familiaridade com a língua, tive de me adaptar a uma nova cultura, além da do país, também a das pessoas com quem eu convivia. Morei em uma residência estudantil com outros 11 jovens intercambistas de diversas nacionalidades. Apesar de não utilizar a língua inglesa na faculdade, eu a utilizava em casa para poder me comunicar com os meus colegas.

O contato com pessoas de diferentes partes do mundo por si só já fez o intercâmbio valer a pena. Em casa, organizamos jantares em que cada um cozinhava a comida típica de seu país. Compartilhamos nossas músicas favoritas, filmes e séries. Essa troca cultural foi muito importante para mim, apesar da distância geográfica pude perceber que tínhamos muitas coisas em comum, e fiz grandes amizades.

Imagem 2. Amigos em Lisboa



Fonte: Acervo pessoal

Também houve conflitos e desentendimentos, mas que sempre foram resolvidos. Antes do intercâmbio só havia tido a experiência de morar sozinha e com os meus pais. Morar com outras pessoas foi muito importante para o meu crescimento pessoal e amadurecimen-

to. Aprendi muito sobre convivência, respeito às diferenças, organização, senso de responsabilidade e independência.

Além do inglês, tive a oportunidade de desenvolver mais duas outras línguas. Dividia quarto com uma mexicana, e enquanto eu a ajudava com o português, ela me ajudava com o espanhol. Na faculdade também tive a oportunidade de ter aulas de francês.

Eu não tinha nenhuma expectativa quanto ao aprendizado de línguas, e neste sentido fiquei positivamente surpreendida. Acredito que consegui me aperfeiçoar muito mais no período em que estive no exterior, do que durante o tempo em que estudei em um curso regular de idiomas no Brasil.

No segundo semestre tive a oportunidade que fez a grande diferença em todo o meu intercâmbio: realizar um estágio na minha área.

Conversei com alguns professores sobre o meu desejo de realizar um estágio e um deles aceitou ser o meu orientador em uma disciplina de estágio, e para isso tive de trocar de curso para Mediação Artística e Cultural. A disciplina demandava escrever um projeto sobre o local de estágio, no qual os alunos deveriam analisar possíveis problemas e propor soluções. A disciplina envolvia seminários na universidade, além de aulas de metodologia de projeto. Com a mudança de curso tive a oportunidade de conhecer mais pessoas, colegas de classe e outros professores.

Meu local de estágio era um museu de artes. A princípio seria um estágio de observação, contudo algumas tarefas me foram solicitadas. Meus supervisores me davam bastante autonomia, e acredito que isso tornou o estágio mais interessante e proveitoso.

Dentre as minhas responsabilidades estava a de auxiliar na criação de conteúdo para as mídias sociais do museu. Tive de aprender do zero a utilizar algumas ferramentas e softwares. Fiz o acompanhamento de eventos, inaugurações de exposições, pude estar em contato com artistas portugueses renomados, e até mesmo do Presidente da República.

Já tinha tido a experiência de estagiar em um museu no Brasil e pude comparar as realidades do modo de funcionamento deles.

No meu dia a dia no museu percebi a ausência de um público jovem, aproximadamente da minha faixa etária. Esse acabou se tornando o objeto de pesquisa do meu projeto. Meu projeto de estágio acabou se tornando meu projeto de pesquisa para o meu trabalho de conclusão de curso na UFF. Acredito que essa experiência internacional enriqueceu muito a minha pesquisa, além de ser um diferencial no meu currículo.

Além do meu estágio curricular, também tive a oportunidade de realizar uma formação em outro museu. Participei de um processo seletivo longo com outros jovens, na maioria portugueses, e para mim foi uma grande conquista ter sido selecionada.

Manter-me ocupada com tantas atividades fez com que eu quase não tivesse tempo de sentir saudades. A tecnologia também ajudou muito nesse sentido, pois pude fazer chamadas de vídeo praticamente todos os dias com os meus pais e amigos.

Uma das minhas aflições antes de ir para Portugal era ter de passar o Natal sozinha. Seria o primeiro Natal que eu passaria longe dos meus pais, e para nós essa é uma data muito especial. Contudo, fiz amizades rápido, e passei o natal na casa de uma amiga. Ela e a família são brasileiras e moram em Lisboa há algum tempo. Por serem brasileiros, não notei tantas diferenças culturais nessa data comemorativa. Foi diferente, pelo fato de estarmos em outro país, eu estar longe da minha família, algumas comidas serem diferentes, no entanto me senti muito acolhida.

Através dessa amiga conheci outros jovens brasileiros que moram em Lisboa. Muitos saíram do Brasil determinados a buscar novas oportunidades, melhorar suas condições de vida. A vida de um imigrante não é fácil, mas a cada conquista a sensação de prazer que se tem é imensa, e pude aprender muito sobre isso com eles. Eles me inspiraram a correr atrás dos meus sonhos, a arriscar e sair da minha zona de conforto.

Imagem 3. Natal com a família Carvalho



Fonte: Acervo pessoal

Ir para outro país, sozinho, sem conhecer ninguém, é assustador, mas também muito empolgante. O sentimento de liberdade, independência, a adrenalina, são incomparáveis. Deparamos-nos com um mundo de infinitas possibilidades, onde tudo parece possível.

Estudar na Europa também tem o seu ponto positivo da facilidade de viajar para outros países. Conseguia em um fim de semana fazer um bate e volta para a Espanha, por exemplo. Poder viajar era um dos meus objetivos no intercâmbio e realizei meu grande sonho de conhecer vários países.

Ao todo, essas experiências me deram uma nova perspectiva pessoal, profissional e acadêmica. Pessoal porque ganhei muito mais confiança no meu potencial, realizei coisas que nunca pensei que seria capaz, me senti muito mais ativa e independente, e saí do intercâmbio com o desejo de ser e conhecer cada vez mais.

Profissional porque acredito que as experiências que eu tive me trouxeram para mais próximo de uma carreira que pretendo seguir, além de estabelecer uma boa rede de contatos.

Imagem 4. Viagem a Amsterdam



Fonte: Acervo pessoal

Acadêmica porque pude ter contato com disciplinas que não existiam no meu curso na UFF e pude desenvolver meu conhecimento nas áreas que eu já conhecia, o que fez com que eu expandisse meus conhecimentos. Também pude ter a experiência de vivenciar a realidade de uma faculdade europeia, e ampliar a minha visão de mundo e as minhas perspectivas. Também tomei gosto pela pesquisa e pretendo dar continuidade aos meus estudos, realizando um mestrado.

Ter certo planejamento antes de realizar um intercâmbio é importante, no entanto nunca estamos totalmente preparados. Cada experiência é única, e é somente vivenciando que aprendemos a nos adaptar e a superar desafios, de maneira criativa e pessoal.

Fazendo um balanço geral, meu intercâmbio foi a melhor experiência que já tive até hoje, e sou muito grata à Universidade Federal Fluminense por possibilitar essa oportunidade tão rica.

RELAÇÕES INTERCULTURAIS E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SOCIAL E PROFISSIONAL

YASMIN SABA DE ALMEIDA^[1]

Conhecer novas culturas, novas pessoas e um outro país pode ser um sonho para muitas pessoas, talvez até mesmo um sonho distante da realidade. Bom... para mim, também era

Os desafios

Para o aluno de graduação, a universidade não é apenas um local de formação, é também seu segundo lar. Lar esse de infinitas possibilidades, no qual os conhecimentos adquiridos perpassam por processos críticos-reflexivos. Lugar de encontro e troca de saberes, onde é permitido conservar, construir e desenvolver vínculos e valores que irão se perpetuar por toda sua vida social e profissional. Um

^[1] Graduada em Enfermagem pela UFF. Foi intercambista na Escola Superior de Enfermagem de Coimbra (Portugal) em 2018.

espaço de convívio de múltiplas culturas, onde a interculturalidade e a diversidade são condições inerentes à sua existência.

A interculturalidade em seu sentido pleno de significação remete-se à troca, interação, reciprocidade e eliminação de barreiras, podendo ser visto como um modelo de abordagem da diversidade cultural, indicando a necessidade de mediar a comunicação entre diferentes grupos e promover a convivência comum. O intercultural corresponde a forma de ver o outro, favorecendo a compreensão dos problemas sociais e educativos correlatos à diversidade cultural (OLIVEIRA; FREITAS, 2017).

Com o avanço no processo de globalização nas últimas décadas, fez-se necessário implementar mudanças globais nos campos econômico, político, cultural e educacional. Esse processo deu origem e forças ao movimento de internacionalização do Ensino Superior, o qual transformou o cenário atual das universidades em verdadeiros *campi globais*.

A atual internacionalização da educação superior nos mostra que são múltiplas as possibilidades de se desenvolver a cooperação entre universidades, como a colaboração científica, tecnológica ou cultural, as equipes conjuntas de pesquisa, os diplomas compartilhados, o acolhimento mútuo de alunos na graduação e na pós-graduação, e a mobilidade de docentes, indicando que o processo de internacionalização de Instituições de Educação Superior compreende um conjunto amplo de políticas, estratégias, ações e atores (OLIVEIRA; FREITAS, 2016, p. 218).

Nesse contexto, a mobilidade acadêmica surge como uma das principais estratégias de internacionalização mais relevantes para o processo de formação dos estudantes, visto que proporciona ao aluno a aquisição de conhecimentos, habilidades e competências essenciais para a vivência no mundo globalizado, além de interagir no mercado pluricultural, contribuindo para o desenvolvimento social do país (GUEDES; CAVALCANTE; PÜSCHEL, 2018).

Para Vitti (2018, p. 182), a experiência de intercâmbio se revela como uma:

prática social para o desenvolvimento da interculturalidade e da educação intercultural, que fortalece a construção de identidades dinâmicas, abertas e plurais, contribuindo e estimulando o desenvolvimento da autoestima e autonomia dos sujeitos e de sociedades mais igualitárias.

Nesse âmbito de relações interculturais, Dubar (2009) aponta que nossa relação com o outro, está centrada diretamente no processo de *identidade pessoal*, onde a identidade de um indivíduo é construída por meio das relações humanas, e essas influenciam sua forma de se conhecer e se relacionar com o mundo. A identidade é a soma das escolhas e relações que criamos ao longo da vida, portanto, por estarmos em contato com diferentes pessoas, a nossa identidade se encontra em constante processo de construção pessoal e social (JOLY, 2017).

No entanto, apesar de seus benefícios, o processo de mobilidade acadêmica internacional se encontra inserido em uma realidade complexa e desafiadora, onde, se por um lado, a experiência de estudar em outro país proporciona diversas oportunidades de aprendizagem ao intercambista, por outro, pode lhe trazer uma série de desafios, visto que implica ao indivíduo a necessidade de adaptação aos fatores acadêmicos, psicológicos e socioculturais do país (OLIVEIRA; FREITAS, 2017).

Como o processo de construção identitária está atrelada diretamente às vivências, encontros e contatos socioculturais, tem-se por objetivo relatar as experiências vivenciadas e analisar a influência do processo de mobilidade acadêmica internacional na configuração identitária social e profissional dos alunos de graduação.

A aprendizagem cidadã

Relato de experiência sobre a realização de um intercâmbio acadêmico em Portugal, por meio do Programa de Mobilidade Acadêmica Internacional da Universidade Federal Fluminense (UFF). O Programa de Mobilidade Acadêmica Internacional tem por proposta possibilitar que os alunos da graduação da UFF realizem atividades curriculares e/ou extracurriculares em uma Instituição de Ensino Superior estrangeira, por um período de pelo menos um semestre e no máximo dois. Em específico, o edital concorrido foi o primeiro a testar a realização do intercâmbio em somente um semestre ao invés de dois, como costuma ser. No entanto, a experiência vivenciada ofereceu possibilidades concretas de aprendizagem cidadã, instrumentalizando para a inserção na vida profissional.

Enfrentando a incerteza

Todo esse processo se iniciou durante a realização do curso de Licenciatura e Bacharelado em Enfermagem da Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa (EEAAC/UFF), por meio do Edital nº 14/2017 – SRI/UFF divulgado no site da Universidade. Desde os primórdios desta experiência em outubro de 2017, com a divulgação do edital e do período de inscrições, os possíveis obstáculos impostos ao processo se fizeram presentes, ressaltando-se o investimento necessário para tal.

Apesar de haver a possibilidade de concorrer a uma das bolsas de auxílio financeiro, devido a problemas de saúde, não houve a possibilidade de entregar os documentos necessários no prazo estipulado para inscrição. Portanto, todo o valor necessário para a realização do intercâmbio partiu do esforço, individual e coletivo, da autora e de seus familiares.

O processo de mobilidade acadêmica internacional ocorreu na Escola Superior de Enfermagem de Coimbra (ESEnfC), no período de setembro de 2018 a janeiro de 2019. Diante das necessidades acadêmicas, a ESEnfC viabilizou a realização do Ensino Clínico em Cuidados Primários/Diferenciados em Enfermagem Médico-Cirúrgica e Reabilitação (EMCR) no Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra (CHUC), nos setores de neurocirurgia e medicina interna, totalizando 560 horas de estágio, incluindo as horas de contato com o paciente e as de trabalho autônomo do estudante.

O estágio possibilitou vivenciar situações no âmbito da enfermagem local que culminaram na construção deste relato. Ademais, fora disponibilizada uma vaga para a residência estudantil da ESEnfC, local esse que permite o convívio entre intercambistas de todo o mundo, portanto, servindo como território de grande riqueza intercultural.

A cidade de Coimbra é a capital do distrito central de Portugal, sendo, portanto, a sua maior cidade, com cerca de 150.000 habitantes. Suas redes ferroviárias permitem chegar nos aeroportos de Lisboa e Porto em torno de uma hora. Além disso, a cidade possui linhas de trens internacionais com ligações a Madri e Paris. Coimbra divide seus títulos entre uma das cidades históricas de Portugal mais antigas, tendo mais de dois mil anos de história, desde o Império Romano, e o de uma cidade de universitária, por contar com mais de 30.000 estudantes, cercada por festividades estudantis ritualísticas, como a “Latada” e a “Queima das Fitas” (UNIVERSIDADE DE COIMBRA, 2021).

Assim, após a chegada em Portugal, o principal desafio se deu pela necessidade de adaptação sociocultural e profissional.

Imagem 1. Decorações natalinas em Coimbra



Fonte: Acervo pessoal

Construção identitária: aprendendo com a diversidade

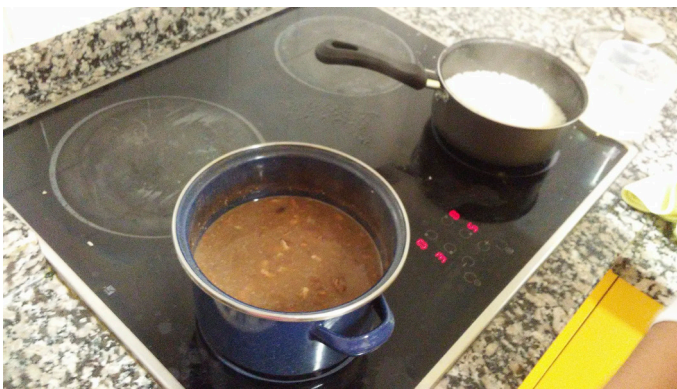
Por mais que o Brasil tenha sido colonizado por Portugal por quase 300 anos, são nítidas as divergências culturais entre os dois países, que vão desde processos ritualísticos a diferenças na própria linguagem, como o abandono do gerúndio na língua portuguesa europeia. Assim, apesar de ambos os países falarem português, a presença do sotaque, sobretudo, dos portugueses originários do norte do país, acabava por dificultar a compreensão imediata da fala. Este desafio persistiu por semanas, tendo sido amenizado conforme o diálogo com os alunos nativos e os pacientes se intensificava.

Estudos apontam que as moradias estudantis podem facilitar o processo de adaptação sociocultural, visto que propiciam a aprendizagem por meio da convivência com a diversidade, contribuindo para a construção identitária dos alunos, possibilitando a aquisição

de habilidades sobre como enfrentar os desafios, estigmas e preconceitos impostos neste processo, além de possuir um papel de relevância na melhoria do desempenho acadêmico (GARRIDO, 2015). Portanto, dentro do âmbito social, a estadia na residência estudantil foi de extrema relevância para o processo de adaptação ao novo país.

Ao permitir que diversos alunos dos mais variados países convivam em um mesmo ambiente, este acaba por estimular a mudança, permitindo ao estudante presenciar e adquirir novos conhecimentos a partir das novas culturas, novas línguas e novas pessoas. Os ambientes comunitários, como as cozinhas e os quartos duplos e triplos, permitiam aos alunos usufruírem de momentos de socialização e contato intercultural, facilitando o processo de aprendizagem das línguas estrangeiras e dos costumes associados às culturas dos demais alunos internacionais.

Imagem 2. Cozinha comunitária



Fonte: Acervo pessoal

As principais diferenças entre Brasil e Portugal estiveram presentes no âmbito profissional, visíveis desde a disponibilidade de diversos recursos materiais, que por muitas vezes, não são encontrados com facilidade em hospitais públicos brasileiros até a disposição de recursos humanos, visto que por não existirem técnicos de Enfermagem em Portugal, a equipe é composta somente por profissionais

de nível superior. Essas divergências apontaram para a necessidade de adaptabilidade e da busca contínua de conhecimento, de forma a suprir as demandas da prática profissional.

Apesar das diferenças, pode-se observar uma correlação negativa entre as práticas em ambos os países: a existência de distanciamento entre os enfermeiros e as outras categorias profissionais, reforçando a ideia de submissão e hierarquização. De acordo com Silva *et al.* (2018), essa visão da Enfermagem como uma profissão submissa, acaba por influenciar de forma negativa na relação entre pacientes e enfermeiros, comprometendo a construção de vínculos e distorcendo a imagem e função dos profissionais como integrante da equipe de saúde. Vale ressaltar que no Brasil esse problema é aparentemente menor, ao ponto que o profissional da Enfermagem possui maior autonomia para tomada de decisão, sobretudo, no que tange ao processo de cuidado do paciente.

Assim, os estágios permitiram desenvolver e aprimorar competências necessárias à prática profissional, como as de desenvolvimento pessoal, competências clínicas, competências psicossociais e ético-deontológicas, mas, também, estimularam processos reflexão e de (re)construção/(re)afirmação da identidade profissional. Além do mais, a facilidade de se deslocar pela União Europeia permitiu que fossem conhecidos outros locais e culturas além das de Portugal, auxiliando a autora a aprimorar suas habilidades em diversas línguas estrangeiras, como o inglês, espanhol e conhecer a língua holandesa, por meio de viagens a países como a Espanha e a Holanda.

A reforma do pensamento

A interculturalidade presente na cidade universitária de Coimbra e em todo o processo de intercâmbio se fez elemento-chave para o sucesso do processo de aprendizagem, visto que possibilitou a aquisição de conhecimentos e habilidades linguísticas e de aprimo-

ramento sociocultural que me ajudaram no processo de adaptação internacional. O contato com as diferenças presenciadas entre Brasil e Portugal, permitiu-me ver o mundo com outros olhos, estimulando o sentimento de determinação pela busca de desafios e superação, e estimulando a minha capacidade de adaptabilidade. Ademais, auxiliou-me a gerenciar a minha prática social e profissional, estimulando o processo de desenvolvimento de competências essenciais para a Enfermagem.

Logo, de uma forma geral, o tempo que passei em Portugal, por meio do Processo de Mobilidade Acadêmica, foi de suma importância para o meu desenvolvimento acadêmico e futuro profissional por me prestigiar com experiências que nunca poderia ter tido no Brasil, desta forma, ajudando construir e aprimorar minha identidade social e profissional.

Referências

DUBAR, C. *A crise das identidades: a interpretação de uma mutação*. Tradução de Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Edusp, 2009.

GARRIDO, E. N. A Experiência da Moradia Estudantil Universitária: Impactos sobre seus Moradores. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 35, n. 3, p. 726-739, set. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703001142014>. Acesso em: 20 jan. 2021.

GUEDES, G. F.; CAVALCANTE, I. M. S.; PÜSCHEL, V. A. A. Mobilidade estudantil internacional: a experiência de estudantes de graduação em Enfermagem. *Rev. esc. enferm. USP*, São Paulo, v. 52, e03358, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1980-220x2017039403358>. Acesso em: 14 jan. 2021.

JOLY, M. C. L. *A construção da identidade profissional do professor de Música para a escola de Educação Básica*. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2017.

KWAME NKRUMAH, 'S. Independence speech on 6 March 1957. *Afro Heritage*, S.d. Disponível em: <https://afrolegends.com/2012/10/04/kwame-nkrumahs-independence-speech-on-6-march-1957/>. Acesso em: 07 fev. 2021.

OLIVEIRA, A. L.; FREITAS, M. E. Motivações para mobilidade acadêmica internacional: a visão de alunos e professores universitários. *Educ. rev.*, Belo Horizonte, v. 32, n. 3, p. 217-246, set. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-4698148237>. Acesso em: 07 fev. 2021.

OLIVEIRA, A. L.; FREITAS, M. E. Relações interculturais na vida universitária: experiências de mobilidade internacional de docentes e discentes. *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 70, p. 774-801, jul. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1413-24782017227039>. Acesso em: 04 fev. 2021.

SILVA, A.R. *et al.* Identidade profissional de enfermagem: uma perspectiva através das lentes da mídia impressa brasileira. *Esc. Anna Nery*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 4, e20180182, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-ean-2018-0182>. Acesso em: 04 fev. 2021.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA. *Informação para candidatos internacionais: A cidade de Coimbra*. Portugal, 2021. Disponível em: <https://www.uc.pt/candidatos-internacionais/estudar-viver-coimbra/cidade>. Acesso em: 20 jan. 2021.

VITTI, S. C. A. Intercâmbio cultural e identidade: um estudo das repercussões da aprendizagem da língua inglesa no exterior na identidade de jovens graduandos. *Rev. Ciênc. Ext.* v. 14, n. 3, p. 10-19, 2018. Disponível em: https://ojs.unesp.br/index.php/revista_proex/article/view/1872. Acesso em: 20 jan. 2021.